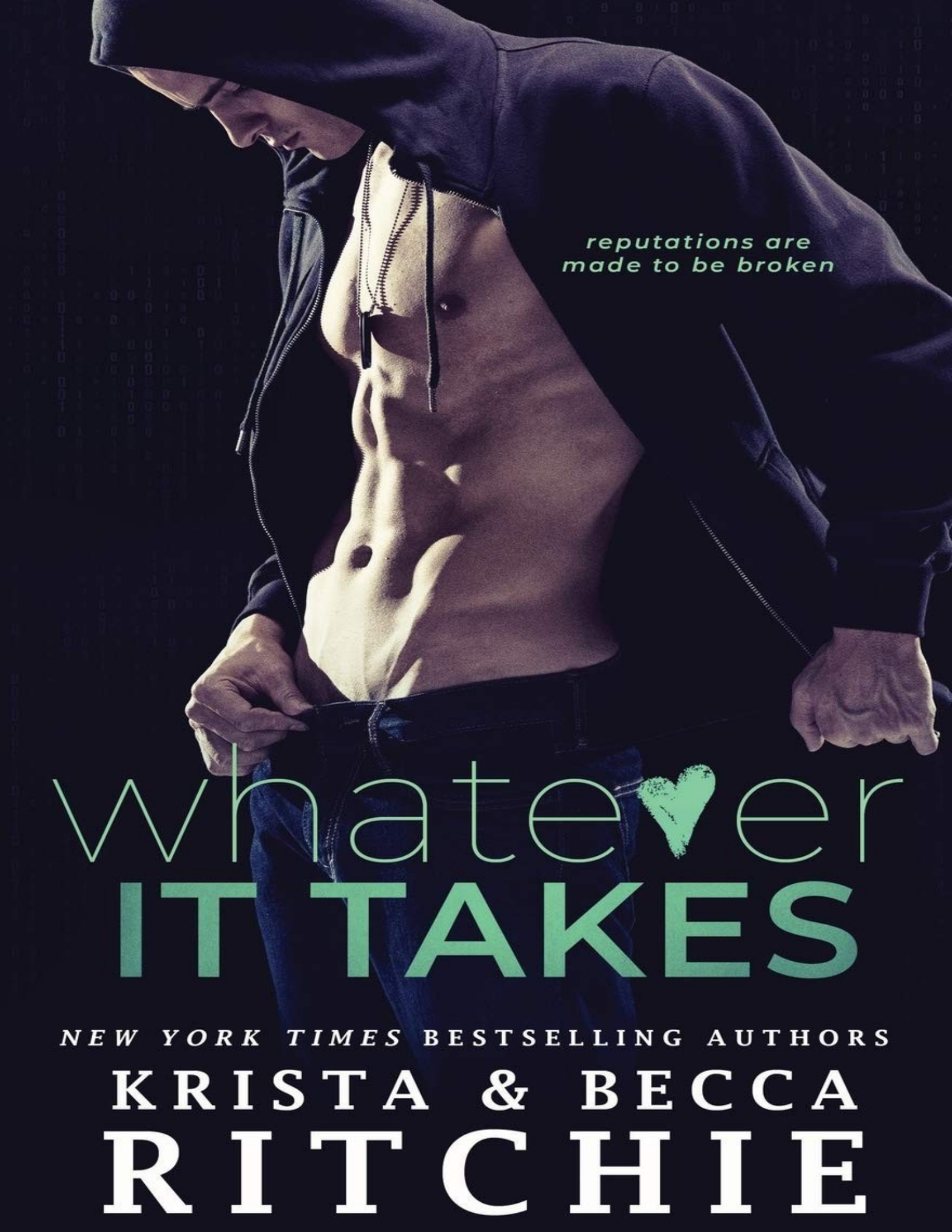


whatever IT TAKES

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

KRISTA & BECCA

RITCHIE

INDICE

Uma nota das Autoras
1. PRESENTE - Agosto
2. PRESENTE – Setembro
3. PRESENTE – Setembro
Questionário do Tumblr da Willow
4. ANTES – August
As Irmãs Calloway & Seus Homens – Fan Page
5. ANTES – August
6. ANTES – Setembro
7. ANTES – Setembro
8. PRESENTE – Setembro
9. PRESENTE – Setembro
10. PRESENTE - Outubro
11. ANTES – Setembro
12. ANTES – Setembro
As Irmãs Calloway & Seus Homens – Fan Page
13. ANTES – Setembro
14. ANTES – Setembro
15. PRESENTE - Outubro
16. PRESENTE – Outubro
17. ANTES – Setembro
18. ANTES – Setembro
19. ANTES – Setembro
20. ANTES – Setembro
21. PRESENTE – Dezembro
22. PRESENTE – Dezembro
23. PRESENTE – Dezembro
24. ANTES – Outubro
25. PRESENTE – Dezembro
26. PRESENTE – Dezembro

whatever IT TAKES

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

KRISTA & BECCA RITCHIE

TRADUÇÃO:

BOOKSUNFLOWERS

UMA NOTA DAS AUTORAS

Whatever It Takes é um romance New Adult. Embora os personagens tenham 17 anos na maioria da história, nós não consideramos esse livro Young Adult. *Whatever It Takes* contem linguagem madura e conteúdo sexual gráfico e é recomendado para maiores de 18 anos.

E também: Universidade Wakefield é uma faculdade ficcional em Londres que possui uma taxa grande de estudantes internacionais e usa uma grade curricular baseada em semestres.



AVISO DE CONTEÚDO

Este livro contém cenas gráficas de abuso físico de irmãos mais velhos a um irmão mais novo e abuso verbal que pode ser perturbador para alguns leitores.

"E a história mais antiga do mundo.
Um dia você tem 17 anos, e está planejando o futuro.
E então sem perceber, o futuro é hoje. E então, o futuro é hoje.
E essa é a sua vida. "

ONE TREE HILL

1 PRESENTE - AGOSTO

LONDRES, INGLATERRA
WILLOW HALE
20 anos

Ontem eu era virgem.

Hoje não sou.

E eu sei que não "deveria" colocar essa grande e enorme importância na minha primeira vez e virgindade e tudo isso, mas eu não *a* perdi até que eu tinha vinte anos. Ter alguém me tocando é um grande negócio. Ter alguém *dentro* de mim... é monumental. Como Thor aparecendo durante o clímax de *Vingadores: Guerra Infinita*.

Foi um grande negócio. Para mim. Para ele.

E agora o cara que tirou minha virgindade está a milhares de quilômetros de distância, na Filadélfia.

— Aqui é a livraria do campus, eu verifiquei e eles não têm quadrinhos, então já é uma falha completa, — digo ao meu celular, gravando um vídeo.

Minha cabeça dói por causa do jetlag. Parece que acabei de sair do avião e só joguei minhas malas no dormitório. Eu queria dar uma olhada no campus antes que escurecesse. Enquanto o sol começa a se pôr, os alunos serpenteiam nas salas de jantar para comer.

Focalizo a câmera do meu celular no letreiro da livraria do campus.

Documentar minha experiência de faculdade na Universidade de Wakefield é minha primeira ordem de trabalho, enquanto Garrison me mantém atualizada sobre sua vida em Philly.

Relacionamento à longa distância não é o ideal. Não é minha primeira escolha. Ou segunda. Mas até que alguém invente o teletransporte ou eu seja atingida por um raio e desenvolva velocidade super-humana como o Flash, estamos presos à tecnologia moderna.

— E aqui… — Giro meu celular para fileiras de cabines. — Todos os clubes em potencial em que provavelmente não vou entrar...

— CUIDADO!

Eu me viro. *Não, não, não.* Um frisbee está voando direto na direção do meu rosto.

Me abaixando rapidamente, o frisbee passa por cima da minha cabeça e atravessa o pátio até as mãos de outro cara. Meu coração bate violentamente, e meu queixo cai lentamente. Estupefata. Acabei de despistar um frisbee voador? Ok, meus reflexos definitivamente melhoraram. Eu sou uma desajeitada certificada. Definitivamente

não por escolha. Talvez Londres seja um amuleto da boa sorte para mim.

Meus lábios se erguem em um sorriso maior, e me viro para voltar pelo caminho de pedras – *ah, merda,* meu quadril e cotovelo de repente colidem com uma garota e sua caixa, ambas saindo do nada.

Ela tropeça e consegue não cair com o rosto no chão com minha batida do cotovelo. Mas a caixa de papelão marrom cai no chão, as abas se abrem e eu observo enquanto os preservativos derramam sobre a calçada.

Merda.

— Eu sinto *muito*. — Eu rapidamente me agacho e começo a pegar os preservativos.

— Não se preocupe. Nós duas estamos inteiras. — Seu sotaque britânico é perceptível. Percebo de novo - não estou mais na América. Acrescente o fato de que esta é minha nova casa. Que eu vou morar aqui por quatro anos, em vez dos três habituais para estudantes de graduação do Reino Unido, porque meu diploma exige sangue, suor, lágrimas e um ano extra, aparentemente.

Está quase tudo afundado.

Estou meio que esperando que alguém saia dos arbustos com um grande sinal de *Pegadinha*.

Eu só... espero que a mudança para cá tenha sido a decisão certa.

A garota de vinte e poucos anos na minha frente tira um cacho vermelho de seus lábios e se abaixa para ajudar com os preservativos caídos. Ela é branca, cheia de curvas e veste uma camiseta da Wakefield - as letras WFU em um emblema circular verde escuro e dourado.

Atiro um punhado enorme de preservativos em sua caixa enquanto suo por toda parte. Estou quente. Assando sob vergonha, e sei que esse é o maior número de preservativos que já toquei.

Quando eles me sepultarem, minha homenagem fúnebre definitivamente será: *Aqui jaz a jovem e inocente Willow Hale que bateu de frente com uma caixa gigante de preservativos e nunca reviveu*.

Eu devo estar encarando os preservativos com muita força porque a garota diz: — Você pode pegar um pouco. É para isso que eles estão aí.

— Ah não, eu sou vir… — Eu paro. Porque…

Willow, dã, você *não é* mais virgem.

A ruiva estreita os olhos. — Se você é virgem, ainda pode usá-los. — Ela está jogando alguns pacotes frustrados na minha direção. — Você está na universidade. É melhor se proteger.

Exceto que a única pessoa com quem eu gostaria de fazer sexo não está aqui. Mas não tenho energia nem tempo para explicar meu relacionamento complicado. Não que ela quisesse ouvir sobre isso.

Caixa agora cheia, nós duas ficamos de pé, e eu coloco três camisinhas no bolso do meu jeans desbotado. Ela equilibra a caixa em um braço e estende a mão livre. — Eu sou Karla. A diretora estudantil... eu acho, ou o que você chamaria de monitora residente - no Bishop Hall.

Bishop Hall. Esse é o nome do meu prédio do dormitório. Estou prestes a dizer a ela que moramos no mesmo lugar, agradecida por uma coincidência tão inesperada, mas Karla inclina a cabeça e olha meu rosto com mais incredulidade.

— Você parece familiar, — ela pensa.

Eu empalideço e empurro para cima meus óculos, que deslizaram pela ponte do meu nariz. Me mudar para milhares de quilômetros era estratégico de várias maneiras. Pensei que talvez pudesse voltar às sombras. Só um pouco.

Sem paparazzi.

Menos pessoas me reconhecendo.

Estou na periferia da fama e estou decidida a sair dela.

— Eu ouço isso bastante, — eu digo. — Hum... eu tenho que ir. — Eu aponto o polegar para o nada. Tecnicamente, está apontado para o meio do pátio. Mas sem fazer mais nenhum contato visual, eu simplesmente ando na direção oposta da livraria.

É uma despedida estranha de nível 10.

Minhas axilas suam, e a pressão aumenta lentamente no meu peito. O que acontece se eu a encontrar de novo? É provável, certo? Ela mora no mesmo prédio. E agora ela acha que provavelmente eu sou uma perdedora com zero habilidades sociais, e realmente não tenho escolha a não ser evitá-la ativamente.

Menos de uma hora do meu primeiro dia em Londres, e eu já adicionei alguém na minha lista de *Pessoas para evitar por causa de uma primeira impressão estranha*. Infelizmente, a lista é longa em Philly.

Repito minha despedida estranha em um loop como se estivesse rebobinando a cena de um acidente de carro em um filme. O que eu poderia ter feito de diferente?

Cerca de um milhão de coisas. Um zilhão. Trilhão.

Meu estômago afunda.

Esqueça isso, Willow. Encontro um banco vazio atrás da livraria e jogo minha mochila nas tábuas de madeira. Depois de me sentar, ligo meu celular, que nunca parou de gravar. *Merda.* Termino o vídeo e uma notificação de Garrison aparece. *Nova mensagem!*

Minha respiração acelera. A saudade cresce dentro de mim, e então outros sentimentos indesejados começam a se infiltrar. Arrependimento. Culpa.

Eu gostaria que ele estivesse aqui, mas tenho que me contentar com a versão 2D de Garrison Abbey, que é melhor do que nada. O

pensamento de ele estar completamente fora da minha vida só traz uma onda de pânico e miséria.

Eu clico na mensagem de vídeo dele. Um pequeno pote de água está na tela, macarrão longo saindo pela metade, não encaixando. — *Meu macarrão está com defeito, Willow.*

Eu sorrio e meus olhos lacrimejam um pouco.

— *E eu sei o que você vai dizer.* — Ele vira a câmera para ele. — *Quebre o macarrão. Mas deve haver alguma regra do Chef Boyardee contra isso.* — Ele suspira profundamente. Seus olhos azul-marinho carregando um peso, como se ele não tivesse dormido muito. — *Então, basicamente, eu estou uma bagunça sem você.*

— Você não está uma bagunça, — eu sussurro para o meu celular. Mas ele não pode me ouvir.

Ele passa a mão pelos cabelos grossos e despenteados. As tatuagens na clavícula espreitam pela camiseta preta lisa. Pequenas estrelas, moldadas em uma constelação. Ele tem mais tatuagens espalhadas por seu corpo, enquanto eu não tenho nenhuma. No papel, talvez pareça que não devemos ficar juntos.

Ele cresceu em uma mansão três vezes o tamanho da minha casa de infância no Maine.

Ele foi expulso de duas escolas preparatórias.

Ele quase foi preso por vandalizar, por causa de drogas e por beber sendo menor de idade, e se não fosse o advogado que seus pais ricos contrataram, ele poderia ter enfrentado sérias consequências em algum momento de sua vida.

Garrison Abbey é o tipo de cara que usa uma camisa do PROERD ironicamente e hackeia computadores de babacas por diversão. As pessoas vão até ele porque ele é legal dessa maneira misteriosa. Como a Jess de *Gilmore Girls*.

No Maine, a maior parte dos estudantes nem sabia meu nome. Se não fosse por minhas conexões com as irmãs Calloway, eu seria considerada dolorosamente normal.

Ainda não acredito que acabamos aqui. Juntos.

Ok, não juntos no sentido físico, pois ele *está a* milhares de quilômetros de distância. Mas juntos como namorado-namorada. Foram necessários muitos acontecimentos cósmicos para que isso se concretizasse.

O vídeo de Garrison tentando cozinhar espaguete termina abruptamente depois que ele desliga o fogão, desistindo do macarrão. Olho por cima do ombro em direção ao Bishop Hall. Acho que não posso me aventurar de volta ao meu dormitório. Eu posso encontrar Karla novamente, e não tenho certeza se quero ter outra interação estranha.

Como uma distração de última hora, clico no Tumblr no meu celular.

Meu estômago revira quando vejo um novo post.

Ah não…

Garrison preencheu um questionário que eu não o marquei, e isso *raramente* acontece. Ele não ama questionários, mas os faz porque sabe que eu sou meio obcecada. Então é estranho que ele tenha feito isso, certo? Eu não sei o que isso significa.

Prendo a respiração como se pudesse impedir um impacto iminente e lentamente leio o post.

Nome: *Garrison*

Signo: *Escorpião*

Média de horas de sono: *n sei, costumava ser de 7-8? É menos, tanto faz.*

Última Pesquisa no Google: *que horas são em Londres?*

Status de relacionamento: *</3*

Eu... não consigo... respirar.

Ele colocou um coração partido como seu status de relacionamento. *Partido*. Tipo, eu parti o coração dele? Ou está apenas quebrado enquanto estou em Londres e ele está em Philly?

Meus óculos de repente embaçam e a emoção que eu enterrei de repente aumenta dez vezes. *Culpa.*

Ele tirou minha virgindade ontem.

E fui eu quem foi embora. Embarquei em um voo às 5 da manhã. Voei para um continente diferente e pousei esta noite. Coloquei um oceano entre nós. Literalmente.

Uma realização repentina cai em mim... ah não. Foi um sexo de adeus.

Eu tive sexo *de despedida* na minha primeira vez.

Removendo meus óculos, eu os limpo na minha camisa de algodão. Minha barriga torce desconfortavelmente. Nova homenagem no meu túmulo: *Aqui jaz Willow Hale, a garota que fodeu pela primeira vez e depois foi embora.*

Talvez nem foi foder. Foi mais como... fazer amor. Doce. Gentil. E carinhoso. Foi perfeito, exceto pela parte de ir embora.

E eu sei que Garrison não me culpa por partir. Não como eu me culpo. Ele me abraçou depois que dormimos juntos e me disse que ainda assim queria que eu fosse. Queria que eu perseguisse meus sonhos e seguisse o caminho difícil - o desafio.

Como tenho uma rede de proteção tão grande na Filadélfia, não sei se posso realmente prosperar lá até aprender a prosperar sozinha. *Londres* é o desafio.

Mas também é provável que eu falhe espetacularmente, como um mega mergulho de barriga em uma piscina lotada.

Olho para o coração partido no Tumblr.

Suas palavras ecoam na minha cabeça. Os que ele me disse antes de eu embarcar no avião. — *Nós vamos fazer isso dar certo. Vou mandar mensagens de texto e vamos nos falar no Skype.* — Ele segurou minhas bochechas e nós dois estávamos chorando. — *Nós vamos fazer isso dar certo, Willow. Porque você é minha garota, e isso não vai mudar.*

Nós vamos fazer isso dar certo.

Com corações partidos e tudo.

Eu tento acreditar. Colocando meus óculos novamente, continuo lendo seu post.

Irmãos: *três irmãos mais velhos. fique feliz que eles não são seus.*

Amor ou luxúria: *luxúria não machuca*

Ele parece triste, mas não o seu triste habitual. Pego meu celular para lhe enviar um gif bobo de seu programa de TV favorito - *Supernatural*. Assim que meus dedos deslizam sobre a tela, noto a última pergunta e resposta.

Conheci uma celebridade: *acho que posso estar me tornando uma…*

Isso me arrepia por um segundo. Quanto minha vida mudou a dele.

Três anos atrás, eu não era ninguém. Eu estava morando em uma cidade pacata de Caribou, Maine, e meus pais estavam se divorciando. Minha irmã Ellie era minha única irmã e eu só tinha uma amiga.

Então eu acordei uma manhã, e pouco eu sabia, mas tudo apenas... mudou.

Eu descobri que Ellie não era minha única irmã.

Eu tinha um irmão a quilômetros e quilômetros de distância.

Um irmão *famoso*.

Loren Hale tem o tipo de fama em que aparece em revistas e tabloides toda semana. O tipo de fama em que eu o idolatrava muito antes de eu saber que éramos relacionados. Imagine se alguém como Chris Evans - o próprio Capitão América - tivesse uma irmãzinha perdida. Aquela irmã sendo *eu*. Foi tão impactante e inacreditável e realmente...

Três anos depois, ainda é surreal.

Loren Hale mudou tudo.

Para mim e para Garrison.

2 PRESENTE – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
20 anos

Sete dias. Seis horas. E três minutos excruciantes. Mas não é como se eu estivesse contando quanto tempo faz que Willow e eu colocamos um oceano entre nós.

Eu gosto de números

Eu gosto de codificar.

É o que eu faço, porra.

Mesmo às duas da manhã de uma sexta à noite. Meus fones de ouvido estão jogados de lado no meu colchão. Dando um descanso aos meus ouvidos por usá-los no escritório o dia todo. Eu mencionei que era sexta-feira?

O que significa que o idiota no apartamento ao lado está atualmente hospedando algum tipo de festa do primeiro semestre. As paredes vibram com sua música eletrônica de merda.

Eu posso codificar com a maioria das músicas.

Não é isso que realmente me distrai. São as risadas, os gritos agudos e os caras de fraternidade comemorando que afastam minha mente do trabalho.

— JARED! — Uma menina grita. Alguém bate em uma parede compartilhada e meu pôster do *Silversun Pickups* sai do gancho e cai no chão.

Sim, é isso.

Afasto-me do teclado na cadeira giratória e deslizo pela madeira para o meu aparelho de som. Eu coloco no máximo. Explosão total. E então eu procuro pela lista de reprodução no meu celular.

Foda-se a música eletrônica deles.

Eu coloco minha banda favorita.

Interpol. A música "Evil" começa devagar e se vai aumentando, mas sai do meu alto-falante tão alto que é como se eu estivesse em uma competição com meu vizinho. Os tímpanos de quem podemos estourar primeiro? Na verdade, eu ficaria bem se desenvolvesse uma enxaqueca permanente ouvindo *Interpol*. Valeria a pena.

Apenas um minuto depois, uma batida ecoa na minha porta. — Ei!

O cara diz outra coisa, mas não consigo entender. De repente, a música eletrônica é cortada.

— Ei! — Ele grita, mais claramente agora. — Abaixe essa merda, cara! — Ele bate o punho na minha porta, e meu pulso dispara.

Ela pisca na minha cabeça.

Se Willow estivesse aqui, ela me diria para ficar quieto. Não começar um confronto. Não ser esse cara.

Mas ela não está aqui.

Eu me levanto.

As batidas na minha porta se intensificam. — Porra, você consegue me ouvir?!

Caminhando, cada segundo parece que alguém está apertando meu coração em seus punhos. *Pump*. *Pump.* Tentando acordar o órgão frio e sem vida.

O refrão começa quando eu coloco minha mão na maçaneta. Eu já ouvi essa música um milhão e uma vez, mas hoje parece diferente na minha cabeça. Eu deveria desligar. Mas algo está errado comigo. Sinto isso lá no fundo como tinta escura sangrando no papel, e Willow não pode me mudar.

Ninguém pode.

Eu abro a porta.

Os olhos castanhos irritados do meu vizinho me perfuram. Boné de beisebol virado para trás. Camisa Penn e bermuda cáqui. Parece que ele deveria estar na casa Alpha Ômega Zeta, não em algum prédio de apartamentos em Center City.

— Pois não? — Eu pergunto, sem precisar elevar minha voz sobre a música, já que estamos próximos o suficiente.

Ele estende a mão. — Eu sou Jared, seu vizinho. Desculpe, cara, ainda não tive a chance de me apresentar.

Eu me mudei para este prédio na mesma hora em que Willow foi para Wakefield. Eu queria uma mudança. Mas já faz uma semana, e Jared e eu já cruzamos nossos caminhos algumas vezes. Ele nunca disse uma palavra para mim antes. Então essa besteira pseudo-legal-falso é só para se exibir.

— Legal, — eu digo, mas não aperto a mão dele.

Jared faz uma pausa por um segundo e depois abaixa o braço. — Ei, você acha que pode desligar sua música? Estou meio que dando uma festa. É o aniversário da minha namorada.

Olho para o apartamento dele e noto três garotas e dois rapazes parados na porta, assistindo nossa interação. Eu nem tenho certeza de quantas pessoas estão dentro de seu apartamento.

— Então parece que eu estou dando um presente de aniversário para sua namorada. — Eu viro minha cabeça de volta para Jared. — Ser apresentada à *Interpol* é provavelmente o melhor presente que ela receberá essa noite.

Jared ri secamente, irritação brilhando em seus olhos. — Olha, não queremos ouvir sua música.

— Você está certo, a sua é muito melhor, — eu digo, sarcasmo nos meus lábios. — Não tem sido nada além de pura felicidade durante

a última hora.

— Cara, me desculpe. — Jared levanta as mãos em defesa. — Nós não queríamos ser tão barulhentos. Talvez possamos chegar a algum tipo de entendimento. — Seus olhos me examinam dos meus pés descalços até a minha cabeça. — Você estuda na Penn? Venha tomar uma cerveja conosco. Temos bastante no quarto.

Três anos atrás, eu poderia ter aceitado essa oferta.

Hoje eu só quero ficar sozinho.

— Não quero sua cerveja. Apenas pare de bater nas minhas paredes...

— Puta merda, — exclama uma garota da porta. Seus amigos se amontoam ao seu redor, olhando para o celular em sua mão. — Você é Garrison Abbey!

Jared franze as sobrancelhas. — Ana, eu deveria saber quem é esse?

Ana se aproxima em seus saltos altos, seu cabelo loiro em um rabo de cavalo tão apertado que parece doer. Não sei como as garotas fazem isso. Ela coloca a mão no peito de Jared. — Ignore meu namorado. Ele não está familiarizado com notícias de entretenimento ou *Celebrity Crush*."

Eu quase reviro os olhos para o tablóide lixo. Ok, eu já peguei a revista no caixa antes. Mas é uma porcaria certificada.

Jared balança a cabeça. — Espere, ele esteve no *Celebrity Crush*?

— Sim, com as irmãs Calloway, — Ana diz, apontando para mim como se eu não estivesse *bem* aqui.

Jared me olha de cima a baixo como se estivesse tentando me percebendo agora. — Então você está namorando uma das irmãs Calloway?

Eu quase dou risada.

Elas são todas casadas.

Nenhuma delas comigo. E se alguma das irmãs Calloway ouvisse essa pergunta, provavelmente morreriam em seu próprio ataque de riso. Willow - ela provavelmente passaria os braços em volta de mim. Eu envolveria o meu em torno dela. Só para dizer que *essa é minha.*

— Ai meu *Deus*. — O rosto de Ana fica em um tom vermelho. — Por favor, pare de falar, Jared. — Para mim, ela diz: — Sinto muito. No segundo em que eu tiver a chance, vou fazer ele assistir *Princesas de Philly.* — Não ouço alguém mencionar PdFilly há algum tempo. O reality show de curta duração aconteceu *anos* atrás. Eu nem estava nele. Eu nem conhecia as irmãs Calloway naquela época.

Um documentário com as irmãs e seus homens está em andamento e é mais atual, mas *Nós Somos Calloway* é aclamado pela crítica e cobre tópicos sérios como vícios e transtorno de estresse

pós-traumático. Talvez intelectual demais para essa garota, já que ela não o menciona.

Não estou com vontade de explicar como sou conectado às Calloways, mas felizmente tenho Ana aqui disposta a fazer isso por mim.

Ela está focada no namorado. — Você conhece Loren Hale, certo? Caso contrário, não podemos mais namorar. — Ela cruza os braços sobre o peito, como se estivesse falando sério sobre isso.

Jesus.

Isso é idiota.

É como assistir a um maldito acidente de trem com *Interpol* ainda tocando estridente ao fundo. Loren Hale nunca deve ser o decisor de qualquer relacionamento. Se ele fosse, o meu teria terminado antes mesmo de começar.

Jared não pisca. — Todo mundo conhece Loren Hale.

Isso não é verdade, mas tudo bem.

— Prove. — Ana arqueia uma sobrancelha.

— Ele é dono da Superheroes & Scones *e* Hale Co., eu tenho o óleo de bebê dele no meu banheiro. — Informações demais vindas do meu vizinho. E não é especificamente o frasco de óleo de bebê do Loren. A empresa da família fabrica produtos para bebês. Hale Co. é uma das marcas mais conhecidas do país.

Jared olha para mim. — Loren também é casado com a irmã Calloway viciada em sexo.

Minha pele se arrepia com como Jared acabou de descrever Lily Calloway. Como se fosse por isso que ela é conhecida. Não o fato de ela ser a proprietária da Superheroes & Scones. Em um ponto da minha vida, eu até trabalhei *para* ela.

Jared olha para mim e continua. — Mas eu não entendo. Como você conhece Loren Hale?

Eu abro minha boca.

Mas Ana responde primeiro. — Ele está namorando a irmã mais nova de Loren Hale.

E aí está.

Eu não deveria ser famoso. Eu não deveria ser reconhecível, especialmente quando nem sempre estou perto de Loren ou de qualquer uma das Calloways. Mas está acontecendo. E há apenas um pequeno conforto em saber que Ana levou pelo menos alguns minutos para verificar seu celular antes de poder me reconhecer.

Não foi um reconhecimento instantâneo.

Que bom.

— Hum, — Jared medita.

— Vou abaixar minha música, — digo antes que qualquer um deles possa continuar. — Mantenha a sua no mínimo e não teremos problemas.

— Espere, é meu aniversário. — Ana passa o braço pelo de Jared. — Você acha que poderia ligar para Loren e fazer com que ele me desejasse um *feliz aniversário*? Apenas um rápido. Nem precisa ser por FaceTime. Ouvir sua voz seria literalmente o *melhor* presente de aniversário de *todos os* tempos. Eu sou uma grande fã.

Olho para o namorado dela.

O olhar de Jared está implorando. Praticamente dizendo, *vamos lá, cara, me ajude*. Como se ele quisesse que eu lhe desse pontos com sua namorada, para que ele pudesse conseguir um boquete hoje à noite.

Eu tenho o número de Loren Hale.

Meu olhar se volta para Ana. — Eu já te dei seu presente de aniversário, — eu digo. — Pergunte ao seu namorado.

Eu fecho a porta na cara deles.

Imediatamente, vou ao meu aparelho de som, abaixando a música para um nível tolerável. Meus ouvidos estão zumbindo. Minha cabeça lateja. Caio no meu colchão e olho para uma mancha amarela no teto. Segundos depois, o eletrônico inicia novamente na porta ao lado. Mas é mais suave e não vibra mais minhas paredes e mesa.

Willow fez a coisa certa - partiu.

Ela não pode fazer conexões reais aqui. Todo mundo finalmente a reconhece como irmã de Loren Hale e, em Londres, ela tem a chance de andar fora do radar.

Meu celular vibra.

Agora são quase três da manhã. O que significa que são quase oito da manhã em Londres.

Excitação vibra em minhas veias quando penso que é ela, mas então vejo a mensagem, e é pior do que um balão estourando. É como se alguém tivesse dado um tiro em um dirigível.

A pessoa que me mandou uma mensagem... é meu chefe.

Connor Cobalt: *Reunião amanhã. 11h no meu escritório.*

Ele anexou um *print* do teste de drogas que fiz no meu primeiro dia de trabalho.

Deu positivo.

Porra.

3 PRESENTE – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
20 anos

Ele não deveria ter me dado esse emprego. É o que eu sei ao enfrentar o titã de negócios de 29 anos. Connor Cobalt é o CEO da Cobalt Inc., uma empresa que tem um dedo em quase tudo o que você pode pensar. Ímãs. Tintas. *Diamantes.* A lista é enorme. Uma grande empresa que possui subsidiárias menores.

Então, no dia em que Connor olhou para mim e disse que queria que eu criasse algo para ele, eu deveria ter rejeitado a oferta. Não há como isso seguir outra direção além de para baixo. *Rápido*.

Eu nem pareço que deveria estar trabalhando aqui.

Ele ajeita as bainhas do seu terno de mil dólares da Armani.

Eu estou vestindo jeans preto e um casaco de moletom. No entanto, ele me disse no primeiro dia que eu poderia usar o que diabos eu quisesse. Então isso é com ele.

Seus olhos azuis colidem com os meus quando ele pega seu café. Intimidador é provavelmente uma palavra muito delicada para descrever esse cara. Ele escorre um carisma que diz *eu sou melhor que você*. E não me pergunte como é carismático. Ele devia ser um babaca, mas na verdade não é.

Eu não entendo.

Suprema confiança. Tem que ser isso.

Ele bebe seu café. Silêncio persistente, e seus olhos se concentram em mim ainda mais.

De repente, está quente aqui. Levanto as mangas do meu casaco.

— Garrison, — diz Connor após um momento de silêncio tenso. — Não quero desperdiçar seu tempo. Acho que você não quer desperdiçar o meu. — Ele pousa a xícara de café na mesa e desliza um pedaço de papel impresso para mim. Reconheço instantaneamente como o anexo que ele enviou ontem à noite.

Meu teste de drogas que *falhou*.

Maravilha.

Eu li os pequenos detalhes rapidamente. O gráfico apresenta um aumento dos níveis de THC. *Maconha*. Fumei um cigarro alguns dias antes de Willow partir para Londres. Se eu soubesse que haveria um teste de drogas na Cobalt Inc., não teria fumado - mas esse é o meu primeiro trabalho corporativo.

O único outro lugar em que trabalhei foi na Superheroes & Scones, e os funcionários lá eram todos nerds, geeks ou brinquedos

quebrados que precisavam de um lar. As pessoas nem precisam de uma referência para serem contratados na S&S.

— Você está me demitindo, — eu presumo.

Connor é um livro difícil de ler. Rosto impassível. Ele poderia blefar em qualquer mão de pôquer. Isso torna essa interação mais desconfortável. Eu me remexo no meu assento.

— Você realmente acha que eu te demitiria por causa de maconha? — Connor pergunta, a voz calma.

— Quero dizer... talvez. — Olho ao redor para as paredes de vidro e os cubículos do lado de fora de seu escritório. As mulheres andam de terninho e saias lápis. Os homens atendem ligações e se reúnem nas salas de reuniões. Todas as paredes são de *vidro.*

Como se eles quisessem que você veja quão importantes eles são. Não consigo imaginar nenhum de seus outros funcionários fumando no tempo livre.

Connor se recosta na cadeira. — Garrison. — Ele chama minha atenção de volta para ele. — Eu não me importo se você fuma, desde que isso não atrapalhe o seu desempenho aqui.

Meus ombros relaxam e solto um suspiro. — Não vai, — eu digo, quase apressadamente. Até me surpreende. O quanto eu quero manter este emprego. *É a única coisa que tenho agora.* — Normalmente não fumo maconha. Eu não sou um maconheiro ou algo assim. Só me ajuda a relaxar algumas vezes.

Connor assente como se ele já assumisse isso sobre mim. — A política da empresa é fazer um teste de confirmação para garantir que o primeiro teste de drogas não seja um falso positivo. Mas tomarei essa conversa como prova de que não foi. — Ele passa outro papel para mim. — Como você falhou no primeiro, terá que passar por testes aleatórios de drogas durante o seu primeiro ano aqui.

Parece justo. Merda, estou feliz por ainda ter um emprego.

Ele olha para o relógio na parede, depois de volta para mim. — Não se engane, Garrison. Se eu achar que você está tomando drogas mais pesadas, como opiáceo ou cocaína, não terá emprego aqui. Isso não é *O Lobo de Wall Street.* Meus funcionários são inúteis para mim se a saúde deles estiver em risco.

— Anotado. — Não menciono como já experimentei a maioria das drogas. Com a maioria delas eu não poderia me importar menos. E não estou perto de pessoas que me pressionariam a usá-las de novo.

Connor coloca os dedos na têmpora. — Vamos falar sobre o seu projeto.

Eu faço uma careta. Honestamente, prefiro falar sobre o meu teste de drogas que falhou novamente. — Está indo esplendidamente. — Meu sarcasmo está com defeito porque com certeza não deveria sair durante uma reunião com meu chefe.

— Você ainda não tem idéia do que está criando. — Connor assume corretamente mais uma vez.

— Quero dizer, é meio difícil já que você disse que eu poderia criar *qualquer coisa*, — digo a ele. Quando se trata de desenvolvimento tecnológico, esse é um espectro amplo pra caralho, e eu quero escolher a coisa certa. Tenho apenas que descobrir o que é.

— Não tenha pressa, — diz Connor. — Você não tem um prazo.

Isso me assusta ainda mais. Porque Connor Cobalt é o tipo de cara cujo qual você *não* quer desperdiçar o tempo. E ele está me dando quantidades infinitas disso.

Eu também estou bem ciente de que muitas pessoas não têm esse tipo de oportunidade. Se não fosse pelo fato de ele ser casado com uma irmã Calloway - portanto, ter laços com minha namorada - talvez eu não estivesse nessa posição agora. Parece nepotismo. Mas não vou jogar isso fora.

— E se eu demorar anos para ter uma idéia? — Pergunto. Não acredito que ele ignoraria seus princípios apenas para mim. Ele é um cara de negócios. Eles tendem a se importar com dinheiro, e atualmente recebo oitenta mil dólares anuais com benefícios.

— Então você demorará anos, — diz Connor como se isso não o incomodasse. — Mas eu acho que você não vai. E eu estou sempre certo.

Ele está sempre certo.

Uma parte de mim quer provar que ele está errado. E eu não sei o que isso diz sobre mim.

~

Mais tarde no meu apartamento, jogo uma pizza congelada no forno, afundo no sofá e percorro os vídeos de Willow que ela me enviou. Os revendo pela terceira vez.

Ela está deitada em sua cama com uma camiseta larga da Superheroes & Scones que deve ter pelo menos três anos - eu reconheço o design de uma das linhas de camisas de quando começamos a trabalhar na S&S.

Os pôsteres dos *X-Men* estão colados nas paredes acima de sua cabeça. Ela esfrega os olhos pronta para dormir, os óculos já na cabeceira da cama. Assistir seus vídeos me faz sentir ainda mais sua falta, mas talvez eu seja algum tipo de masoquista porque não consigo parar. E eu só quero mais.

— Então, minhas aulas não são tão ruins até agora, — ela me diz. — Exceto Introdução ao Marketing. *Ugh*... — Ela enterra o rosto em um travesseiro. — Eles estão nos obrigando a fazer um projeto em

grupo. — Suas palavras são abafadas, e ela levanta a cabeça depois de um segundo. — Eu pensei que tinha abandonado isso na Dalton Academy. Mas *não*, também tem na faculdade e são os piores, literalmente.

— Concordo, — digo ao vídeo.

Ela tira o cabelo das bochechas e seus olhos castanhos flutuam para a tela. Ela segura as lágrimas. — Garrison. — Ela diz meu nome como se estivesse de luto. — Você poderia... você poderia me ligar quando sair do escritório? Mesmo que seja super cedo aqui. Não importa. Eu só quero ouvir sua voz.

Meu peito dói como se alguém tivesse soltado um haltere de quinze quilos nele.

Eu não liguei para ela. Era meia-noite quando saí do escritório, e cinco horas da manhã em Londres. Ela tem uma aula de manhã "infernalmente difícil", e eu prometi a mim mesmo que não iria foder com os estudos dela. A faculdade é fácil, e eu me odiaria se a distraísse.

Meu plano: ligar para ela durante o intervalo entre as aulas amanhã à tarde.

O forno emite um bipe, minha pizza está pronta e, assim que saio do sofá, meu celular acende. Vibra alto. O nome dela está grande na tela. *WILLOW.*

Eu me pego sorrindo. Egoisticamente, a primeira coisa que sinto é felicidade. Como uma onda, surge através de mim.

Meus lábios se abaixam rapidamente. E então a preocupação vem logo em seguida. Eu levanto e clico no viva-voz. — Hey, Willow, não é cedo aí?

— São seis da manhã, — diz ela em um bocejo. — Você assistiu meu vídeo?

Eu poderia mentir. Mas isso não é algo que eu quero fazer com ela. — Sim, — eu admito. — Eu estava pensando em ligar durante o almoço, para que você pudesse dormir direito.

Ela boceja novamente. — Você é muito legal, e além do mais eu prefiro conversar com você do que dormir.

Muito legal não é algo que a maioria das pessoas dizem sobre mim. E o fato de ela estar disposta a não dormir por mim é exatamente o que eu não queria.

Eu me inclino no meu balcão da cozinha, olhos fixos na tela, mesmo que eu não possa vê-la. — Tudo certo?

— Só sinto falta de ouvir sua voz. Em tempo real. Não por um vídeo. Como foi o trabalho?

Eu digo a ela tudo sobre o meu teste de drogas, e como Connor nem se importou que eu fumei maconha. Quando termino a história, Willow diz: — Ele está certo, sabe. Você vai descobrir o que deseja criar mais rápido do que pensa.

Sua confiança em mim é como uma droga. Fecho os olhos e aperto a borda do balcão. Dói estar longe de alguém que você ama tanto. Deus, isso dói.

— Garrison, — Willow respira. — Você ainda está aí?

Engulo um nó na garganta. — Sim.

Um momento passa antes que ela diga: — Você se lembra da noite em que fizemos sexo?

Eu paro de respirar. É impossível esquecer aquela noite. Tudo sobre ela foi incrível. E eu passei a maioria das noites lembrando como era estar dentro dela. Em seguida, tento sempre não pensar em quando isso acontecerá novamente. Porque provavelmente - não será tão cedo.

Concordamos que eu não viajaria para visitá-la até o segundo semestre, porque se eu estiver lá *com* ela, há uma chance de a mídia começar a pairar em Wakefield. *Dê alguns meses. Deixe-a se instalar.*

Eu ainda acredito nisso.

Mas a parte mais excitada de mim - a que pensa com a cabeça errada - não está nem um pouco contente com isso. Claro que quero tocá-la. Eu quero estar fisicamente com ela.

Penso nas palavras dela agora: *você se lembra da noite em que fizemos sexo.*

— Eu lembro, — digo a ela. — Foi uma boa noite. A melhor noite.

— Então você não está chateado com isso? — Ela pergunta, preocupação em sua voz. — Você não acha que foi sexo de *despedida*, certo?

Jesus. — Não, Willow. Não foi um sexo de *despedida*. — Meu pulso dispara. — Se fosse, teríamos terminado. Ainda estamos juntos. — *Porra.* — Não estamos?

— Sim, acho que sim, — diz Willow, e eu a imagino franzindo a testa.

Estamos em páginas diferentes. Livros diferentes. Merda, estamos literalmente em continentes diferentes. Não sei como voltar atrás. — Willow, você é minha garota.

— E o coração partido? — Ela pergunta.

Eu procuro no meu cérebro por um segundo, tentando descobrir do que ela está falando. — Que... Coração quebrado... — *Ah, merda.* Aperto a ponta do nariz, lembrando. — O questionário.

Eu nem consigo explicar o que me levou a querer preencher um. Eu estava no Tumblr e passei por ele, e isso me lembrou dela. Foi o suficiente para me fazer preencher rapidamente as perguntas. Mas por que eu tive que responder com um coração partido?

Eu sou um idiota.

Willow diz: — Eu apenas pensei que desde que vim embora depois que fizemos sexo, você ficou chateado com isso.

— Porra, não, — eu digo fortemente. — Willow, aquela foi a melhor noite da minha vida. Coloquei o coração partido porque estamos nessa merda de relacionamento à longa distância e só sinto sua falta.

Ela solta um suspiro gigante de alívio. — Isso faz mais sentido.

— Que bom. — Faço uma pausa e farejo o ar. Sinto o cheiro de algo... queimando.

Merda, merda, merda. Esqueci de tirar a pizza do forno. Descongelo e corro para a cozinha. Assim que abro a porta, uma fumaça cinza escura surge no meu rosto. Eu tusso no meu braço e, segundos depois, o detector de fumaça solta um gemido furioso.

— Garrison? — Willow parece em pânico.

— Queimei a pizza! — Eu grito por causa do alarme. — Te ligo mais tarde?

— Sim, vai. Eu te amo, — ela diz rapidamente.

— Eu também te amo.

Ela desliga, eu tiro a tomada do forno e tento afastar a fumaça do alarme com um pano de prato. Não está funcionando. Eu tenho que encontrar... algo que chegue ao alarme. Vai se fuder, tetos de dois metros.

Sério.

Uma batida soa na minha porta. — Garrison! — Meu vizinho grita. — Tudo certo?!

Jared e eu não nos esbarramos desde o aniversário de sua namorada, mas o fato de que eu não tenha brigado com ele ainda ou mostra que ele é um cara legal ou que ele *realmente* quer minhas conexões com Loren Hale para que ele possa marcar pontos com Ana.

Não sei dizer qual das opções é a certa.

Mas eu abro minha porta para ele.

Ele olha por cima do meu ombro.

— Sem problemas aqui, cara, — digo a ele. — Queimei uma pizza. Você pode ir para casa. — Estou prestes a fechar a porta, mas ele coloca a mão nela, me impedindo com uma força indesejada.

Eu o encaro.

Ele ainda está olhando para o meu forno. — Merda, isso parece ruim. Espere um minuto que eu vou pegar minha vassoura. — Ele sai rapidamente, e eu esfrego meus olhos. Contra o bom senso - ou talvez um mau senso - eu não fecho minha porta.

Jared está de volta em um flash e, em vez de me passar a vassoura, ele entra no meu apartamento. Eu fico tenso. Meu espaço é *meu* espaço, e não me lembro de convidá-lo. Ah espere, isso é porque eu não o convidei.

Cruzo os braços sobre o peito e fico perto da porta, observando Jared tocar a ponta da vassoura no alarme. São necessárias duas

pancadas antes dele parar de gritar.

— Esses detectores de fumaça são ridiculamente sensíveis, — diz Jared. — Apenas um aviso.

— É bom saber. — Eu tento não soar irritado ou sarcástico ou ambos.

Jared olha em volta da minha casa como se estivesse em um tour de apartamentos. — Uau, você tem uma instalação legal. — Ele olha a parede dos fundos com a mesa e quatro monitores. Dois servidores. Todos os fios estão ordenadamente agrupados e dobrados na tábua do assoalho. Levei dias para juntar tudo para não parecer uma bagunça.

— Você é gamer? — Jared pergunta.

Provavelmente não do tipo que ele está pensando. Não jogo Call of Duty, Halo ou League of Legends. Meu verdadeiro amor são os clássicos em consoles como Sega e N64. Mas não é por isso que tenho computadores.

— Não, — eu digo a ele. — Sou engenheiro de software na Cobalt Inc.

Jared levanta as sobrancelhas. — Caramba. — Ele parece impressionado. — Mas eu pensei que você tivesse falado que estava na Penn.

Nunca disse isso. Ele assumiu. Porque eu pareço ter minha idade - vinte. E esse prédio é acessível e fica a uma curta distância do campus. Isso conta, eu acho.

Balanço a cabeça. — Eu não vou para a faculdade. — Eu não tenho vergonha disso. Não é para todos. Definitivamente não para mim.

Jared me olha de cima a baixo. — Então você é como um daqueles gênios, igual no filme *A Rede Social*?

Eu quase dou risada. Estou tão longe de ser um gênio. Eu sou apenas bom no que faço.

— Na verdade não. — Estou prestes a inventar uma desculpa sobre o trabalho. Qualquer coisa para tirá-lo do meu apartamento, mas ele já está falando novamente.

— Sobre a outra noite com Ana, — diz ele, estremecendo. — Desculpe se ela exagerou. Ela é apenas uma grande fã da sua família.

— Eles não são minha família, — eu o corrijo. Eles são a família da Willow. Eu sou apenas... adjacente a eles.

Ele coça a nuca. — Certo, desculpe.

— Eu tenho que trabalhar, — digo a ele.

— Ah sim. Vou deixar você em paz. — Ele pega sua vassoura. — Se você tiver problemas com o seu detector de fumaça novamente, sabe onde me encontrar. — Ele sai rapidamente. Um sentimento estranho rasteja sob a minha pele, e eu sei que é por causa da sua

súbita simpatia de vizinho. Parece falso, mas eu realmente não quero julgá-lo.

Tranco a porta e depois avalio a cozinha. A fumaça está quase toda apagada. Verificando a pizza, meu estômago ronca e solto um suspiro irritado.

Torrada e intragável. Pizza não deveria ser nenhuma dessas coisas.

Acabo pegando uma bebida energética *Lightning Bolt!* da geladeira e afundo na minha cadeira. Meu computador é um dos poucos lugares em que posso me perder completamente. No momento, é tudo o que quero.

QUESTIONÁRIO DO TUMBLR DA WILLOW

IDADE: 17 ANOS

Regras: *Preencha o formulário respondendo a cada seção com sinceridade. Depois de terminar, marque outros usuários para preencher também. Comece procurando a pessoa que o marcou.*

Você já…

Foi traído: *nunca dei a ninguém a chance de fazer isso*

Beijou alguém e se arrependeu: *nunca fui beijada (não julgue)*

Ingeriu bebidas alcoólicas: *algumas vezes. não gostei do sabor*

Ficou bêbado e vomitou: *não*

Conheceu alguém que mudou você: *eu conheci Loren Hale uma vez (a única celebridade que conheci). Ele estava parado na minha porta da frente (longa história). Loren Hale ficou só uns cinco minutos - mas ele realmente falou comigo. Ele notou meu bottom de Mutante & Com Orgulho e mencionei gostar de X-Men Evolution (o desenho). Então ele fez um comentário sobre os quadrinhos e Lily Calloway. Ele a chamou de namorada, mas eles estavam e ainda estão noivos se o Celebrity Crush estiver certo. Isso me fez pensar que as meninas também podiam ler quadrinhos - e do jeito que ele falava, ele presumiu que eu já sabia. Eu nunca tentei lê-los até aquele momento, até que ele partiu e pensei que sim, também tenho permissão para lê-los.*

Comecei os Novos X-Men e me relacionei muito com a Feromona, uma garota que eu realmente precisava há um ano, quando meu pai se divorciou da minha mãe. E eu nunca teria lido histórias em quadrinhos e me apaixonado por eles se não conhecesse Loren Hale.

Se desapaixonou: *nunca me apaixonei em primeiro lugar*

Descobriu quem são seus verdadeiros amigos: *é por isso que mantenho meu círculo pequeno. Maggie é a amiga mais verdadeira que já existiu*

Perdeu os óculos: *várias vezes. Minha irmãzinha às vezes os pega para ser engraçada*

Sexo no primeiro encontro: *… não sei, talvez eu faça? Pensar nisso me deixa nervosa...*

Foi preso: *em um pesadelo*

Recusou alguém: *em quê? tipo em um encontro?*

Se apaixonou por um amigo: *não. Eu não gosto dos caras da minha escola assim (você também não gostaria se fosse eu)*

Qual foi a sua…

Última bebida: *Fizz Life*

Última ligação: *humm, para a minha avó Ida. Ela queria me fazer um cachecol de crochê para o próximo inverno e precisava saber qual a cor dos fios eu queria. Eu disse a ela que era azul*

Última mensagem de texto: *"Comprei! Eu comprei!" Para Maggie, em relação a Desvendando os Quadrinhos do Scott McCloud - tenho economizado dinheiro como babá para comprar a revista em quadrinhos. Eu leio QUALQUER coisa que Loren Hale recomenda (meu guru dos quadrinhos), e ele sugeriu esse há pouco tempo nas redes sociais*

Mais perguntas…

Você tem algum animal de estimação: *meu pai odeia animais de estimação, mas quando ele se mudou há um ano, minha mãe deixou Ellie pegar um hamster. Cheira muito mal*

O que você fez na sua última festa de aniversário: *comi no Noodle House com apenas minha mãe, irmã e Maggie. Eu não gosto de grandes festas, especialmente aquelas para mim*

Cite algo que você não pode esperar: *UMA REFILMAGEM DOS NOVOS X-MEN (POR FAVOR ACONTEÇA!!! ACEITAREI QUALQUER COISA!!!) Além disso, que Maggie conheça a Feiticeira Escarlate (também conhecida como Elizabeth Olsen) um dia.*

O que te irrita: *ser forçada a falar para grandes multidões*

Apelido (s): *nenhum (eu não sou tão legal assim)*

Status de relacionamento: *solteira*

Programa de TV favorito: *empatado entre Gravity Falls e X-Men: Evolution. Adoro eles*

Ensino Médio: *pronta para acabar*

Faculdade: *desejo poder ir. Eu estou trabalhando nisso*

Cor do cabelo + Comprimento: *castanho claro, reto e próximo ao peito?*

Altura: *1,65*

Sua paixão: *TOM HIDDLESTON!!! (aka Loki)*

Tatuagens: *meu pai não deixa*

Destro ou canhoto: *Destra*

Fez cirurgia: *nada tão sério*

Tem piercings: *piercing duplo no lóbulo das duas orelhas, apenas quatro pequenos brincos, dois morcegos e duas estrelas*

Esporte favorito: *esportes? *corre e se esconde**

Primeiras férias: *nunca deixei o Maine antes, mas quando eu era muito pequena, costumávamos ir para a costa, a cerca de 4 horas ou mais de Caribou, e navegamos uma vez. Eu realmente não consigo me lembrar, mas minha mãe tem fotos. Todo mundo parece feliz*

Do que você mais gosta…

Abraços ou beijos: *abraços por enquanto*

Mais baixo ou mais alto: *mais alto que eu. Mesmo que seja apenas um pouco mais alto. Isso também serve.*

Mais velho ou mais novo: *mais velho, mas não muito velho - eu não poderia fazer o que Daisy Calloway faz com o namorado, que é sete ou oito anos mais velho (não me lembro))*

4 ANTES – AGOSTO

CARIBOU, MAINE
WILLOW MOORE
17 anos

— Nós não vamos ter essa conversa! É o aniversário da Ellie! — Minha mãe grita, o tom de voz familiar presente apenas quando ela está perto do meu pai.

— O aniversário dela terminou *vinte* minutos atrás! — Meu pai grita. Não os vejo na presença um do outro desde o divórcio. Eu o convidei para o jantar do meu 17º aniversário em março e ele disse que não iria. Suas palavras exatas: *não se sua mãe estiver lá.* Agora, agosto, ele está disposto a aguentar minha mãe por Ellie - sua princesa embrulhada em um pequeno pacote de alegria.

Acho que nunca me encaixei no que ele queria que eu fosse. Suas palavras ao longo dos anos ficaram gravadas na minha cabeça.

Se você gostasse de mais coisas de meninas, teria mais amigos, Willow.

Se você realmente fosse à uma festa como uma garota normal, teria mais amigos, Willow.

Se você usasse mais maquiagem e se esforçasse, teria um namorado, Willow.

Se você parasse de assistir desenhos animados de super-heróis, teria um namorado, Willow.

Toda garota da sua idade tem um.

Mas principalmente eu odeio que ele tenha ido embora em primeiro lugar. Eu odeio que ele simplesmente saiu da vida da minha mãe e quebrou o coração da minha irmãzinha e destruiu as vidas delas, mesmo que ele já estivesse destruído a minha.

Ele apenas disse: — *Não posso morar com a sua mãe.* — E como adolescente, não sei os detalhes, mas a falta deles só fez o ódio apodrecer mais por ele do que por ela.

Eu *odeio* que sua partida tenha feito minha mãe chorar todas as noites por três meses. Eu *odeio* que Ellie tenha perguntado repetidamente: — *Quando o papai está voltando para casa?* — Eu *odeio* que fui eu quem disse a verdade repetidas vezes, e eu tive que assistir as lágrimas rolarem por suas bochechas todas as vezes. Eu *odeio* que ele não estivesse aqui para lidar com a dor delas - que ele nunca acordou com isso, nunca foi dormir com isso, do jeito que eu fui. Quando olho para meu pai, só vejo o homem que me machucou machucando as duas pessoas que mais amo.

— Willow? — Ellie sussurra novamente, puxando meu pulso. Olho para minha irmã de seis anos, os olhos arregalados como pires.

E ela murmura: — Você pode pedir para eles pararem?

Eu ajeito a coroa de plástico dela que cai para a esquerda. — Só se você esperar aqui.

— Eu vou. Eu prometo. — Então Ellie pula na minha cama e se senta ao lado do meu laptop. Percebo uma boneca Barbie na mão dela. Deve ser nova.

Deixo-a rapidamente, com os pés descalços no carpete velho, e desço devagar as escadas estreitas em direção à cozinha.

— Nós não estamos falando sobre isso aqui, Rob!

Seu tom diminui para um rosnado aquecido. — Sim, *nós estamos*.

Paro antes da cozinha, bem a tempo de espiar ao lado do batente da porta. O piso de linóleo amarelo está meio cheio de papel de embrulho e balões cor de rosa, a lata de lixo empilhada com pratos de papel sujos. Minha mãe está perto da pia da cozinha, os nós dos dedos embranquecendo.

Eu só vejo essa emoção visível na minha mãe quando ela não está me notando ou esquece que estou aqui. Embora depois do divórcio, eu tenha visto esse lado dela com mais frequência. Em um dia normal, ela é doce e suave. Raramente perde a cabeça. Quase nunca com raiva. Ela tenta engarrafar a maioria dos sentimentos sombrios, algo que aprendi a fazer.

Enquanto espio do canto, tenho uma visão melhor da minha mãe.

Com apenas quarenta anos, ela tem olhos gentis, uma pele pálida e macia e bochechas rosadas, mas sua calma está se quebrando sob as lágrimas que se acumulam. Ela fica do lado oposto a um homem de meia-idade, com uma barba leve, olhos estreitos e uma camisa Miller Lite. E mentalmente tomo um lado - tomo lado o *dela*, mesmo que eu deva permanecer apartidária.

Eu o vejo.

Eu o vejo a machucando.

Eu o vejo causando-lhe essas lágrimas.

Minha mãe que nunca pede mais de mim - quando o que eu sou é subsequentemente menos.

Eu me agarro ao batente da porta, vendo meu pai cruzar os braços sobre o peito corpulento.

Ele diz a ela: — Nós nunca vamos finalizar essa porra de divórcio se o seu advogado continuar adiando isso.

Minha mãe respira fundo. Seu nariz inflama e ela luta contra as lágrimas novamente, abrangendo mais tristeza do que raiva.

Não. Diga a ele para se foder, mãe. Diga a ele que você não o quer. Eu mordo minha língua, esperando que ela se defenda.

— Por favor, Rob... — ela chora. — Apenas volte para casa.

Meu estômago está revirando. Eu só quero que ela o expulse, que fique mais forte e que faça a coisa que lhe causa dor em pedaços. *Vamos mãe. Você consegue.*

Eu gostaria de ter a coragem para ajudá-la, mas meus pés cimentam no chão, pesando como correntes de balões cheios de alcatrão.

Por entre os dentes, ele diz: — Prefiro queimar na porra do *inferno* do que ficar com uma mulher que passou mais de dezessete anos mentindo repetidamente para mim.

Um calafrio percorre meus braços e engulo em seco.

— Não tem nada a ver com você, Rob. — Sua voz treme, e então as lágrimas explodem em um choro gutural. Isso me perfura o peito e eu cambaleio para trás.

Enquanto isso, *ele* apenas fica lá parado.

Ele apenas a observa, com nojo.

Como ele pode...

— Você abandonou *seu filho*, — diz ele tão fervorosamente, com tanta alma e ódio que seu rosto fica vermelho-sangue.

E eu fico completamente gelada.

— Seu maldito *filho*, — ele repete com olhos cheios de lágrimas. — Que eu não sabia que existia! — Ele aponta um dedo para o peito. Vibrando - ele está vibrando de raiva e dor.

Eu também estou tremendo.

Eu não entendo...

Meu pai lambe os lábios e acrescenta: — Como o fato de você ver o pai de seu filho em *doze* ocasiões específicas por duas décadas não me afeta?

Não.

Eu balanço para trás.

Ele é o culpado.

Não é?

Ele tem que ser.

Lágrimas queimam meus olhos enquanto tento bloquear a verdade. Não.

Pense bem, Willow.

Eu não quero. É fácil acreditar em uma coisa por tanto tempo, colocar todas as minhas emoções nessa gaveta que faz mais sentido. *Dói* ter alguém abrindo a gaveta e despejando o seu conteúdo, destruindo o que eu sei que é real.

Ela é minha aliada.

Ela é minha confidente e minha amiga.

Ela é minha *mãe*.

Ela não mentiria. Ela não *abandonaria* ninguém. Ela é minha mãe... a pessoa que passou cinco horas me ajudando com um projeto da feira de ciências na oitava série - que me levou para a exibição meia-noite de *Vingadores*, mesmo que ela tivesse que trabalhar na outra manhã cedo.

Ela é bondosa e amorosa. Ela é de temperamento doce e generosa.

Não posso imaginá-la abandonando um filhote de cachorro, muito menos uma pessoa real... um*a* pessoa *dela*...

Não é real.

E então minha mãe diz, com a respiração vacilando: — Eu nunca vi o pai dele depois do dia em que o bebê nasceu... — Não sei dizer se isso é verdade ou não. Ela olha para o chão com *vergonha*, nunca encontrando o olhar do meu pai.

— Você está mentindo de novo, — ele diz.

— Eu não estou! — Ela grita para o chão. — Aqueles eram cheques dele, mas faz vinte e quatro anos desde a última vez que o vi. Ele mandou seu assistente viajar até aqui... e me deu os cheques. Cinco anos atrás, foi o último. Eu já te disse isso. Por favor, Rob... — Ela tenta agarrar seu antebraço, mas ele se afasta. Ela pega apenas o ar e depois agarra o balcão da pia em busca de apoio novamente.

Inclino meu peso no batente da porta, meus óculos embaçados de lágrimas, o tiro com as mãos trêmulas e esfrego na minha camisa listrada verde. Eu tento muito não fazer barulho, mas meu nariz escorre... eu o limpo com o braço - tremendo.

Pare de tremer, Willow. Está tudo bem…

Meu queixo treme.

Você esteve do lado errado das coisas o tempo todo. Sua idiota.

Eu esperava que meu pai me machucasse.

Eu nunca esperei que ela fosse fazer isso.

Meu pai silenciosamente fumega antes de explodir novamente. — E por que ele simplesmente lhe deu os cheques? — Ele solta uma risada angustiada, com as mãos na cintura. — Você está me dizendo que não havia nada por trás eles? Nenhuma exigência? — Ele balança a cabeça em descrença.

— Eu te disse, ele queria que eu ficasse quieta, por pena, eu não sei. Ele apenas continuou enviando-os, e precisávamos do dinheiro para o seu carro, para a casa...

— Você tem que estar... — Ele grita do topo de seus pulmões, irritado e furioso. Eu estremeço, e então ele pega uma tigela próxima cheia de laranjas. Ele a joga violentamente na parede.

Eu pulo quando a cerâmica se espatifa por todo o linóleo.

— Ele pagou pelo *meu* carro, pela *minha* casa?! — Ele aponta um dedo para o peito novamente, uma boa distância ainda entre ele e minha mãe, como se doesse estar perto dela.

— Por favor…

— Você me traiu? — Ele pergunta de repente, veias pulsando em seu pescoço. — Diga-me a porra da verdade, Emily! — Ele está chorando.

Eu nunca vi meu pai derramar uma lágrima, nem mesmo de raiva, nem mesmo quando ele se despediu de mim.

Minha mãe balança para trás um pouco, como se as palavras e voz dele a tivessem empurrado com força. Com seu silêncio prolongado, quero pressionar minhas costas contra a parede e deslizar para baixo em uma bola. Eu quero me esconder, mas não consigo descongelar. Não consigo me mexer.

— Eu não traí... — A maneira como a voz dela diminui, torna tão difícil acreditar nela - mas eu ainda quero. Eu quero acreditar que ela não fez isso.

Ela não traiu meu pai. Ela não traiu.

Eu acredito nisso. Eu acredito. Eu quero estar do lado dela.

Meu pai respira pesadamente, seu peito subindo e descendo, lágrimas pingando. E então ele pergunta: — Ela ao menos é minha filha?

Minha garganta se fecha. *Ela não traiu meu pai. Ele entendeu tudo errado.*

Talvez eu realmente queira que ela confie em mim. Para me dizer a verdade. Essa força de dentro me empurra, e eu me viro para a cozinha. — Mãe? — Eu pareço pequena.

Enquanto olho entre minha mãe e meu pai, a raiva, mágoa e angústia deles começam a se esconder atrás de uma tela opaca, que me impede de entrar.

Eu pisco, a umidade ensopando meus cílios.

Eu odeio que eles não me mostrem nada real agora - que eu tenho que espionar para poder ver.

Minha mãe se endireita e esfrega as bochechas com as costas da mão. — Suba, querida. — Sua voz falha.

— Quem é meu pai? — Pergunto.

— Rob Moore é seu pai, e ele também é o pai da Ellie, — diz ela com firmeza. — Não é o que você pensa

— Estou indo embora, — meu pai diz, suas lágrimas secaram. Outro brilho feroz apareceu em seu rosto.

Ele mal me nota.

Papai passa por mim para chegar à porta, e nossos corpos parecem se afastar um do outro, como pressionar o lado errado de dois ímãs juntos, ambos incapazes de se aproximarem.

Ele tem uma clara aversão por mim, e agora acho que sei o porquê. Ele acredita que não sou filha dele, mesmo quando eu realmente sou.

Eu escuto seus passos até a sala de estar. Pouco tempo depois, a porta se fecha e minha mãe vira as costas para mim, começando a limpar alguns copos sujos na pia. Ela não pode simplesmente agir como se nada tivesse acontecido.

— Mãe! — Eu grito.

— Eu terminei de falar... — Seus braços tremem como os meus, e talvez um ano atrás, eu teria ficado quieta e apenas reunido as

pequenas informações e criado minha própria conclusão horrível. Não quero mais viver com essa meia verdade. Não quero ver através de nuvens, vitrais e telas opacas. Quero transparência para minha *própria* vida, e só ela pode me dar isso.

— Eu não terminei. — Minha voz é mais suave do que pretendia. Ela não se vira. Eu respiro fundo. — Mãe, — eu engasgo, — eu *não* terminei.

Ela gira lentamente, com a mão segurando um pano de prato, os olhos vermelhos. Ela espera que eu fale dessa vez.

Eu lambo meus lábios e pergunto: — Eu tenho um irmão? — Ela mentiu sobre ele. Não tenho certeza se posso confiar nela, e não tenho certeza se devo amá-la - mas eu a amo e ainda confio nela. Isso não pode desaparecer tão rapidamente.

Mas agora, eu sinto rancor em relação a ela. Pela primeira vez, eu realmente sinto. E eu odeio isso.

— Willow... — Ela balança a cabeça para mim, lutando para revelar o que manteve em segredo por tanto tempo.

Eu limpo meus olhos, que ardem sob meus óculos. Eu movo meus pés e acidentalmente estouro um balão. O barulho é alto e nós duas pulamos para trás, assustadas.

Minha árvore genealógica foi incendiada e estou tentando desesperadamente encontrar *um* galho desaparecido para que eu possa me entender novamente.

Eu preciso dele.

Não importa quem ele seja. Eu preciso saber como ele é. Qual a idade dele. Um nome. Um lugar. Talvez ele entenda coisas que eu não entendo. Talvez.

— Foi há muito tempo, — diz ela. — Eu era adolescente, mais ou menos da sua idade, um pouco mais jovem quando fiquei grávida. — Ela solta uma risada fraca e quebrada. — Você nem consegue imaginar...

Eu a vejo encostar na pia e olho para o bolo de baunilha meio comido, torto no balcão. — Ele ainda está vivo? Ele sabe...

— Loren Hale, — diz ela, sua voz subitamente estoica e fria. — Esse é seu irmão.

Minhas pernas querem dobrar, mas eu consigo ficar de pé, minha mente girando enquanto peças de um quebra-cabeça muito maior se encaixam no lugar. — Ele sabia... — Ele veio à *nossa* casa cerca de quatro anos atrás. Ela me disse que conhecia o pai dele. E eu percebo que a visita dele não foi aleatória. Ele veio e saiu tão rapidamente. — Você disse a ele para não me contar?

Seus lábios pressionam em uma linha fina, e eu tomo seu silêncio como afirmação.

— Ai meu Deus, — murmuro, meu queixo tremendo de novo enquanto reprimo uma enxurrada de lágrimas. Ela o manteve longe

de mim. Por que ela faria isso?

Loren Hale é meu meio-irmão. Todo esse tempo... nós poderíamos ter conversado, ter um relacionamento, ser amigos - nos visto. Em vez disso, há apenas esse buraco negro de *nada*, vazio e oco.

Me sinto vazia.

— Você pode simplesmente esquecer isso? — Minha mãe me pergunta.

Balanço minha cabeça em transe. — Não... eu quero conhecê-lo. — Eu preciso dizer a ele que sei a verdade agora. Quero recuperar esse pedaço que perdi.

— Você não pode, — diz ela, cansada, e tira os cabelos da testa. — Os Hales são famosos, Willow. No momento em que a mídia descobrir que Loren é relacionado a você, eles vão assediar nossa família. Eu tentei *tanto* dar a vocês meninas uma vida normal. Você pode decidir viver naquele mundo mais tarde, mas Ellie é jovem e ela não vai. Ok?

Eu tento processar isso o mais rápido possível. Hale Co. é o que elevou o status de Jonathan Hale a "bilionário rico" e de seu filho a herdeiro. Mas a fama deles finalmente veio depois de um escândalo obsceno que envolveu Lily Calloway, a noiva de Loren.

Logo depois, as irmãs Calloway e seus homens tornaram-se interesse público. Eles estão em pelo menos três tabloides todos os dias. Os paparazzi os seguem pela Filadélfia, a cidade natal deles.

As pessoas os amam e os odeiam.

Eu entendo por que minha mãe gostaria de nos proteger disso, mas Loren Hale só é famoso há alguns anos. Ela poderia me apresentar a ele quando ele era apenas um garoto rico na Filadélfia.

Ela nunca pretendeu que eu o encontrasse, o conhecesse...

Como posso acreditar em qualquer coisa que ela diz?

— Willow, — ela implora. — Deixe isso para lá. Jonathan nos deu muito dinheiro ao longo dos anos. Acabou, ok? Ninguém pode saber que Loren é meu... — Seu rosto se contorce de repente. Ela não consegue dizer isso.

Meu coração palpita. — Seu filho, — eu sussurro com lágrimas crescentes.

Ela vira o corpo até eu não conseguir ver seu rosto. Depois de um breve silêncio, ela diz baixinho: — Eu tinha apenas dezesseis anos, Willow.

Ela era muito nova.

E ela está certa, não consigo imaginar...

Jonathan Hale deve ter sido mais velho também. Eu me encolho com a imagem - da realidade distorcida e grotesca da qual eu nunca soube que fazia parte. Me sinto mal por ela, mas me preocupo que, se me sentir triste, nunca mais terei a força para encontrar meu

irmão. Vou afundar em sua tristeza e segurá-la como eu fiz desde o divórcio.

— Estou indo embora, — digo de repente - apenas percebendo que essas eram as palavras exatas do meu pai minutos atrás. Ela guarda as emoções novamente, e eu já estou pensando no que devo levar. Uma bolsa de viagem que está no meu armário, alguns jeans e camisas, minha mochila e minha carteira.

Estou indo embora.

Eu nunca fui tão ousada. Eu nunca fui tão corajosa. Nunca me senti tão perdida, mas sei que não há nada aqui em Caribou, Maine, exceto a dor, e quero sentir algo melhor que isso.

Estou indo para a Filadélfia.

— Se ele não fosse famoso, — ela diz lentamente, — você nem pensaria em conhecê-lo. — Ela joga isso na minha cara.

Isso não é verdade, quero acreditar de todo o coração, mas ela enraíza a dúvida na minha cabeça.

— Se ele não fosse famoso, — digo suavemente, — então isso seria muito mais fácil. — Eu seria capaz de ligar para ele pelo telefone. Eu seria capaz de dizer com antecedência que vou vê-lo. Eu poderia até mesmo só fazer uma ligação pelo Skype para ele em vez de viajar para a Filadélfia.

Nada disso é possível quando Loren Hale é uma celebridade reconhecida internacionalmente.

Enquanto dou as costas para minha mãe, enquanto vou para a escada, sei que será um desafio até mesmo me aproximar dele.

Mas tenho que tentar.

Eu preciso pegar esse galho antes que ele queime. Então eu corro para cima, faço as malas, percebendo Ellie dormindo na minha cama. Cinco minutos depois, fecho minha bolsa e a jogo por cima do ombro.

Eu ouço minha mãe lá embaixo, limpando, e me pergunto se ela tentará me convencer a ficar. Eu me pergunto se ela se importa o suficiente para me manter aqui.

Parte de mim quer que ela lute por mim, por amor e medo.

Parte de mim quer que ela me deixe ir para que eu possa ser livre.

Eu hesito, a coroa de plástico de Ellie na metade de sua cabeça, a respiração saindo pelos seus lábios separados enquanto ela dorme. Eu me agacho perto dela e sussurro em seu ouvido: — Eu te amo, princesinha. — Eu beijo sua bochecha leve o suficiente para que ela não acorde. Eu sei que ela pode sobreviver muito bem sem mim por um tempo.

Ela é a energia que mantém esta casa viva.

Eu sou apenas a sombra no canto.

Quando desço a escada estreita, segurando firme a alça da minha bolsa, a torneira da pia se fecha e minha mãe surge na sala de estar.

Eu diminuo a velocidade entre ela e a porta da frente.

Ela seca as mãos em um pano de prato, com cara de pôquer e ainda mais resistente. — Não vou pagar por nada, — diz ela. — Você está por sua conta agora.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha. — Tudo bem. — Eu acho que ela está esperando que eu fique com medo, sem dinheiro e dê meia volta. Eu quero ser corajosa o suficiente para lidar com isso, mas não tenho certeza se estou preparada dessa maneira.

Ela acrescenta: — Você tem idade suficiente para fazer o que deseja e idade suficiente para cometer seus próprios erros.

Penso nela por volta da minha idade, grávida e fazendo algumas das escolhas mais difíceis que ela já teve que fazer. Suponho que ela acreditaria que eu sou uma adulta agora, se foi forçada a ser uma naquela época. Mas estou com medo e me sinto como uma boneca de plástico indo para um carro de brinquedo, incapaz de ver fora da minha casa Polly Pocket. O que está do lado de fora - eu não sei.

— Se você precisar de mim, — ela diz, — você terá que voltar para casa por si mesma. — Ela trabalha para os correios e quase não tem férias - definitivamente não dias o suficiente para ir atrás de mim até a Filadélfia. E eu não estou pedindo isso para ela.

Eu gostaria de poder dizer que estou cheia de amor agridoce, mas estou na maior parte sombria e ressentida. A maior parte de mim sente *ódio,* e mal consigo olhar nos olhos dela sem me sentir enganada, iludida e traída.

Quero olhar para um par de olhos diferentes que contenham verdades e sentimentos maiores, e eles não são dela.

Eu apenas dou um aceno com a cabeça, me viro e abro a porta da frente, o sol já se foi. As luzes da rua já estão acesas e eu destranco meu Honda dos anos 90. Eu balanço a maçaneta para abrir. O carro costumava ser da minha avó Ida, e sou grata por tê-lo, algo que posso usar para sair.

— Dirija com segurança. — Acho que ouvi minha mãe falar.

Olho para a porta da frente, mas já está fechada. As luzes já estão apagadas, e eu me pergunto se ela está feliz por eu estar indo, como se todo esse tempo eu tivesse sido uma lembrança ruim para ela.

Talvez como Loren Hale tenha sido.

AS IRMÃS CALLOWAY & SEUS HOMENS - PÁGINA DE FÃS

VOLTAR | SEGUIDORES: 11K

Você é nova(o) aqui? Bem-vinda(o)! Esta é uma página de fãs dedicada às Irmãs Calloway & Seus Homens. Não é uma página de fãs "oficial" e não está de forma alguma associada a Calloways, Meadows, Cobalts ou Hales. É dirigido por uma blogueira dedicada (eu, Olive!) Que é apaixonada por tudo o que é relacionado às Calloways!

Não sabe quem são? Deixe-me dar um curso intensivo...

Existem quatro irmãs Calloway, mas apenas as três irmãs mais novas ganharam notoriedade após um enorme escândalo. As manchetes estavam por *toda parte*. Até em canais de notícias nacionais! Vazou que Lily Calloway é uma viciada em sexo, de verdade. Provavelmente, teria só passado pela mídia, se não fosse pelo fato de serem todas herdeiras. O pai delas é dono da Fizzle. Tipo, a Fizz Life ou Diet Fizz que você está bebendo - sim, as Irmãs Calloway são herdeiras *dessa* fortuna de refrigerantes.

As Irmãs Calloway (e suas idades atuais):

Poppy Calloway (30)
Rose Calloway (26)
Lily Calloway (24)
Daisy Calloway (19)

É isso mesmo, seus pais deram para elas nomes de flores! Quão fofo é isso? Portanto, o maior negócio é que Rose, Lily e Daisy atualmente moram juntas em uma mansão (com seus homens) na Filadélfia. É como um episódio da vida real de *Friends!* E você provavelmente encontrará muito mais páginas de fãs sobre elas, mas prometo trazer as últimas e melhores notícias sobre as irmãs Calloway. Então vamos aos homens delas...

Namorando

Daisy Calloway e Ryke Meadows (25) - o casal aventureiro. Daisy é uma ex-modelo e Ryke é um alpinista profissional, mas muitas vezes são pegos andando de moto juntos!

Noivos

Lily Calloway e Loren Hale (24) - o casal nerd. Lily é dona da Superheroes & Scones, enquanto Loren é o CEO da Hale Co. e da Halway Comics.

Casados

Rose Calloway e Connor Cobalt (26) - o casal de gênios. Rose é proprietária da Calloway Couture, uma empresa de moda para a mulher que trabalha todos os dias, e Connor é o CEO da Cobalt Inc.

Poppy Calloway e Sam Stokes (30) - o casal particular. Poppy e Sam tendem a permanecer fora dos holofotes, mas o que sabemos é que Poppy é uma mãe que fica em casa e Sam trabalha para Fizzle.

Crianças

Lily & Loren: Maximoff Hale (2 meses)

Rose & Connor: Jane Eleanor Cobalt (3 meses)

Poppy & Sam: Maria Stokes (7)

Essas são as informações básicas. Outro fato importante que você talvez queira saber - Loren Hale e Ryke Meadows são meios-irmãos. Eles têm o mesmo pai: Jonathan Hale. Ultimamente, tem havido algumas denúncias terríveis na imprensa sobre Jonathan Hale. Eu não vou repeti-las aqui, porque tem havido *zero* provas, e como eu disse, são *graves* alegações.

Vou ter mais informações à medida que elas aparecerem. Até lá, confira a página de fotos e gifs!

Amo vocês como Loren ama a Lily,

Bjs, Olive

5 ANTES – AGOSTO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
17 anos

Mãe: *Cadê você?? Seus irmãos vão embora amanhã e você precisa estar aqui antes que seja tarde demais. Você já perdeu o jantar.*

— Garrison, é a sua vez. — Nathan Patrick acena para mim, mastigando um palito com um sorriso irônico. Seu cabelo vermelho penteado pode muito bem ser castanho visto de onde estou parado. A fumaça dos cigarros e dos baseados cria uma névoa no fundo da casa de sua família - a porta se abre quando as pessoas entram e saem bêbadas.

Eu fumo um baseado entre dois dedos antes de me levantar e jogar minhas cartas na mesa de poker, minhas duas rainhas perdendo para os três reis de Nathan.

De dez pessoas, três meninas soltam gritinhos. Outras duas garotas apenas de sutiã e calcinha sorriem, mas não fazem exclamações em voz alta. Uma delas fica ao meu lado: Rachel Barnes, uma morena com brincos de diamante e aspirante à Zeta Beta Zeta assim como sua irmã na faculdade.

Ela está prescrevendo o legado de sua família - algo que eu não consigo suportar sem outro baseado e outra garrafa de vodka.

Depois de colocar minhas cartas na mesa, tiro minha camiseta preta, revelando quaisquer músculos que o lacrosse me concedeu e uma tatuagem de caveira preta na dobra do meu antebraço e bíceps. Em fonte pequena, minhas letras favoritas da música da *Interpol* "Rest My Chemistry" estão ao redor do design com tinta.

Eu não faço contato visual com ninguém. Permaneço de pé e sopro fumaça cinza para o teto, minha mente rodando e minhas pálpebras se fechando lentamente. Quase sempre estou cercado por pessoas - amigos e conhecidos da Dalton Academy - e mesmo quando estou em uma sala com eles, mesmo quando estou fisicamente aqui, sempre me fecho mentalmente por alguns segundos.

Mais, se eu puder.

Eu sempre quero ficar sozinho, mas quando estou sozinho, quero estar com as pessoas. É uma maldição fodida.

Quem construiu minha mente precisa reformular os fios e encontrar um equilíbrio, porque estou sempre em todo o lugar.

Estou em todo lugar e à margem e tão fodido - isso não é nem a metade.

A maconha está fazendo de você um merdinha paranoico.

Fumo o baseado uma última vez antes de passá-lo para Rachel, que hesita antes de colocá-lo entre os lábios. Ela dá uma pequena tragada e depois tosse em seu punho fechado.

Nathan e dois outros caras enchem o saco dela. Eu não a defendo - já que ela estará em uma fraternidade de qualquer maneira. Não é como se ela precisasse saber como fumar um baseado.

— Você distribui as cartas, Abbey, — Nathan me diz, estendendo-se sobre a mesa para me passar o baralho de cartas. Eu começo a embaralhar.

Uma garota limpa a garganta alto, meio que ao meu lado. — Oi, hum... — Ela bate no ombro de Rachel. Eu não estou surpreso. Rachel parece a mais acessível.

A maioria dos caras fuma e bebe, um deles até usa uma máscara de gárgula de uma loja de Halloween, mais máscaras empilhadas atrás dele em uma cadeira de couro. As outras garotas daqui têm blusas decotadas e piercing no nariz.

Rachel é a única que parece alguém que você levaria para casa para conhecer seus pais. Embora eu tenha levado todas para minha casa antes. Eu não discrimino.

Eu mal vejo o rosto da garota entre a fumaça. Tudo o que posso dizer com certeza: ela está usando macacão, do tipo folgado que você usaria para pintar uma casa.

Eu franzo a testa. Ela não deve morar por aqui.

— Oi? — Rachel diz incerta.

Não surpreendentemente, Nathan assume, se levantando da sua cadeira. — Como você entrou aqui? — Ele faz parecer que sua festa é apenas para convidados, quando na verdade a maior parte da Dalton Academy esteve entrando e saindo a noite toda.

— Eu... hum, a porta da frente estava aberta?

— Quero dizer no bairro. É *fechado*, — ele diz.

A garota dá um passo para trás, mais perto de mim, mas eu fico quieto, tão incerto quanto ela, tão incerto quanto todos os outros. Minhas pálpebras estão pesadas, e é preciso muito controle para não afundar na minha cadeira e terminar de fechá-las devagar.

— O portão estava aberto... alguém estava entrando e eu os segui, — explica ela. — Só estou tentando encontrar alguém. Sei que ele mora nesse bairro e achei que você poderia apontar a casa dele...

Nathan bufa e dois dos meus outros amigos começam a rir. — Deixe-me adivinhar... você quer ver Loren Hale.

— Sim, — ela diz suavemente.

Eu faço uma careta e viro minha cabeça para longe dela. *Foda-se ele*, eu penso. *Bastardo rico.* Engulo rancor e algo mais - porque, se

olhar em volta, vejo pinturas de mil dólares, um globo antigo que provavelmente custa uma fortuna; eu vejo os brincos de diamante da Rachel, o relógio Rolex do Henry - meus jeans de grife Balmain que propositalmente parecem gastos.

Somos todos podres de ricos.

Crianças ricas pra caralho. Foda-me.

Eu quero ficar sozinho agora.

Mas eu quero estar com pessoas.

Não sei o que quero.

— Então... — a garota diz. — Você pode me ajudar? — Eu tenho que forçar meus ouvidos para ouvir sua voz baixa.

Ajude-a. Tudo o que tenho a fazer é apontar para a casa literalmente na mesma rua. Eu sei qual é. Eu já estive perto dela *várias* vezes com meus amigos. Mas algo me mantém quieto. Algo me mantém de boca fechada e com o rosto vazio.

— Você é uma *stalker* esquisita? — Carly pergunta. Ela solta uma risada curta. — Tipo, você está levando uma mecha do seu cabelo para ele?

— Carly, — Rachel sussurra e acaba rindo com ela.

Os caras começam a rir de novo.

Todos olham para essa garota. Todos olham, e eu mantenho minha cabeça baixa. Eu gostaria de estar com meu moletom. Eu gostaria de poder bloquear todo mundo por um segundo.

As cartas escorregam das minhas mãos, e acabo me agachando para juntá-las, meus reflexos lentos igual de uma tartaruga por causa da maconha.

— Então você não pode me ajudar? — A garota pergunta uma última vez, parecendo mais humilde do que quando chegou - o que é difícil, considerando o quão tímida ela parece.

— Você é burra? — Nathan ri.

Meu rosto esquenta embaixo da mesa, pegando uma carta. Gostaria de saber se estivesse prestando atenção suficiente teria feito o mesmo comentário, da mesma maneira. Espero que não - mas também não sou uma boa pessoa.

Eu sou tão horrível quanto ele, e me pergunto se sou o único que sabe o quão cruel somos. Quão fodidos todos nós parecemos.

Se só eu consigo ver, devo ser duplamente amaldiçoado ou algo assim.

Ela está prestes a sair, mas Nathan acrescenta: — Você quer jogar strip poker para obter informações?

Olho em direção à garota. Seus lábios se abrem em hesitação, e ela parece pálida e suada. Eu mal consigo distinguir a cor do cabelo dela. Marrom claro, eu acho, com uma trança solta. Os óculos escuros de armação preta emolduram seu rosto pequeno, e ela apoia a maior parte do seu peso em um pé - uma postura nervosa e

levemente infantil que a maioria das garotas da alta sociedade que participam de bailes de debutante por aqui não possuem. Suas mães cagariam um tijolo se isso acontecesse.

E ela continua ansiosamente levando a mão ao seu ombro, como se estivesse tentando agarrar a alça de uma bolsa que não está lá. Jesus Cristo, ela parece realmente fora de lugar.

Quanto mais ela espera para falar, mais eu acho que ela está pensando em jogar strip poker conosco.

E ela seria a piada. Ela ficaria nua e Nathan nunca lhe daria a informação. Ninguém daria, ganhando o direito a isso ou não. Eles acham isso engraçado.

Recolho a última das cartas e me levanto, minha postura mais segura do que a dela, mas não pareço ter feito anos de balé como Rachel ou como se tivesse participado de bailes de debutante. Definitivamente, não sou o que meus pais queriam que eu fosse.

E digo em voz alta, para Nathan: — Não vou botar mais uma maldita pessoa na rodada, cara. Eu já comecei a jogar. — E eu começo. Agora mesmo. Parecendo um idiota enquanto eu faço isso.

Antes de Nathan protestar, a garota sai, se espremendo entre um cara bêbado que derrama cerveja nos ombros dela. É como assistir Bambi perder sua mãe ou algo assim. E não posso deixar de sentir que fomos nós que matamos a corça.

O que eu faço sobre isso? Termino de distribuir as cartas e entorpecidamente começo a próxima rodada.

~

Por volta das duas e meia da manhã, finalmente deixo a casa do Nathan. Pego minha bicicleta e *lentamente* (lentamente pra caralho) ando pela rua escura, iluminada apenas por lâmpadas e pelas poucas casas que residem aqui. Em vez de casas empilhadas juntas, cada mansão tem acres por si só, deixando o bairro praticamente estéril.

Passo de bicicleta pela grama e por algumas árvores.

Não muito abaixo, viro à direita na Cider Creek Pass. Eu moro no mesmo bairro fechado que Nathan Patrick. Como Loren Hale e as irmãs Calloway. Desde que eles se mudaram, os paparazzi acamparam do lado de fora dos portões, esperando que eles saíssem. É lamentável - da parte de quem, eu realmente não sei.

Tiro as mãos do guidão e apenas pedalo, tentando não pensar nessas pessoas.

Aí está.

Luzes iluminam o meu jardim da frente, com roseiras brancas delineando uma pedra cinza, uma mansão vitoriana fora do lugar. Como se fossemos algum tipo de realeza inglesa.

No momento em que vejo meus três irmãos mais velhos na escada de pedra da frente - sentados de maneira desajeitada e recostados no corrimão de ferro - penso em ir embora. Meu problema: não tenho mais para onde ir.

— Lá está ele. — Eu ouço a voz abafada do meu irmão mais velho, Davis. Ele se levanta primeiro, com a bola de futebol na mão. — Onde você esteve? — Ele me pergunta. Não é preocupação em seu rosto, mas sim aborrecimento.

Subo no quintal e lentamente desço da bicicleta, derrubando-a sem cuidado. — Sai, — eu digo, querendo subir os degraus e contorná-los para dentro de casa, mas eu ando um metro e meio antes que todos se juntem à minha frente no quintal, silenciosamente dizendo *você não vai a lugar nenhum.*

Temos todos dois anos de diferença um do outro. E de alguma forma, parecemos todos iguais: corte de cabelo curto, camisas de colarinho, calças cáqui e sapatos Sperry.

Davis tem 23 anos de idade, e está se esforçando para obter seu MBA e um cargo na empresa de tecnologia de um milhão de dólares do meu pai. A propósito, ele é péssimo com computadores. Não consegue nem ler um código - mas ele é carismático e “um dos caras", então tanto faz.

Hunter é o atleta de 21 anos com problemas de raiva que todo mundo culpa pela "testosterona reprimida" porque ele se recusa a foder ou se masturbar até o fim da temporada de lacrosse. Ele é um idiota - e digo isso com zero carinho fraternal. Ele destruiu isso quando eu era criança.

Mitchell é o garoto bonito de dezenove anos com menos charme do que Davis, mas com mais inteligência, então está fodido. Eu gostaria mais de Mitchell se ele não agisse como se Davis e Hunter andassem em carruagens de ouro.

E eu, Garrison Abbey, sou o degenerado de dezessete anos que mata as aulas com mais frequência do que vai, e ainda precisa encontrar um significado em estar *aqui* - na vida. Se eu não seguir os passos deles, não vejo mais nada que possa fazer direito, mas não consigo segui-los e aguentar isso.

— Cara, — Mitchell começa. — Mamãe queria que este fosse um jantar em *família*. — As férias de verão da faculdade terminaram hoje, então eles precisam voltar para a Universidade da Pensilvânia.

— Desculpa, — eu digo secamente, coçando a parte de trás da minha cabeça com falso arrependimento. — Acho que perdi a parte em que partimos o pão, de mãos dadas e cantamos aleluia - talvez da

próxima vez. — Tento dar um passo à frente e Hunter coloca a mão no meu peito para me parar. Dou um tapa e recuo imediatamente, meu estômago dando um nó. — Não me toque, cara.

— Então não faça mamãe chorar, imbecil.

Olho o céu noturno por um segundo e sinto meus olhos revirarem. Eu também sinto Hunter soltar uma respiração agitada e tentar se aproximar de mim, mas eu recuo novamente, prestes a ir para a minha bicicleta.

— Ei. — Davis agarra meu ombro e me gira, seus dedos cravando em mim. Ele levanta a bola perto da minha cabeça como se fosse sugerir um jogo rápido. Em vez disso, ele funga, e eu me viro e tento me afastar dele, meus cabelos despenteados caindo sobre os meus olhos.

Ele me agarra com mais força.

— Você cheira a maconha. — Seu aborrecimento só cresce, provavelmente pensando o quanto eu estou incomodando nossos pais. Eu não sou fácil como meus irmãos. Eu não sei como ser e ainda ter a porra de uma *alma.*

— Sério? — Eu finjo surpresa. Minha única defesa real é o sarcasmo seco. — Eu pensei que cheirava como a buceta da sua nam...

Davis dá um tapa na parte de trás da minha cabeça e eu quase caio para a frente. E então ele empurra a bola no meu peito. — Como se você soubesse como é o cheiro de uma buceta. — Ele mexe no meu cabelo com uma mão áspera e irritada.

Eles me tratam como uma criança. Como um irmãozinho. Entendi. Sou um, mas quando me levanto e encaro Davis, Hunter e Mitchell, me sinto mais como um brinquedo com o qual brincam, um que constantemente quebram.

Eu aperto a bola. — Vocês não ficaram acordados só para jogar futebol comigo.

— Claro que sim, — diz Mitchell com um encolher de ombros e olha para Davis e Hunter para confirmação. Nenhum diz uma palavra de acordo. Seus olhares me perfuram.

Eu não quero estar aqui, então largo a bola e me viro novamente e vou pegar minha bicicleta que está de lado no quintal. Hunter me persegue, e eu mal coloco minha bicicleta em pé antes que ele me empurre.

Largo o guidão e cambaleio para trás. — Que porra é essa? — Eu bufo, meu pulso acelerando.

— Estamos jogando futebol. Você não pode estar aqui para jantar - não pode fazer *uma* coisa pela mamãe, então fará isso por nós. — E ele acrescenta (como Hunter sempre faz), — Seu chupador de pau filho da puta. — É seu insulto de sempre, um que eu sei que peguei e

usei antes - e odeio o que tenho usado. Porque é brega pra caramba, entre outras coisas.

Cerro os dentes e inspiro uma vez antes de dar de ombros rigidamente.

Davis *joga* a bola na minha cara. Ela bate na minha bochecha antes que eu possa bloqueá-la. A dor aumenta, mas eu a sufoco pegando a bola da grama. No minuto em que me endireito, Hunter me ataca com todo o seu peso. Ele é cinco centímetros mais alto, vinte quilos mais pesado, e o ar imediatamente escapa dos meus pulmões.

Eu engasgo e tento afastá-lo, mas Hunter agarra meu cabelo e sussurra em meu ouvido. — Você se acha fodão? Levanta, seu viadinho. — Ele dá dois tapas no meu rosto e ri, como se fosse engraçado.

Quando ele se afasta de mim com a bola na mão, eu lentamente me viro para a grama, ajoelhando-me antes de me levantar, minha respiração falhando.

É assim que os irmãos são, minha mãe sempre diz. *Eles provocam o mais novo. Você só precisa ser menos sensível, Garrison.*

Eu limpo o meu nariz com as costas da mão e percebo que está sangrando. Hunter está a poucos metros de mim, e estou surpreso que ele não jogue a bola nos meus olhos.

— O que? Você vai chorar? — Ele ri.

Reviro os olhos e apenas balanço a cabeça. Acho que esse é o jeito dele de me fazer pagar por qualquer dano emocional que causei à mamãe hoje, ontem - sempre que me tornei mais incômodo do que todos eles.

E eu gostaria de pensar que se eu aparecesse para o jantar, ainda não estaríamos "jogando futebol" assim. Mas eles teriam encontrado algum outro motivo para fazer isso. Eles sempre encontram.

— Me ataque, — incita Hunter, com os braços estendidos. — Vamos lá, viadinho, vamos ver do que você é feito.

Eu estreito meu olhar, meus olhos aquecidos, meu nariz em chamas, e eu apenas penso, *eu te odeio. Eu realmente te odeio.*

Davis solta uma risada curta. *Eu também te odeio.*

Então Mitchell. *Vai se fuder, Mitchell. Cresça um pouco e afaste-se deles.*

Eu já cresci? Eu tenho cabeça? Eu pisco lentamente, me perguntando se ainda estou chapado.

— O que você é, burro? — O sorriso de Hunter desaparece, irritado, nervoso. É um rosnado feio que vi a vida toda. Lembro-me de um momento como se fosse ontem. Meus pais pediram pizza para o jantar, e Hunter falou que a última fatia era dele. Ele tinha dezessete anos e meu eu de treze anos não fazia idéia.

Eu comi sua fatia.

E então ele me jogou no chão, tentando forçar meu dedo na minha garganta para que eu vomitasse. Depois que o joelho dele ficou nas minhas costelas por muito tempo, eu voluntariamente enfiei meu dedo e vomitei a última fatia. Ele não queria comer. Ele só queria me negar a única fatia que deveria ter sido dele. Porque ele falou que era sua.

Irmãos, certo?

Malditos irmãos.

Hunter rosna baixinho. — Vamos lá! — Eu aprendi há um ano a parar de ceder em seus jogos. Eu os evitava ou simplesmente *não* jogava o que quer que seja que eles queriam jogar.

Nem sempre melhora as coisas, mas me faz sentir como se eu estivesse defendendo alguma coisa. Davis olha para mim como se eu fosse um punk rebelde.

— É só futebol, — ele me lembra.

— Legal, vocês jogam, — digo a eles, indo para a minha bicicleta *novamente.* — Estou sem... — Hunter me ataca, luta comigo em *cima* da minha bicicleta, o metal cavando meus rins. Eu faço uma careta e me debato debaixo dele, xingando e tentando jogá-lo para o lado.

Ele coloca seu peso em mim, seu insulto habitual ecoando nos meus ouvidos. Ele bate no meu rosto algumas vezes, os golpes mais fortes, e então eu encontro forças para empurrá-lo e rolar para baixo dele. Eu tusso uma vez, cavando meus pés na grama, e então me levanto o suficiente para pegar minha mochila e correr.

— Garrison! — Davis grita. — Estamos apenas brincando!

Vai se fuder.

Corro mais rápido, quase tropeçando quando chego ao asfalto, e olho para trás uma vez para ver se eles estão seguindo, mas todos os meus três irmãos ficam para trás no quintal. Eu ganho velocidade em direção à rua principal, perto de Cider Creek Pass.

Então eu desacelero, meu pulso nunca diminuindo comigo.

Esfrego as mãos pelos cabelos. — Que merda, — eu sussurro, ouvindo o som da minha voz trêmula. *Você vai chorar?* Então eu esfrego minha bochecha latejante, a umidade aparente. — Merda estúpida, — murmuro baixinho e depois procuro na minha mochila.

Pego um cigarro e um isqueiro, colocando a ponta na boca. Eu trago profundamente, e então olho para cima e percebo o quão longe eu corri e depois andei.

Estou na casa de Loren Hale. É uma mansão, não tão ostensiva quanto a da minha família. As luzes estão apagadas e a entrada de automóveis está vazia. Ando de um lado para o outro perto da caixa de correio, fumando um cigarro.

Não sei por que fico aqui. Meus amigos e eu - fizemos merda na casa deles desde que eles se mudaram para este bairro, e a princípio ficamos curiosos. *Quem diabos são essas pessoas?* todos nós pensamos.

Eles não são famosos porque fizeram algo revolucionário ou porque atuaram, cantaram e entraram no coração das pessoas.

Eles são famosos porque a noiva de Loren é viciada em sexo. A herdeira de Fizzle - um império de refrigerantes - chupou muito pau.

Sabe, eu o *conheci* - Loren.

Ele me pegou depois que eu atirei bolas de tinta nas janelas de sua casa e meus amigos - eles me deixaram lá, correndo com suas próprias armas de paintball, pensando que ele me entregaria para a polícia. Sendo leal, eu não os teria dedurado.

Mas naquela noite, Loren Hale me deixou ir.

Eu não entendo.

Não entendo por que ele não me entregou. Ele parece um idiota. Ele está sempre olhando com raiva nas fotografias dos tabloides, não mais que seu meio-irmão, mas mesmo assim. Ele parece um idiota e me deixou ir.

Não sei por que faço isso agora, mas abro minha mochila e pego uma lata de tinta spray metálica. Com meu coração batendo na caixa torácica, dizendo violentamente *não* a cada batida, borrifo o lado da caixa de correio. Meu nariz queima, sabendo que é ruim.

Sabendo que eu deveria parar.

Mas eu não paro.

A tinta molha meus dedos enquanto eu aperto o spray com mais força, e de um lado escrevo a palavra *Chupador* e, do outro, escrevo *De Pau*.

Talvez eu só devesse ter escrito *me ajuda*.

6 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
17 anos

Superheroes & Scones está lotada.

Debruçado em uma cabine de vinil vermelho, eu ouço Nathan falar sobre as razões pelas quais ele não suporta este lugar - como parece que o Capitão América cagou nas paredes, um esquema de vermelho, azul e cinza. É uma queixa idiota. Estamos em uma loja de quadrinhos, pelo amor de Deus.

Tomo um gole de uma garrafa embrulhada firmemente em uma sacola marrom. *Merda.* Vodka afiada desliza pela minha garganta, barata e provavelmente uma prima do álcool puro.

É o melhor que pude roubar do armário de bebidas. Meus pais só estocam vodca de merda, e eles notariam se eu levasse seus caros uísques e bourbons.

— Ei. — Nathan acena uma mão no meu rosto, sentado ao meu lado. — Você está aqui?

Eu o afasto e tomo outro gole, encostando na janela. Nossos amigos John e Kyle, estão sentados no lado oposto. Seus rostos começam a embaçar, o que significa que hoje é melhor que ontem.

Estou prestes a colocar a garrafa de volta nos lábios quando um nariz repentinamente se pressiona contra a janela e meninas *gritam* pra caralho lá fora.

— Cristo, — eu amaldiçoo antes de seguir seus olhares através da loja. Todos aqui parecem congelar, gibis meio abertos, mas olhos em outro lugar. Com suas expressões de queixo caído e olhos arregalados, você pensaria que uma estrela de cinema da lista VIP acabou de aparecer.

Não estou surpreso com o que vejo.

Loren Hale e seu meio-irmão, Ryke Meadows, acabaram de entrar no depósito principal pela *única* porta *dos funcionários*. Nathan, John e Kyle propositadamente aumentam suas vozes e mexem nos pacotes de açúcar, rasgando-os e derramando grânulos brancos por toda a mesa.

Não consigo focar meu olhar o suficiente para distinguir os traços de Loren e Ryke. Mas eu já li descrições suficientes no Tumblr de garotas *obcecadas* (e provavelmente caras, para ser honesto) para ter seus rostos para sempre impressos na minha cabeça.

Loren Hale é todo afiado, sua mandíbula como gelo e seus olhos cor de âmbar cortantes e assustadores. Ele vai te matar com eles. Ele usa muitos

Vans vermelhos e camisas com decote em V. Ele é tão legal. Seu cabelo é mais curto nas laterais e mais longo no topo (caras, aprendam!)

Que tal: não.

Ryke Meadows é todo severo, sua mandíbula com barba por fazer como pedra e seus olhos castanhos se estreitam e são tão medonhos. Ele é um animal. Cuidado. Eu não ficaria surpresa se ele fosse um lobisomem em outra vida.

Garotas do Tumblr são tão estranhas.

E sim, eu li tudo isso no meu tempo livre. A cultura da Internet é mais divertida do que a vida real. Como agora, eu imediatamente viro minha cabeça para longe de Loren. Por causa do que está em seus braços.

Um bebê - o bebê *dele*. A coisa não pode ter mais de dois meses e ele está chorando histericamente com todo o barulho e atenção.

Olho para trás, apenas uma vez, e vejo Lily Calloway tirando o filho dos braços de Loren. Mas ele está muito ocupado para realmente perceber. Ele está olhando furioso para Nathan, para *mim* e meus amigos, a mesa cheia de pacotes de açúcar, suas vozes causando mais estragos.

Seus olhos cor de âmbar cortantes.

Ele vai te matar com eles.

Parte de mim quer olhar da mesma maneira de volta - provar que ele não está me matando com nada. Mas meu pescoço fica quente, meu estômago inquieto, e me concentro na minha vodka.

Outro gole, penso antes de tomar um.

Eu nem me lembro da última pegadinha que fizemos na casa de Loren. Fizemos muitas, até mesmo no mês passado. Até mesmo quando eles tinham um maldito recém-nascido lá - *pare.*

Beba.

Eu bebo.

Não muito tempo depois, sinto Nathan se aproximar do meu lado. Loren senta na minha extremidade da cabine enquanto seu irmão se aperta na outra.

Tumblr está certo, eu penso. Apesar de os dois irmãos terem músculos magros, corpo de corredores, Ryke Meadows age como um bruto agressivo, os cotovelos na mesa, a mão forte que pode literalmente nos arrancar daqui se Loren Hale falar para ele.

Sempre parece que Loren dá as ordens, no entanto. Ele é o falador - seus traços assassinos e frios.

— Olá, — Loren diz com seu meio sorriso irritado. É icônico, seu sorriso seco que diz *você é um pedaço de merda e você sabe disso*. Eu não consigo nem replicar. Eu acho que ninguém consegue.

Eu seguro seu olhar desta vez. E tomo o maior gole da minha garrafa enrolada em papel. *Não tenho medo de você,* quero responder. Eu quero que ele sinta isso.

Eu não tenho medo de você.

Ele inclina a cabeça um pouco, imperturbável por mim. Seus olhos âmbar estão cheios de memórias, lembranças que contêm tudo o que eu fiz. Quanto mais eu olho, mais vejo as bolas de tinta que atiro, explodindo contra a janela - pânico e gritaria do lado de dentro, da sua futura esposa.

Algumas pessoas dizem que se você mexe com a namorada de Loren Hale, você está na sua "metafórica" lista de alvos para sempre. Que ele tem meios e maneiras de te matar, de tornar sua vida não digna de ser vivida.

Que pena para ele.

Porque eu já estou lá.

Ele não pode me matar. Ele não pode me tocar.

Perco uma parte da conversa, apenas ouvindo a parte em que Loren diz: — Eu não vou te dar uma palestra.

Inclino-me para a frente, sem enrolar. — Você não pode nos expulsar. Temos o direito de estar aqui como todo mundo. — Eu assisto seus olhos estreitos passando por cima das minhas feições. Ele me reconhece daquela noite - a noite em que ele me agarrou e me deixou ir.

Ele me deixou ir. Quem pensaria em fazer esse tipo de coisa? Quem não entregaria alguém como eu?

John acrescenta: — Sim, é nosso direito da primeira emenda estar aqui.

Ryke Meadows revira os olhos. — Todos vocês cheiram a vodka barata, porra.

— Desculpa, — eu respondo, inclinando-me para trás com um olhar. — Vamos comprar coisas melhores da próxima vez.

— Não é isso que eu… — Ryke solta um rosnado frustrado, e acho que estou tentado a provocar esse "animal" e vê-lo atacar. Então eu faço um gesto grosseiro com a mão e a língua, o gesto vulgar conhecido por o irritar. Menos quando se dirige a ele. Mais quando é direcionado a uma garota.

Então, eu não estou realmente surpreso quando ele não se lança para mim. Ele apenas respira pelo nariz e olha para o irmão mais novo para ele lidar conosco.

Loren descansa os braços na mesa, olhando para cada um de nós com menos ameaça nos olhos. — Qual é, — diz ele, — vocês parecem não ter mais de dezessete anos. — Ele gesticula para mim. — Beber sendo menor de idade é ilegal, então vocês não estão em uma posição de poder aqui.

Eu olho para a mesa. *Não brinca.* Eu nunca estive em uma posição de poder antes. Nem *uma vez* na minha vida.

— Qual é o seu nome? — Loren me pergunta.

— Vai se fuder, — eu respondo, e troco meus dedos em forma de V para o dedo médio. Flashes disparam pela janela perto da minha cabeça, causando luz branca a piscar na minha visão. Gostaria de saber se estarei em um tablóide como o *Celebrity Crush* amanhã.

Provavelmente.

Eles vão me chamar de "delinquente sem nome" - previsível.

— Como foi aquele banho de bourbon? — Kyle ri. Ele bate na mão de Nathan do outro lado da mesa, e me lembro de uma brincadeira recente. Foi ideia de John. Enchemos um balde com o licor de sua família - coisas que eu preferiria beber. Seus pais congelaram sua conta bancária por invadir o gabinete, para que isso não aconteça novamente tão cedo.

Quando colocamos o licor no balde, amarramos na porta da frente de Loren.

Nós ouvimos dizer que ele *e* Ryke foram atingidos. “Dois pelo preço por um,” Nathan havia dito.

É uma merda fodida. Porque ambos estão sóbrios, e Loren Hale é conhecido por seu período na reabilitação e dificuldades em se recuperar do vício em álcool.

Ryke dá um olhar assassino para John. — Você acha isso engraçado?

— Ryke, — Loren diz e balança a cabeça como se dissesse *fique calmo.*

E eu murmuro, — Mariquinha. — Eu acho que é mais fácil afastá-lo. Ele fica pensando que vai mudar as coisas, mas não pode.

Nathan ri. — Boa, Garrison.

Eu quase engasgo com a bebida. — Cara. — Eu ofego e cutuco seu lado com força. Meu capuz cai da minha cabeça.

Eles não sabem nossos nomes, mas agora eles sabem o *meu*. Levanto os olhos e Loren Hale está olhando diretamente para mim, com os olhos cheios de simpatia - eu não entendo.

Eu *fodi* com ele por meses.

Me odeie, eu penso. *Porra, me odeie.*

— O que você está olhando? — Eu praticamente cuspo. *Me ajude*.

— Você, — Loren diz com veneno.

Me sinto doente, meu pescoço pegando fogo agora, e abaixo meu olhar para a mesa.

— Aqui está o que vai acontecer, — começa Loren. — Vocês têm duas opções. — Ficamos quietos, esperando que ele dissesse *Cadeia. Cadeia. Cadeia.*

— Vocês podem parar com as brincadeiras, — continua ele, — nunca mais voltar à nossa casa. Se vocês estão tão entediados assim, não me importo em contratar alguns de vocês para trabalhar aqui. Se vocês não querem um emprego, eu entendo. Vocês podem ter desconto em quadrinhos, se é isso que vocês gostam.

O que?

Eu olho para frente atordoado pra caralho. Quem é esse cara?

Ryke diz: — E eu estaria disposto a ensinar todos vocês a escalar na academia. Mas vocês não podem beber.

— Parece muito divertido, — diz Nathan com um olhar dramático, sarcasmo de nível A.

Rasgo uma ponta do saco de papel. — E a segunda opção? — Pergunto. *Cadeia.*

— Vocês vandalizam nossa casa novamente ou perturbam nossas garotas, e nós vamos prestar queixas, — ameaça Loren. *Aí está.* — No minuto em que nós virmos o maldito dedo mindinho de vocês no nosso gramado, eu vou ligar para a polícia. Aceite a opinião de alguém que já esteve na cadeia: você não quer estar lá. Mesmo por algumas horas.

Eu solto uma risada curta. — Quando *você* esteve na cadeia? — O cara cresceu como um rico garoto filhinho de papai como o resto de nós. Seu pai poderia tê-lo socorrido antes mesmo que os policiais colocassem as algemas.

Ele captura meu olhar. — Eu cobri a porta de um babaca com sangue de porco. — Sua voz é afiada e arrepiante.

Meu rosto começa a cair.

— Não acredito. — Nathan fica boquiaberto.

Eu me endireito no meu lugar. — É? — Eu pergunto, mais curioso. — Onde está esse babaca agora? — *O que ele fez com você?* Eu realmente quero perguntar.

Loren balança a cabeça e dá de ombros. — Eu não sei. Essa merda foi há muito tempo, cara. — Sua voz tenta suavizar, mas seu tom me corta de dentro para fora. — Você vai deixar a escola preparatória e só vai levar seus erros com você. — Ele olha para a minha garrafa. — Vocês podem ficar aqui se entregarem isso e não causarem nenhuma comoção. Caso contrário, vocês têm que ir.

— Nós vamos embora, — diz John antes que eu possa decidir. Ele acena para mim. — Vamos comprar aquele pacote de cerveja e ir para o playground da escola primária.

Acho que não posso mais beber sem vomitar. Não porque cheguei ao meu limite - sinto como se tivesse digerido algo que não combina bem com vodka ou cerveja.

Mas não quero ficar sozinho agora.

Então eu me levanto com todos os meus amigos. Quando eu chego perto de Loren para sair, olho para ele. Estou em conflito para caralho sobre tudo - sobre quem é esse cara. Sobre o que ele acabou de oferecer. *Pegue.*

E então eu irei perder *todos os* meus amigos. Eles nunca vão recuar. Eles têm uma brincadeira estúpida, que envolve máscaras de

gárgula. Eles não vão parar em favor de ganhar quadrinhos gratuitos ou uma aula de escalada.

Eu não quero ficar sozinho.

Mas também não quero ficar aqui.

Que fuga eu realmente tenho?

Eu penso a curto prazo, e empurro a garrafa nas mãos de Loren. — Aqui, você não vai ser um mariquinha se você beber. — Se eu o afastar, ele tomará minha decisão por mim. Ele vai retirar sua oferta.

Ele não se encolhe. Nem parece levemente irritado. Ele apenas diz: — Se é isso que você pensa. — Ele joga a garrafa no lixo próximo.

Fico atordoado por um segundo. Tomei minha primeira cerveja com doze anos. *Você é um homem agora, garoto*, Davis me disse e esfregou minha cabeça. Meu pai riu.

Nesse momento, Loren Hale parece e age mais como um homem do que eu, e eu estava segurando uma maldita garrafa de vodka. Eu não tenho a menor ideia do que está rolando dentro de mim.

Eu não posso mais olhar para ele. Esfregando a boca com uma mão trêmula, puxo o capuz para cima e a porta faz um barulho quando a empurro, alcançando Nathan.

Quando olho para a vitrine da loja, vejo aquela garota - aquela com a trança e o macacão gasto. Eu a vejo se levantar e se aproximar de Loren Hale.

Eu aceno para mim mesmo. *Bom para ela.* Ela finalmente o encontrou. E ela não precisou da minha ajuda para fazer isso.

7 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW MOORE
17 anos

— Loren? — Pergunto com uma voz suave e tímida. Eu me desvio de Ryke Meadows.

Os dois irmãos são tão altos que preciso inclinar a cabeça para trás e olhar para *cima.* Talvez se eles fossem mais baixos, eu não ficaria nervosa. Talvez se não fossem famosos. Talvez se eu não soubesse mais sobre eles do que eles sabem sobre mim. Talvez se não fossem o foco atual de todas as adolescentes da Superheroes & Scones.

Se tudo isso mudasse, talvez fosse mais fácil.

Meu coração bate mais forte e mais rápido - seus olhares repentinamente se concentraram em mim. Olhando para baixo enquanto eu olho para cima. Eu realmente não posso desvendar suas expressões. Ryke fica rígido e imóvel enquanto Loren balança a cabeça um pouco, seus olhos passando sobre o meu corpo estranho.

Eu realmente me sinto com dezessete anos. Eu realmente me sinto como a *irmãzinha* do Loren.

Por favor, deixe-o acreditar também. Cheguei até aqui - cheguei a ele. Demorou quase um mês para vasculhar a Filadélfia em busca de Loren Hale, e o mais próximo que cheguei antes de hoje foi em uma festa em uma casa que resultou em uma camisa manchada de cerveja e mortificação.

Levei cinco minutos para sair do meu carro e entrar naquela casa, minha primeira festa da escola, lembre-se.

Eu me sentia fora do meu elemento. Eu nunca soube onde ficar, para onde fugir e, mesmo assim, bati em quatro ou cinco cotovelos e ombros. Saí com o estômago retorcido como um pretzel. E solidificou o que eu sempre soube: *Willow Moore não vai às festas do ensino médio.* Eu simplesmente não fui feita para sobreviver a elas.

Voltando para o dia hoje: minha conta bancária está chegando a apenas cinquenta dólares, quase o suficiente para mais uma noite em um motel da Filadélfia. Eu já passei cinco noites no meu carro para economizar dinheiro, e minha última esperança estava na Superheroes & Scones. A qual provou ser a estratégia vencedora, mesmo que eu sempre pensasse que era um tiro no escuro.

Mas eu o achei.

Loren Hale está bem na minha frente.

Agora, a parte mais difícil. Abro a boca e ajusto a alça da minha mochila no ombro com a palma da mão suada. — Oi, — eu digo. Eu lambo meus lábios repetidamente. *Oi* - isso é realmente tudo o que você tem, Willow?

Eu tinha mais coisas planejadas, eu acho. Eu só… eu estou olhando para meu irmão. Essa é a segunda vez que o vejo e começo a ver uma semelhança maior entre nós.

Temos o mesmo cabelo castanho claro. Eu inconscientemente toco meu nariz.

Temos o mesmo nariz esbelto...

A voz áspera, mas sincera, de Ryke interrompe minha concentração. — Você quer um autógrafo, ou uma foto ou algo assim?

Eu tento encontrar sua expressão, mas ele levanta as sobrancelhas para mim como se dissesse *nós podemos conseguir qualquer coisa para você*. Ai meu Deus. Eu imediatamente desvio o olhar e empurro meus óculos para cima. — Não... obrigada. — Eu tusso um pouco para esconder meu nervoso, mas talvez isso apenas torne as coisas piores.

Estou acostumada a ver Ryke em vídeos, gritando e jogando palavrões em direção aos paparazzi, tentando bloquear as câmeras do caminho de seu irmão e namorada.

Vê-lo agora - com uma mandíbula com a barba por fazer, sobrancelhas franzidas, olhos pensativos e energia masculina avassaladora - é como encontrar um deus desleixado pessoalmente.

Estou surpresa por ainda não ter ardido em chamas.

Ryke se vira para Loren, provavelmente se perguntando o que fazer com uma fã louca e estranha como eu.

Diga, Willow. Diga a ele que você é irmã dele. Por que isso é tão difícil? Eu respiro fundo, preparada para deixar essa verdade sair e desesperadamente esperando que Loren Hale acredite.

Encontro seus olhos âmbar, nossos olhares travados por um momento forte e tenso. E eu digo: — Eu sou...

— Minha irmã, — ele termina.

Os cabelos se erguem na parte de trás do meu pescoço, um calafrio percorre minha espinha e braços. Meus olhos ardem enquanto as lágrimas tentam sair.

Loren mal se encolhe. — Willow, certo?

Minha boca continua caindo. Todo esse tempo, eu pensei que ele estava me olhando como se perguntasse *quem é essa garota?* Mas ele está realmente olhando para mim, incrédulo, como se dissesse *minha meia-irmã, bem aqui*. Ele está tentando me comparar com a garota do ensino médio que ele conheceu, há tanto tempo. Em Caribou, Maine.

— Você... lembra de mim? — É tudo o que consigo dizer.

— Sim. — Seus lábios se levantam, e meu coração se aquece. — O dia em que conheci minha mãe biológica é um que realmente não consigo esquecer.

— Ah… — Aquela foi a primeira vez que ele conheceu minha mãe? Quero dizer, *nossa* mãe. Meus olhos caem por um segundo. Ela realmente o abandonou então...

Dou uma rápida olhada em Ryke. Seus lábios estão abertos de surpresa, os olhos um pouco arregalados quando eles vão de mim para Loren e de volta para mim. Gostaria de saber se ele sabia alguma coisa sobre mim. Se ele sabia que eu existia, ou se Loren apenas guardou para si. Porque minha mãe disse para ele deixar Ellie e eu em paz.

— Você quer conversar tomando café? — Loren pergunta. Levanto minha cabeça para ele, o calafrio nunca desaparecendo. *Café.* — Talvez na sala de descanso?

Eu aceno com a cabeça repetidamente, e as lágrimas continuam surgindo. Eu solto outra respiração, meus ombros tensos relaxando.

Ele quer conversar. Ele não vai me expulsar. Ele não vai me dizer para *cair fora, garota.* Sinto que estou alcançando alguém que não está apenas apertando minha mão, mas me puxando para mais perto, para não cair para trás sozinha.

Pela primeira vez desde que saí de casa, me sinto segura.

~

Estou na sala de descanso da Superheroes & Scones.

Não acredito que *estou* aqui - e sim, estou tremendo um pouco. Meus braços tremem e minhas pernas estão coladas juntas. Eu me pergunto a causa disso foi o café que Loren me deu, a única coisa que eu consumi hoje. Ou talvez seja nervosismo - estar na presença de uma pessoa famosa por mais de um minuto. Ou por ser relacionado a *esse* ser humano.

Eu seguro a caneca de café, com medo de beber mais e ter um ataque de pânico aos pés de Loren Hale. *Por favor, não faça isso, Willow.*

Ele se senta ao meu lado no sofá azul brilhante. A sala de descanso é bastante típica: um micro-ondas, uma pequena cozinha, mesas e cadeiras, algumas prateleiras com histórias em quadrinhos e um banheiro individual.

Lily, seu filho, seu guarda-costas e Ryke desapareceram no andar de cima para - bem, eu não sei exatamente o que tem lá em cima. O ponto é: estamos basicamente sozinhos, exceto por alguns funcionários comendo sanduíches em uma mesa dos fundos, sentados sob um pôster do *Homem de Ferro*.

Acho que podemos falar livremente, mas se Loren for cauteloso, seguirei sua liderança e serei cautelosa também.

— Eu… — Começo, mas percebo que não tenho certeza de por onde começar.

A confiança de Loren irradia e praticamente diminui a pouca que tenho neste momento. Ele mantém um braço na parte de trás do sofá, seu corpo virado na minha direção. — Como você descobriu sobre mim? — Ele pergunta, achando um lugar para começar.

Agora eu tenho que descobrir como explicar tudo. Coloco um pedaço de cabelo atrás da orelha, tendo problemas para encarar seu olhar. — Meus pais se divorciaram há cerca de um ano.

— Sinto muito. — Ele soa um pouco zangado, não realmente comigo, mas talvez esse seja o tom de voz normal dele? Tudo parece sair duro, mas nem sempre combina com sua expressão.

Acho que se olhasse para ele, teria uma melhor interpretação desse momento. *Willow Moore, aquela merdinha, não conseguia nem olhar o próprio irmão nos olhos* - definitivamente será meu elogio fúnebre.

Dou de ombros e levanto meus óculos que escorrem pelo meu nariz. — Ellie fez seu sexto aniversário há cerca de um mês e foi a primeira vez que meus pais estavam juntos desde o divórcio.

A briga começa a me inundar: os balões espalhados pelo chão de linóleo, a maneira como meu pai passou por mim friamente e nunca olhou para trás, o bolo meio comido e minha mãe segurando o balcão. Meu peito aperta e meus olhos ardem novamente.

— Eu os ouvi brigando na cozinha, — eu quase sussurro, — sobre como minha mãe teve um filho, e ela... abandonou você. — Eu agarro minha caneca com mais força e finalmente olho para cima.

Ele coça o pescoço, parecendo um pouco mais desconfortável do que ele estava antes. — Eu tinha meu pai, então estava tudo bem. — Sua garganta balança.

Gostaria de saber se Jonathan Hale é legal. Apenas com base em rumores de tabloides, eu diria que *não.* (Eles são tão horríveis que eu realmente odeio repeti-los.) Independentemente disso, tudo o que tenho a dizer é que ele dormiu com uma garota menor de idade - minha mãe, *nossa* mãe - e a engravidou.

Ele não parece tão incrível, mas se ele criou alguém tão legal quanto Loren Hale, então talvez ele não seja totalmente ruim.

Quando ele engole, pergunta: — Você a confrontou sobre isso? — *Eu confrontei minha mãe por ela ter abandonado você?*

Eu apenas lembro da minha mãe dando as costas para mim, tentando enterrar isso. Eu a vejo nunca indo atrás de mim até o andar de cima. Nunca indo atrás de mim até lá fora. Eu a vejo sob uma nova luz horrível que não posso esquecer. Isso dói…

— Sim, — eu digo baixinho, — bem naquele momento. Eu perguntei a ela sobre isso, e foi preciso alguns gritos para ela realmente me dizer a verdade.

Minha voz quase falha com a última palavra. Eu limpo meus olhos debaixo dos meus óculos, esperando que essas lágrimas não transbordem.

Ele se aproxima de mim, mais ou menos como se quisesse me confortar, mas ainda quisesse me dar espaço pessoal. Eu não sou uma pessoa sensível. Minha mãe nunca foi assim, e eu me pergunto - agora me pergunto se foi por causa do que aconteceu quando ela tinha dezesseis anos. Sendo meio que abusada por Jonathan Hale... quero dizer, ela não falou que disse *não* a ele. Então eu tenho que assumir que foi consensual.

Mas é consentimento se ela era menor de idade? E o resultado deste evento… está bem na minha frente.

Meu estômago dá um nó, o café não está se adaptando bem com esses pensamentos.

Então Loren diz: — Sinto muito que você tenha descoberto assim.

Meus olhos *ardem* agora, lágrimas brotando quando percebo com força total o quanto minha mãe o impediu de me ver. Loren queria que eu soubesse sobre ele.

— Eu fugi, — digo de repente, minha voz falhando e lágrimas vazando junto com as palavras. Estou chorando na frente de uma das pessoas mais famosas do mundo e nem me importo mais. Eu a odeio e me ressinto mais do que algum dia já quis, e tudo *dói*.

— Você o quê? — Sua boca cai um pouco, e a preocupação aparece em sua voz.

— Eu só... eu estava tão brava. — Minha respiração falha entre as lágrimas. — Eu disse à minha mãe que iria te encontrar, e que ela não podia me parar. Então... entrei no meu carro e dirigi para a Filadélfia.

Ele aperta a ponta do nariz, fechando os olhos. — Você está aqui há um mês inteiro? Emily sabe...

— Ela sabe.

Sua reação me faz sentir que cometi um erro - e está rasgando um buraco em mim. Com minha caneca entre os joelhos, cubro o rosto com as mãos, agora envergonhada e com o coração partido novamente e cheia de emoções conflitantes que me cortam.

Ele se levanta e eu não tenho coragem de vê-lo andar pela sala de descanso. Eu continuo falando - tentando explicar e justificar por que estou aqui.

— Ela está esperando que eu fique sem dinheiro, — eu esclareço. — Ela não tem dias de férias para sair do trabalho, então ela não pode vir me buscar. — Eu pareço a vilã. Minha mãe trabalhadora é deixada em casa enquanto eu estou perseguindo um irmão há muito perdido, deixando-a preocupada.

Se ela se preocupasse tanto, ela teria ligado. Uma lágrima quente escorre pela minha bochecha.

Loren cai de volta no sofá com uma caixa de lenços de papel. Foi isso que ele foi procurar? — Quanto dinheiro você tem? — Ele me entrega a caixa.

Eu pego um lenço de papel. — Eu não vou voltar. — Isso me atinge agora. Eu não quero voltar para casa. Meu pai não consegue me olhar nos olhos. Acho que depois disso, minha mãe também terá dificuldades com isso.

— Willow, — Loren diz com força, — *quanto dinheiro?*

Ele está preocupado. Meu estômago está quase coalhado. — O suficiente para mais algumas noites no motel, — eu minto.

Seu nariz queima, aborrecido. — Vou pagar por um hotel hoje à noite e amanhã, e posso conseguir uma passagem de avião para o Maine.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Não, *não*, — eu choro. — Por favor, não me faça voltar. Acabei de conhecê-lo e... — Soluço e tiro meus óculos, limpando as lentes embaçadas com minha camisa listrada azul e verde que espreita do meu macacão.

Eu nunca me senti mais sozinha ou perdida, e se eu for para casa, esses sentimentos apenas se intensificarão. Eu posso *ver* isso - tudo isso. Uma pressão insuportável se instala no meu peito com essa proposta de futuro que pode se tornar real.

— Você não está no ensino médio? — Ele pergunta.

Não falo, com medo de que, se eu disser que *sim*, ele pegue seu computador e me reserve o próximo voo para o Maine.

Ele está mais inacessível para mim do que antes. Ele balança a cabeça algumas vezes. — Sua mãe provavelmente está louca com isso, — ele diz para mim.

— *Nossa* mãe, — eu digo, lembrando a ele do por que estou aqui para começo de conversa. Eu coloco meus óculos de volta.

Ele está me examinando um pouco mais, seus olhos passando rapidamente pelas minhas feições.

Eu limpo debaixo do meu nariz. — E eu não me importo em como ela está. — Ela pode estar louca. Ela pode estar com raiva. Eu me sinto tão magoada quanto ela por isso, e reconheço meus próprios sentimentos pela primeira vez na minha vida, em vez de enterrá-los para dar espaço aos de todos os outros.

Ele faz uma careta. — Willow...

— Ela *mentiu* para mim. — Eu aponto para o meu peito. Ele tem que entender o quanto isso dói. Ele não vê? — Eu não quero ficar perto dela nunca mais.

— Que tal eu ligar para Emily e ver como ela está lidando com isso? — Seus músculos parecem flexionar, e ele coça a nuca novamente. Ele me oferece um único sorriso fraco, mas eu percebo que ele está nervoso... para falar com ela, sua mãe.

Ela não o queria. Ele deveria estar com tanta raiva. Ele deveria odiá-la, não deveria? Como alguém se torna uma pessoa maior e melhor dessa maneira, eu me pergunto. Quanto tempo vai demorar para mim, porque agora eu sinto que levaria séculos antes que eu crescesse um novo par de olhos, um novo cérebro e pensasse na minha mãe de modo diferente.

Eu apenas aceno para Loren, não tendo certeza de quais outras opções existem. Eu digo a ele o número da minha mãe e, depois que ele digita no telefone, ele fica de pé. — Eu vou ser rápido. Está com fome?

Balanço a cabeça, segurando a caneca de café novamente.

— Você pode pegar um muffin para ela da frente?

Olho para cima e percebo que Loren falou para o funcionário sob o pôster do *Homem de Ferro*. Eu rapidamente limpo minhas bochechas molhadas, me perguntando o quanto essa pessoa aleatória me viu desmoronar. Eu nunca sou tão emocional assim na frente das pessoas.

~

— Ei. — A voz rouca chama minha atenção. Ryke Meadows entrou na sala de descanso da Superheroes & Scones com Maximoff Hale, seu sobrinho bebê que golpeia seu braço com um largo sorriso desdentado.

— Oi… — Eu endureço ainda mais, observando-o pegar um par quadrinhos de um rack e, em seguida, se sentar na *minha* frente, em cima do tapete branco felpudo.

Ryke descansa o antebraço no joelho dobrado - todo o seu comportamento confiante e indiferente. Ele dá uma rápida olhada na porta do banheiro fechada, no bebê que tenta segurar uma história em quadrinhos e depois em mim. Só que assim que nos encaramos, ele não desvia o olhar.

Estou tão nervosa que posso vomitar.

— Você deveria comer. — Ele acena para o muffin que está na minha mão ansiosa.

Eu engulo novamente e afrouxo as articulações dos dedos para pegar o topo do muffin e comer um pequeno pedaço. O mirtilo é excessivamente doce, mas é melhor que o café.

Fica tudo quieto por um segundo, apenas o bebê fazendo barulho. Não tenho certeza do que dizer, e talvez ele esteja perdido por palavras também. A tensão aqui é diferente do que foi comigo e Loren.

Nós dois somos meio irmãos da mesma pessoa. É um elo comum, mas tentar entender como deveríamos estar um com o outro - acho que é apenas complicado. Com Lo, posso simplesmente dizer, *você é meu meio-irmão.* Com o Ryke, não há realmente uma definição fácil.

Porque Ryke não é meu irmão. Nós apenas compartilhamos um.

Suas sobrancelhas endurecem em questionamento. — O que fez você querer encontrá-lo?

— Eu fiquei sabendo da verdade, — explico, olhando para as minhas mãos e para o muffin mais do que algumas vezes. — E eu queria conhecê-lo, não porque ele é famoso ou algo assim… — E se Ryke pensar que estou aqui para capitalizar a fama e a fortuna de seu meio-irmão?

Ryke coça a mandíbula com a barba por fazer e acena para mim novamente. — Você sabe que eu sou meio-irmão dele, certo? Temos o mesmo pai, então você e eu não somos parentes.

— Sim, eu sei de você - ou *sobre* você... ou você sabe, seja qual for a terminologia correta... — Eu limpo a garganta e olho atentamente para o muffin, agradecida por não ter falado como uma vez eu fiz um gif de Ryke jogando Daisy Calloway por cima do ombro, usando imagens do reality show de curta duração.

Ele passa a mão pelo cabelo castanho escuro grosso e despenteado. Eu realmente quero saber como são as palmas das mãos dele. O que soa *tão estranho* e assustador.

Ele escala, porém, e o Tumblr especula se suas mãos são realmente calejadas ou rachadas - o que também soa estranho e assustador, mas as curiosidades correm soltas online. E é difícil não ser sugado para este vórtice que tudo consome, que inclui as irmãs Calloway e seus homens.

— Seu nome é Willow?

Concordo com a cabeça em resposta, mas ele não diz mais nada. Ele está tentando atrair meu olhar de volta para ele. Eu sinto isso, e levo alguns longos momentos para olhar em seus olhos castanhos, manchas cor de mel em torno de suas pupilas.

Um pedaço de muffin desce pela minha garganta densamente, não importa o quanto eu engula.

Ele diz: — Eu sabia sobre o meu irmão há tempo pra caralho - ele não sabia de mim, e levei anos para realmente tentar encontrá-lo. Eu poderia ter tentado, em qualquer ponto da minha vida, mas eu apenas... eu não tentei.

Eu franzo a testa. — Eu não sabia disso.

Ele quase sorri. — Não está na porra da internet.

Certo... isso não é informação pública.

As sobrancelhas dele se erguem para mim. — Você estando aqui com a sua idade, querendo virar sua vida de cabeça para baixo só para conhecer seu irmão, é foda… — Ele balança a cabeça e solta um suspiro. — Eu fiz isso quase quatro, cinco anos atrás? Eu tinha vinte e poucos anos e você aqui, agora - é simplesmente corajosa.

Eu limpo meus olhos rapidamente debaixo dos meus óculos. — Você não acha que é idiota?

Suas sobrancelhas franzem. — Porra, não. Conhecer meu irmão foi a melhor decisão que já tomei.

Eu registro tudo isso, e não muito tempo depois, respiro mais fácil e retiro o papel do muffin, capaz de comer mais.

Seus constantes palavrões me lembram uma compilação de vídeos que eu assisti. Alguém juntou muitas de suas "porras" - e o vídeo durou cerca de três minutos. Tem mais de 16 milhões de visualizações e sempre me faz rir quando assisto. Ryke parece durão em todos os quadros.

O silêncio se estende e Ryke faz cócegas no pé do sobrinho. O bebê segura a história em quadrinhos e ri.

— Loren sabia sobre mim, sabe, — eu digo baixinho. Ryke olha para mim e acrescento: — Todos esses anos, ele sabia sobre mim e eu não sabia sobre ele. — Não estou exatamente na mesma situação em que Ryke estava. Era eu quem estava no escuro. Loren era quem tinha o conhecimento.

Ryke olha para a porta do banheiro e depois para mim. — Não tenho certeza do quanto eu devo te contar, mas não quero que você pense mal do meu… do *nosso* irmão. Não sei o que você passou na sua vida, mas ele passou por muita coisa. E o que eu sei... — ele checa por cima do ombro novamente e depois para mim. — … Quando Lo conheceu sua mãe biológica pela primeira vez, ele *queria* um relacionamento com você e sua irmã. Mas Emily basicamente disse a ele que ela não queria que vocês soubessem que tem um irmão e, por respeito a ela, Lo deixou vocês em paz.

Meu peito aperta novamente. Eu percebi isso e depois me fixei em outra coisa que ele disse. — Então... todo mundo o chama de Lo? — Eu tento endireitar meus óculos.

— A maioria das vezes. — Ele observa Maximoff balançar uma história em quadrinhos - oh, o bebê realmente baba na ponta, tentando roer as páginas dos *Jovens Vingadores.*

— Eu tenho chamado ele de Loren. Isso é ruim?

Ele quase sorri de novo. — Você é a porra da irmã dele. Não acho que ele se importe de qualquer maneira.

Hesito em perguntar mais alguma coisa, mas solto um suspiro: — Você acha que ele está feliz por eu estar aqui?

Seus olhos endurecidos, como *pedra*, quase amolecem. — Esses relacionamentos que temos um com o outro - eles não são fáceis, mas eu não gostaria de perder nenhum. Acho que Lo sente o mesmo.

— ... agora é uma boa hora para estar aqui? — Eu pergunto. — Lily acabou de ter um bebê...

— Sim, — ele diz profundamente, fortemente, com todo o coração. — Lo está na melhor fase que eu já vi. — Isso me lembra que Loren, ou *Lo* (vai levar algum tempo para me acostumar), luta contra o vício alcóolico, hereditário, por parte de seu pai.

A pior parte: eu na verdade, o assisti recair. Os paparazzi nunca perderam nada.

De repente, a porta do banheiro se abre, Lo abraçando Lily contra o lado dele. Ela é muito mais baixa que ele, e seus membros parecem mais fracos ao lado dos bíceps definidos, todos os músculos magros. Eles param no tapete, concentrados em seu bebê Maximoff mascando a história em quadrinhos.

— Feche os olhos, — diz Lily rapidamente e depois quase pula nas costas de Loren para proteger sua visão do filho destruindo *Jovens Vingadores* bem à vista.

— É tarde demais, Lil, — diz Lo. — Eu já vi.

Eu sorrio enquanto ela sobe pelas costas dele. Lo a segura como se fosse levá-la para cavalgar, e as mãos dela se encaixam nos olhos dele.

— Você não viu nada! — Diz Lily.

Eu gostaria de poder fotografar isso e enviar para Maggie. Meu sorriso desaparece... ou isso é errado? Eu não deveria querer expor eles mais do que já são. Não é por isso que estou aqui.

Maximoff rasga uma página.

— Ryke, — Lo resmunga. — Eu culpo você por isso.

— Ele nem está chorando agora. Estou fazendo um trabalho fantástico pra caralho.

— Você deu a ele uma história em quadrinhos e ele ainda nem sabe ler.

— Ele está começando cedo, — diz Ryke. — Talvez você devesse ter me dado a bolsa de fraldas dele ou algo assim.

Eu os ouço, mas a brincadeira deles não está mais totalmente registrada na minha cabeça. Lembro que Loren acabou de falar com minha mãe, o que significa que eu poderia receber uma passagem só de ida para o Maine em breve.

Lily descobre os olhos de Lo. — Estamos em uma loja com *toneladas* de brinquedos nas paredes. Você poderia ter pegado uma figura de ação do Duende Verde.

Lo diz, — Ou Wolverine, Viúva Negra, Hulk, Homem-Aranha...

— Pelo amor de Deus, ok. Entendi. — Ryke recupera o quadrinho rasgado e molhado de Maximoff e depois o pega. O bebê ri, e Loren e Lily parecem pais orgulhosos, seus sorrisos contagiantes.

Eu não deveria estar aqui, eu penso. Eles acabaram de ter um bebê. Tento me lembrar do que Ryke me disse, mas meu intestino está me dizendo para não prejudicar demais a vida deles.

— Você deveria tomar conta dele com mais frequência, — Lo diz ao irmão.

— Hilário pra caralho. — Ele entrega o bebê a Loren, e Lily desliza para o chão.

Eu amasso o papel do muffin, terminei de comer e, quando olho para cima, Loren está subitamente focado em mim. Tenho problemas para ler suas feições.

— Sua mãe vai voar neste fim de semana para conversar com você. Até lá, você pode ficar conosco em um quarto ou em um hotel. Pagarei a despesa, sem problemas.

Não é um veredicto terrível. Minha mãe provavelmente repetirá o que disse esse tempo todo: *se você ficar aqui, estará por sua conta. Você comete seus próprios erros agora.*

— Um hotel é bom, — digo a ele. — Não quero impor minha presença mais do que já fiz.

O bebê se contorce em seus braços, tanto que não consigo avaliar sua expressão. Lily acaba pegando Maximoff para que Loren possa continuar falando comigo.

— Se você mudar de idéia, o convite está sempre aberto. — E então ele pergunta: — Quantos anos você tem, a propósito?

— Dezessete. — Não é como se eu pudesse esconder isso por muito mais tempo.

— Foi o que eu pensei. — Ele faz uma pausa. — Você sabe, Daisy é bem próxima da sua idade.

Daisy Calloway tem dezenove anos - e é a namorada de Ryke, e também espontânea, animada e muito mais legal do que jamais serei.

Ryke dá a seu irmão um olhar que não consigo decifrar.

Loren acrescenta: — Ela provavelmente adoraria te mostrar Philly. É sua primeira vez aqui?

Daisy Calloway? *Me* mostrando a cidade? Eu não acho que ela iria gostar de mim. Eu gosto de livros. Eu gosto de percorrer o Tumblr e navegar na internet. Eu gosto de atividades *sentadas*, e Daisy sempre é vista se *movendo*. Ela provavelmente tentaria me levar em uma aventura selvagem, e eu a atrasaria.

Eu concordo. — Sim, mas… — Eu me levanto, já que todo mundo está de pé, e encontro conforto na minha mochila, colocando-a no meu ombro. — Não tenho certeza se ela gostaria de mim. Quero dizer, eu não ando de moto e... outras coisas assim.

Eu propositadamente evito Ryke Meadows já que estou falando sobre *a* namorada *dele*. E ele gosta de motos. E ele gosta de todas essas outras coisas.

— Nem eu, — Lily fala. — Elas são aterrorizantes.

Ryke levanta as sobrancelhas para ela. — Você nunca montou em uma.

— *Porque* elas são aterrorizantes.

Eu relaxo um pouco. — Sim, concordo. Eu nunca estive em uma, mas também tenho medo.

Lily sorri e depois aponta um dedo para Ryke. — Ha! — Maximoff murmura em seus braços, quase balbuciando de acordo com sua mãe.

Ryke revira os olhos e os vira para mim. — Daisy não vai se importar se você não curte motos. Ela honestamente faria o que você quisesse.

Talvez eu não a conheça bem o suficiente para julgar.

— Vou tirar alguns dias de folga essa semana também, — Loren me diz.

Lembro-me do que Ryke disse de novo, sobre Loren querer me ver, para construir um relacionamento também. Ele está disposto a tirar dias de folga no trabalho, apenas para mim. É validação de que isso não é um erro. Ainda não, pelo menos.

Eu inspiro uma respiração mais forte. — Ok então... por onde começamos?

— Que tal um almoço?

Ryke e Lily falam sobre quão famintos ambos estão, mas meus óculos embaçam, meus olhos ardem de lágrimas mais uma vez.

Meu queixo treme um pouco e, baixinho, digo: — Obrigada.

Ele dá um sorriso, um que aumenta com sinceridade. — Temos muita conversa para colocar em dia.

8 PRESENTE – SETEMBRO

LONDRES, INGLATERRA
WILLOW HALE
20 anos

— M*Mantenha sua porta aberta, — sugeriu Lo. — Será mais fácil fazer amigos.*

Esse foi o conselho do meu irmão antes de eu deixar Philly. Três semanas já se passaram no semestre e eu ainda não fiz nenhum. Risos crescem do lado de fora da minha porta fechada enquanto os alunos andam pelo corredor. O ar sempre vibra nas tardes de sexta-feira, com as aulas da semana terminando. Planos para festas surgindo.

Não que eu tenha sido convidada para alguma.

Com o lápis no ar e um caderno cheio de rabiscos e anotações, quase me levanto da cadeira e abro a porta. Quase.

Mas o riso fica ainda mais alto. E se eu atrapalhar a conversa lá fora? Eu poderia estragar a piada de alguém e depois vou ser a garota do quarto 301 que é quieta, desajeitada e arruína a diversão. Eu seria literalmente uma estraga prazeres.

E se todos forem amigos, afinal? Minha experiência é que grupos de amigos unidos raramente permitem intrusos. E, se permitem, o intruso deve invadir o local.

Eu não vou invadir nada.

Eu sou mais como uma tartaruga lenta. Os únicos grupos de amigos que me permitem são aqueles com vagas abertas.

Antes que eu possa tomar uma decisão - porta aberta ou fechada - um folheto verde brilhante desliza pelo meu chão, debaixo da porta. A curiosidade aumenta e eu abandono meu caderno para pegar o folheto.

Cair na festança do filme

Traga sua própria bebida. No terraço do Bishop Hall. Haverá lanches e uma exibição dos Goonies.

Sexta-feira, 22:00

Ok... então eu fui oficialmente convidada para uma festa.

Mas a festa é *hoje à noite.* Eu precisaria de uma boa semana para me preparar para isso, ou pelo menos ter Garrison para me acompanhar. Há muitas razões pelas quais eu provavelmente não deveria ir. Mais razões pelas quais eu deveria. Talvez eu só precise de uma conversa animada com a minha melhor amiga. Verifico o relógio e faço as contas mentais para converter os fusos horários. Não é muito cedo em Philly, então eu disco o número dela.

Daisy atende no segundo toque. — Ei, eu estava prestes a mandar uma mensagem para você. A última foto que você enviou parecia além de deliciosa. Isso literalmente fez meu estômago roncar. Então, foi fantástico ou suas habilidades em tirar fotos se tornaram extraordinárias. Ou ambos. Provavelmente os dois, certo? — Eu posso ouvir o sorriso através de suas palavras.

Meus lábios já se levantam. — Bangers e mash *são* realmente bons. — Antes de me mudar para cá, ouvi coisas não ótimas sobre a comida na Inglaterra, mas até agora estou adorando.

Acho que é bom que Daisy e eu concordemos em enviar fotos de cada nova refeição, acompanhadas por uma classificação por estrelas e uma resenha. Bangers e mash foram cinco estrelas sólidas. *Delicioso delicioso, delicioso* foi a minha revisão oficial. Por isso, é bom eu ser uma estudante de negócios e não uma crítica de comida profissional.

— Ei, espere, vamos de FaceTime. — Ela desliga rapidamente e liga de volta tão rápido quanto. Quando clico em aceitar, seus olhos verdes brilhantes atingem os meus. Cabelo loiro espalhado sobre os ombros e um sorriso largo. Parece que ela está sentada em sua casa na árvore e sua bebê de oito meses está enrolada no seu colo. Sullivan Meadows dorme pacificamente em um macacão de unicórnio, o capuz completo com um chifre brilhante e tudo.

Há algo nos bebês que me faz derreter. Talvez fosse porque eu cresci com uma irmã que era onze anos mais nova que eu. Tenho boas lembranças de Ellie, e as melhores foram definitivamente quando ela era jovem o suficiente para não me odiar completamente.

Nosso relacionamento foi quebrado desde que deixei o Maine, e quanto mais eu tento costurá-lo novamente, mais ela rasga as costuras.

Faz meses desde a última vez que minha própria irmã falou comigo, e suas palavras foram: *você escolheu sua família famosa. Vá ficar com eles.*

Ela não me deixa ter um relacionamento com ela sem romper os laços com Loren, e é injusto. Eu nunca senti que ao me mudar para a Filadélfia estava escolhendo Loren, meu irmão famoso, em vez de minha irmãzinha. Eu teria ido embora em um ano para a faculdade de qualquer maneira. Me mudar para Philly, para mim, sempre

consistia em escolher descobrir uma parte do meu mundo que minha mãe mantinha em segredo.

Ellie nunca entendeu isso. Ela ainda não entende. E mesmo que Loren também esteja relacionado a ela - ele é seu meio-irmão - acho que há muito ressentimento lá para que isso importe. Sei que continuarei tentando reconstruir o que quebrei, mas não tenho certeza se ainda há concerto.

Meu pai não fala comigo. Minha mãe responde minhas mensagens semanas depois e minhas ligações são sempre interrompidas. Eu sempre penso no dia em que deixei o Maine e nos *e se*. E se eu ficasse? Eu nunca teria conhecido Lo. Nunca teria tido um relacionamento com meu irmão. Mas eu teria mantido um com minha mãe e irmã mais nova.

É uma troca horrível. Uma que não posso remoer porque já escolhi um caminho. Isso não é como uma história em quadrinhos. Não posso voltar no tempo e ver o que o outro universo me reserva.

Paro de pensar em Ellie e minha mãe apenas para me concentrar no bebê de Daisy novamente. Meus lábios se levantam, a alegria substituindo a dor, porque a pequena Sulli é nada menos que um milagre.

Minha melhor amiga passou por obstáculos, barreiras e montanhas só para ter sua filha, e ver Sulli é como um sonho que se torna realidade.

— Como ela está? — Pergunto.

— Incrível, — diz Daisy, os olhos se iluminando. — Ela é uma sereia certificada. É oficialmente oficial, ela *ama* a água. Eu nunca vi nada parecido. Ela fica tão animada quando a levamos para aulas de natação. O problema é *afastar* ela da piscina. — Daisy torce o nariz com o pensamento. — É como destruir o seu ursinho favorito.

Eu sorrio, amando essas histórias. Daisy e eu temos quase a mesma idade. Eu tenho vinte. Ela tem apenas 22 anos, mas estamos em trajetórias diferentes. Estou começando a faculdade, e ela está começando uma família. Ainda assim, fazemos um esforço para ficarmos próximas e nos atualizar. Essa é uma amizade que eu não quero perder, não importa o quão longe eu esteja.

Eu já perdi uma que pensei que nunca iria acabar. Maggie - minha única amiga do Maine - deveria ser minha amiga para sempre. Mas ela parou de me mandar mensagens. Parou de atender minhas ligações. Tudo porque eu me recusei a lhe dar informações sobre as Calloways e Loren.

Você é parente dele, ela me disse. *Por que você não pode falar sobre ele com sua melhor amiga?*

Porque nunca pareceu certo. Porque quanto mais eu chegava perto deles, mais eu não confiava nela para não espalhar as coisas por toda a internet.

Então, talvez eu seja a culpada pelo fim dessa amizade. Eu não podia confiar nela. E ela não podia aceitar o fato de que nossa amizade não incluía discutir Loren e as irmãs Calloway.

— Como Ryke está lidando com isso? — Pergunto a Daisy. A última vez que o vi, ele estava tendo um colapso nervoso, tentando fazer com que Sulli parasse de chorar. Eu nunca vi alguém *tão* preocupado com as lágrimas de um bebê. Como se ele pensasse que poderia tê-la quebrado. Tudo o que ela precisava era de um bom arroto.

Daisy ri. — Acho que ele a deixaria fazer qualquer coisa apenas para evitar fazê-la chorar, — diz ela. — O que é ok. Estou disposta a desempenhar o papel do policial malvado para o meu bolinho de manteiga de amendoim. — Ela beija a testa de Sulli. O bebê mal se mexe. — Mas chega de mim, Willow. Como está Wakefield? Como estão suas aulas?

Eu suspiro. — Foi por isso que liguei.

Eu explico meu dilema e essa festa.

Daisy assente lentamente. — Faça o que fizer você se sentir confortável.

— Isso seria ficar no meu dormitório pelo resto da eternidade.

— Então vá. Divirta-se. Não pense demais.

— E se eu ficar sozinha a noite toda e ninguém falar comigo? Há uma boa chance de eu não ter coragem de me aproximar de ninguém. — Eu consigo imaginar isso agora. Sou a garota no canto, comendo pipoca e tentando me dissolver na cadeira.

— Então você terá um tempo estupendo e incrível sozinha, — Daisy corta meu pensamento mórbido. — Você é uma pessoa incrível. Tudo que você precisa fazer é acreditar nisso, Willow Hale. — Ela balança as sobrancelhas.

Toco meu anel: uma faixa de prata lisa com um quadrado preto no meio. É um anel de amizade de um dos meus super-heróis favoritos em *O Quarto Grau*, Tilly Stazyor, e Daisy tem um anel idêntico.

Meu telefone vibra e uma mensagem aparece na parte superior da tela do FaceTime.

Tess: *SOS. Vocês viram o e-mail do professor? Temos que escolher nosso produto e enviá-lo por e-mail esta noite.*

Ah não.

Tess faz parte do meu grupo no curso de Introdução ao Marketing. Na última aula, conheci brevemente meus parceiros e planejamos nos encontrar na próxima semana para iniciar nosso projeto. Temos que criar uma estratégia de publicidade impressa e on-line para um produto, e vale metade da nossa nota.

— O que há de errado? — Daisy pergunta, vendo o olhar assombrado no meu rosto. Outra mensagem aparece.

Salvatore: *Reunião de emergência. Onde posso encontrar vocês?*

— Acho que tenho que me encontrar com meu grupo hoje à noite, — digo. Então lá se vai a festa. — Mas talvez... talvez eu os convide para vir aqui?

Daisy assente e morde a ponta de um Twizzler. — Sim, eu gosto dessa idéia.

Coragem envolve meus ossos. Eu sou da Grifinória por uma razão, certo? Como Neville Longbottom, posso me colocar em situações que parecem assustadoras e fora do meu elemento. E terei sucesso - se eu puder tentar acreditar.

Então, envio uma mensagem para o grupo: *Meu prédio está bem quieto. Nós todos podemos nos encontrar no meu dormitório. 301. Bishop Hall.*

Tess: *Legal. Vejo vcs em breve.*

Sheetal: *Brilhante!*

Salvatore: *estarei aí em vinte minutos*

Acabei de convidar pessoas? Sim. O orgulho me enche, seguido por uma intensa onda de preocupação. Merda, eu nem tenho lanches ou refrigerantes. Como devo hospedar pessoas aqui? E meu quarto - aí, Deus. Dois sutiãs estão no chão e meu cesto de roupas suja transborda. É nessa época que eu adoraria que algumas criaturas da floresta viessem me ajudar. Sim, se minha vida fosse um filme da Disney.



Carrego uma pilha de latas de Fizz Life e redisco o número dele. Garrison acabou de me enviar um vídeo e ele parecia diferente. Ele murmurou palavras e tinha olheiras embaixo dos olhos.

Ouvi tudo sobre o desastre da pizza e como seu colega de quarto tem agido de maneira estranhamente amigável. Como resultado, Garrison passou mais horas no escritório apenas para evitar seu apartamento.

Eu me preocupo que ele não esteja dormindo.

E nós dois somos uma merda em enfrentar inseguranças de frente, eu percebo.

Fugir e ignorá-las é mais fácil.

Mas não vou ignorá-lo. — Atende… — Eu digo ao meu telefone. Eu só tenho cinco minutos antes de meus colegas de grupo começarem a chegar. Volto para o meu dormitório quando a ligação

é enviada para a caixa postal. *Merda.* Com dificuldades, guardo meu celular e mexo na minha chave. Perco o equilíbrio e uma lata de refrigerante de alumínio cai da pilha de quatro latas. Ele rola pelo corredor, e antes que eu possa correr atrás dela, um cara coloca o sapato em cima da lata, a parando.

Faço uma nota rápida sobre a pessoa que salvou o refrigerante. Cabelo castanho claro, mandíbula quadrada. Olhos castanhos profundos e pele bronzeada. Ele veste um casaco esportivo azul marinho de lã em cima de uma camiseta bordô lisa e não deveria combinar. Mas combina.

Eu também conheço esse cara.

Salvatore Amadio. Também conhecido como um quarto do meu grupo de Introdução ao Marketing. Nós nos conhecemos brevemente na aula, mas ele agora está a um metro e meio à minha frente. Inclinando-se para a lata de Fizz Life do chão.

— Obrigada, — digo a ele.

Ele avalia a pilha de latas nos meus braços. — Pegando bebidas? — Seu sotaque italiano é forte.

Ele é de Nápoles, mas veio para Wakefield fazer faculdade. Os estudantes internacionais compõem oitenta por cento da escola, uma das principais razões pelas quais a escolhi em relação a outras faculdades. A maioria das pessoas aqui estão longe de suas casas, como eu.

— Sim, não posso ter uma reunião de grupo sem Fizz - *merda*. — Derrubo a chave e me inclino rápido demais para pegá-la. Outra lata cai da minha torre e rola para Salvatore.

Ok, isso não está indo bem.

— Desculpe, — eu digo.

Ele ri. — Não se preocupe com isso. — Ele pega a segunda lata. — Aqui. — Ele se aproxima e estende a mão para a chave. Sou tão patética que nem consigo abrir minha própria porta? Esse é um novo subnível. Devo estar paralisada porque Salvatore pede a chave novamente. — Vamos trocar. Você pega essas. — De alguma forma, trocamos itens. Estou carregando as quatro latas novamente.

Ele tem a chave do meu quarto.

Em segundos, a porta está destrancada. Eu evito os olhos dele enquanto vou para a minha mesa, colocando todas as latas de refrigerante.

Baseada em uma avaliação anterior, eu sei que Salvatore é muito bonito. Do tipo que seria o rei do baile - mesmo que ele não fosse para aquela escola - e eu não ficaria surpresa se centenas de meninas mandassem DMs para ele por dia. Embora eu possa reconhecer sua beleza exterior, ele não é meu tipo de cara.

Meu tipo de cara está na Filadélfia atualmente, e está dormindo ou ignorando minhas ligações. Ambas as opções me preocupam.

Mas não posso me preocupar com isso agora - estou hospedando pessoas no meu dormitório. Pela primeira vez.

E agora estou sozinha com um garoto no meu quarto.

Quem não é Garrison.

Antes de me sentir desconfortável com o pensamento, uma voz sai da minha porta.

— Ei garota! Obrigada por nos deixar usar o seu lugar. — Tess se inclina na porta com um sorriso radiante. Ela tem cachos pretos justos, pele marrom escura e veste calças cargo camufladas com um top bege bonito.

O que aprendi depois de uma introdução ao meu grupo: sou a mais simples. Tess, Salvatore e Sheetal têm estilos modernos, onde eu pareço fazer compras na Old Navy (porque eu faço) com meus jeans desbotados e camiseta desgastada. Não é nem uma camiseta com frases, porque eu não gosto de pessoas lendo meu peito ou abdômen ou onde quer que as palavras fiquem. É literalmente *apenas* verde. Eu estou bem com isso, no entanto.

— Sim, obrigado, Willow, — diz Salvatore enquanto abre uma lata de Fizz Life.

Tess joga sua mochila no chão ao lado da minha cama. — Não vou mentir, quando vi o e-mail do professor Flynn, quase tive um pequeno ataque de pânico. Nós estamos *tão* longe de acabar. — Seu sotaque é americano, reconheci quando nos conhecemos, mas eu ainda perguntei de onde ela é. Atlanta. Nasceu e cresceu lá.

Salvatore está sentado na minha cadeira. — Onde está Sheetal?

— Levei anos para conseguir um lugar adequado no estacionamento. Eviscerado, só te falo isso. — Uma garota alta e indiana entra no quarto, com uma bolsa na dobra do braço. Ela está vestida com a última linha da Calloway Couture: calça preta que mal paira no chão e uma blusa de seda verde esmeralda.

Tess sorri. — Eu amo como você diz *adequado* e *eviscerado*. — Ela desliza até Sheetal e a beija nos lábios em saudação.

Eu já percebi que elas são um casal, mas não sei muito mais. Em nossa primeira reunião, trocamos nomes e números e informamos de onde somos.

Salvatore está obviamente curioso porque pergunta: — Quando vocês começaram a namorar? — Ele casualmente coloca o Fizz Life aberto na minha mesa. Meu celular emite um sinal sonoro de aviso. Merda. Está acabando a bateria. Eu ando em volta da cama para encontrar meu carregador.

— Durante o verão. — Tess passa um braço em volta de sua namorada.

— Nós nos conhecemos na orientação, — acrescenta Sheetal, seu sotaque britânico é espesso.

— E você disse que é de Liverpool. — Salvatore observa como se estivesse tentando se lembrar de nossas apresentações no início desta semana.

— Está certo. — Sheetal sorri.

Salvatore olha para Tess. — Você é da Geórgia, o estado, não o país. E você... — Ele definitivamente está olhando para mim - ou pelo menos tentando - mas estou de joelhos, a cama me bloqueando enquanto conecto meu celular na tomada. — ... não me lembro do que você disse.

Eu não estou surpresa. Não sou memorável e nunca disse a nenhum deles meu sobrenome. Eu não acho que eles me reconheceram, então eles simplesmente não devem gostar de tabloides ou fofocas de celebridades. É um visto na categoria *yay eu ainda posso ser apenas Willow*. Uma grande vantagem.

Eu apareço do chão. — Sou dos Estados Unidos. Especificamente, da Pensilvânia. Mas eu cresci no Maine.

Salvatore encontra meus olhos. — Sim, isso. — Ele diz como se de repente se lembrasse, e não tenho certeza de como me sinto sobre isso. Por um lado, eu gostaria de mergulhar no mar de pessoas esquecidas, mas por outro lado, quero amigos em Londres. Ou pelo menos conhecidos. Realmente, só preciso de *um* conhecido. Eu não sou exigente.

Sheetal fecha a porta. — Agora sua memória está suficientemente fresca, Salvatore. Vamos ao trabalho.

Começamos a refletir sobre diferentes produtos que poderíamos anunciar para o projeto. Tudo, desde shampoo a laptops. Uma hora depois, fizemos um lanche e reduzimos a três opções. O que quer que escolhamos determinará exatamente *como* iremos comercializá-lo e para qual segmento demográfico estaremos comercializando, por isso é a etapa mais importante.

No entanto, o que me preocupa não tem nada a ver com este projeto - Garrison ainda não enviou uma mensagem ou me ligou de volta. Não que eu esteja checando. Ok, eu verifiquei. Uma vez ou duas. *Talvez* cinco vezes.

Envio outra mensagem rápida: *Ligue para mim quando receber isso. Estou preocupada com você.*

Passos de estudantes correndo pelo corredor cortam nosso silêncio, todos nós folheando várias revistas para obter mais inspiração.

Tess olha ansiosamente para a porta. — Não acredito que estou fazendo isso em uma sexta à noite. — Ela suspira. — Por favor, alguém me belisque.

Sheetal a belisca.

— Aí... mas obrigada, querida, — diz Tess.

Sheetal sorri e joga um pretzel na boca. — Um colega do terceiro ano disse que esse projeto é *lendário* para estudantes de administração. Principalmente porque o aluno que tem o pior plano de marketing acaba sendo um *whopper* total do semestre do outono.

Um whopper?

Com o meu rosto confuso, Tess esclarece: — Eles parecem idiotas gigantes.

Sheetal assente. — No ano passado, o pior da classe criou um anúncio de pasta de dente. Pasta vermelha brilhante para as festas de fim de ano.

— Ah, não. — Eu faço uma careta.

— Foi um desastre sangrento, — diz Sheetal. — Trocadilho intencional.

Salvatore esmaga sua lata de Fizz Life e se levanta para jogá-la fora. — Vamos apenas escolher entre os três que temos, não são más opções.

Olho para o meu caderno, nossas opções atuais rabiscadas.

Um guarda-chuva
Sandálias impermeáveis
Fizz

— Vamos eliminar o Fizz, — diz Tess de repente. — Se escolhermos, o professor Flynn pode tirar pontos por causa da conexão de Willow com isso.

Espera... *ela sabe?*

— Sim, melhor, — Sheetal concorda. Ela não parece surpresa?

— Hum… — Eu empurro meus óculos pela ponte do nariz. — Vocês todos sabem quem eu sou?

Tess assente. — Seu irmão é Loren Hale, então isso significa que sua cunhada é Lily Calloway. Filha do CEO da Fizzle. Está tudo na Wikipédia. — *Maldita Wikipédia*.

— Também maratonamos *We Are Calloway* no final do verão, — diz Sheetal. — Mas Tess disse para não trazer isso à tona para você.

Tess assente. — Minha mãe é diretora e meu pai é procurador de locais de filmagens. Assim que alguém ouve sobre os filmes que eles fizeram, recebo um milhão de perguntas. É meio chato. Eu pensei que poderia ser do mesmo jeito para você, então eu não queria fazer disso um grande negócio.

Isso é realmente muito fofo. Estou sorrindo, minhas bochechas doendo.

Além das irmãs Calloway e seus homens, não há muitas outras celebridades na Filadélfia. Não é como Los Angeles ou Hollywood onde você pode facilmente conhecer outras pessoas que passam pelo mesmo escrutínio público. Os paparazzi migraram para Philly *por causa* das Calloways. Encontrar alguém que entenda, mesmo que um pouco, é uma lufada de ar fresco.

— Obrigada, — digo a Tess.

— Não se preocupe com isso, — diz Tess como se realmente não fosse nada.

Eu olho para Salvatore, que está mexendo no celular. Eu acho que ele pode estar me procurando. Quando ele me pega olhando, ele diz: — Você também pode me procurar no Google. Salvatore Amadio. — Ele soletra seu nome completo.

Sheetal ri. — Estamos prestes a descobrir seus segredos profundos e sombrios, Salvatore? — Mas todos nós pegamos nossos telefones.

Faço uma rápida pesquisa no Google e descubro que Salvatore Amadio é filho de dois famosos atores italianos. Ele até estava em um filme quando bebê, mas se aposentou das telonas aos quatro anos de idade.

Sheetal faz um ruído desanimado. — Bem, eu sou chata, de verdade. Meus pais estão em *finanças*. Absolutamente chato. Não tenho família famosa nem irmãos perdidos.

— Você tem a *mimmmmm*, — Tess canta e a abraça com força. Sheetal se esforça para não sorrir, mas é uma causa perdida quando Tess a beija de brincadeira no nariz.

Salvatore coloca o celular no bolso. — Não é tudo ótimo, — diz ele a Sheetal, mas não dá mais detalhes.

Meu celular vibra de repente na palma da mão, o nome de Garrison na tela. *Finalmente*.

— Eu tenho que atender, — digo rapidamente e saio para o corredor. Está vazio, mas ouço música abafada vindo de alguns dos dormitórios.

Quando clico em atender, minhas preocupações simplesmente desaparecem. — Garrison, você está bem? Seu último vídeo parecia que você não dormia há dias. E agora estou percebendo que, se você estava dormindo, provavelmente acordei e você precisava dormir. Sinto *muito*...

— Willow, — ele me interrompe antes que eu surte. — Estou feliz que você ligou e mandou uma mensagem e quase disparou um foguete sinalizador até aqui.

Lágrimas picam meus olhos. — Você está?

— Sim. E eu estou inteiro. Como você disse, eu apenas não tenho dormido. Vou garantir que não ficarei mais no escritório depois da meia-noite.

— Promete? — Eu pergunto.

— Prometo. O que você está fazendo?

— Um projeto em grupo.

— Agora? — Preocupação inunda sua voz. Eu sei que ele está preocupado que esteja me distraindo, mas estou arrumando tempo para ele na minha vida. É isso que você deve fazer pelas pessoas que ama.

— Sim, mas estou dando um tempo... espera. — Minha porta se abre de repente, Salvatore, Sheetal e Tess saindo.

Salvatore pega meu olhar. — Ei, nós escolhemos o guarda-chuva. Nós pensando em decidir logo e ir embora mais cedo.

— Vou mandar um e-mail para o professor, — diz Tess, jogando a mochila por cima do ombro.

— Até mais, Willow — acrescenta Sheetal antes de sair com Tess.

Salvatore fica por um segundo. Mãos enfiadas em sua jaqueta. — Achamos que podemos ter os estudantes universitários como público alvo. Designs legais. Pequeno e portátil para a aula.

É simples, mas talvez seja essa a beleza da coisa. — Eu gosto disso.

— Ótimo. — Ele caminha para trás, os olhos ainda em mim. — Vejo você na aula, Willow Hale. — Ele gira nos calcanhares e se dirige para a escada.

Eu não entendo de flertes, mas já assisti comédias românticas e isso definitivamente parece ter saído direto dos filmes. Só que faz o oposto de borboletas no estômago. Mais como mariposas morrendo de morte lenta e não natural.

Coloco meu celular de volta no ouvido. — Garrison, você ainda está aí?

9 PRESENTE – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
20 anos

Era inconfundível. A voz de um cara do outro lado do telefone. Mas havia outras vozes também, e não vou tirar conclusões como um namorado ciumento e paranoico. Confio em Willow, e ela pode ter amigos.

— Garrison, você ainda está aí? — Ela me pergunta.

Estou deitado na minha cama, vestindo um casaco de moletom preto e jeans, olhando para o teto feio e manchado. — Sim, ainda estou aqui.

— Esse era o pessoal do meu grupo para aquele projeto que eu te falei.

Introdução ao Marketing. Eu lembro. Todas as peças se encaixando. — Você pode me ligar de volta quando terminar.

— Já terminamos. — Eu a ouço fechar a porta. — Vou te ligar pelo Skype. — Ela deve estar realmente preocupada comigo, mais do que eu pensava. Porra.

Eu corro minha mão pelo meu cabelo bagunçado que toca meus cílios. Eu não quero assustá-la. E realmente, sou coerente. Bem. Estou apenas me enterrando no trabalho, o que não é *tão* ruim, considerando todas as coisas.

O Skype me alerta no laptop aberto e eu me sento, colocando meu computador no meu colo, e clico em aceitar a ligação.

Eu vejo minha namorada e expiro. Willow está sentada em sua cama, o dormitório mal iluminado, o pôster dos X-Men pendurado atrás dela.

Seus olhos voam ao meu redor rapidamente. — Você está certo, você está inteiro.

— Quase não tive certeza disso por um minuto, — brinco. Uma brincadeira ruim.

Ela balança a cabeça e, tão suavemente, sussurra: — Não.

— Ok, — eu digo. — Você parece bem. — Sua camisa verde acentua seus olhos castanhos, que praticamente parecem chocolate derretido. Willow usava a mesma camisa de seu último dia em Philly.

Só me lembro porque fui ao aeroporto com ela, e essa imagem de Willow indo embora está meio que enraizada na minha cabeça.

— Você está em casa, — ela percebe. — Mas é só...

— Uma da tarde, — respondo por ela. — Connor me mandou para casa. — Não menciono que adormeci na minha mesa. — Ele pensou a mesma coisa que você. Que eu parecia cansado.

— Ele está cuidando de você, — diz Willow.

Eu bufo. — Ele está cuidando da empresa dele. Eu não sou amigo do Connor, Willow. Eu sou empregado dele.

Ela balança a cabeça como se não acreditasse nisso, mas em vez de continuar, ela pergunta se eu já vi o último episódio de *Supernatural*. Falamos sobre todas as coisas que amamos. TV. Cultura pop. Videogames. De repente, estou bem acordado, apenas querendo estender cada segundo que posso.

Willow olha para o relógio e faz uma careta. — Deus - estamos conversando há *três* horas, e eu arruinei o suficiente sua soneca e todo o propósito de você descansar. — Ela enterra o rosto nas palmas das mãos resmungando. — Eu sou a pior. Sinto muito. — Nós dois estamos nos torturando por causa disso.

Ela por me distrair.

Eu por distraí-la.

Não sei como consertar isso.

— Você não está nem perto de ser a pior, — digo a ela. — Gostei de hoje à noite - ou de hoje - ou do que você chamar. — É de noite para ela. Ainda de manhã para mim.

Ela solta o rosto e trança lentamente o cabelo. — Então você quer... talvez... hum...? — Ela respira fundo, seus olhos me absorvendo como se ela quisesse alguma coisa. E então, timidamente, ela tira as alças do macacão e tira a blusa verde, apenas com um sutiã de algodão azul.

Deus.

O sangue pulsa no meu pau, e meus olhos traçam sua pele macia e a parte superior de seus seios. *Sim, eu quero.* Multiplicado por um milhão.

Eu arranco meu moletom e camiseta pela minha cabeça. Jogando os dois no chão. Eu ajusto o computador, colocando meu laptop mais no meu colchão perto da minha cintura. Eu me vejo na tela - o que ela pode ver - e todo o meu corpo está quase à vista.

Eu me concentro em Willow e franzo a testa. — Ei, não precisamos fazer isso se você não gostar, Willow.

Seus ombros estão curvados e ela está segurando os cotovelos. Ela empurra os óculos que escorregaram. — Não, eu quero. Eu realmente quero. Só parece meio... — ela olha ao redor do dormitório. — Está muito quieto aqui.

— Eu posso colocar música.

Ela assente e esfrega os braços.

Eu aperto play em uma lista de reprodução de rock alternativo no meu computador, para que ela ouça o barulho. — Melhor?

— Sim. — Willow exala. — Estou nervosa. — Ela balança a cabeça. — Eu gostaria de não estar *tão* nervosa.

Eu a conheço bem. Eu sei que ela é muito tímida e reservada. Nosso relacionamento andou *lentamente* desde o início. Tipo, o mais lento que eu já tive. E não houve um dia em que eu quisesse avançar e acelerar. Ela também é a melhor que eu já tive.

Em tudo.

— Está tudo bem que você esteja nervosa, — eu garanto. — Provavelmente porque nunca fizemos sexo por Skype antes.

Eu a olho, desejando estar no dormitório dela um bilhão de vezes mais agora. Para acalmar seus nervos, fazê-la se sentir bem. Porra, seria mais fácil se eu pudesse tocá-la...

Ela fala tão baixinho dessa vez; eu não entendo as próximas palavras sobre a música.

Eu abaixo o volume no meu teclado. — Diga isso de novo?

— Isso é ruim? — Ela pergunta no mais baixo sussurro. — Como estou nervosa?

Balanço a cabeça, quase sorrindo. — Não. — Na verdade, eu estou sorrindo.

Seus lábios começam a subir ao ver meu sorriso. — O que?

— Suas inseguranças são bem fofas. Você sempre pensa que é tão chata e blé, mas é como o título daquela novela.

Willow se inclina para mais perto da tela. — *General Hospital*.

Afasto cabelos mais longos do meu rosto. — O outro.

— *Enquanto o mundo gira.* — Willow sorri um pouco, sabendo que também não é o certo. Nós dois não assistimos novelas, mas conhecemos os nomes da televisão.

— Porra, a faculdade está deixando você burra, — eu digo, sarcástico.

Ela ri. — Você que está dizendo.

Eu estudo as feições dela. — *Belas e Intrépidas.*

Willow morde o canto do lábio, seu sorriso aparecendo novamente.

— Você é linda, Willow. — Eu vejo minha namorada com um desejo quente que pica meus nervos e cobre minha pele. Meu pau estica contra o meu jeans. — Eu acho que você deveria ficar debaixo das cobertas e me assistir. Você não precisa ficar nua ou me mostrar alguma coisa.

Os olhos dela se arregalam. — Você ficaria bem com isso?

— Sim. Sem dúvidas. — Geralmente sou eu quem lidera sempre que estamos na cama. Ela prefere isso, e eu prefiro estar no controle.

Willow desliza sob os lençóis, e a tela fica instável quando o computador cai ao lado. Depois de um segundo, ela deve apoiar o laptop no colo - já que a tela se estabiliza. Eu tenho uma visão clara

do rosto dela, as bochechas coradas e os óculos um pouco manchados.

Fico na moldura da câmera para Willow, abro o zíper da calça jeans e chuto-a pelas pernas. Ficando em cueca boxer preta, eu coloco meu pau duro acima do tecido. O tempo todo, eu assisto o prazer dela subir na tela.

Sua respiração engata. Tiro a última camada de roupa. Fico nu, cuspo na mão e acaricio meu comprimento.

Meus músculos contraem. *Porra.* Calor explode em todo o meu corpo, e olho para minha namorada, rubor subindo por seu pescoço. E imagino afundando minha ereção entre as pernas dela. Imagino Willow embaixo de mim, confiando em mim - uma garota que é delicada e tímida ao toque, e eu vou devagar e me afundo. Minha dureza enche seu calor apertado que se contrai em volta de mim.

Eu aperto meu eixo em um movimento de cima para baixo e levanto meus quadris na direção das minhas mãos. — Porra, — eu gemo. Eu só quero dentro dela. Eu só quero estar na cama com ela.

Eu só quero mais do que isso e sei que tenho que ficar feliz com a fantasia e com a nossa realidade com um oceano nos separando. Talvez seja o suficiente no final.

Arqueio meus quadris em direção ao meu aperto novamente.

Willow solta um ruído suave e excitado.

Porraporra. Eu assisto enquanto ela ajusta seu laptop. Ela está deslizando ainda mais em sua cama. Deitada. Eu acho que ela coloca o laptop no travesseiro ao lado dela. Não consigo ver abaixo dos seios, mas o braço dela parece se abaixar...

E se mexer. Seus lábios se separam em um suspiro curto. Os olhos dela se fecham por mais um instante.

Porra, ela está se masturbando. Meus músculos flexionam, suor brilhando ao longo do meu corpo e pré-sêmen reveste minha mão.

Desejo pulsa minhas veias como um baterista enlouquecido batendo e batendo. — Willow, — eu gemo. — *Willow*.

Ela suspira e se contorce. Eu forço meus ouvidos para ouvi-la sussurrar: — Garrison.

Sou um idiota e estendo a mão na direção da tela do computador como se pudesse tocá-la. Essa maldita versão 2D é apenas metade da minha garota, e sim, eu preferiria poder puxá-la para baixo de mim agora.

Ela cobre o rosto com a mão, aproximando-se de um clímax. — Eu quero você, — ela murmura em uma respiração mais aguda. — Eu quero você em...

— Estou em você, — eu digo com uma voz firme e profunda. Eu acelero o atrito no meu comprimento. — Estou tão profundamente em você.

Willow geme.

Meu pescoço se estica, o sangue explode em minhas veias e inclino a cabeça para trás. — *Poooorra*, — eu gemo baixo.

Ela treme.

Eu atinjo um clímax poderoso, e um barulho involuntário saí dos seus lábios, um gemido agudo que me lembra que ela está completamente solta. Fora da cabeça dela, e eu me liberto na minha mão. Meu corpo está pegando fogo enquanto bombeio a tensão.

Porra.

Ela respira forte comigo, e tento me lembrar de que, mesmo a quilômetros de distância, a intimidade ainda está forte entre nós.



Nas próximas semanas, as aulas de Willow ficam mais complicadas, e eu diminuo as ligações para minha namorada até que ela possa me ligar. Não serei a distração dela. Ela tem muita merda acontecendo, e eu já arruinei o suficiente. Eu não vou arruinar *ela*.

Para não pensar nela, eu apenas me afundo no trabalho. É a única coisa que me mantém relativamente são. Estou em média tendo quatro a cinco horas de sono. O que não é tão ruim, considerando todas as coisas.

E eu não queimei outra pizza. Então estou melhorando, certo?

Pego minha mochila da cama. Normalmente, no sábado, eu fico no escritório, mas a Cobalt Inc. está fazendo uma festa para a divisão de diamantes, e eu realmente não quero me deparar com aqueles babacas. Eles são os caras que passam por mim e "tossem" a palavra *nepotismo.* Eles não estão errados. Mas é chato. As palavras de tosse morreram na escola preparatória. É muito ruim - especialmente quando idiotas de trinta anos fazem isso.

Mas recebi uma ligação, então tenho um lugar para estar.

Vou ser babá.

Tranco meu apartamento e, a caminho da escada, passo pela porta rachada da área comum dos "fumantes". Parei de fumar há um tempo atrás, então nunca me aventurei por lá. As vozes estão abafadas do lado de fora, mas ainda posso distinguir claramente o tom agudo de Ana.

— Como assim ele nunca está por perto? Ele não mora aqui?

— Quero dizer o que eu disse, Ana. Ele não fica muito por perto, — responde Jared, me congelando. — A última vez que o vi, ajudei

com seu detector de incêndio. — Eu congelo. *Eles estão falando de mim.*

— Isso foi há *semanas* atrás, — Ana lamenta. — Se queremos avançar no círculo interno, você precisa ser mais gentil. — Eu quase dou uma risada amarga. Eu sabia que era tudo fingimento. Na verdade, é péssimo estar certo.

— Baby, eu estou sendo o mais legal possível sem ficar de joelhos e chupá-lo.

— Talvez...

— Ana, — ele retruca.

— Eu só estou dizendo, nós temos uma chance de ficarmos amigos com as pessoas mais famosas do país. Você pode não estragar tudo?

Eu não posso lidar com essa merda. Saio correndo pelas escadas. Puxo meu capuz sobre a cabeça. Minha raiva aumenta. Estou de babá, me lembro. Eu não posso fazer isso com esse tipo de raiva. *Acalme-se.*

Respire.

Respire.

Porra, respire.



É difícil entrar na Superheroes & Scones hoje em dia. Parte café, parte loja de quadrinhos - sempre me lembrará Willow e todo o tempo que passamos trabalhando aqui. Estocando as prateleiras e servindo cafés.

Eu era uma merda na máquina de café expresso. Merda em recomendar quadrinhos. Merda em guardar as coleções "populares" na frente e as mais antigas atrás.

Mas de alguma forma, nunca fui demitido, e isso é meio que um sucesso.

Lily sai pelos fundos, ouvindo os sinos da porta da frente. O guarda-costas dela me deixa entrar e depois tranca a porta atrás de mim. Após o horário comercial, apenas luzes suaves iluminam a loja e está estranhamente silencioso. Como entrar em um maldito necrotério.

Eu odeio estar aqui.

É a primeira vez que eu senti isso em realmente, *realmente* muito tempo.

Eu odeio pensar nisso.

— Garrison, obrigada por vir. — Lily balança uma criança de três anos em seus braços e o coloca no chão. — Sinto muito por pedir tão tarde. — Eu concordei em cuidar do seu filho. É algo que Willow costumava fazer quando ela estava aqui.

— Não tem problema. — Eu aceno para Maximoff Hale. — Nós vamos nos divertir muito, certo?

Ele olha para mim com grandes olhos verdes. — Você vai assistir Batman comigo?

Merda. Eu levanto minhas sobrancelhas para Lily. Seu marido é dono de uma empresa de quadrinhos chamada Halway Comics, mas todos no mundo sabem que a verdadeira lealdade de Loren Hale é com a Marvel. Ele diz *foda-se a DC* em praticamente todos as Lives do Instagram que eu já vi.

Ela se encolhe. — O amor de Moffy por Batman não vai embora tão cedo, para grande desgosto do pai dele.

— Legal, — eu digo com um sorriso. Isso é divertido.

— Você vai assistir comigo? — Maximoff me pergunta novamente. — *Pooor favooooooor.*

— Certo...

Ele já está pegando minha mão e me puxando para a grande TV perto dos brinquedos colecionáveis. As persianas estão fechadas sobre as janelas e portas de vidro para maior privacidade. Eu sou apresentado a alguns guarda-costas extras que Lily está deixando comigo e com seu filho.

Os dois homens estão perto da entrada como sombras silenciosas.

Lily corre, pegando as chaves. Ela me chama. — A geladeira está abastecida e você lembra onde estão os bons lanches?!

— Sala de descanso, armário inferior, — murmuro baixinho.

Lily não me ouve, mas está apressada e olha para o relógio. — Obrigada! Eu volto em breve!

Ela sai com pressa e seu filho me encara como se eu fosse o mundo dele pela próxima hora. Talvez porque eu seja.

Se Maximoff soubesse como eu entrei na vida de seu pai, ele me odiaria?

Meu estômago revira, e tento não pensar nisso. Moffy é um bom garoto. Ele apenas senta em um pufe amarelo e assiste o filme, e quando suas partes favoritas aparecem, ele olha para mim para se certificar de que estou prestando atenção.

Uma hora e duas tigelas de pipoca depois, o garoto está apagado. Roncos suaves saindo de sua boca. Encontrando um velho cobertor de lã do *Homem-Formiga* em uma prateleira, abro a embalagem e depois cubro Maximoff.

Deveres de babá cumpridos. Viva eu. Me inclino contra uma estante de livros, figuras de ação nas prateleiras, e percorro o

Tumblr.

Willow não respondeu a um questionário desde que partiu para Wakefield. Ou ela não tem tempo para fazer um ou simplesmente não gosta mais deles. Ela fez alguns gifs daquele cara de *Gilmore Girls* que ela diz que parece comigo, então isso é uma coisa boa, certo? Ela ainda está pensando em mim.

Merda, eu preciso parar de pensar nisso. Passo a mão pelos cabelos e enterro a cabeça nos joelhos. Eu deveria estar trabalhando e evitando todos os pensamentos sobre Willow. Estou a segundos de pegar minha mochila e puxar meu laptop, quando meu celular toca.

Ela está me ligando pelo Skype.

Meu peito fica leve, meus lábios se levantam. É como alguém acendendo as luzes em um quarto escuro, e eu sei que preciso descobrir como encontrar esse interruptor quando ela não estiver por perto. Mas é apenas difícil.

— Ei, — diz ela, radiante quando me vê. A sensação da manhã de Natal não chega nem perto da sensação de falar com ela.

Debaixo da minha felicidade há uma sensação corrosiva. Como algo me comendo de dentro para fora. Cupins no meu porão, corroendo minhas fundações. Não sei como acabar com o sentimento.

Focando em Willow, noto que ela está sentada em sua mesa de madeira organizada. Canetas e lápis escondidos em um copo.

Ela deve estar usando o Skype do computador, já que tenho vista da maior parte do quarto, incluindo da porta aberta. Os alunos passam no corredor.

Em outra vida, poderia ter sido eu? Faculdade. Um dormitório. Amigos. Em outra vida, eu teria vivido lá e odiado cada segundo disso. Mas eu odeio estar longe também.

Sinto que tenho dezessete anos novamente, odiando duas coisas polarizadoras e não sendo capaz de encontrar a paz entre elas. Dividido. Tentando ser costurado novamente. Isso dói. Eu odeio que doa.

Encontro os olhos de Willow.

— Ei, — eu sussurro de volta, tentando não acordar Moffy. — Você parece muito alegre.

— Você também, — ela responde. — Ou pelo menos, mais do que no último fim de semana.

No fim de semana passado, dormi duas horas e tomei quatro Lightning Bolts! - Willow me disse que se eu bebesse mais alguma bebida energética, ela estaria enviando Daisy para me procurar.

Ela examina meus arredores. — Você está na Superheroes & Scones?

Eu aceno e, em seguida, mostro o celular na direção da criança que dorme e depois de volta para mim.

Ela parece surpresa. — Você está de babá?

— É difícil dizer *não* a Lily. — Além disso, eu realmente gosto do filho dela. Maximoff é doce e provavelmente a criança mais fácil de cuidar - não que eu tenha muita experiência em cuidar de filhos de outras pessoas.

Willow assente como se ela entendesse. — Lily tem os melhores olhos de cachorrinho. Eles fazem você desmoronar.

Puxo o capuz do meu moletom preto. — Então, ei, eu... hum, eu descobri qual vai ser meu projeto para a Cobalt Inc., finalmente.

O sorriso dela explode. — Garrison! — Ela exclama em voz baixa, já que Maximoff está dormindo. Seu entusiasmo emite de dentro. — Isso é incrível. E viu, você não tinha nada com que se preocupar.

Eu dou de ombros. — Eu não vou contar a Connor ainda. Ele provavelmente achará estúpido e irá cancelar tudo. Pedirei perdão mais tarde ou o que for. — O que, eu sei, não é algo que você provavelmente deveria estar fazendo quando é funcionário de uma empresa multibilionária.

Mas estou investindo muito nesse projeto para me arriscar a perdê-lo. Além disso, quando tiver um protótipo, posso vender melhor o conceito para Connor.

Penso em não contar a Willow os detalhes também. Então ela não precisa guardar esse segredo de sua família, mas no final, eu não posso esconder isso dela, então apenas digo: — Quero criar um videogame baseado no Sorin-X. — Ele é um personagem dos quadrinhos de *quarto grau*, os mesmos títulos que a empresa de Loren, Halway Comics, publica.

Preciso dos direitos desses quadrinhos para adaptá-los a um videogame, mas passarei por esse obstáculo mais tarde.

Willow parece que poderia me abraçar através da tela. Mas não podemos nos tocar, e essa realização passa por mim como um trem de carga à toda velocidade. É torturante. Eu gostaria de contar as novidades pessoalmente - não importa qual novidade.

— Garrison, — ela respira profundamente. — Isso é *perfeito*. E você realmente é a melhor pessoa para criá-lo. Não vou contar a ninguém, prometo.

Eu aceno com a cabeça, sabendo que ela não vai, e eu rapidamente mudo de assunto. — Como vai o seu projeto? — Prefiro falar sobre Willow, porque quanto mais falo sobre o jogo, mais provavelmente amaldiçoarei a coisa. Eu já posso ver o projeto queimando em chamas.

Ela faz uma careta. — Quero dizer, é um projeto bobo da escola. Não é como o seu. — Ela empurra os óculos que caíram pelo nariz.

Estou prestes a dizer a ela que está errada. Que sua faculdade é tão importante e significativa quanto um jogo de videogame estúpido, mas alguém para na sua porta.

— Ei, Willow.

Minha mandíbula fica tensa.

É *aquele* cara. O que ouvi por telefone. Eu reconheço seu sotaque italiano.

Ele se inclina contra o batente da porta. Na visão direta de sua webcam. Ele agarra a atenção dela e Willow vira a cabeça para encontrar seu olhar.

Eu estreito meus olhos. Sim, eu imediatamente odeio esse cara por nenhum motivo real além de ele aparecer sem aviso prévio na porta da minha namorada.

Além disso: ele se parece com todos os idiotas em *todas* as escolas preparatórias que eu já frequentei. Calças cáquis. Cabelo macio e estilizado. Casaco esportivo. E tenho muita vergonha de dizer que frequentei *três* escolas preparatórias porque fui reprovado em duas.

Mas tanto faz. Eu realmente não consigo ler a expressão no rosto desse cara porque ele está muito longe da câmera.

Isso não me impede de olhar com força para a minha tela.

— Ei, Salvatore, — Willow cumprimenta. — Já são seis horas?

— Em ponto, — diz Salvatore. Meu cérebro começa a processar mais. Esse é o cara da Itália que Willow estava me falando. Ele está no grupo dela para o seu projeto de marketing. Willow também me disse que seu nome é escrito como o de Damon e Stefan Salvatore, de *The Vampire Diaries,* mesmo que eles não sejam pronunciados da mesma forma. Ela disse que era divertido e, na época, eu concordei.

Eu não acho mais divertido.

— Merda, — diz Willow. — O tempo passou voando. Você pode me dar um minuto?

— Sem problemas. Eu estarei nos degraus do lado de fora.

— Obrigada, — Willow fala e depois olha de volta para mim. Desculpas pesam em seus olhos. — Garrison...

— Não é grande coisa. — Eu faço o meu melhor para suavizar o meu olhar. — Vá. — Eu nem sei para onde estou dizendo para ela *ir*. Meu peito está apertado.

Não quero ser um imbecil possessivo. Tudo o que sei é que confio nela. Não confio nele. Não o conheço.

Ele se parece com meus irmãos. Não, ele apenas se veste como um idiota, como eles. Mas ele não é eles.

Engulo em seco, meu nariz queimando. Meu interior torce, lutando com esses sentimentos. Não posso ser o namorado paranoico e controlador que a proíbe de falar com seu maldito parceiro de grupo.

Eu não vou fazer isso.

Eu nem quero *parecer* estar com ciúmes ou estar preocupado com ele. Ela não precisa desse estresse. Eu estou tentando ser legal. Está tudo legal.

Está tudo bem.

Ela coça o braço. — Eu realmente sinto muito. Aqui é quando eu desejo ser Hermione e ter um Vira-Tempo. Mas eu sou... infelizmente, uma mortal.

— Uma trouxa, — reformulo para ela, o que é algo que raramente faço com referências a *Harry Potter*. Ela geralmente é quem me corrige.

Ela sorri, mas é mais triste e mais fraco. — Uma trouxa. — Ela assente e balança a cabeça, em conflito. Como se ela desejasse ter tempo para mim e para a faculdade. Sem eu perguntar, ela oferece mais detalhes. — É uma coisa do grupo. Estamos indo ao Barnaby's para criar um slogan para o anúncio do guarda-chuva.

Barnaby's é o popular bar de Wakefield. Eu sei porque Willow me contou sobre como Tess e Sheetal a levaram para uma noite de trivia dos *Vingadores*.

Elas ficaram em segundo.

De acordo com Willow, havia algumas perguntas complicadas relacionadas ao Capitão América que não deveriam ter sido incluídas. Mesmo chegando em segundo lugar, ela se divertiu e está fazendo amigos. É uma coisa boa.

Ela está feliz.

Eu quero isso para ela. Isso é tudo o que importa. Nós nos despedimos e, assim que eu ponho meu celular no bolso, Lily retorna de sua reunião. Ela entra com pressa na Superheroes & Scones como se estivesse longe de seu filho há uma década. Seu guarda-costas 24 horas por dia, 7 dias por semana, fica perto da porta com os outros dois, e eu já posso ouvir fãs lá fora.

Meu estômago dá um nó. Vou ter que abrir caminho através dessas multidões. *Ótimo*. Eu não amo as pessoas me agarrando. Eu expiro uma respiração tensa.

Lily para quando vê seu filho de três anos enrolado no pufe, abraçando o cobertor do *Homem-Formiga*.

Pegando minha mochila, evito o olhar dela e me levanto.

— Garrison, obrigada, — ela sussurra para não acordá-lo.

— Não foi nada, — eu digo. — Vejo você depois. — Eu vou em direção à porta.

— Espera, Garrison. — Lily me alcança. — Você quer vir jantar? Nós estamos comendo espaguete. Eu não fiz ele, então é comestível. — Ela sorri suavemente, e eu vejo aqueles olhos suplicantes de *cachorro* que Willow estava falando.

Para mim, parece com pena.

Lily sabe que estou sozinho aqui na cidade. Minha família pode morar em Philly, mas eu não vou vê-los a menos que seja um feriado ou eu fui coagido a isso. Eu não tenho amigos. Tudo o que me mantém aqui é o trabalho. Eu deveria aceitar a oferta dela, mas não

quero me aproximar de Lily e Loren ou de qualquer familiar de Willow.

Não sei quanto tempo nosso relacionamento vai durar. E se ela terminar comigo, se tudo isso acabar, eles a escolherão. Como deveriam. E não quero passar tempo com Lily e Loren apenas para perdê-los no final.

Não vou.

Não posso.

— Eu tenho planos, — minto para Lily. — Mas obrigado.

Sem olhar para trás, fecho o casaco e saio.

10 PRESENTE - OUTUBRO

LONDRES, INGLATERRA
WILLOW HALE
20 anos

— Por que você está tirando fotos das fritas, Willow? — Sheetal toma um gole de cerveja e olha para meu celular com curiosidade. Ele paira sobre uma tigela de *fritas* ou *batatas fritas,* como eu as chamo. Barnaby's tem ótima comida de pub, e é imperativo que eu envie minha classificação para Daisy.

— Prometi a minha amiga que documentaria a comida em Londres, — explico. — E avaliaria.

Tess sorri e tira uma batata da cesta. — Eu daria a essas batatas fritas um sólido cinco. Precisa de mais sal. — Ela morde.

Sheetal alcança o saleiro. — Você quer dizer, *fritas*.

Tess mostra a língua de brincadeira. Sheetal joga uma batata frita nela, e Tess ri. Pouco tempo depois, Sheetal pergunta: — Você precisa de outra bebida? — Ela olha a cerveja quase vazia da namorada.

— Ainda não, querida, — diz Tess, sorrindo em uma mordida de batata frita.

Elas são um casal adorável, e sou grata por elas continuarem me chamando para sair. Mesmo hoje à noite, elas poderiam ter ido embora depois que terminamos a tarefa do nosso anúncio, mas, em vez disso, as duas pediram uma cerveja.

Na minha experiência, a maioria das pessoas não amam a companhia de pessoas quietas como eu. Não trazemos o suficiente para a conversa. Ocupamos espaço em sua mesa quando você poderia ter alguém mais falante e mais divertido externamente. E talvez seja apenas a minha insegurança, porque Sheetal e Tess não me fazem sentir como uma intrusa. Elas me *querem* ativamente aqui, mesmo que eu fique quieta.

Alguém esbarra na nossa mesa alta e, com a mão livre, pego a jarra de cerveja antes que ela derrame.

— Desculpa, — o cara murmura antes de tropeçar até o balcão. Barnaby's está lotado, estudantes universitários cheios até a borda. Tivemos sorte em chegar cedo e pegar uma das mesas altas.

Volto ao meu celular. — Então, as *batatas fritas* são definitivamente cinco estrelas. — Eu envio uma mensagem para Daisy: *Delicioso. Comida de pub em seu melhor.* Minha foto meio que saiu uma merda. Está toda granulada e a fraca iluminação não favorece as batatas.

Ela rapidamente me manda uma mensagem de volta.

Daisy: *Elas parecem ótimas! Gostaria que você pudesse enviá-las para mim!!*

Eu também.

— Cinco estrelas? — Tess bufa. — Vou precisar provar outras para ver o que está acontecendo. — Ela enfia a mão de volta na cesta.

Pego minha caneca de cerveja e tomo um pequeno gole, a parte superior quase toda só espuma. É tão estranho estar em um pub com estudantes de dezoito anos, todos bebendo legalmente. — Eu não posso acreditar que tenho vinte anos e estou bebendo em um bar, — digo meus pensamentos em voz alta.

— Eu sei, certo? — Tess assente. — Os Estados Unidos precisam seguir isso e diminuir a idade para beber. — Ela franze a testa. — Além disso, agora estou percebendo que, morando aqui, meu vigésimo primeiro aniversário não será tão épico.

— Londres salvou você de beber a noite toda, ficar mamada e cheirar como vômito, — observa Sheetal. — De nada.

— Mamada? — Eu pergunto.

— Bêbada pra caramba, — define Sheetal.

Tess sorri e bate seu copo no de Sheetal.

É outro momento no qual eu gostaria que Garrison estivesse aqui. Não me sinto como uma vela ou algo assim, mas quero que meus novos amigos o conheçam. Ele é uma parte tão grande da minha vida e parece que estou escondendo alguma coisa ou omitindo essa coisa essencial.

Olho para o balcão do bar. Salvatore inclina um quadril contra o mesmo, alguns corpos embalados entre ele e a estrutura, mas ele está focado em uma morena com a pele pálida como a minha, cabelos castanhos ondulados e um minivestido de veludo azul profundo.

— Falando em idades, — diz Sheetal, capturando minha atenção. — Eu estive pensando sobre o nosso pequeno grupo. — Ela acena em volta da mesa, mas seus olhos estão em mim. — Tess e eu temos dezenove anos. Você e Salvatore têm vinte. Somos todos os mais velhos da turma já que começamos em Wakefield tarde, e pude ver o professor Flynn nos agrupando de propósito.

Tess assente. — Faria sentido, certo? Nossas famílias também são bem de vida.

Eu lembro de uma coisa, — Ele agrupou todos os australianos.

Sheetal deixa escapar um suspiro. — Bem, isso provavelmente confirma a teoria. Ele está dando a cada grupo uma vantagem. Como algum tipo de semelhança em comum. Ser calouro já é difícil, talvez o sujeito queira aliviar algumas das tensões no nosso primeiro ano.

— Ele *é* o meu professor mais legal, — eu digo.

— O meu também, — concorda Tess.

A música do pub muda para uma música popular do *Arctic Monkeys* enquanto eu tomo minha cerveja. O líquido desce amargo. Garrison ama essa banda.

— Ah não, — diz Tess. — Você está com aquela cara, Willow.

— Que cara? — Pergunto e pego uma batata frita.

— Problemas de relacionamento, — diz Tess. — Você está sentindo falta do seu namorado? — Eu apenas contei brevemente sobre Garrison, porque quanto mais eu falo sobre ele, mais desejo que ele esteja ao meu lado.

Estou esperando o dia em que isso não acontece. Que não dói. Mas também estou aterrorizada com a idéia desse dia finalmente chegar.

— Eu gostaria que ele estivesse aqui, — eu admito. — Garrison e eu passamos por muita coisa juntos.

Salvatore volta para a nossa mesa e senta no assento livre ao meu lado. Ele pousa o uísque junto com uma cesta de algo com aparência frita. — Do que estamos falando? — Ele pergunta.

— Do namorado da Willow, — diz Sheetal.

Salvatore vira a cabeça para mim. — O da Filadélfia?

— É o único que eu tenho. — Eu aponto para a cesta. — O que é isso? — Pego meu celular para tirar uma foto. Comida nova. Novas experiências. Sucesso na faculdade, mas por que me sinto tão mal com isso? Meu estômago está revirando.

— Toucinho, — diz Salvatore.

— Ou como falamos, torresmo, — acrescenta Tess e pega alguns.

— Você tem uma foto dele? — Sheetal me pergunta.

Concordo com a cabeça e procuro nas minhas fotos, pousando em uma onde ele está em seu habitual moletom preto. Só que o capuz está abaixado, para que você possa ver mais do rosto dele. Cabelo escova seus cílios. Bagunçado assim. Estamos diante de um recorte de papelão do Groot no cinema, seu braço em volta da minha cintura.

A sensação no meu estômago se intensifica.

Eu entendo agora.

Eu estou em um pub. Experimentando comida nova. Bebendo com novos amigos. Garrison está sozinho na Filadélfia. Ou trabalhando até o ponto de exaustão ou em seu apartamento tentando afastar Jared, seu vizinho em busca de fama. *Culpa*. Isso me assalta dez vezes.

Eu passo o celular para Sheetal. Tess se inclina por cima do ombro dela para ver a tela também.

— *Willow*, você gosta dos meninos maus, — diz Tess em um sorriso.

— O quê? — Eu franzo a testa. — Como você sabe? — Não é como se Garrison estivesse usando uma placa dizendo *eu fiz algumas*

coisas questionáveis no meu passado... certo?

Tess e Sheetal riem levemente.

— Eu não sabia, — admite Tess, — mas agora sabemos.

Sheetal devolve meu celular e sorri. — Você e seu rapaz parecem lindos juntos, fofos demais.

— Obrigada, — murmuro e coloco meu celular no bolso.

Salvatore me olha em uma avaliação lenta, como se estivesse tentando me entender. — Como ele é mau, exatamente?

— Ele não é, — eu respondo. — Ele é um cara legal. Quando ele vier visitar no próximo semestre, todos poderão conhecê-lo e ver por si mesmos.

— Ansioso por isso. — Salvatore toma um gole de uísque. — Ele vai me amar. Eu dou as melhores primeiras impressões.

Tess bufa. — Sim, é na segunda e terceira impressões que você precisa trabalhar.

Salvatore sorri, mas cutuca meu ombro quando vê que não estou fazendo o mesmo. Ele pega alguns torresmos e os coloca em um guardanapo na minha frente. — Nos dê a sua opinião da Pensilvânia-Maine.

— Uou! ISSO! — Um estudante universitário bêbado começa a gritar no bar. — Vira! Vira!

Os corpos começam a se amontoar e três pessoas batem na nossa mesa. Eu não sou rápida o suficiente desta vez. A jarra cai de lado e eu pulo antes que a cerveja me molhe.

Esses idiotas não se desculpam. Em vez disso, eles estão de frente para o bar, com seus corpos ainda perto o suficiente para bater na mesa de novo.

— Ei! Olhem onde suas bundas estão esbarrando. — Sheetal atira aos caras desordeiros.

Eles se viram para ela em um instante, e eu consigo ouvir apenas um deles dizer: — Puta imbecil.

— Ei. — Salvatore caminha para a frente deles. — Deem fora.

Tess joga guardanapos na cerveja derramada e eu ando em volta da mesa para ficar ao lado de Salvatore. — Apenas nos dê um pouco de espaço, — digo aos caras. Eu digo tranquilamente, então não espero realmente a resposta deles.

— *Apenas nos dê um pouco de espaço*. — O mais alto, com cabelos loiros encaracolados, imita meu sotaque americano, mas ele enfatiza demais como se eu fosse uma cabeça-de-vento.

— Não queremos problemas, — diz Salvatore.

— Babacas! — Sheetal grita para eles.

Salvatore suspira pesadamente, mas ele está sorrindo para o teto.

Tess ri.

Estou fazendo o meu melhor para não sorrir. Lábios pressionados firmemente juntos. O loiro encaracolado fixa seu olhar em mim,

como se meu esforço para reprimir o riso fosse um crime grave.

Salvatore desliza para mais perto de mim e depois coloca um braço em volta do meu ombro. É repentino e é só para um espetáculo, mas ainda me faz solidificar em pedra.

— Eu disse para *darem o fora*, — diz Salvatore.

Sheetal olha com raiva para o loiro encaracolado e murmura em sua cerveja. — Que idiota.

Ele está prestes a responder quando um garçom se aproxima. — Temos algum problema aqui, companheiros? — Ele olha entre o nosso grupo e o idiota, mas ao contrário de nós quatro, todos os amigos do idiota o deixaram e migraram de volta para o bar.

O loiro encaracolado range os dentes. — Não. Eu estava saindo. — Ele dá um passo para trás.

O garçom vê o jarro vazio e os guardanapos ensopados, e ele nos dá um olhar de desculpas. — Vou pegar algumas toalhas e trazer-lhes outra rodada por conta da casa.

Ele sai e todos olhamos um para o outro, a segundos de rir.

Barnaby's é o nosso lugar. Oficialmente.

E então me bate. Era uma discussão de bar tola e *normal*. Aquele cara não me reconheceu. Não começou uma briga porque ele odiava meu irmão. Não me xingou por causa de minha relação com as irmãs Calloway. Londres e Wakefield estão me trazendo essa sensação avassaladora de normalidade, e eu não quero deixar para trás.

Mas também não quero deixar de lado o que está em casa.

Garrison.

Minha família.

Eu os amo mais do que qualquer um aqui pode entender.

11 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
17 anos

Com uma música do Grouplove tocando nos meus fones de ouvido, uno cerca de trinta e quatro clipes no Final Cut, meu Mac apoiado nas minhas pernas. Corto e duplico quatro segundos das *Princesas de Philly*.

No momento, estou olhando para Ryke Meadows em pausa. Ele está olhando para uma motocicleta mutilada na calçada. Eu pressiono play. — *Que po**a é essa? Filhos da p**a, pedaços de m***a, só pode ser uma fo**da brincadeira.* — Faço uma pausa, aparando um oitavo de segundo.

O clipe é mais engraçado se ele for duplicado e sobreposto a uma música, então eu adiciono música em cima dos xingamentos dele e adiciono um clipe de dois segundos de uma entrevista. — *Que po**a de pergunta é essa?* — Ele joga um travesseiro na câmera.

De repente, Nathan joga uma máscara de gárgula de borracha para mim, fechando meu laptop.

— Filho da puta, — eu xingo, puxando meus fones de ouvido para o meu pescoço.

— Cara, — diz Hunter - e não, não é meu irmão. É um dos meus amigos que empalidece em comparação com a *grandeza* e a *beleza* efervescente do meu irmão.

— O quê? — Estreito os olhos, levantando a tela do meu computador de novo. Coloco a máscara ao meu lado na mesa, a cadeira com rodinhas rangendo quando me movo.

A casa de Nathan está estranhamente quieta. Não há música tocando alto. Nenhum torneio de poker ou várias conversas acontecendo ao mesmo tempo.

É apenas um punhado dos meus amigos, com máscaras de borracha, roupas pretas e um plano dentro de suas cabeças. Um plano que coloca um olhar febril e louco em seus rostos. A adrenalina alta de fazer algo ilegal já se manifestou.

E eu me sinto doente.

Talvez porque Loren conversou conosco, não apenas nos ameaçou, mas realmente *conversou* e é difícil - é difícil pra caralho vê-lo como uma celebridade impenetrável quando ele se humaniza de várias maneiras.

Meu pescoço esquenta, e eu suo por baixo do moletom. Não consigo parar de imaginar ele e seu filho, seu *bebê*.

E o plano hoje à noite: invadimos a casa de Loren. Assustamos todo mundo que mora lá e depois fugimos.

Crianças estão lá. E eu sei que uma das garotas... uma delas tem problemas com transtorno de estresse pós-traumático ou algo assim. Quando Loren me pegou com uma arma de paintball na mão, lembro-me que um deles - ele ou seu irmão - disseram isso para mim. *Minha namorada tem transtorno de estresse pós-traumático.* Eu acho que é a namorada de Ryke, e não tenho certeza do que isso vai fazer com ela - mas não pode ser bom.

Eu poderia expressar isso para meus amigos, mas ouço a resposta deles: *é apenas uma brincadeira. Cresça algumas bolas, Garrison. Seu viadinho.*

Minha pele se arrepia e estou prestes a colocar meus fones de ouvido novamente. A única coisa que me impede de vomitar é esse vídeo estúpido. *Ryke Meadows e seus palavrões - Parte 2.* O primeiro que eu enviei tem mais de dezesseis milhões de visualizações, então imaginei que um segundo era devido.

Outra pessoa joga outra máscara de gárgula para mim.

Eu a bloqueio com o braço. — Que porra é essa?

— *Cara*, — enfatiza Hunter. — Vamos sair em um segundo e você está jogando *The Sims.*

Nathan ri depois de tomar uma dose de uísque. — Sua namorada virtual te traiu com o garoto da piscina virtual?

Eu mostro o dedo do meio para os dois. Eles me viram jogando *The Sims* uma vez e nunca pararam de me encher o saco. Eu gosto desse jogo - mas se eu admitisse, eles o mencionariam a cada minuto do dia. E estou evitando essa dor de cabeça.

— Vamos. — Kyle se levanta e coloca a máscara. Ele bate no peito com os punhos.

— Você é uma gárgula, não um gorila, — Nathan diz a ele antes de deslizar sua própria máscara em seu rosto.

— Mesma família. — A voz de Kyle soa abafada. Pouco tempo depois, todo mundo começa a sair. Enfio meu laptop e fones de ouvido na mochila, mas a deixo no quarto e apenas carrego a máscara.

Cada passo que dou, me sinto pior, e as desculpas começam a arder na minha cabeça. Para sair disso, ir embora. *Eu vou vomitar.*

Eu limpo minha testa com o braço, a máscara pesada em minha mão. Eu fecho a porta da frente de Nathan atrás de mim, e eles riem, praticamente *pulando* da entrada de automóveis para a estrada.

Eu sou o único desmascarado neste momento.

Assim que meus pés atingem o asfalto, eu apenas paro. Eu congelo no lugar. Eles estão cerca de cinco passos à minha frente quando Nathan percebe que estou para trás. Ele se vira e gesticula para eu seguir. — Vamos.

Eu balanço minha cabeça tensa. — Não posso, — é a única desculpa que posso dar.

Nathan levanta a máscara até a metade da cabeça, com as mechas de cabelo vermelho expostas. Seus olhos se estreitam para mim e ele se aproxima, nossos amigos o seguindo. Se eu desistir, há uma chance de outros desistirem também - e essa foi a ideia de Nathan.

— Por que você está sendo um bebê? — Nathan diz em voz alta, para que nossos amigos ouçam.

— Apenas sigam sem mim, — digo a eles - as palavras se derramando antes que eu possa pará-las.

Nathan se aproxima ainda mais. Ele é mais baixo e mais magro que eu, mas ainda assim, meus músculos flexionam e se esforçam, meu pulso acelera e respiro fundo.

— Se você nos abandonar, — Nathan bufa, — *acabou* - você sabe disso, certo?

Eu o encaro. — Qual é...

— Não, estamos nisso juntos. Esse era o plano, *porra*. — Nathan fica a centímetros do meu rosto.

Eu o empurro para trás, o suficiente para me dar espaço, e ele está prestes a colocar as mãos em mim - eu perco a cabeça e saio do seu caminho. — Sério, não me toque, porra! — Eu jogo a porra da máscara para ele.

— Foi você quem *me* empurrou! Deus, o que diabos há de errado com você, Abbey?

Eu passo a mão pelo meu cabelo, os fios fora dos meus olhos agora. Estou tremendo e não consigo dizer nada. Eu apenas volto para a casa dele, subo a entrada da garagem, para pegar minha mochila e ir para casa.

— Garrison! — Nathan grita.

— Esquece ele, — diz Hunter. — Ele provavelmente está chateado por não poder passar tempo com seus amigos falsos no Tumblr.

Coloco um cigarro nos lábios, tremendo demais para acendê-lo. Meus olhos ardem e eu checo por cima do ombro. Nathan está olhando para mim, como se dissesse, *se você quiser ser meu amigo novamente, terá muito o que fazer.* Ele balança a cabeça, coloca a máscara no rosto e se vira, descendo a rua com o resto dos meus amigos.

Eu quero gritar.

Para mim. Para eles. Para esse lugar estúpido.

Mas tudo o que faço é entrar, pegar minha mochila e caminhar na direção oposta a eles, dobrando a esquina da rua Cider Creek Pass.

12 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW MOORE
17 anos

— Pelo amor de Deus, porra, — Ryke xinga depois de tocar a buzina. Estou segurando a alça da mochila e checando duas vezes o cinto de segurança, presa no banco traseiro.

Loren olha para mim do banco do passageiro pela vigésima vez e eu aceno para ele como se dissesse *estou bem.*

Eu estive no carro com eles enquanto carros e vans de paparazzi nos seguiam, mas nunca foi tão ruim assim. Os cinegrafistas flagraram uma "garota sem nome" subindo no banco traseiro do Infinity prateado de Ryke, e a internet ficou louca com fotos embaçadas minhas.

Eu tenho aberto os feeds do Tumblr, Twitter e *Celebrity Crush* no meu celular, e todos só estão falando disso.

A especulação número um: *Ryke Meadows está traindo Daisy Calloway.*

Eu os vi juntos. Em pessoa. (Ainda não consigo acreditar.) Ajudei Daisy a fazer enchiladas para o almoço e Ryke entrou na cozinha para ajudar também. Eu o flagrei roubando vislumbres de sua namorada, como se quisesse apenas mais uma imagem mental dela - e seus lábios sempre começavam a se levantar em um sorriso.

Claro, eu sempre fui uma *Raisy shipper*, mesmo que não consiga me relacionar muito com seus espíritos aventureiros. Mas esses pequenos momentos ocultos solidificam o que sempre pensei que fosse verdade.

Ryke Meadows ama Daisy Calloway.

Então não, ele *nunca a* trairia. Não acredito nem por um segundo e só espero que o mundo também não acredite. Não quero interromper ou arruinar a vida deles mudando para Philly.

No sinal vermelho, Ryke abaixa a janela do motorista e enfia a cabeça para fora. — Não me corte! — Ele grita para a SUV mais próxima, uma câmera apontando diretamente para ele.

— Que tipo de carga preciosa está no banco de trás, Ryke? — Pergunta o cinegrafista.

— Estou falando sério, porra. Não pare na minha frente de novo como se estivéssemos brincando de bate-bate.

Loren inclina a cabeça para Ryke. — Quer que eu dirija?

Ryke não diz nada enquanto fecha a janela.

— Pelo menos eu não tenho fúria na estrada.

— Eu sou um piloto melhor do que você e... não diga nada, *porra*.

— Você destruiu o meu carro, — Loren brinca com um meio sorriso. — Nunca sofri um acidente, por isso sou um *ótimo* motorista.

Ryke revira os olhos, mas fica quieto e bate no volante, impaciente para a luz do semáforo mudar.

Loren olha para mim novamente. — Você está bem?

Eu tenciono mais. — Então, geralmente é tão ruim assim?

— Eles estão atrás de sangue hoje, — diz Loren. Percebo sua perna tremendo um pouco, mais nervoso do que ele está deixando transparecer. Seu celular também está na mão, e eu me pergunto se ele também viu as especulações. Então eu vejo o site do tablóide *Celebrity Crush* na tela dele.

Eu me mexo desconfortavelmente no assento de couro. — Talvez se Ryke meio que... manter distância de mim, ou agir como se ele não se importasse… — Eu paro porque Loren está quase rindo. Ele tem que esfregar os lábios para não falar.

— Você é um cuzão de merda, — Ryke diz a Loren, embora pareça haver carinho em sua voz, não ódio.

Eu olho com cautela entre eles. — O que foi?

Loren divertidamente coloca uma mão na parte de trás do encosto de cabeça de Ryke. — Dizer a Ryke para *não se importar* é pedir demais das capacidades sobre-humanas dele. Ele é fisicamente e mentalmente conectado para se preocupar *muito* com as pessoas próximas.

Eu analiso isso e afrouxo meu aperto na minha mochila. Estou lentamente entrando no mundo deles, e sabia que haveria partes ruins, como a vigilância constante das câmeras - mas acho que nunca considerei *essas* partes: a lealdade das pessoas que acabaram de me conhecer.

— Engraçado, — diz Ryke, pisando no acelerador quando a luz fica verde. — Não me lembro de ter sido um maldito super-herói.

O sorriso de Loren desaparece, e ele olha para o irmão mais velho por um longo momento, como se quisesse dizer algo mais. Ele acaba abaixando a mão e girando em minha direção. — Fique perto de mim quando sairmos. Eles vão tentar ficar na sua cara, e será mais fácil entrar no complexo de apartamentos se você estiver perto de mim.

— Eles vão perguntar quem eu sou, certo? — Eu esfrego minhas mãos nervosamente no meu jeans.

— Eu vou mentir, então você não vai precisar, — Loren me diz. — Ok?

Percebo Ryke ficando rígido no banco do motorista, seus olhos endurecendo através do espelho retrovisor. Eu não o conheço o suficiente para entender por que ele está chateado. Talvez ele seja o

protetor de Loren. Talvez ele odeie mentiras. Talvez sejam os paparazzi em geral.

Tudo o que sei é que estou prestes a estrear neste universo louco da mídia. E Loren Hale, meu irmão, está ajudando a me guiar.

— Ok, — eu concordo.

— Quantas caixas estão no porta-malas? — Ryke pergunta.

— Só duas. Ela só enviou minhas roupas e roupas de cama. — Eu disse *ela,* em vez de *mamãe para* contornar a tensão desagradável de liberar seu nome na atmosfera. Eu a vi não faz muito tempo. Nossa conversa em um restaurante local, o Lucky's Diner, foi mais ou menos assim:

Mãe: *Se você ficar aqui, estará por sua conta. Não posso ajudá-la na Filadélfia.*

Eu: *eu sei.*

Mãe: **olha por cima do ombro, esperando que Loren Hale pule e a assuste com a presença dele**

Eu: *Ele não está aqui. (Ele sabia que você não queria vê-lo, nunca.)*

Mãe: **silêncio**

Eu: *Ainda posso falar com Ellie?*

Mãe: *Quando você ligar, me certificarei de entregar o telefone para Ellie. *confere relógio**

Eu: *...você quer que eu volte para casa?*

Mãe: *...você estaria fora da minha casa daqui a um ano para a faculdade. Talvez essa mudança agora seja para o melhor.*

Então ela me deu um leve sorriso, como um adeus, como se ela já tivesse começado a me tirar da cabeça e estava esperando que eu fizesse o mesmo. Ela está acostumada a deixar crianças para trás, eu percebi. Talvez ela achasse que esse era o curso natural - que ela também deveria ter me deixado para trás há muito tempo.

Às vezes me pergunto se tudo isso era um truque, se ela simplesmente parecia desapegada para poder me deixar ir com mais facilidade. Se ela passou a noite chorando no avião. Se ela espera que minha vida seja melhor aqui do que era lá.

Eu gostaria de acreditar em tudo isso porque me faz amá-la um pouco mais e ressenti-la um pouco menos.

Deixar Ellie acabou sendo a parte mais difícil de todas. Sem comunicação constante, não sei como ela lidará com isso. Se eu me enganar por tempo suficiente, posso imaginar que minha ausência não terá nenhum impacto real sobre ela, mas sei que vai.

Ryke estaciona em frente a um complexo de apartamentos de tijolos, quase cheio de carros. Me sinto fora do meu elemento. Não apenas porque quatro veículos diferentes estacionam perto de nós, portas se abrindo e paparazzi pulando - mas também porque tenho apenas dezessete anos e estou entrando no território em que estudantes universitários pisam.

Lo não está feliz com isso.

Eu percebo isso agora, enquanto ele examina os vinte e poucos estudantes com mochilas, passeando no complexo de apartamentos. Suas sobrancelhas se juntam e seus olhos escurecem.

— Eu vou ficar bem, — digo a ele, tendo que levantar minha voz enquanto os paparazzi se reúnem do lado de fora das portas do carro.

Ele balança a cabeça algumas vezes. — Você realmente deveria ficar conosco.

Seis pessoas vivem em sua casa: três irmãs Calloway e seus três parceiros, todos na casa dos vinte anos. Junto com dois bebês recém-nascidos, um deles é o filho de Loren.

Pode haver quartos extras em sua casa do tamanho de uma mansão, mas não sinto que me encaixaria. Na verdade, me vejo *sempre* no caminho deles.

Ainda nem conheci o marido de Rose Calloway, Connor Cobalt. Ele poderia muito bem me odiar. No reality show, ele foi taxado como um ser humano vaidoso. Eu até fiz um conjunto de gifs dele dizendo (com uma cara séria): *"A maioria das pessoas nunca alcança o auge da perfeição. Mas eu não sou a maioria das pessoas, então pense nisso como sendo uma honra me conhecer."*

Ele é um gênio. Um bilionário. E morar em um quarto no corredor dele parece uma terra de fantasia que não foi criada para mim.

— Eu não quero complicar sua vida, — digo honestamente.

Suas sobrancelhas se erguem para mim e ele aponta para um paparazzo barbudo perto da minha janela. — E eu não estou complicando a sua?

O homem encontra o olhar de Lo, e Lo lança seu sorriso seco icônico para ele. Ver esse sorriso pessoalmente é mais poderoso do que por fotos.

Por impulso, quase tiro uma foto, mas me controlo, virando o celular na mão. É tão fácil se tornar parte dos paparazzi sem realmente perceber.

— Eu vou pegar uma maldita caixa e entrar. Você tem seu cartão-chave? — Ryke me pergunta.

Eu concordo com a cabeça.

Loren parece relutante em fazer isso.

Ryke dá a ele um olhar que não consigo ler. — Você não pode forçá-la a morar conosco, — ele lembra.

— Ela tem apenas *dezessete anos*, — ele sussurra, passando a mão frustrada pelo cabelo, maior por cima, mais curto nas laterais. — Ela deveria ficar mais perto da escola que vai frequentar, não da Penn.

— Estou mais perto da UPenn, — digo baixinho, — não da Penn.

Ambos os irmãos balançam a cabeça para o banco de trás, e eu juro que os flashes das câmeras disparam como loucos. As janelas

são apenas ligeiramente escuras, então eu me pergunto o quanto os paparazzi pegam.

Sinto minhas bochechas esquentarem, mas a cor se esvai, o contato visual deles é cada vez mais intimidador. — Eu tenho... algo no meu rosto? — Minha voz falha, e diante de seus sorrisos crescentes, eu imediatamente me arrependo de ter falado. Me encolho no lugar.

Ryke me diz: — As únicas pessoas que já ouvi falarem UPenn são pessoas que nunca frequentaram a Universidade da Pensilvânia. — Ele guarda as chaves do carro no bolso. — Todos nós chamamos de Penn. Pelo menos quando estudávamos lá, era assim. Quem diabos sabe do que os alunos estão chamando agora.

Ele age como se tivesse se formado décadas atrás, mas acabou de completar 26 anos. Eu não sou tão boa em matemática, mas posso subtrair bem o suficiente para saber que já fazem quatro anos desde que ele agraciou *o* campus *de Penn*.

Lo acrescenta: — A maioria dos professores mais velhos preferem chamá-lo de Penn em vez de UPenn. Mas é só tradição e o nome pega quando você estuda lá.

— Mas a Penn State...

— É chamada de Penn State, — explica Lo. — Se você diz "eu vou para a Penn" por aqui, a maioria das pessoas assumem que não é para a Penn State.

— E se não, quem diabos se importa, — Ryke termina. Ele também mostra o dedo do meio para o paparazzo do lado de fora da minha janela. — Ele está muito perto dela.

— Vou sair e dar a volta até a porta dela, — Lo diz a ele. — Você abre o porta-malas e pega a primeira caixa. — Com isso, os dois abrem as portas do carro e saem. Flashes os bombardeiam, junto com uma enxurrada de vozes.

Eu solto o cinto e deslizo em direção à porta que Loren se aproxima.

— Se afastem, — Loren diz a eles antes de abrir minha porta e me deixar sair. Eu fico entre ele e uma lente de câmera.

— Qual o seu nome?!

— Como você conhece Loren e Ryke?!

— Com quem você está namorando?!

Meus ombros se curvam para a frente a cada pergunta recebida, e eu agarro a alça da mochila, puxando-a para mais perto do meu corpo.

Loren sai do meu lado para pegar minha segunda caixa de papelão, e eu fico por perto, como instruído. Tropeço um pouco nos meus pés e mal me seguro, evitando uma colisão com Lo.

Não caia, especialmente em seu irmão que você conheceu recentemente.

Infelizmente, sou mais desajeitada quando estou nervosa.

É um dom horrível. Eu não desejaria isso nem ao meu pior inimigo, mas, novamente, duvido que meus inimigos se sintam nervosos o suficiente para serem desajeitados.

Ryke fecha o porta-malas e depois seguimos em direção à calçada. Um cinegrafista corre na minha frente e caminha para trás enquanto filma. — Qual é o seu nome?! — Ele pergunta por cima dos outros paparazzi.

— Ela é minha prima, — Loren mente com um olhar sombrio. — Então cuidado com o que você diz e faz. — Ele enfia a mão no bolso, a ação casual, mas de alguma forma ameaçadora.

Chegamos à calçada, bem em frente as portas duplas de vidro do complexo de apartamentos. Lo disse que eles não podem nos seguir para dentro. Então, praticamente prendo a respiração, antecipando abandonar os oito - não, *doze* cinegrafistas que nos cercam.

E então, o peso no meu ombro vai de um pouco pesado para muito, muito leve - seguido por uma *batida* e um *estalo.* Eu congelo no lugar e olho para o cimento, com olhos arregalados para o conteúdo exposto da minha mochila.

Merda. O fundo da minha mochila rasgou.

E meu laptop... estou prestes a me abaixar para verificá-lo, mas noto outros itens que estão espalhados pela calçada.

Como uma camiseta e shorts extras para fins noturnos como "dormir no meu carro". Uma *calcinha* extra - uma azul de aparência bem infantil com corações roxos.

Muitos marca textos, post-its e canetas.

O que há de mais abundante: *absorventes internos.* E não apenas um ou dois. Há uma *caixa* inteira de aplicadores embrulhados em plástico rosa. Sei disso porque comprei recentemente uma caixa, joguei-a na mochila e não pensei em nada.

Fico tensa, em estado de choque, provavelmente tão branca quanto um fantasma.

Meu coração despenca, deixando um buraco oco em seu lugar. Meu irmão - um *novo* irmão - e seu meio-irmão intimidador plantam seus olhares em mim. E para piorar: estou cercada por homens com câmeras que, sem dúvida, postarão isso na internet.

Eu não estou pronta para ser um meme. Ai meu Deus.

Não consigo me mexer. Eu não consigo me agachar. Apenas olho para o chão como se talvez esse momento fosse retroceder e minha mochila jeans não se rasgasse.

— Aí merda, — um dos paparazzi ri.

Eu mal registro o olhar assassino de Loren, focado no cara com a câmera. Ele se encolhe um pouco e levanta a mão em sinal de rendição.

E então Ryke abaixa sua caixa. *O que ele está fazendo...*

Não!

Ele começa a recolher meus absorventes como se fossem lápis e não produtos femininos. Eu me movo atordoadamente, como se minhas pernas pertencessem a outra garota - uma força maior puxando as cordas presas aos meus membros. Ajoelho-me e rapidamente recolho todos os itens, enfiando-os freneticamente no bolso lateral da minha mochila que ainda está intacto.

Não há muito espaço, então eu pego todo o resto em meus braços. Decido verificar o estado do meu laptop mais tarde, mas, à primeira vista, parece ok.

— Eu posso pegar isso, — eu praticamente sussurro para Ryke, gesticulando para os absorventes e duas histórias em quadrinhos em sua mão. Não tenho certeza se ele me ouviu, mas estendo minha mão livre, mostrando a ele que vou pegar.

Eu tenho dificuldades em segurar todo o resto e quase deixo cair meu laptop novamente.

— Eu vou levar isso, — ele me diz. — Você pega o resto. — Ele guarda os absorventes no bolso e coloca os quadrinhos em cima da sua caixa de papelão.

Como ele pode ficar bem guardando meus absorventes? Estou prestes a recongelar e ficar toda travada de novo.

— Coloque sua mochila em cima da minha, — diz Loren, chamando minha atenção para si. Ele dá um tapinha na parte superior da caixa e eu me levanto, relutantemente, soltando minhas posses com muito medo de derrubar.

— Obrigada, — eu murmuro, tendo problemas até em *olhar* para Ryke agora.

— Sua prima tem um nome?! —Um paparazzi grita, suas palavras me atordoando.

— Sim. — Loren usa uma mão para segurar a caixa de papelão e a outra põe em meu ombro, me guiando para frente. — O nome dela é Willow Hale. — Ele lhes dá um sorriso seco e duradouro antes de passarmos pelas portas duplas de vidro.

À medida que subimos até o quarto andar em silêncio, recupero alguma consciência que normalmente perco em momentos vergonhosos. É como um apagão, um nevoeiro, uma experiência extracorpórea - minha mente fica tão atordoada que decide abandonar meu corpo por um segundo rápido.

Eu inspiro, em primeiro lugar. E então olho para cima. Estou entre Ryke e Loren, ambos tão altos que fazem minha altura de um metro e sessenta e cinco parecer pequena. Eu percebo Ryke *olhando* para o espaço acima da minha cabeça, os olhos estreitados em seu irmão.

Lo não olha para Ryke quando diz: — Eu tive que mentir. Então você pode parar de me encarar agora. E caso você tenha esquecido, irmão, eu tenho o coração de Hades, então você não deve se surpreender de qualquer maneira.

— Ela não é uma Hale, Lo.

Loren solta um suspiro frustrado e encontra o olhar sombrio de seu irmão. — É mesmo? Mas eu não poderia dizer que ela é Moore e ter a imprensa desenterrando o nome de sua irmãzinha. Esta é a melhor opção por vários motivos. Você sabe porquê?

Ryke fica quieto e balança a cabeça, mais como se dissesse *isso é errado.*

— Agora eles acham que você também é parente dela, — explica Lo. — Nenhum tablóide vai começar rumores de que vocês estão namorando... ou o que quer que seja. — Lo se encolhe com a idéia.

Bloqueio tudo, morrendo internamente e sobrecarregada demais para me concentrar em outras palavras ou detalhes. O elevador diminui a velocidade e emite um sinal sonoro, e eu quase corro pelo corredor até o meu quarto: 458. Eu abro a porta com as minhas chaves - bem, quase.

Eu as derrubo. Eu as pego. E então eu desajeitadamente as derrubo novamente. São necessárias quatro tentativas para que minhas articulações funcionem corretamente e eu abra a porta.

Tenho uma colega de quarto muito arrumada, a pequena cozinha limpa e sem utensílios e comida. Maya mencionou como ela tem um plano de refeições na Penn. A sala tem alguns pôsteres dos *Vingadores*, *Battlestar Galactica* e *Final Fantasy* - mais pilhas de anime na mesa de café.

Maya Ahn é legal. A gerente da Superheroes & Scones tinha uma vaga para colega de quarto aberta depois que a amiga partiu para a Califórnia, e isso funcionou a meu favor.

Definitivamente, não posso pagar o aluguel inteiro sozinha e começo a trabalhar na Superheroes & Scones em breve, graças à gentileza de Lily. Espero poder pagar o aluguel do primeiro mês com o dinheiro que Lo me emprestou.

O apartamento se divide em dois corredores; o lado esquerdo é dela, reivindicado por um pôster de Darth Vader na porta que diz: *Eu quero você para a marinha imperial!*

O lado direito é meu, não reivindicado e vazio. Abro a porta para um quarto do tamanho de um dormitório, uma mesa embutida simples, uma cômoda de madeira, uma meia janela e uma cama de solteiro.

Sento-me no colchão levemente manchado, a moldura de madeira rangendo. Eu ouço passos enquanto Ryke e Loren seguem minha sombra. Jogo meu telefone de palma para palma, e de repente ele vibra.

Maggie: *Você está com Loren Hale agora?!?!?!*

Eu hesito. Há apenas uma maneira que minha melhor amiga do Maine poderia saber disso *tão* rapidamente. Eu entro no site do *Celebrity Crush*.

— Ai meu Deus, — eu murmuro. Uma fotografia gigante de mim pegando absorventes da calçada enche a página. Ryke tem minha calcinha em cima de sua caixa, e eles desenharam um círculo ao redor delas.

A manchete: *A prima de Loren Hale sofreu um acidente em um estacionamento!*

Digo de volta para Maggie: *sou eu... infelizmente.*

Maggie: *VOCÊ ESTÁ COM LOREN HALE E RYKE MEADOWS!!!! O que é infeliz sobre isso??? Além do mais... por que você não me disse que é prima dele? ALÔÔ!*

Eu sabia que ela poderia perceber, mas duvido que alguém em Caribou consiga juntar dois mais dois e crie problemas para mim. Então, respondo*: acabei de descobrir... por favor, não conte a ninguém. Minha mãe não quer Ellie envolvida nisso.*

Maggie: *Não direi à uma alma. Me ligue pelo Skype em breve ... preciso de muitos detalhes!*

Após sua última mensagem, leio atentamente o artigo, pegando a parte em que eles mencionam como minha "visita parece permanente" - e, é claro, eles apontam todos os itens que eu deixei cair.

— Este lugar é pequeno. — A voz de Lo emana da sala de estar.

Eu coloco meu telefone no colchão e olho para minhas mãos, um pouco mais entorpecida e vazia do que antes, no carro. Não consigo discernir se esses sentimentos são da falta grave de privacidade... ou apenas de um ataque normal de vergonha.

— Meu dormitório no primeiro ano era menor do que isso, — Ryke retruca.

— Ela ainda não está na faculdade. Ela não deve morar em uma caixa de sapatos até que precise.

Ryke suspira pesadamente, seus passos mais próximos. — Eu já disse o que tinha que dizer… — ele para, e eu os sinto elevando-se à porta, seus olhares quentes em meu corpo imóvel.

Não consigo desviar o olhar das minhas mãos.

Um momento tenso passa antes de ouvi-los pousar as duas caixas de papelão no chão.

— Obrigada, — eu digo baixinho, sem saber o que estou sentindo exatamente. Não é todo dia que você aparece no site de fofocas número um com sua calcinha confortável e seus absorventes espalhados. Que estreia estranha.

— Ei... Willow, — Lo diz, tentando suavizar sua voz. — O que aconteceu lá atrás - serão notícias esquecidas em uma hora. — Ele limpa a garganta quando eu não respondo. — Você pode pensar nisso como uma iniciação? Bem-vinda à família…

Eu engasgo com uma risada que torce meu rosto em uma careta. Eu finalmente olho para cima, e Ryke e Loren estão com expressões

simpáticas.

Ryke mais que Lo, o que me lembra a conversa no carro... sobre o irmão de Lo ser *excessivamente* cuidadoso.

Eu lambo meus lábios secos, tentando formar palavras quando geralmente mantenho tudo na minha cabeça. É uma tarefa difícil de dominar, e eu sei que ainda sou muito ruim nisso. — Eu só... meio que esperava que eu fosse ficar conhecida por algo que não fosse: ser a garota que derrubou… — *absorventes.* Eu nem consigo dizer. Estremeço internamente e olho para o pedaço de jeans usado em cima de uma caixa de papelão. Eu posso costurar o fundo mais tarde.

— Como eu disse, vão esquecer, — diz Lo. — Você ficará conhecida por outra coisa daqui há um mês… — Minha mente o ignora no minuto em que Ryke tira os absorventes internos do bolso, colocando-os na minha cômoda.

Eu empalideço novamente.

— Ryke, — Lo diz, percebendo onde está meu foco. Ele sussurra algo para o irmão, que está carrancudo.

Ryke sussurra de volta: — Eles são apenas tampões. Você está agindo como se ela tivesse deixado cair um maldito vibrador.

— Não, — Loren se encolhe.

Ryke revira os olhos. — Lily, *sua* noiva, disse que teve um pesadelo com seus brinquedos sexuais caindo de sua bagagem no aeroporto e os paparazzi capturando o incidente - então eu não sou o estranho fodido aqui.

Lo resmunga. — Por que você está falando com *minha* namorada sobre vibradores?

Não sei se devo encontrar entretenimento nisto - me pergunto se isso não me faz ser pior que o *Celebrity Crush* - mas eu culpavelmente *e* ansiosamente ouço eles, querendo que continuem.

Ryke que resmunga agora. — Somos amigos, porra.

— *Ei*, você pode pelo menos dizer isso de outro jeito? Vocês não são amigos de porra.

— Por que você está me enchendo o saco?

— Foi você quem falou sobre Lily e os malditos brinquedos sexuais. O que diabos você esperava de mim?

Ryke suspira e passa a mão pelo cabelo. Ele encontra meu olhar assim que sua mão cai. — Eu odeio que você se sinta envergonhada com isso.

Dou de ombros, sem saber o que dizer em resposta. — Você sabe... eu sou uma garota. — É difícil dizer o que quero dizer. Eu acho que sempre pareço mais articulada na minha cabeça. — Nenhum dos meus amigos fala sobre... menstruação ou qualquer coisa do tipo...

Lo e Ryke trocam um olhar de conhecimento entre si. E então Lo disca um número no celular e coloca no viva voz.

Depois de chamar três vezes, alguém atende.

— Loren. — Uma voz feminina gelada invade o quarto. — É melhor que seja rápido. Estou fazendo as unhas pela primeira vez em *três* meses. — Acho que ela até murmura, — Me desculpem, — para as unhas.

— Deus me livre eu te perturbar, vossa alteza, — diz Loren.

— Espera, você não está com sua irmã? — Rose Calloway, irmã mais velha da Lily, é uma das poucas pessoas cientes da verdade. Eu posso ouvi-la se mexer na cadeira, como se estivesse se endireitando. — Está tudo bem?

Eu vi Rose algumas vezes. Ela geralmente fala e eu aceno muito. Gosto de pessoas que não se importam se eu sou quieta, e já que ela é tão falante, eu pensei que me pressionaria a ser como ela, a me defender e atacar com confiança. Ela me deixa dizer o quanto eu quero e preenche o resto do silêncio com sua própria voz. Acho até que ela gosta desse jeito.

Isso me faz gostar dela ainda mais.

Ryke fala alto, para que sua voz seja ouvida pelo viva-voz. — Ela está chateada. Sua mochila rasgou quando os paparazzi estavam ao nosso redor e seus absorventes caíram.

Toda vez que ele diz *absorventes*, tão casualmente, meu coração despenca novamente.

— Willow, — diz Rose severamente. — Você consegue me ouvir?

— Não foi apenas um, — eu digo baixinho. — Foi uma caixa inteira...

Lo coloca o celular mais perto dos lábios. — Você ouviu isso?

— Sim, — diz Rose. — Willow, a maioria das mulheres menstruam. Compramos absorventes ou outros produtos. Eu pessoalmente também gosto de estar sempre preparada. E se alguém - um paparazzi, um colega, um estranho - faz você se sentir estranha ou desconfortável por ter visto você com eles, então saiba que eles são *meninos*, não homens. Eles são pequenos seres humanos *infantis* que não podem apreciar ou respeitar o corpo de uma mulher. E de maneira nenhuma eles devem nem *tocar* em um. — Eu começo a sorrir e ela acrescenta, — Eu tenho que ir - *não,* sem esmalte amarelo. Eu não sou um girassol...

Ela desliga ou talvez foi Lo, de qualquer maneira - meus ombros subiram inconscientemente, minhas mãos apoiadas nas pernas. Sinto-me um pouco menos entorpecida, um pouco mais acordada.

Nunca recebi um discurso motivador e encorajador em minha vida. A melhor parte: saber que alguém se importa comigo o suficiente para me dar um. Percebo que Ryke e Loren devem ter entendido qual seria a resposta de Rose nessa situação.

É uma indicação maior de que eles todos são muito próximos um do outro.

— Obrigada por ligar para Rose, — digo a eles.

Eles não perguntam se eu me sinto melhor, mas acho que os dois podem ver que eu sim.

Levanto-me para verificar meu laptop, que fica em cima de uma caixa. — Vocês não precisam ficar. Sei que já ocupei a maior parte do seu tempo hoje.

— Não demoraremos muito, — Lo diz, — mas eu só... preciso lhe contar uma coisa. Eu só quero explicar o que aconteceu. Sei que você provavelmente leu on-line, mas acho que deveria saber alguns detalhes nossos.

Pego meu laptop e depois sento no colchão. — Ok… — Eu acho que sei do que se trata.

Alguém invadiu a casa há algumas noites.

E eu tenho medo de abordar o assunto com Loren. Parece tão pessoal, e eu não estava totalmente certa se tinha permissão para trazer o assunto à tona desde que eu estou à margem de suas vidas.

Ryke cruza os braços, inclinando-se casualmente contra a parede, sem se surpreender que Lo queira falar sobre isso comigo.

Loren arrasta a cadeira da mesa para mais perto da cama e senta-se, os cotovelos apoiados nas coxas e as mãos juntas. Ele olha para elas por um longo momento, do mesmo modo como eu olho para mim mesma em pura contemplação atordoada. A ação familiar parece nos unir, uma corda invisível que é amarrada entre irmãos, aqui e ali.

Ele levanta a cabeça um pouco, apenas o suficiente para nossos olhos se fixarem. Seu olhar carrega horrores e aflições, pelo que vejo. Seu olhar carrega mais do que eu já vi. — Alguns caras da sua idade que moram no nosso condomínio, — ele começa, — invadiram nossa casa. Todo mundo está bem. — Ele acrescenta essa parte rapidamente, mas seu olhar volta para suas mãos.

Ele parece assombrado pelo incidente, e olho para Ryke, seus olhos castanhos plantados no tapete com a mesma expressão perturbada.

— Isso aconteceu no aniversário de Ryke? — Eu sei que aconteceu. Eu li em vários artigos. Eu empurro meus óculos, percebendo que meu rosto está em uma careta permanente.

— Sim. Eu teria contado antes, mas... estamos tentando lidar com muita coisa.

— Está tudo bem, — eu digo, apenas grata por ele estar me dizendo.

Em 19 de setembro, no aniversário de Ryke, eu estava no Lucky's Diner. Conversando com a minha mãe. Depois, mandei uma mensagem para Lo dizendo que iria passar a noite em um hotel e

provavelmente só passaria na casa dele no dia seguinte. Ele respondeu cerca de três horas depois que eu enviei a mensagem, demorou muito mais que o normal.

Loren Hale: *Ok, deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. Eu estou sempre aqui.*

— Eles não roubaram nada, — explica ele. — Eles só entraram com máscaras para nos assustar, como uma brincadeira. Isso não vai acontecer de novo, então eu realmente não quero que você tenha medo de aparecer por lá. Os caras que fizeram isso, eles *moram* no nosso bairro. Eles são apenas babacas riquinhos... ou idiotas.

Meus lábios se erguem levemente. É meio engraçado quando ele tenta se "censurar" ao meu redor, como se eu fosse uma criança. Eu disse a ele uma vez que não me importo quando ele xinga, mas ele apenas deu de ombros. Eu não sei... eu gosto do fato que ele se importa o suficiente para tentar, mesmo que não seja necessário.

E então meu sorriso desaparece completamente e minhas sobrancelhas se franzem. — Eles moram no seu bairro?

— Não por muito tempo, — diz Ryke. Ele acha que estou com medo de eles estarem lá - mas não é isso que estou pensando.

Se eles moram naquele bairro, há uma boa chance de que sejam os mesmos caras que eu vi naquela festa. Os mesmos causando problemas na Superheroes & Scones. — Como assim, não por muito tempo?

— Nós chamamos a polícia, — Lo me diz. — Nós os deixamos sair impunes muitas vezes porquê... eu sei o que uma pequena acusação pode fazer com o futuro de alguém. Não queria que eles fossem fichados por colocar merda de cachorro na varanda da frente.

Ryke olha para o irmão. — Você fez a coisa certa ao esperar.

Loren assente algumas vezes, parecendo que está tentando acreditar que esse também era o curso de ação certo.

— Nós os advertimos pra caralho, — Ryke acrescenta.

— Sim. — Loren assente novamente. — Então, estamos prestando queixa desta vez. — Ele faz um gesto para mim. — Eu queria lhe contar mais cedo, porque quero incluí-la na minha vida, o máximo possível, ok?

Eu sorrio. *Uau*. Meus olhos estão cheios de lágrimas, e respiro fundo e forte e assinto. — Fico feliz.

— Que bom. — Lo fica de pé. — E você deve saber que alguns desses caras vão para sua nova escola. Eles não deveriam mais estar lá, mas alguns dos seus amigos deles podem estar. E se eles te encherem o saco, me avise.

Estou prestes a perguntar por que eles "me encheriam o saco" - mas então eu percebo ... *eu sou Willow Hale* para eles. Para todos. Para o mundo.

Sou o único parente de Loren Hale que estará andando pelos corredores da Dalton Academy.

E Loren Hale possivelmente acabou de enviar seus amigos para a cadeia.

AS IRMÃS CALLOWAY & SEUS HOMENS - FANPAGE

VOLTAR | SEGUIDORES: 18K

Grandes notícias! A prima de Loren Hale se mudou para a cidade. Ainda não sabemos muito sobre Willow Hale - mas levará pouco tempo até que Redditors e paparazzi coletem mais informações. Aqui está o que sabemos até agora:

Ela tem dezessete anos.

É isso. Sério! Nem sabemos de onde ela veio. É como se ela se materializasse do nada. Talvez essas teorias da conspiração estejam certas e a família de Loren Hale tenha superpoderes. LOL!

Mas, na verdade, Willow Hale é um mistério. Os primeiros relatos eram de que ela poderia ser a nova namorada de Ryke, mas isso foi desmentido agora que sabemos que Willow é uma *Hale*. E sem mencionar que Raisy é um ship que está claramente navegando ao pôr do sol.

Até obtermos mais informações, confira o conjunto de gifs do épico acidente com absorventes da Willow!

Amo vocês como o Loren ama a Lily,
xo Olive

13 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
17 anos

Hu ando ao lado de fora da Superheroes & Scones às 6 da manhã, meus sentimentos de merda me fazendo demorar. Apenas alguns carros passam a cada minuto, Philly começando a acordar - *por que estou acordado?*

É sábado. Eu deveria estar na cama dormindo com esses sentimentos de merda - *não consigo dormir.*

Paro e descanso o braço em um parquímetro por um segundo. Um Honda velho abraça o meio-fio.

Estacionei meu carro à uma quadra daqui, precisando caminhar para pensar. Agora que estou do lado de fora da loja, ainda estou *pensando*, aparentemente, e não está ajudando.

Nada está ajudando.

Eu puxo meu capuz sobre minha cabeça, o ar da manhã está frio. Todo mundo em Dalton sabe o que aconteceu na casa de Loren, e a maioria deles sabe que eu deveria estar lá.

Meus amigos em comum com Nathan - aqueles que não estavam lá naquela noite - acham que sou desleal e um amigo de merda por ter me acovardado. Acreditam que eu poderia ter ajudado eles a escapar antes que Loren os pegasse.

Eu não posso nem sair com as pessoas que pensam que Nathan é uma escória pelo que fez. Eu sou culpado por associação. Passei por Rachel no corredor. Ela se irritou com a minha presença e disse: "Você poderia ter parado seus amigos, sabe. Por que você não fez nada?"

Algumas manhãs, eu gostaria de ter ido em frente e feito isso com eles. Porque eu sei que nunca poderia ter sido forte o suficiente para convencer todos os meus amigos a voltarem comigo. Ninguém entende isso.

— Por que você está aqui? — Eu murmuro para mim mesmo em voz baixa. E então as cortinas começam a abrir de dentro da loja. Não acredito em sinais, astrologia ou nada disso, mas isso parece algo.

Mova-se.

Eu me afasto do parquímetro. Vou para perto da porta. Por que estou aqui?

Porque eu literalmente não tenho para onde ir.

Eu não tenho amigos. Não tenho aspirações que vão mudar minha vida. Todas as portas parecem fechadas, exceto essa... aquela que Loren Hale deixou aberta para mim.

Se isso não der certo... não sei o que vou fazer.

Olho a placa de *fechado* e bato na porta de vidro. Inclino-me e vejo Lily Calloway através dela. Ela parece assustada, seus olhos verdes se arregalaram para mim.

Merda. Fico ainda mais incerto agora. Seu guarda-costas careca a flanqueia, o cara mais corpulento que eu já vi. Seu grosso braço esquerdo provavelmente poderia esmagar minha traqueia.

Ela morde as unhas e eu bato novamente, deixando-a saber que quero entrar na loja. Eu continuo mudando, como se eu pudesse sair e ir para casa a qualquer momento.

Lily diz algo para seu guarda-costas, seu corpo desengonçado parecendo ainda mais magro quando ela fica ao lado dele. Ela me deixa menos nervoso por algum motivo.

Ele responde de volta, e então ela se aproxima da porta.

Fico tenso assim que ela abre e coloca a cabeça para fora. Afasto o capuz para que ela possa ver meu rosto e depois olho por cima do ombro dela. — Loren está aqui?

— Não. — Isso é toda a informação que ela me dá.

Eu mereço isso.

Eu mereço menos, na verdade. Eu olho para o guarda-costas dela novamente. Ele cruza os braços e realmente *olha* para mim. Solto um ruído dolorido, que era para ser uma risada. — Esqueça. Isso foi um erro. — Eu me movo para dar a volta.

— Espera, — diz ela rapidamente.

Eu hesito, no meio do caminho.

— O que você quer?

Como eu respondo isso? Eu cerro os dentes e tento limpar meus sentimentos, mas tudo o que digo é: — Seu namorado ou noivo ou o que quer que seja... ele ofereceu um trabalho a mim e aos meus amigos. — Reviro os olhos, percebendo como isso soa depois do que aconteceu. — É estúpido pra caralho de qualquer maneira. Tudo isso é.

Estou indo embora.

O pensamento soa bem, e só eu sei o quão atraente a idéia realmente parece.

— Lo me contou sobre isso. — Ela abre a porta. — Você quer entrar?

Eu quase não a ouço. Meus lábios se separam em choque e meus olhos ardem. — O quê? — Eu respiro, olhando entre ela e a porta aberta. Eu esperava que ela fechasse na minha cara.

— Se você quer um emprego, tem que entrar na loja, — diz ela gentilmente e até dá um sorriso. — Embora… — Seus olhos brilham.

— Seria legal se tivéssemos um mascote de super-herói na frente. Você quer ser um mascote?

— Não. — Eu balanço minha cabeça para limpar minha mente enevoada, mal registrando o que ela acabou de dizer. Como ela pode ser tão legal comigo? Ela acena para eu entrar de novo, e eu timidamente entro, meus punhos enfiados nos bolsos da calça jeans. Acho que nunca estive tão nervoso.

Não estrague tudo. Eu sei. Eu sei.

O guarda-costas dela me bloqueia cerca de três metros loja à dentro. — Eu preciso revistar você.

Certo.

Eu poderia ter uma arma ou alguma coisa assim, procurando vingança por eles entregarem meus amigos. Compreendo. Estendo meus braços, e o grandalhão dá um tapinha nos meus bolsos e verifica meu capuz. Eu ouço algumas pessoas falando baixinho perto da caixa registradora, mas não olho para lá.

Examino as estantes de quadrinhos, um recorte de papelão de dois super-heróis vestidos de verde por perto.

Depois que o guarda-costas de Lily não encontra nada em mim, ele acena para ela em aprovação.

— Então você quer um emprego? — Ela pergunta.

Meu rosto se torce, incapaz de detectar qualquer ressentimento em seu rosto. Ela tem o que... vinte e quatro anos? Ela parece ter dezesseis, para ser sincero - apenas muito magra, com um rosto redondo e bochechas rosadas. Seu cabelo castanho está cortado na altura dos seus ombros, e ela coça o braço enquanto espera que eu fale.

Não sei o que sinto, mas tudo está subindo e me atingindo rápido. — Você nem vai me perguntar onde eu estava naquela noite? Ou o que aconteceu?

É difícil acreditar que Lily é uma viciada em sexo. A maneira como ela me olha como se dissesse "*ah, certo*" - levemente distante, mas ainda acessível, como uma tartaruga perdida - não é alguém que eu acharia que faria muito sexo.

Por outro lado, uma das minhas amigas, Carly, tem um piercing na língua e é virgem. Portanto, não sei por que tiro essas conclusões, sabendo que elas nunca são certas.

Lily puxa os ombros para trás e hesitantemente pergunta: — Onde você estava?

A pergunta me atinge com força total, mesmo sendo o que basicamente perguntei a mim mesmo. Olho para o teto e balanço a cabeça.

E isso simplesmente sai de mim. — Eu não sou um cara legal. Eu nunca disse para eles pararem. Eu sabia que eles planejavam invadir e assustar a todos, e eu não fiz nada. Eu apenas os deixei ir. — Eu

engasgo com uma risada. — E agora eles estão todos encarando um ano de prisão. E eu estou livre.

Ela nunca se encolhe. Eu a vejo captar mais do que apenas minhas palavras, seus olhos ficando vermelhos. É como se ela entendesse. Não sei como... — O que fez você ficar para trás?

Eu olho para o tapete. — Tudo o que seu namorado disse... porra, eu não sei. Simplesmente não parecia certo, assustar meninas e bebês... eu sei que uma de vocês tem transtorno de estresse pós-traumático...

Ela endurece. — O que…?

— Eu não contei a ninguém, — digo rapidamente, percebendo que é uma informação privada. — Eu prometo. Nem me lembro de quem deixou escapar. Ryke ou Loren gritaram comigo. Ninguém mais estava por perto. — Eu abaixo a cabeça e meus cabelos caem nos meus cílios. — Eu acho que... você deveria saber que eu planejava ir com meus amigos.

Eu engulo uma pedra, lutando para engolir as *lágrimas*.

Pare de chorar. Eu não estou chorando, ok? Eu não estou. Eu só... eu quero ser outra pessoa. Eu não consigo mais viver com isso. E eu nem sei o que é *isso*. Sim, eu sei…

Isso sou eu.

— Eu literalmente não conseguia mexer meus pés estúpidos, — eu digo, minha voz tremendo. — E há uma parte de mim que gostaria de ter ido com eles. De ser pego também.

Ela diz suavemente: — Você fez a coisa certa.

Eu acho que não. Eu olho para ela. — Eu fiz? Eu não posso nem pedir *desculpas* porque parece estúpido. Como... — Eu tiro meu cabelo dos meus olhos. — Como se não bastasse, sabe? Nem um pouco. — Nunca bastará.

— Isso foi o suficiente, — diz ela. — Eu prometo, foi.

Tento soltar um suspiro profundo e tento acreditar no que ela está me dizendo. Eu não acho que posso me perdoar, mesmo que ela me perdoe.

Esfrego os olhos avermelhados com o braço e expiro novamente. Eu examino a loja mais uma vez, olhando as prateleiras e pôsteres de super-heróis ao longo da parede.

Eu nunca tive um lugar que me parecesse seguro, mas esse parece. Parece mais do que isso.

— Aqui, vou te apresentar a Maya, gerente da loja, — diz Lily. — Ela terá uma idéia melhor de quais posições precisam ser preenchidas. — Ela me guia em direção ao balcão do caixa.

Eu acho que Maya deve ser aquela com cabelo preto curto, já que ela assume o comando e mostra a caixa à outra garota.

— Ei, — eu digo, acenando para as meninas.

Dou um susto na menina com trança solta. Ela bate na bandeja do caixa, derrubando o recipiente de plástico. Ele cai no chão, dinheiro e moedas se derramando. Ela congela a princípio, o sangue sumindo de sua pele, ficando pálida.

Merda.

— Me desculpa, — a menina diz a Lily. Ela empurra os óculos de aro preto e isso me atinge de uma só vez.

Eu conheço você.

Ela parece desviar do meu olhar, se ajoelhando para reunir todo o dinheiro caído. Maya fica no computador, digitando no teclado.

— Eu posso ajudar. — Eu me agacho um pouco mais perto dessa garota, esperando que ela levante a cabeça e olhe para mim, apenas uma vez. Quero saber se ela também me reconhece. Se ela sabe quem eu sou - se ela me odeia como quase todo mundo.

Ou talvez eu só queira que seus olhos finalmente encontrem os meus.

Enquanto coleciono notas de dólar, fico olhando para ela, observando enquanto ela pega algumas moedas e as deixa cair no mesmo instante.

Meus lábios se levantam, e eu a ajudo a pegá-las também. Eu posso ouvir sua respiração falhar. E meu sorriso fugaz desaparece.

Talvez ela esteja com medo de mim.

Me lembro dela daquela festa há mais de um mês.

A garota procurando por Loren Hale.

Também me lembro dela de um artigo recente.

A garota que acabou sendo a prima de Loren Hale.

Ainda não consigo entender por que ela estava perguntando em que casa Loren Hale morava quando deveria ter o número de telefone dele. Talvez seus pais sejam afastados um do outro - acho que não é um detalhe importante de qualquer maneira.

— Ok, — diz Lily apressadamente, — agora você conheceu Willow e Willow você conheceu Garrison. O meet-and-greet terminou.

Ainda não a conheci, não de verdade. Ela não olha para mim.

Eu me levanto ao mesmo tempo que Willow, ajudando-a a colocar o dinheiro de volta na caixa. — Você é nova aqui? — Eu pergunto, meio que já sabendo a resposta com base em Maya mostrando a ela o caixa.

Por que você não olha para mim?

— Sim, — diz Lily rapidamente. — Sim, todo mundo é novo. Willow, você pode pegar minha bolsa na sala de descanso?

Willow se mexe um pouco, mantendo pelo menos um metro entre nós. — Claro. — Ela tenta suavizar uma pilha de notas de cinco.

— Eu posso fazer isso, — diz Maya, se aproximando dela.

Willow abandona a caixa registradora e se dirige para a sala de descanso. Ela veste o mesmo macacão desbotado e uma camisa amarela mostarda. Quando ela caminha, ela se mantém fechada, escondida em si mesma - e uma parte de mim entende isso.

Mais do que eu jamais pensei que poderia.

Ela faz uma pausa perto da porta. — Minha mochila…

Percebo a velha mochila JanSport, encostada no balcão. — Essa? — Eu a pego e faço o meu caminho para Willow.

Ela finalmente encontra o meu olhar.

Seus olhos castanhos de boneca estão cheios curiosidade e nervosismo. Vejo reconhecimento, o olhar dela passando rapidamente pelas minhas feições, para se lembrar corretamente.

Paro cerca de meio metro de distância, e seu peito sobe em uma grande inspiração.

O meu desmorona em uma ainda mais profunda.

Passo a mochila para Willow, nossos dedos roçando, e algo acende dentro de mim. Eu não consigo entender. Tudo o que sei: estamos nos contornando há semanas, duas faixas de tempo separadas - e, neste segundo, finalmente nos tocamos.

— Obrigada, — diz ela, puxando a mochila por cima de um ombro. Ela segura a alça.

Quando ela se vira, ela tropeça nos pés, cambaleando um pouco antes de se recompor e avançar.

Sinto meus lábios se levantarem novamente, lembrando do artigo. Onde sua mochila rasgou. Ela parecia fofa na fotografia - mas o artigo era estúpido. Isso me fez querer despejar a mochila ou a bolsa do jornalista ou qualquer outra coisa e destacar todos os itens para o mundo ver.

— Garrison, — diz Lily quando Willow desaparece na sala de descanso.

— Sim? — Giro para enfrentar uma das pessoas mais famosas do mundo. Acho que eu perceberia isso mais se Lily Calloway não morasse no meu bairro. Se eu não fosse cercado por um tipo semelhante de riqueza familiar.

É tudo normal para mim.

— Você não pode, — diz ela com um aceno confiante.

Eu franzo a testa. — Não posso o quê? — Eu tiro meu capuz e depois ajeito meu cabelo com a mão.

— Você não pode... com ela. — Ela limpa a garganta. — Espero *profissionalismo* no meu estabelecimento. — Ela levanta o queixo comicamente, e eu quase não consigo dizer se está falando sério ou não.

— Certo… — Eu concordo. — Sim. Eu não vou... com ela. — Eu realmente não sei com o que estou concordando - minha mente ainda está no meio do caminho entre aqui e a sala de descanso.

Lily assente novamente. — Está bem então. Eu tenho que ir, mas Maya vai distribuir deveres e tarefas. Por favor, ouça ela.

— Eu vou, — eu digo, querendo que Lily confie em mim. Eu sei que tenho que me provar.

Ela sai pela *única* porta *dos funcionários*. Me deixando sozinho com Maya.

A gerente da loja pressiona o teclado e solta um suspiro frustrado. Ela nunca olha para mim, mas começa a falar.

— Você é quem fez xixi em todos os azulejos no banheiro dos meninos.

Eu estremeço com a memória do passado. — Não, isso foi meu... amigo. — Eu gostaria de dizer que John bebeu muito álcool e errou a privada por estar muito bêbado, mas ele propositadamente mijou no chão.

Seus lábios franzem, seu olhar fixo na tela do computador. — Então você é quem reorganizou todos os bonecos nas prateleiras em uma orgia.

— Não foi eu. — Balanço minha cabeça. *Kyle.*

Embora suas palavras sejam um soco no estômago - porque posso desviar disso o dia todo e saber que esses atos são parcialmente meus para reivindicar.

Eu nunca parei meus amigos. Não pude. E eu também não sou inocente.

— Você é quem colocou revistas pornô na frente de todos os quadrinhos da DC.

Balanço minha cabeça com mais força. — Não foi eu. — *Hunter*, não meu irmão, mas meu amigo.

Ela fica tensa e digita mais rápido no teclado. — Então é você quem escreveu na parede do banheiro com canetinha: "parem de tentar inventar a merda mais revolucionária de todas. Já foi feito." E então você desenhou uma fatia de pizza.

Esfrego os lábios para não rir. Devido ao meu silêncio seus olhos voam em direção a mim, se estreitando.

Minha boca cai, e eu abaixo a mão. — Sim, fui eu. — Faço um gesto para ela. — Eu posso ir limpá-lo...

Ela volta sua atenção para o computador e diz algo em outro idioma. Eu acho que em coreano. Eu assisto muitos vídeos estrangeiros do YouTube que consigo detectar o idioma. Se eu prestasse mais atenção, seria capaz de entender uma ou duas palavras e entendê-la melhor.

Esse não é o ponto. Ela propositalmente quer que eu *não a* entenda agora. Está funcionando. Eu me movo inquieto, percebendo a quantidade de problemas que causei à gerente da loja.

— Sinto muito, — finalmente peço desculpas - como eu deveria ter começado. — Sinto muito, e vou tentar compensar você. —

Estendo os braços. — Me coloque para trabalhar.

Espero que ela me direcione para os banheiros, para limpar privadas. — Eu ia colocar Willow no estoque hoje. Você pode começar na sala de armazenamento com ela - *pedaço de tecnologia maldito!* — Ela bate na lateral do computador, frustrada.

— Ei, deixe-me ver. — Vou até Maya, colocando meu moletom no balcão.

Ela vai para o lado e aponta para a tela azul da morte, praticamente o pior problema para o Windows. — Eu o reiniciei quatro vezes.

— Pode ser um problema no hardware.

— Como consertamos isso? — Ela bate no balcão com dois dedos.

— Você precisaria comprar novos equipamentos.

A boca dela se abre. Antes que ela surte, acrescento: — Vou reiniciá-lo no modo de segurança e depois verificar a memória do computador. Você não instalou nenhum driver novo, não é?

Maya balança a cabeça lentamente. — Não.

— Ei… — Willow sai da sala de descanso, hesitante, se aproximando de nós no balcão do caixa. — O que devo fazer?

Maya está prestes a responder, mas seu celular toca, cortando sua atenção. Ela parece exausta. — É o nosso distribuidor independente... eu volto já. — Ela atende o telefone e corre para a sala de descanso.

Digito alguns comandos e aguardo a reinicialização do computador. — Eu não sei se você se lembra de mim. — Eu me viro para olhar Willow.

Ela está mais perto de mim do que antes, olhando para a tela azul e mantendo as mãos na bancada branca. — Mais ou menos, — ela diz suavemente.

Meu pulso dispara um pouco e eu aceno para o computador. — Estou tentando fazê-lo funcionar.

Ela assente e empurra os óculos novamente. — Você é bom com computadores?

— Mais ou menos. — Meus lábios tentam subir.

Os dela quase sobem também, mas ela fica quieta, apenas assistindo a tela azul piscar enquanto eu descubro o problema. Estou tão acostumado a barulhos altos e avassaladores - meus amigos conversando entre si - que o silêncio entre nós é diferente para mim.

É melhor que o silêncio de estar sozinho. Porque eu posso senti-la aqui, ao meu lado, pensando.

Depois de um minuto ou mais, eu falo. — Você vai à escola por aqui?

— Começo na Dalton segunda-feira.

A prima de Loren Hale vai para a Dalton. A escola preparatória que Loren estudou na adolescência.

Meus músculos ficam tensos, instantaneamente assustado por ela - porque muitas pessoas não gostam dele, com base em sua reputação com seus irmãos mais velhos ou amigos de amigos. Agora que ele é famoso, há muita merda de inveja na mistura também.

— Posso te mostrar a escola, — ofereço, embora não tenha certeza de quanto isso ajudará. Também não é como se eu fosse amado agora.

Ela endurece. — Você estuda lá?

— Sim. — Me inclino para verificar o disco rígido após a verificação da memória terminar. O ventilador parece ruim com poeira e teias de aranha. Eu sopro ele e percebo que a coisa provavelmente superaqueceu. Mexo no equipamento por mais um minuto e deixo esfriar.

A porta da frente toca e cerca de mais quatro funcionários entram como se fossem donos do lugar, dispersando-se atrás de nós em direção à lanchonete e cafeteiras.

Willow quase abraça o balcão. Como se estivesse no caminho, mas ela não está. Ela se aperta ao meu lado e depois faz uma pausa. Percebendo o quão perto ela se encontra, ela começa a se distanciar. — Desculpa.

— Não se preocupe, — digo a ela e gesticulo para o computador. — Está tudo consertado. — A tela do Windows aparece e pede a senha do administrador. Eu poderia entrar como "convidado", mas testo algumas senhas, uma delas sendo *Scott Summers,* já que é o recorte de papelão do Ciclope que cumprimenta as pessoas quando elas entram na loja.

Funciona. — Senha fraca, — murmuro, abrindo o Chrome.

— Como você sabe? — Willow arruma sua trança, seu braço roçando o meu. Uma corrente elétrica percorre minhas veias - o breve contato mais inocente do que estou acostumado. Mais puro. Talvez seja por isso que seja tão diferente.

— Uma senha forte não duplica caracteres e possui números. — Qualquer coisa menos e um programa de criptografia levaria praticamente três segundos para decifrar a senha.

Ela me lança um olhar cauteloso, uma máquina de café sendo ligada atrás de nós, enquanto pés batem no chão.

— O quê? — Eu abro o Tumblr, prestes a digitar meu nome de usuário.

— Você faz muito isso? — Suas bochechas empalidecem novamente. — Quero dizer, você não precisa responder isso se não quiser.

Eu quero abraçá-la ao meu lado por algum motivo. Para confortá-la, talvez. Ela abaixa a cabeça um pouco e fica olhando para os funcionários apressando-se atrás de nós.

Eu não envolvo meu braço em torno dela ou a puxo para mais perto. Ela tem essa postura fechada, que eu tomo como um sinal de que ela pode não gostar que eu a toque.

— Algumas vezes, sim, — digo a ela. — Eu tenho um software que faz isso. — Não é como se eu estivesse invadindo algo importante. Eu hackeei as contas do Twitter dos meus amigos como uma piada algumas vezes - é isso. Eu provavelmente poderia fazer muito pior.

Ela não diz nada. Ela está olhando atordoada diretamente para a tela do Tumblr. — Você está bem? — Eu pergunto, digitando meu nome de usuário: **ryumastersxx**

— Não. — Ela estremece. — Sim, eu estou bem. Só... chocada que você gosta disso e *disso*. — Ela aponta para o logotipo do Tumblr e depois para o meu nome de usuário.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Espera, *você* gosta de *Street Fighter*?

— Você tem uma tatuagem. — Ela olha para o crânio entre meu bíceps e antebraço.

— Eu não sei para onde estamos indo aqui.

— E você tem um *monte* de amigos… — Willow é interrompida quando um funcionário com idade para ir a faculdade caminha atrás dela, quase esbarrando em seu lado. Eu não me mexo, então ela acaba bem na minha cintura, dobrada perto de mim agora.

— Você está bem? — Pergunto.

Ela nervosamente tira os óculos e limpa as lentes. — Eu nunca pensei que alguém como você gostaria dessas coisas.

— Bem, eu não pensei que alguém como você gostasse de um videogame antigo.

Depois de uma breve pausa, ela pergunta baixinho: — Como assim alguém como eu?

Eu penso nisso por um segundo. — ...uma garota. — Eu me sinto mal até mesmo dizendo isso, e percebo que minha percepção das pessoas não é o que deveria ser. Talvez ninguém seja na verdade. Realmente não podemos saber quem são as pessoas até conhecê-las.

— Eu não sou a única garota que gosta de videogame, — diz ela. — E eu definitivamente não sou a única que gosta do Tumblr.

— Isso eu sei, — eu digo, mais do que curioso sobre como ela usa o Tumblr. Rapidamente, eu reblogo alguns gifs de *Supernatural*. — Qual o seu nome de usuário?

Ela arruma os óculos. — Eu não posso dizer.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — O que é isso, algum segredo?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos, — repito com um sorriso crescente e incomum. — Posso ter uma dica?

Ela me dá um olhar conhecedor. — Para que você possa entrar na minha conta? Não.

— Qual é o nome do seu primeiro animal de estimação? A cidade em que você nasceu?

Ela balança a cabeça para mim como se dissesse *não está funcionando.* Eu não pensei que estivesse, mas ela está menos nervosa ao encontrar meus olhos. Os dela são bonitos: castanhos, mas um pouco mais claro perto das pupilas.

— Só para constar, — digo a ela, — não tenho muitos amigos… — *pelo menos não mais.*

— Parecia que você tinha —, ela murmura.

Meu estômago se revira. Eu decido trazer de assunto de volta para algo mais leve. — Poderíamos enviar uma mensagem um para o outro se você compartilhar seu nome de usuário comigo.

Ela pensa muito de novo. — Você realmente quer saber?

Eu quero saber como ela é on-line? Que tipo de coisa ela gosta? Sim. — Eu não perguntaria novamente se não quisesse.

— Vou contar para você, mas apenas se você preencher um questionário no Tumblr primeiro.

Franzo a testa em confusão. — Por quê?

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu preenchi um recentemente, e não gosto de excluir coisas...

Isso me atinge. Ela não quer que eu veja suas respostas, pelo menos não sem pular no mesmo barco em que está flutuando.

Um questionário.

Eu tento reprimir uma risada que quase escapa. Provavelmente é uma daquelas coisas em que você marca seus amigos e eles marcam outras pessoas - eu não faço isso. Nunca.

Ela começa a se afastar de mim e eu imediatamente quero me dar um soco na cara. *Merda.* Coloco a mão na dela e ela pula.

— Desculpa. — Eu tiro minha mão. — Eu não estou tentando ser um idiota. Eu só... você realmente quer que eu preencha um questionário?

— Somente se você quiser meu nome de usuário.

Dou-lhe um sorriso fraco - não sou bom em sorrir, para ser sincero. Não me lembro da última vez que fiquei feliz o suficiente para revelar meus dentes em um sorriso. Talvez nunca. Aposto que eu era um bebê mal-humorado e idiota. — Tudo bem. — Eu comprometo. — Eu vou fazer isso.

Ela me mostra um link para o questionário. Vejo algumas das perguntas, focando nas questões realmente pessoais. Se eu acabar fazendo isso, isso significará me abrir para Willow... e Willow se abrir para mim.

O que você diz, Garrison?

Eu digo que nunca fiz isso com ninguém antes.

Essa será a primeira vez. E estou surpreso por ainda ter algumas dessas sobrando.

14 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW MOORE
17 anos

Garrison disse que iria preencher o questionário mais tarde. Maya entrou e distribuiu deveres para nós antes que ele pudesse começar. Passei a maior parte do dia checando o inventário e ela fez Garrison limpar máquinas de café, o chão e mesas em formato de ônibus.

Não o vejo quando saio da Superheroes & Scones às 17h - embora não pare de pensar nele. Ele parece um problema, como alguém que eu ficaria a mil metros de distância em Caribou, Maine. Se minhas suspeitas estiverem certas, foram seus amigos que invadiram a casa de Lo.

Ele parece caracteristicamente *mau*.

Só estou com medo que ele me pressione a fazer algo que eu não gostaria de fazer. Eu nunca tive amigos assim, mas ele parece ser desse tipo, não é?

Me aproximo do meu Honda no meio-fio, sabendo que estou julgando ele.

Mas estou julgando-o por ações anteriores.

Eu não consigo me decidir. Na verdade, minha mente dói até mesmo ao tentar colocar Garrison em uma categoria. Talvez eu não devesse fazer isso.

Entro no meu carro e ligo o motor. Ele deixa escapar um barulho choroso. — Não... vamos lá. — Giro a chave novamente, e de repente fumaça sai do capô. — Merda. — Eu saio às pressas para verificar debaixo do capô, e a fumaça sai tão quente que queima meu braço.

Largo o capô e ele cai.

— Ei, Willow! — A voz preocupada joga nervosismo para todo o meu corpo. Ai meu Deus, Garrison está correndo para mim, seu moletom dobrado em uma mão e as chaves do carro tilintando na outra.

— Ei, — eu digo, pressionando meu braço avermelhado no meu peito, a ardência diminuindo. Estou me movendo tão desajeitadamente que provavelmente pareço ter que fazer xixi.

Ele dispersa a fumaça sobre o capô. — O que aconteceu?

— Eu não sei... é um carro velho. — Eu tusso quando outra rajada de fumaça vem em minha direção.

Garrison faz um gesto com a cabeça para o meio-fio. Eu o sigo, veículos correndo pelas ruas da cidade.

— Você sabe alguma coisa sobre carros? — Pergunto, esperançosa.

Ele balança a cabeça. — Apenas sobre computadores. — Ele olha para a rua da esquina. — Eu posso te dar uma carona para onde você precisar ir. Você pode ligar para um guincho ou fazer com que seu primo venha olhar seu carro enquanto isso.

Primo? Demoro um momento para registrar o que ele quer dizer. Loren Hale, *meu primo.* O que significa que Garrison leu o artigo de estreia sobre mim e meus absorventes.

Eu congelo. *Não pense nisso.*

— Willow?

— Hum, sim... sim. — Eu balanço minha cabeça como se tivesse tentando me livrar de várias teias de aranha. — Obrigada. Uma carona seria ótima. — Eu vou ligar para o guincho mais tarde. Então acabo alimentando o parquímetro com mais algumas moedas e depois pego minha mochila.

— Por aqui. — Ele acena em direção à rua da esquina. Andamos um quarteirão até ele parar perto de um Mustang preto, o interior de couro preto e aros pretos personalizados. Tem que ser caro. Caso contrário, ele faz um ótimo trabalho fingindo ser.

— Esse é o seu carro?

Ele abre a porta do passageiro para mim. — Sim... eu moro no mesmo bairro que Loren. — Uma verdade não dita passa entre nós: *meu carro velho está morrendo e soltando fumaça a um quarteirão de distância.* Depois de descobrir que compartilhamos algumas semelhanças únicas, é essa diferença econômica que cria mais tensão, nós dois desconfortáveis por diferentes razões.

— Era a sua casa naquela noite da festa? — Pergunto antes de entrar. Tudo está limpo, sem garrafas de água jogadas ou embalagens de comida debaixo do assento. Meu carro é uma bagunça de recibos e guardanapos de papel da Wendy's e do Taco Bell.

Eu sou desleixada, percebo. Afundo mais no assento e seguro minha mochila no meu colo, abraçando-a perto do meu peito.

Ele me responde depois que coloca o cinto. — Não era a minha casa. Eu moro em uma rua acima. — Ele se vira para mim. — Onde você mora?

— Eu deveria ter lhe dito que é meio fora do caminho...

— Tudo bem. Não tenho nenhum compromisso agora.

Eu aceno e depois lhe dou o endereço. Ele digita no celular e o coloca em um suporte, o GPS vivo com as instruções.

— Eu pensei que você morava com seu primo, — diz ele, provavelmente pensando que eu também teria o tipo de riqueza que Loren tem. Eu acho que ele está aprendendo coisas diferentes hoje.

E não sei por que ele continua dizendo isso - *seu primo.* Ele sabe quem é Loren. Talvez ele não goste de mencionar seu nome, não depois do arrombamento.

— Eu não queria impor minha presença para ele, — explico. — Ele tem um bebê.

— Sim, eu vi a primeira foto de bebê do Maximoff junto com o resto do mundo. — Sua voz é seca, nada impressionada com o status de celebridade.

— Você não gosta de *Princesas da Filadélfia*, eu entendi. — O reality show não as tornou famosas ou durou muito para causar um grande impacto, não além de alguns gifs legais, mas é mais fácil mencionar PdPhilly do que o vício em sexo de Lily.

Ele mexe nas saídas de ar, mantendo o ar realmente frio longe de mim. Estou tremendo?

— Eu assistia, mas não é o programa que me incomoda. — Garrison para em um sinal vermelho. — Toda vez que saio do meu bairro, os paparazzi começam a gritar com meu carro como se eu tivesse uma irmã Calloway no banco de trás. E as perguntas que eles fazem são fodidas. — Ele bate com os dedos no volante e, em seguida, coloca seus olhos azul-marinho em mim, uma mistura de azul e verde claro - uma das cores mais únicas que eu já vi. — Se você precisar de uma carona na segunda-feira, me avise. — Ele deve notar a surpresa no meu rosto, porque acrescenta: — Eu acordo cedo.

— É fora do seu caminho, — lembro a ele, embora ir para uma nova escola com alguém me deixe muito menos cheia de ansiedade do que ir sozinha.

Mas com *Garrison?*

E se for alguma piada? E se isso for como *Nunca Fui Beijada* e terminar com ele dirigindo e depois jogando ovos em mim?

Ele diz que não é popular, mas tem todas as características de um cara popular do ensino médio: bíceps tonificados que indicam seu atletismo (ou seja, ele pratica algum esporte), um rosto que seria o galã em qualquer programa da CW - ou pelo menos o pequeno irmão da estrela (como Jeremy, de *The Vampire Diaries*), e cabelos castanhos bagunçados que às vezes tocam seus cílios - cabelo que diz *eu poderia estar em uma boy band, mas sou legal demais para essa merda.*

Sem mencionar a tatuagem dele.

E sua carranca confiante, mas sombria...

De repente, chego a esta conclusão: *não conheço Garrison Abbey.* Não o suficiente para dizer se ele jogaria ou não ovos em mim.

Mas se eu realmente acreditasse que ele faria isso, nunca teria entrado em seu carro.

— Eu sei que é fora do meu caminho, — diz ele quando a luz fica verde. — Eu também não ligo. Eu costumo tentar matar três horas

pela manhã de qualquer maneira.

Três horas? — Você acorda às cinco da manhã?

— Todo mundo acorda, — diz ele secamente, os dedos tremendo um pouco. O carro cheira à cítrico, não a cigarros, e não há garrafas de bebida alcoólicas em lugar algum, mas eu já o vi fumar e beber antes. Ele muda de assunto. — Você está no primeiro ano?

— Não.

Ele faz uma careta. — No segundo ano?

— No terceiro, — eu respondo.

— Você parece mais jovem.

— É a trança, — murmuro, me mexendo um pouco no meu banco.

Ele olha para mim uma vez antes de se concentrar na rua. — A trança é fofa.

Sinto meus lábios se levantando. *Não sorria assim.* É esse sorriso tonto que nunca deve se revelar para a pessoa que o colocou lá. — Ok, — eu digo de repente.

— Ok... sim? — Ele sabe que estou aceitando sua oferta de me buscar na segunda-feira.

Eu concordo com a cabeça. — Como devemos nos comunicar?

Ele muda de faixa facilmente. — Provavelmente por cartas, — ele brinca. — Eu diria por duas latas, mas não acho que a corda chegaria de mim até você.

— Que tal se comunicar em uns e zeros?

Ele finge confusão. — O que é isso? Uns e zeros... nah, eu não gosto disso. — Ele quase sorri, porque depois de hoje, eu sei que ele gosta da internet, talvez até mais do que eu.

15 PRESENTE - OUTUBRO

LONDRES, INGLATERRA
WILLOW HALE
20 anos

Hu não falo com Garrison há semanas.

Dias se transformaram em noites. As noites se transformaram em manhãs. E o tempo parece vazar como água entre meus dedos. Estou perdendo tudo.

Nossos vídeos se tornaram cada vez menos frequentes e mais curtos. Os que eu envio, estou apressada, cansada entre as aulas.

Os dele são mais preocupantes. Olhos pesados e palavras murmuradas antes que ele cochile.

Deito na cama, bem acordada. Meus olhos se fixam no teto, nas pequenas estrelas que brilham no escuro coladas no cimento.

Ligue para ele novamente, meus pensamentos me puxam. Pego meu celular e ligo, mas vai para a caixa postal. Não é surpreendente. São apenas 21:00 em Philly, e Garrison trabalha até meia-noite. Ele é o tipo de pessoa que entra completamente em seu trabalho, perde tempo e senso de tudo ao seu redor.

É por isso que ele é tão bom no que faz, e não posso culpá-lo por não responder. Não quando havia muitas ligações que eu perdi porque estava na biblioteca ou no refeitório ou... no Barnaby's.

Jogo meu celular de lado.

Um galho de árvore raspa minha janela quando o vento fica forte lá fora. A chuva bate no vidro e tenta o seu melhor para me acalmar.

Mas eu estou muito ligada. Com saudades demais.

Sentindo muitas coisas.

Meus dedos escovam meus lábios. Faz tanto tempo desde que nos beijamos. Desde que ele me segurou. Me *tocou*. Desde que eu passei meus dedos pelos cabelos dele. Desde que ele passou os braços em volta de mim como se eu fosse a única pessoa que ele quisesse abraçar. Proteger. Amar.

Inclino-me e desligo o abajur, mergulhando meu dormitório na escuridão. Sozinha, com o som da chuva, imagens de Garrison surgem na minha cabeça. Seu cabelo que se enrola um pouco perto dos seus ouvidos e olhos azul-marinho que sempre olham fixamente *através de* mim. Como se ele soubesse.

Ele sabe.

Como é ter pessoas que deveriam te amar incondicionalmente, mas elas não amam. Quem deveria te proteger. Mas não protege.

Ele tocava minha bochecha e dizia: “Não importa mais. Nós não temos dezessete anos. Nós não precisamos deles. Nós sempre temos um ao outro.”

Eu ficava na ponta dos pés e pressionava meus lábios nos dele. O calor sob as palmas das suas mãos enquanto ele as deslizava por baixo da minha camisa. Ele é o único cara que me tocou assim. Me beijou. Me abraçou.

Qualquer coisa.

Tudo.

Meu corpo zune, pulsando e aperto mais forte entre as minhas pernas. Querendo ele. Querendo mais.

Desde que me mudei para Londres, puxo essa lembrança quando quero atingir o clímax sozinha. Este visual é suficiente para me deixar molhada e me fazer gozar facilmente. Então, agora, eu começo a pensar sobre isso novamente.

Penso na noite em que perdi minha virgindade.

Minha mão mergulha embaixo do lençol. Debaixo do meu pijama. Debaixo da minha calcinha. Meus dedos roçam entre as pernas, respiro fundo e sinto a umidade.

Fechando os olhos, tento visualizar cada pedaço daquela noite. Como se estivesse de volta ao meu quarto na Filadélfia.

Garrison mexendo no meu mamilo, sua boca contra a nuca do meu pescoço. Chupando um ponto sensível que estremeceu meus membros suados.

Eu lembro do quarto. Banhado à luz de velas, cheirando a pétalas de rosa e baunilha. Uma música suave tocava ao fundo, e cada toque entre nós parecia macio, confortável e desejado.

Nossas pernas entrelaçadas no colchão. Cobertores fofos chutados para o lado.

Ele se apoiou no cotovelo e sua mão viajou do meu peito até a curva do meu quadril. Bebendo meu corpo nu, e eu absorvi seus músculos magros que formavam gominhos reais. Exibindo seu atletismo. Eu olhei para sua cueca boxer, confortável em sua cintura tonificada, e seu pau empurrou contra o tecido.

Observá-lo fez eu me acalmar. Respirei e tentei ficar fora da minha cabeça.

No momento, tento não me lembrar de como estava ansiosa. Não quero transformar o melhor momento em um de total constrangimento nervoso.

De volta ao meu dormitório em Londres, esfrego meu clitóris. *Lembre-se, Willow.*

Lembro-me de como Garrison fazia isso - algo que ele costumava fazer se estivéssemos enrolados e nos beijando. Ele tentou *com força* (trocadilho intencional) não roçar sua ereção em mim. Como se ele

não quisesse que eu sentisse sua dureza e que achasse que ele seria capaz de me pressionar a fazer sexo se eu não estivesse pronta.

Mesmo assim, quando concordamos que aquela noite seria *a* noite em que ele realmente entraria em mim - ele ainda pairava sobre o meu corpo. Como se fosse apenas instinto naquele momento.

Eu tremi, um pouco ansiosa. Também quente com tentação e antecipação. Eu o desejava tanto. A excitação me queimava por dentro, pulsando entre as minhas pernas. Brilhou na parte de trás do meu pescoço. Doendo, *desejando.*

Sua mão foi para a pele macia do meu estômago. Camisa e shorts jeans já no chão, seus dedos pararam na barra da minha calcinha.

— Está tudo bem? — Ele sussurrou no meu ouvido.

— Sim, — eu respondi, a voz rouca. Ele beijou meus lábios, pedindo que eles se abrissem lentamente. Eu segui sua liderança, e sua língua deslizou sensualmente contra a minha.

Eu não sabia onde colocar minhas mãos.

Não se lembre disso.

Mas é difícil esquecer como minhas mãos fizeram movimentos incertos e constrangedores. Geralmente eu segurava seus ombros. Naquela noite, eu não tinha certeza se deveria tocar seu pau.

— Você precisa que eu...? — Comecei, mas nem sabia o que estava oferecendo. Um boquete? Que o masturbasse? Outro tipo de coisa que eu desconhecia?

Nós nem tínhamos passado por todas as bases antes daquela noite. Eu toquei no pau dele - mas eu não chamaria isso de masturbação digna de estrela de ouro, e nunca o coloquei na minha boca antes.

Eu estava sempre dentro da minha própria cabeça. Ansiosa e nervosa como se eu estivesse fazendo coisas erradas, e Garrison foi gentil por não me pressionou para ir mais longe. Fico apenas mais relaxada com ele me tocando do que o contrário, eu acho. Normalmente, nós apenas nos beijamos, roçando muito, e ele me toca até eu gozar.

Quando estávamos na cama juntos, Garrison pressionou seus lábios nos meus novamente. Mais ternamente. — Não, isso é para você. Apenas relaxe, Willow.

Seus dedos patinavam sob o tecido da minha calcinha, seu toque dolorosamente lento, e quando ele roçou o ponto sensível, soltei uma respiração excitada.

Inspirei o aroma de baunilha ao nosso redor e segurei seus ombros firmes. Ele entrou em mim e eu me entreguei a Garrison. Eu confiei nele.

Eu o amei, eu o *amo*.

Ele pulsou seus dedos em mim, me enchendo, e seu polegar provocou meu clitóris. Tocando meu corpo e nervos. *Seus dedos*

seriam substituídos por algo maior e mais duro, o pensamento me incendiou e produziu excitação.

Enquanto me toco em Londres, imagino que ele esteja aqui exatamente igual àquela noite. Prestes a me encher até a borda. Sua ereção dentro de mim. Estocando. Prazerosa.

Lembro-me de como minha respiração falhou. — Garrison, — eu gemi com a pressão suave de seus dedos. Construindo mais excitação.

Ele pressionou sua testa na minha, balançando um pouco. Ele precisava de atrito. Ele queria atrito. Ele ansiava por estar em mim. Eu podia ver tudo isso em seus olhos e respiração superficial.

Prazer montado.

Seu peito nu estava escorregadio de suor e um ruído profundo retumbou dentro de sua garganta. Um barulho que mostrava quem ele era. Masculino. Homem. Meu. E eu era dele. *Eu sou dele.*

Quanto? Eu nem tinha certeza.

Eu era estudiosa e quieta.

Ele era rebelde e incompreendido. Caras como ele geralmente não se apaixonam por garotas como eu. Mas aqui estávamos nós.

Seus movimentos ficaram mais rápidos, nossos lábios deslizando com hálito quente, e ele passou o polegar sobre o meu clitóris. Eu desmoronei contra ele em uma onda.

Meus dedos do pé enrolaram e euforia manchou minha visão. Minha respiração falhou, gemidos pegando na minha garganta.

Em Londres, pego os lençóis retorcidos e arqueio os quadris. Desejando que ele estivesse aqui, me tocando. *Ele está*, eu finjo.

— Eu tenho você, — Garrison respirou naquela noite, lábios no meu ouvido.

Eu rolei pela sensação feliz. Com os olhos pesados, beijei a coisa mais próxima que pude encontrar - seu antebraço. Um antebraço *muito* bonito.

Quando nossos olhos se encontraram, seu desejo avassalador aumentou o meu, cobrindo-me de tanta necessidade que eu quase tremia embaixo dele.

— Você pode fazer agora, — eu disse suavemente.

Ele esfregou minha coxa e procurou meu olhar. — Você tem certeza que está pronta? Eu posso te masturbar de novo...

— Tenho certeza, — eu disse, confiante sobre esta decisão. Minhas mãos foram para os cumes de seu abdômen. — Eu quero sentir você dentro de mim.

Excitação inundam seus olhos inebriantes. — Porra.

Nós dois estávamos sorrindo. A excitação cresceu ao nosso redor como um oceano impiedoso e inquieto, e nós dois ficamos felizes em deixar a correnteza nos puxar para baixo.

Ele se levantou da cama e eu observei enquanto ele fazia a caminhada até minha cômoda - onde ele sabia que eu mantinha os preservativos de emergência. Apenas no caso de algo acontecer.

Ele estava nu como eu. Ele tinha vinte anos como eu. Mas tatuagens cobriam seu corpo tonificado e ele se movia com tanta facilidade e confiança. Não parecendo mais o atleta que eu achei que era quando o conheci. Ele era um menino mau. Incompreendido. *Meu*.

Eu pulsava apenas observando-o e relaxei no meu travesseiro. Em movimentos rápidos, ele pegou o pacote de papel alumínio e voltou para mim.

Assim que ele voltou para a cama, Garrison me observou de novo, como se eu fosse a criatura mais bonita que já viveu no universo.

— Willow. — Ele disse meu nome de uma maneira que fez com que cada centímetro de mim estremecesse. Como mergulhar um dedo em uma piscina fria.

Olhei para o comprimento dele, os joelhos no colchão quando ele rasgou a embalagem da camisinha com os dentes. Seu pau era maior do que qualquer coisa que já esteve dentro de mim.

Inclinei-me e ele segurou minha bochecha e me beijou. Eu segurei seus braços em busca de conforto, querendo que ele se aproximasse. Ele abriu minhas pernas com os joelhos. Meu coração batia rapidamente.

Eu pensei que poderia doer muito, e era isso que eu mais temia. Estar com medo e depois fazer as coisas virarem uma bagunça estranha. Mas Garrison já sabia disso.

Eu disse a ele antes.

Ele sussurrou nos meus lábios: — Se for demais, você me diz e eu vou parar, ok? Eu estou bem com isso.

Suas palavras eram como mágica. Acalmaram meus nervos.

Eu assenti com a cabeça e descansei meus ombros de volta no colchão. Minhas pernas ao redor dele. Vulnerável e pronta, *tão pronta.*

Pela primeira vez, eu o vi se tocar na minha frente. Mais confiança irradiando cada centímetro dele. Era contagioso, alimentando partes tímidas de mim.

Ele subiu mais sobre o meu corpo, a mão ao lado da minha bochecha. Ele abaixou a cabeça, seus lábios se fundindo com os meus. Sua língua emaranhada com a minha, sua respiração se fundindo com a minha, seu coração batendo com o meu.

Eu fui levada por sensações quentes. No momento caloroso, sua mão deslizou ao longo dos meus quadris e depois a pressão brotou entre as minhas pernas.

Uma dor aguda veio e se foi, substituída por uma plenitude avassaladora que me atordoou e eletrificou. Despertando mais necessidade. Mais desejo. Mais querer.

— Deus, Willow, — Garrison gemeu como se este fosse um *ótimo* lugar para se estar. Tremi embaixo dele, desejando mais atrito. Seus olhos se fixaram nos meus. Preocupação embrulhada em desejo extremo. Ele já estava mexendo os quadris.

Ele já estava balançando contra mim e eu estava o assistindo bombear dentro de mim - *Ai meu Deus.* Eu ofeguei, e ele segurou minha mão na dele, entrelaçando nossos dedos no travesseiro. — Está bom? — Ele respirou.

Eu assenti com a cabeça, as palavras perdidas na minha garganta. *Tão bom.*

Com essa confirmação, ele começou a empurrar com mais força. Trabalhando comigo, o suor brilhava em nossa pele, e um barulho agudo escapou dos meus lábios, algo mais fazendo cócegas na minha garganta. — Ahh. — Eu agarrei seu bíceps, aquele com a tatuagem do crânio. Eu estava navegando em uma onda de prazer, o fim nem mesmo à vista. — *Garrison*... por favor, não pare.

— *Porra*, — ele gemeu, colocando outro beijo nos meus lábios. Ele meteu mais fundo em mim e sentimentos fortes fizeram meus olhos arderem.

Ele soltou minha mão e segurou meu rosto. Seu ritmo e plenitude me aniquilaram absolutamente. Da melhor maneira. Obviamente digno de uma revisitação mental.

Eu estava perdida embaixo dele.

Ele estava perdido acima de mim.

Nós nos encontramos entre cada respiração desconcertada. Cada batimento cardíaco acelerado. Cada necessidade dolorida. Até ficarmos suados e vencidos por um impacto intenso e apaixonado. Nervos disparando. Respirações ofegantes. Corpos colidindo com prazer feliz depois de todos esses anos de espera.

No meu dormitório, eu navego na mesma onda. Eu alcanço um pico.

Eu grito seu nome em um sussurro suave e dolorido. Ele me acende em chamas, mesmo quando está a quilômetros de distância. Mas há uma diferença.

Eu deslizo para fora do meu clímax e rolo para o lado. Ninguém mais está enroscado nos lençóis comigo.

Ele não está aqui para me puxar em seus braços. Ele não está aqui para dizer *eu amo você*. Ele não está aqui, então não posso dizer *eu amo você* de volta.

Ele não está aqui para perguntar se estou bem. Para tirar os cabelos suados do meu rosto. Para me beijar uma última vez antes de adormecer.

Então eu me atrapalho com o meu celular. E eu tento ligar para ele novamente. — Por favor, atende, — murmuro sozinha em Londres. — Atende por favor.

Chama.

E chama.

— Por favor, Garrison. — Para de chamar.

Bip.

— Caixa postal cheia, — responde uma voz automatizada.

Rolo de costas e seguro meu telefone contra o peito.

16 PRESENTE – OUTUBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
20 anos

Halloween.

Também conhecido como aniversário de Loren Hale. Ele já me mandou uma mensagem sobre uma festa "surpresa" que ele está dando. Só que é uma surpresa para todos os convidados, não para ele - o cara fazendo o aniversário. É tão a cara de Loren Hale, não dá nem para inventar uma merda dessa.

O elevador da Cobalt Inc. está lento pra caralho hoje. Talvez esteja quebrado? Desce, desce e desce, como o tique-taque de um relógio, e estou preocupado por não sair daqui cedo o suficiente para evitar a festa. Olho para o texto novamente.

Loren Hale: *Vou buscá-lo às 21h45 para a minha festa de aniversário. O local é uma surpresa. Nenhuma pergunta será respondida. A participação não é opcional.*

Ele é um idiota, até mesmo por mensagem. Ele nem perguntou onde eu estaria, então suponho que Connor disse a ele que trabalho até meia-noite. Mas a vergonha vai ser dele, porque estou dando o fora daqui às 21h30 hoje.

O elevador finalmente chega ao saguão e eu pego meu celular para chamar um Uber. No momento em que saio pelas portas giratórias, os sapatos pousando na calçada, uma limusine preta diminui a velocidade no meio-fio.

Porra.

Segunda opção: Evitar contato visual. Talvez eu consiga ignorar a limusine. Eu me concentro no meu celular e percebo que o Uber mais próximo está a dez minutos. *Foda-se o* Halloween.

— Garrison Abbey! — Loren grita da limusine. — Vamos! Meu aniversário aguarda!

Não seja um idiota. Solto um suspiro de derrota e levanto os olhos. Metade do seu corpo está pendurado na janela aberta da limusine. Ele estende a mão como se dissesse *vamos.*

Tentando não parecer muito desanimado, coloco o celular no bolso, ajusto a mochila no ombro e me aproximo da limusine. Cada passo pesado.

Loren está prestes a abrir a porta da limusine, mas eu agarro o parapeito da janela e a fecho. Lo estreita os olhos quase instantaneamente como se eu tivesse dito ao seu filho que Papai Noel não é real. E no instante seguinte, seus olhos suavizam

consideravelmente. Como se ele estivesse tentando ser legal - e esse ato é difícil para ele.

Ele abre a boca e eu o interrompo.

— Obrigado pelo convite, mas eu decidi que não vou.

Seus olhos âmbar são realmente muito difíceis de olhar. Eles basicamente gritam um milhão de coisas. Desapontamento. Confusão. Eu os evito, preferindo seus olhares cruéis ao que ele está me mostrando agora. Sério, eu olho para qualquer lugar, menos para ele.

A rua.

O poste de luz.

As portas giratórias que acabei de sair.

Não posso sair com eles como se fossemos amigos.

Eu não posso sair com *ele.* Minha namorada é sua irmã mais nova. Pelo amor de Deus, eu vandalizei a casa dele há três anos. De repente, ele teve amnésia? Ele deveria estar me empurrando no meio-fio. Ele deveria estar me chutando e me chamando de mil nomes diferentes. Não me convidando para a festa de aniversário *dele*.

Jesus. Isso não faz sentido.

Eu olho de volta para ele, e ele está olhando por cima do meu ombro como se estivesse tentando encontrar alguém. E então ele me diz:

— Porque você tem muitos amigos fazendo fila para convidá-lo a lugares. — Fingindo surpresa, ele coloca a mão na boca. — *Ai meu Deus,* o seu melhor amigo está acenando para você. Ele está tão animado em vê-lo.

Foda-se ele.

Eu o encaro.

Ele me encara de volta, e então eu penso, *isso é estúpido.* Ele está apenas tentando me irritar para me levar embora. Ele sempre pressiona as pessoas, e quanto mais eu estou perto dele, mais ele está me pressionando.

Eu reviro meus olhos.

— Eu tenho *trabalho* a fazer, sua festa maldita… — Solto um ruído agravado e arrasto meu Converse pela calçada. Que porra estou fazendo?

— Se o CEO da empresa pode tirar uma folga no meu aniversário, o empregado também pode. — Loren tenta abrir a porta do carro novamente, mas eu apoio meu peso corporal contra ela.

Suas maçãs do rosto ficam rígidas.

— Estou falando sério. — Eu respiro fundo. — Eu tenho que terminar o que estou trabalhando e… — Eu olho para frente. O que mais? Deus, sou patético. Eu não posso nem inventar uma desculpa decente.

— Apenas me deixe sair por um segundo. Não vou forçá-lo a entrar na limusine. — O tom afiado ainda está em sua voz, mas não há humor associado. Ele fala sério.

Dou um passo para trás e puxo as mangas do meu moletom por cima das mãos, o vento aumentando. Mais frio hoje à noite. Loren abre a porta e sai do carro. Sem fantasia de Halloween, o que me surpreende. Apenas uma camiseta preta com gola alta e jeans escuro.

Ele é mais alto que eu por alguns centímetros, e eu puxo meu capuz para trás apenas para tirar os fios mais longos do meu cabelo do meu rosto.

— Eu *quero* que você venha, — enfatiza Lo.

Balanço a cabeça. Por quê? Porque eu sou o namorado de Willow? Porque ele acha que eu sou um perdedor sem ninguém com quem andar no Halloween?

Ele olha direto para mim.

— Jesus Cristo, preciso cair de joelhos e implorar?

Eu solto um ar quente pelo nariz, e um flash brilhante a distância chama minha atenção. Nós dois viramos a cabeça.

Um *paparazzi* estacionou no final da rua. Loren e as irmãs Calloway os atraem como luz atrai as mariposas, e elas queimam brilhando demais. Pelo menos, posso me afastar disso. Não consigo nem imaginar ter que lidar *sempre* com as câmeras constantes.

Temos apenas um minuto antes de sermos bombardeados, e eu não quero estar no *Celebrity Crush* amanhã.

Então eu digo rapidamente:

— É diferente. — Loren vira a cabeça para mim, confusão nos olhos. Eu continuo. — Isso é coisa de namorado-namorada, coisa de casal. Sou uma vela agora que Willow não está mais aqui, e vejo isso como um convite de *pena*, cara, então *me deixe em paz*.

Ele inclina a cabeça.

— Pena? Você sabe quem eu sou? — Ele toca seu peito. — Eu mergulho muito em auto piedade para poupar ter pena de outras pessoas. E você pode perguntar a Connor e Ryke lá. — Ele aponta para a limusine. — Eu não distribuo convites sem rumo como se eu fosse uma florista em um casamento. Tenho poucos amigos e você é um deles.

O que? Não.

Nós não somos amigos. Pode ter passado anos desde que eu pichei sua caixa de correio, mas isso não muda o fato de eu ter feito essas coisas. Eu não mereço a amizade dele. Definitivamente, não mereço que ele se esforce tanto para me fazer ir à festa dele.

Eu *não* mereço *nada* disso.

Ficar sozinho no Halloween é um carma. É penitência por todas as minhas ações de merda. É aonde eu mereço estar. Sem amigos e sozinho.

Mas ele está aqui gastando energia comigo, e há uma parte de mim que quer entrar na limusine. Que quer me dar felicidade e diversão por talvez apenas um momento.

Loren tenta me convencer novamente.

— Willow odiaria o que estamos prestes a fazer. Você, por outro lado, vai gostar do que planejei para o meu aniversário. Então, eu estou feliz que é você e não ela aqui. — Ele pisca seu meio sorriso icônico.

Ok.

Ok. *Ok.*

Eu respiro e depois aceno algumas vezes.

Um cara com uma câmera se aproxima e Loren lança um olhar ameaçador para ele ficar para trás.

O cara se encolhe a alguns metros de distância, mas ainda grita:

— Onde está Maximoff?!

Eu estreito os olhos agora. O filho de Loren tem apenas *três anos* e os paparazzi o perseguiam mais em uma semana do que me perseguiram em toda a minha vida. De qualquer maneira, tenho certeza de que Maximoff e os filhos das irmãs Calloway estão ficando com uma babá. Mas, inferno, até parece que estou dizendo alguma coisa a esse cara.

Loren ignora o paparazzi como se ele tivesse evaporado no ar e seus olhos voltam para mim.

— Vamos, — eu digo.

Os lábios de Loren se curvam para cima e ele desliza ao meu redor para abrir a porta da limusine.

No que estou me metendo?

~

Claro, Loren surpreende a todos com uma noite no Halloween Horror Fest, um evento anual de outubro no parque temático mais próximo. Os labirintos são enfeitados com decorações e os atores vestidos como fantasmas e zumbis tentam assustar os convidados.

Dois de dez no fator “medo”. Eu juro que vi um vampiro comendo um pretzel no intervalo. Não há nada de assustador nisso.

Antes mesmo de chegarmos a um labirinto, paramos em uma mesa de café de ferro em uma zona segura onde os atores não podem nos assustar.

Como estou com o "core six" - como a internet chama carinhosamente Lily, Loren, Rose, Connor, Ryke e Daisy - os guarda-

costas permanecem por perto, caso recebam uma onda de atenção indesejada. Até agora, apenas alguns fãs pararam e pediram selfies e autógrafos. Provavelmente haveriam mais se este lugar não fosse tão desorientador com a névoa, os gritos e a música estranha.

Na maioria das vezes, eu ignoro todos ao meu redor, incluindo os gritos automáticos que vêm dos labirintos.

Com o canudo entre meus lábios, seguro um refrigerante com uma mão e percorro meu celular com a outra. Willow já deveria estar dormindo. Ela foi à sua primeira festa de Halloween em Wakefield e me mandou uma mensagem de texto bêbada cerca de uma hora atrás.

Willow: *Garrrrisoon! Seu rosto é bonito. Saudades do seu rosto*
Willow: *Vc minha pessoa favorita p sempre*
Eu: *você está em casa?*
Willow: *Ainda não. Ainda na festa. Vou mandar fotos. As decorações são… interessantes.*

Quem organizou a festa apenas colocou um monte de teias de aranha falsas e depois uma tigela de ponche. Só isso.

Willow: *Lo teria um derrame se visse*
Eu: *Ainda bem que ele não está aí*
Willow: *Saudades do seu rosto. Eu já disse isso?*
Eu: *você disse. Mas tenho certeza que sinto mais sua falta*
Willow: *não é possível*
Eu: *vou ver seu rosto em breve*
Willow: *em breve *emoji de coração brilhante**
Eu: **emoji de mãos orando**

Essa foi a última mensagem. Ela está voltando para casa para as férias de inverno e ainda pode demorar mais de um mês, mas estou começando a contagem regressiva. Porra, eu tenho contado desde que ela saiu.

Um grito estridente sopra de um dos labirintos de neblina nas proximidades. Nosso local atual fica mais perto da entrada principal, e eu já fui informado sobre como esta mesa é a "base" no caso de alguém se perder.

O que - se eu tivesse que apostar, seria Lily. Risque isso, ela está agarrada ao marido com tanta força que não há como ela se afastar do bando.

Talvez eu diga Daisy, mas ela ficará relaxada aqui nesse local a noite toda. O husky branco de Daisy está esparramado em seu colo enquanto ela vasculha um saco de pãezinhos de canela que Lily e Loren trouxeram de volta de uma viagem a Cinnabon.

Fiquei meio surpreso que Daisy tenha chegado a esse ponto, considerando que ela tem TEPT, e esse lugar deveria ser um inferno

para quem têm gatilhos com ruídos repentinos e penetrantes. Mas, talvez, ela simplesmente não quisesse perder isso.

A noite é especial o suficiente para que as irmãs Calloway trouxessem fantasias para todos. Embora, trajes *simples*, mas eles pensaram nessa merda.

Uma coroa de flores repousa sobre o cabelo loiro de Daisy, idêntico na cabeça de Ryke. Lily e Loren vestem brilhantes antenas alienígena, enquanto Rose e Connor usam essas coroas douradas. Eu nem acho que eles são de plástico. Tipo, coroas legítimas. Os Cobalts devem ser as pessoas mais extras que eu conheço e, sinceramente, não acredito que trabalho para um deles.

Eu arrumo meu chapéu de beisebol para trás. Ele acende e soletra a palavra *buu*.

Talvez minha roupa seja um chapéu piscando literalmente para que Loren tenha certeza de que não os deixei, mas eu meio que gosto que seja gritante, mas não *muito* gritante. As antenas teriam me irritado.

Olho para cima do meu telefone apenas para ver Connor e Rose ainda discutindo sobre a rota. O mapa do parque está espalhado sobre a mesa e os dois seguram canetinhas como se houvesse um teste no final disso.

— O que você está fazendo? — Rose retruca o marido. — Esse é o pior caminho. Você não pode ir do Massacre da Serra Elétrica ao Pesadelo na Rua Elm.

— Por que não? — Ele sorri como se soubesse o que ela está prestes a dizer, mas quer ouvir de qualquer maneira.

— Nós não estamos fazendo o Coisa Nojenta voltar para trás. — Ela ajeita o cabelo em um ombro e traça uma linha no mapa. — É melhor se fizermos o labirinto The Ring no meio.

Uma serra elétrica ruge, bem perto. As meninas fogem do ator mascarado enquanto ele as persegue. Legalmente, ele não pode tocá-las, então fugir é o caminho errado. Por experiência, os atores atacam as pessoas que parecem mijar nas calças.

Estou prestes a retornar ao meu telefone, mas a voz de Rose chama minha atenção novamente.

— *Coisa Nojenta* não me assusta — Rose retruca. — Se você não acredita em mim, me dê uma porra de faca e eu vou te esfaquear e você verá como ficarei assustada. — Ela faz um gesto para ele em busca de uma faca.

A atração de Connor por sua ameaça é clara em seus olhos, como se ele pudesse se afundar nela agora na porra da mesa. Jesus, eles são estranhos. Seu sorriso se expande, e ele se aproxima de sua esposa.

Loren interrompe:

— Cuidado com as garras dela.

— Ela não vai me machucar — diz Connor facilmente. — Mas, eu aprecio a preocupação.

— Eu vou estripá-lo, Richard — Rose ameaça. O queixo dela se ergue quando ele se aproxima novamente, elevando-se acima dela. Confiança misturada com domínio.

— E? — Ele pergunta em uma respiração profunda.

— E vou remover todos os seus órgãos lenta e dolorosamente.

— Dolorosamente. — Ele imita. — Você exagera.

Lily está sorrindo de orelha a orelha. Ela é obcecada por todos serem felizes *no amor*. Eu deveria saber. Ela me perguntou como Willow e eu estávamos cerca de cento e uma vezes. Até o ponto em que acho que ela ficará tão arrasada quanto eu se acabarmos não dando certo.

Rose brilha.

— Tenha. Medo. Richard. Vou aniquilá-lo de uma maneira assassina, sangrenta... — A respiração dela se aperta quando ele se aproxima, as pernas enfiadas. Ela recua, palmas batendo na mesa de ferro. Ele quase a prendeu.

— Medo, Rose? — Ele respira contra os lábios dela.

Ela diz uma palavra em francês e ele diz mais duas na mesma língua.

Honestamente, eles parecem estar prestes a se beijar.

E é aqui que eu definitivamente estou olhando para o meu celular. Evitar o Instagram tem sido meu mantra desde que vi Salvatore Amadio. Não preciso procurá-lo e ter visuais de toda a sua vida. Então, eu não vou me torturar hoje à noite com fotos dos seus seis tanques ou Porsches (não que eu saiba que ele também tenha, mas com a minha sorte, é provável). Merda, pare de pensar em Salvatore.

Tumblr, então.

Willow não tem posta nada há semanas. A conta dela está praticamente morta. A minha está quase a mesma, mas eu tenho alguns conjuntos de gifs da última temporada de *American Horror Story* no meu feed. Não tenho tempo para fazer nada há um tempo.

Sem edições. Sem gifs. Nenhum vídeo. Quero culpar tudo a tempo, mas no fundo sei que é outra coisa.

Algo mais.

Foda-se, estou fazendo um questionário. Eu encontro a tag e clico na primeira.

Localização atual

Levanto minha cabeça apenas para ver Daisy levantando dois rolos de canela em ambas as mãos.

— Meu coque direito é menor que meu coque esquerdo. — Ela fala com o marido.

Ryke está sentado ao lado dela. Balançando as pernas da cadeira, ele olha diretamente para os peitos dela.

Sua camiseta cheia de artes diz Fantástico-Pra-Caralho, e as fotos de Daisy vestindo essa camisa já se espalharam pelas mídias sociais. Até o ponto em que a camiseta esgotou na H&M em minutos.

Ryke se concentra nos olhos de Daisy.

— Seus coques parecem fodidamente perfeitos para mim, Calloway.

O intenso flerte é algo que eu estou acostumado a ver com eles, e isso me deixa super feliz. Acho que é porque Willow ama Daisy e Ryke, e vê-los juntos é uma coisa boa - mas, agora só vejo duas pessoas apaixonadas. Que passam tempo juntos.

E eu não tenho isso. Meu estômago revirou em nós horríveis, o refrigerante não caiu bem.

Eu sou amargo, eu percebo.

Eu odeio ser tão amargo.

Daisy lambe a cobertura do rolo de canela certo e começa a rir.

— Você vai gostar deste.

— Por que isso?

— Está muito molhado.

Ryke casualmente usa dois dedos para deslizar um pouco da massa. Então ele chupa enquanto olha profundamente para sua esposa. Quando ele abaixa a mão, ele diz:

— Não está molhado o suficiente, querida.

Eu faço uma careta.

Eu vejo Loren se encolhendo seriamente.

Localização atual: *com certeza este é um círculo do inferno que Dante ainda não inventou*

O tipo feito para almas amargas.

Daisy mal abaixa a voz, provocando Ryke.

— Você ainda vai me comer?

Os olhos dele *eu quero te foder* respondem ela.

— Ei. — Loren se encaixa.

Ambos casualmente viram a cabeça para ele. Como se fosse apenas mais um dia, e as conversas sobre sexo oral e esperma são completamente normais.

Lo acrescenta:

— Lily quer que vocês parem de flertar.

Lily fica boquiaberta.

— Eu não!

Loren finge surpresa.

— Eu poderia jurar que ela disse que você a estava deixando enjoada.

Ryke levanta as sobrancelhas para mim.

— Soa como você.

Zombando, Loren toca seu peito.

— Nunca.

Eu quase bufo.

Volto ao questionário…

Altura: *1,80 cm*

Cor dos olhos: *Eu sempre pensei que eles eram verdes azulado. Minha namorada os chama de água-marinha às vezes. Então vamos usar isso.*

Por que toda distração que tenho me faz pensar nela ainda mais? Jesus... é como correr e bater em uma parede de tijolos e virar e bater em outra.

É inútil. Eu clico no Tumblr no momento em que Loren está estalando os dedos na minha cara.

— Você. Garrison. Acompanhe. Agora.

Eu guardo meu telefone.

— O que? Você esqueceu como as frases funcionam?

Rose e Connor já reuniram seus mapas, a mão de Lily está na de Lo e Ryke se afasta da mesa, deixando Daisy na zona segura.

Acho que realmente estamos saindo.

Loren dirige um olhar para mim.

— Diz o cara que usa gírias da Internet como *vou ali e já volto* e *na moral*. — Seu meio sorriso me encontra, mas isso não me assusta.

Eu apenas olho para trás.

Ele acrescenta:

— *Caso você esqueça*, sou um idiota sarcástico. Mexa sua bunda para lá. — Ele aponta na direção do primeiro labirinto.

O labirinto do *Exorcista*.

A segurança do parque nos permite pular discretamente para a frente da fila. As vantagens de estar perto de pessoas superfamosas, eu acho. Tudo acontece sem alertar as multidões maciças que cortamos. Loren diz que é para nossa segurança. Esperar horas nas seções isoladas com os frequentadores do parque é uma maneira de causar estragos e histeria. Eles vão querer autógrafos. Selfies.

Precisamos nos misturar.

Não estou acostumado a constante observação tanto quanto eles, mas posso entender que não quero ser abordado.

À frente de Loren, entro no labirinto *O Exorcista* que está decorado como uma casa pequena. Totalmente escuro. Eu mal posso ver na minha frente. O cacarejo demoníaco ecoa à nossa volta, e o resto do nosso grupo caminha em uma fila de fila única.

— Oh Deus, Deus! — Lily murmura.

Olho para trás para ver sua expressão de olhos arregalados, e ela está agarrando as costas da camisa de Loren, tanto que a gola está apertada em volta do pescoço de Lo.

Willow e eu nunca fomos juntos a uma dessas coisas assustadoras da noite. Ela não gosta tanto de coisas assustadoras quanto eu, mas eu posso imaginá-la aqui. Eu teria meus braços em volta dela. Ela estaria pressionada ao meu lado...

Merda, pare de pensar.

Rapidamente, olho para trás.

Entramos na área do quarto, e uma versão mecânica de Regan MacNeil fica em cima da cama. A cabeça dela gira trezentos e sessenta graus. Parece que quem construiu o robô fez um ótimo trabalho.

— Legal — digo, impressionado com a qualidade da produção. Até oradores são criados que narram o exorcismo do filme.

— Lil, — Loren diz atrás de mim. — Olhe para cima. Não é tão ruim.

Eu examino a área, tentando ignorá-los e me concentro nos quartos. Há tantos detalhes, como o modo como os vasos de plantas são derrubados e os móveis flutuam no ar, como se um ser possuído chamasse toda a sala.

Muito legal.

— Eu vou ter pesadelos para sempre! — Lily grita.

Ainda mais atrás de mim, ouço Rose gritar de susto e depois repreender o ator:

— Você fez isso de propósito!

Eu quase ri. Há algo em estar com essas pessoas que fazem os dias de merda parecerem ... eu não sei. Eu não deveria gostar da companhia deles.

Eu não deveria querer isso.

Ou pedir por isso. Ou que Deus não permita, *precisar*. Porque eles já fizeram demais por mim e não são nada meus. Eles são de Willow.

Eu não olho para trás novamente, mas acho que devo estar andando pelo labirinto mais rápido porque a voz de Lily e Loren desaparecem. Entro em um dos últimos quartos onde vômito falso voa contra a parede. Eu fico lá por alguns momentos e literalmente o robô se vira para mim e sorri. Espere... não é um robô. Esta é *definitivamente* uma atriz. Ela começa a engatinhar na cama em minha direção como se quisesse me assustar.

Eu sorrio.

Não sei porque.

Talvez, porque ela ache *isso* assustador. Eu já tive medo antes - muito medo -, mas não de demônios vomitando algo verde. Isso não é nada.

Ela para e tenta fazer outra "cara de sorriso esquisito", mas eu superei. Eu continuo andando. Para fora do labirinto. O ar frio me atinge quando ouço um grito estridente dentro do labirinto.

Aposto que é Lily. Meus lábios levantam em um sorriso maior, apenas absorvendo o momento. Estou fazendo algo em uma noite aleatória, e nem é ruim. É meio divertido.

Um dos guarda-costas se aproxima de mim e fica ao meu lado. Como se eu fosse importante ou algo assim, mas percebo em menos

de um segundo que ele está bloqueando meu corpo dos espectadores. Meninas riem alto em torno da saída do labirinto e me olham.

Talvez eles queiram meu autógrafo ou que eu divulgue detalhes sobre os seis principais - o último é mais provável.

Eu não deveria perguntar ao guarda-costas, mas pergunto.

— Ei, como você sabe que eu não quero ser abordado por pessoas?

Os guarda-costas não bloqueiam Lily o tempo todo. Definitivamente nem Ryke ou Lo.

— Loren nos informou que você não quer a atenção — diz ele. — Isso mudou, senhor?

Balanço a cabeça. Não. Não mudou.

Estou sorrindo mais agora e depois vejo Lo. Ele sai do prédio, carregando Lily nas costas. Ela está enterrando o rosto na curva do pescoço dele como se ela não pudesse nem dar uma espiada sem mijar nas calças.

Minhas sobrancelhas se enroscam.

— Não foi nem tão assustador.

Loren segura suas coxas.

— Ela tem medo de sua própria sombra quando apago as luzes à noite.

— Foi só uma vez! — Lily protesta sem levantar a cabeça.

Loren e eu rimos, e então ele diz para Lily:

— Estamos fora do labirinto agora. Você quer voltar para o chão, amor?

Lentamente, ela levanta a cabeça o suficiente para descansar o queixo no ombro dele e depois olha ao redor do parque. As pessoas estão rindo ou se afastando da saída do labirinto. Ninguém está sangrando ou morrendo no chão.

— Posso ficar aqui por mais um labirinto? — Lily pergunta. — Então eu vou parar.

Loren assente, e Rose sai de repente com Connor, ambos indiferentes ao elemento de horror. Connor honestamente parece que acabou de sair de suas conferências telefônicas semanais com investidores estrangeiros. Mesma confiança de que *sou dono do mundo,* isso irradia dele... e de sua esposa.

As coroas douradas tornam isso duas vezes mais perceptível.

Olho para Loren, e ele parece chateado. Como se o objetivo fosse talvez abalar o inabalável. Restam nove labirintos, e eu conheço Connor o suficiente como meu chefe - e tenho certeza que você poderia colocá-lo em mil labirintos e ele ainda sairia de cada um com segurança e facilidade.

Rose estreita os olhos para Loren. Provavelmente entendendo seu motivo oculto.

Loren se encolhe.

— Pare de me encarar. Eu sei que você gosta do meu rosto, mas meu rosto não gosta de você.

O olhar verde-amarelo de Rose o perfura.

— Você é uma *criança*, Loren.

Eles estão brigando sem parar sempre que estou perto deles. No começo, eu pensei que era um acaso. Não. Isso acontece... todo. O. Tempo. Por nenhuma outra razão, eles simplesmente parecem não se dar bem.

Loren finge enxugar uma lágrima com o punho na bochecha, surpreendentemente capaz de segurar Lily com uma mão.

— Vá chorar sobre isso no seu covil.

— Vá andar sob um chão de lava. — Com isso, ela joga o cabelo por cima do ombro e segue em frente com saltos de dez centímetros. O marido é a única pessoa que a segue, capaz de acompanhar o ritmo da esposa. Seus dedos se unem, de mãos dadas.

Não pense em Willow.

Eu não estou…

Estou *tentando* não pensar.

Engulo um nó na garganta, enquanto todos seguimos o rei e a rainha - como a internet se refere a eles. Com todos os guarda-costas nos seguindo, está começando a parecer que são na verdade a realeza americana.

Quanto mais andamos, mais minha mente volta para Willow. Apesar dos caras pintados de esqueleto gritando com os convidados e as motosserras acelerando, eu sei que ela gostaria de estar aqui. Ela ama sua família e perder uma experiência em grupo a deixaria chateada.

Existem prós e contras em ficar longe, e isso aqui agora é o contra. Mesmo que eu esteja tendo um tempo decentemente... muito bom.

Então, sim, eu me sinto uma merda sobre isso.

Eu odeio estar em dois continentes separados. Estamos muito tempo separados. E eu não sou um leitor de mentes. Eu não sei o que ela está pensando o tempo todo, e especialmente agora que ela está perto de universitários como Salvatore Amadio, ela deve estar começando a entender que eu não sou uma ótima pessoa. Estou no fundo do poço. Eu sou um merda, e quando ela perceber isso completamente, ela vai querer que acabe. E como posso culpá-la?

Olho de volta para Ryke e Loren. Os irmãos dela. Eles conversam com ela toda semana, e eu me pergunto se ela fala sobre mim. Eu que não vou perguntar.

Eu devo?

Eu sinto como se estivesse bisbilhotando.

Eles são irmãos dela, não meus. Eles não são imparciais ou qualquer coisa. Não que eu precise de alguém do meu lado. Acho

que todo mundo deveria estar do lado de Willow.

Rapidamente, olho para trás novamente. Desta vez não é suficientemente discreto.

— Se você tem algo a dizer, basta dizer — diz Ryke. Seu tom é mais suave que suas palavras. — Nós não mordemos.

— Eu mordo. — Loren acrescenta com um sorriso amargo. — Mas considere-se com sorte, eu não vou te morder.

Eu não acredito nisso.

Mas acredito que, se ele me atacasse, provavelmente eu mereceria.

Eu desacelero apenas para andar ao lado deles. Respirando fundo, eu apenas deixei sair tudo.

— Vocês dois conversam muito com Willow - tenho certeza que sobre mim - e provavelmente podem avaliar os sentimentos dela, certo? Honestamente, não preciso de uma sinopse, um artigo de dez páginas ou qualquer coisa do tipo, mas só quero saber a *porcentagem* que vocês dois acham que Willow vai querer terminar comigo nos próximos anos.

Eu devo ser um masoquista para querer saber. Mas eu preciso.

As sobrancelhas de Ryke sulcam.

— Vocês dois não falam um com o outro, porra?

— Sim, mas você sabe como é estar em um relacionamento de longa distância? Só posso dizer que *te amo* tanto. Não é o mesmo que... - Tiro o boné de beisebol piscando, quente de repente. — É apenas mais difícil.

Eu quero abraçá-la. Eu quero *estar* com ela. Como você faz isso se está fisicamente separado de alguém? E aquela parte física de um relacionamento - ela poderia obter muito mais facilmente de um cara como Salvatore.

Mas apenas pensar na minha garota com outro cara... *Deus, pare.*

Focalizo a pergunta que fiz: *Segundo eles, qual a porcentagem de Willow querer terminar comigo?*

— Zero por cento — diz Loren, sem nem mesmo hesitar.

Eu olho de volta.

— Zero por cento? — Olho para Ryke. — Ele é bom em matemática?

— Eu sou bom em matemática — repete Loren como se eu fosse uma criança. — Eu posso contar até dez. Um, dois, minha irmã é boa demais para você, quatro, cinco, vocês dois vão sobreviver.

Eu entendo isso, focando na parte importante.

— Você percebe que não chegou aos dez, certo?

Loren balança a cabeça para Ryke.

Ryke me mostra dois dedos do meio.

É a jogada dele, e realmente, eu ganhei. Estou quase sorrindo.

— Qual porcentagem? — Pergunto a Ryke.

— Zero, — ele diz — Mas, eu não sei que porra você vai fazer.

Espere... o que?

Eu franzir a testa.

— Por que você acha que eu gostaria de terminar com ela? Estou *preocupado que* ela termine comigo.

— Aquela porra de coração partido — diz Ryke.

Meeeeeerda.

Minha boca cai em realização. Preenchi esse questionário meses atrás, mas talvez tenha estado no fundo de suas mentes.

— Você viu meu questionário do Tumblr? — A frustração aumenta. — Como? Você nem *usa o* Tumblr. Você é um incapaz em relação a internet!

— Vai se foder.

Loren interpõe:

— É verdade.

Ryke olha para Lo.

— Eu sei como usar o Facebook.

— O Facebook é estúpido, cara — eu digo. — É como o enteado feio do Tumblr. — Mas, agora, também não estou sentindo grandes coisas sobre o Tumblr. É mais fácil gostar da internet quando isso não é cruel para você, e eu vi Willow e sua família sentindo o peso dela. Como tudo, acho que talvez haja partes boas e ruins.

Ryke usa uma expressão confusa. *Não sei do que você está falando,* como se eu *tivesse* falado uma linguagem intergaláctica. Loren ri.

— Honestamente, — eu digo — você clicou sem querer ou algo assim?

— Ou algo assim. — Loren responde. *Porraaaa.* Isso só poderia significar uma coisa.

Eu olho para o céu.

— Daisy te mostrou?

Ryke faz uma careta.

— Deixe ela fora disso, porra.

— Tanto faz — eu digo em uma grande respiração. — Olha, isso não importa. Não me sinto *muito bem* sobre onde deixei as coisas com Willow quando ela estava em Philly.

Loren me perfura com um de seus olhares icônicos, muito mais nítidos que os de Ryke. O que apenas confirma minhas suspeitas.

— Ótimo. Ela te disse. *Que nós fizemos sexo.*

— Sim — diz Loren.

Ryke acrescenta:

— E não se atreva a gritar com ela sobre isso. Nós somos os irmãos dela.

Isso machuca.

— Eu nunca... eu não gritaria com Willow por nada… — Eu não sou esse cara.

Os olhos de Ryke amolecem.

Loren ainda está olhando.

— Porra, se você está preocupado, — Ryke diz, — há uma solução bem na sua frente.

— O quê? — Eu pergunto.

— Visite Willow — sugere Ryke. — Vá para Londres. Você não precisa se mudar para lá. Apenas a veja por uma semana ou duas semanas.

Loren assente.

— Vocês dois se sentirão melhor.

Eles não devem saber que Willow e eu temos um acordo de que não a visitarei até o próximo semestre. Eu me preocupo em ser o namorado carente, aquele que não lhe dá espaço para ter sucesso sozinha. De qualquer forma, ela estará de volta a Philly para as férias de inverno, por isso, se eu voar antes, então, cem por cento, parecerei o autoritário.

Então, o melhor que posso dizer é algo sem compromisso. Porque é assim que me sinto agora.

— Sim. Talvez.

~

Dez minutos depois, seguimos em direção ao segundo labirinto, numa colina íngreme. O arco de entrada é decorado com lâmpadas piscando como um parque. Uma música assustadora que reconheço toca. É o tema de abertura de *American Horror Story*. Não sei se os outros entendem as referências ou se eles já viram a quarta temporada, mas a emoção aumenta à medida que nos aproximamos.

De repente, um estrondo de motosserras acelera da colina, e uma onda abrupta de palhaços corre em nossa direção. Mas essa não é a ameaça imediata. Eu me viro para ver um palhaço mais alto e mais magro, com maquiagem que se estende de bochecha a bochecha, segurando uma espada falsa e se aproxima de Ryke.

É ainda mais rápido que as motosserras.

O palhaço grita no ouvido de Ryke.

Ryke, sem pensar mesmo ou pausa ou avaliar a situação, *soca* a mandíbula do palhaço.

Puta merda.

— Foda-se. — Ryke solta o palavrão, percebendo o que ele acabou de fazer. Ele levanta as mãos como se estivesse em paz. Mas, amigo, você não está, o palhaço tropeça para trás e cai de bunda.

Nota para si mesmo: *não seja acidentalmente socado por Ryke Meadows.*

Pego meu telefone. Isso precisa ser gravado.

Para Willow. Não para mais ninguém. Definitivamente não é para a internet.

Connor e Rose começam a se aproximar de nós, provavelmente para fazer o controle de danos, mas o dano já está sendo feito. Existe uma regra sobre tocar os atores. *Não toquem.*

Alguns palhaços na colina gritam:

— Segurança! — Como se o amigo deles estivesse morrendo no cimento. Outro palhaço mais pesado pula em Ryke por vingança.

Estou quase rindo.

Eu provavelmente deveria estar ajudando, mas considero minha presença aqui útil para uma pessoa. Willow. Ela não pode perder isso.

Lily se apega às costas de Loren, e Connor aumenta o ritmo e *corre* para Ryke.

Connor estende a mão para o palhaço mais pesado.

— Foi um acidente — diz ele em um tom calmo de negócios. — Meu amigo age antes de pensar.

O palhaço de repente para, mas seus lábios ainda se curvam, irritado com Ryke.

— Os palhaços parecem loucos. — Lily sussurra para Lo, mas estou perto o suficiente para ouvir. — Com raiva *real.*

Connor também deve ouvir, porque responde:

— Esse é geralmente o sentimento que aparece depois que alguém é socado.

Ryke não ouve, já que está ocupado se desculpando profusamente.

— Sinto muito, porra.

Os guarda-costas nos cercam e assumem o controle, tentando ajustar a situação com os palhaços. Criando barreiras entre nós e eles. Os espectadores têm seus telefones como eu.

Loren gira como se estivesse tentando contar cabeças.

Seus olhos pousam nos meus.

Eu concordo. Estou aqui. Eu estou vivo. Willow conseguirá ver isso. Esta noite não foi tão ruim. Rose ainda segura uma lata de spray de pimenta, como se estivesse prestes a apagar qualquer palhaço que se aproximar dela. *Clássico de Rose*. Me certifiquei de gravar isso.

A equipe de segurança conversa com a equipe do parque e, em minutos, o veredito chega.

Ryke está sendo banido de *todo o* parque. Não apenas as zonas de susto e labirintos. Na verdade, é meio hilário.

Um minuto depois, os palhaços se dispersam, e Loren coloca Lily em pé. Todos nós nos juntamos. Puxo as cordas do meu capuz.

Ryke remove sua coroa de flores, apenas para passar a mão pelos cabelos.

— Vou esperar na porra do carro. Vocês todos continuam sem mim. — Ele coloca a coroa de flores de volta.

Está inclinada para o lado. Torto, como se fosse cair.

Connor, mais próximo de Ryke, é quem endireita a coroa para ele. É estranho. Às vezes, parece que esses dois se desprezam e depois há momentos como este. Isso me confunde muito.

— Não. — Loren diz ao irmão. — Você não vai esperar no carro como se fosse um excluído.

— Está tudo bem, Lo.

— O parque tecnicamente o baniu, — interrompe Connor.

— Então o parque baniu *todos* nós. — Loren toca seu peito teatralmente. — Não vou deixar Ryke para trás. — Ryke abre a boca para protestar, mas Loren diz fortemente: — É o Halloween. Eu dito as regras e digo que vamos à casa da rainha Rose e assistiremos *Poltergeist* com sons de cinema.

— Podemos pedir pizza? — Eu pergunto de repente, me pegando de surpresa. Eu quero isso. Passar tempo com essas pessoas. Eles me fazem sentir bem.

— E haverá *pizza* — Loren diz certamente, seu olhar se fixando em Ryke, tentando convencê-lo. A culpa atinge os olhos de Ryke, não querendo estragar o aniversário de Loren.

— E *ding-dongs* — acrescenta Lily.

Lo tenta não sorrir.

— E ding-dongs. E irmãos mal-humorados chamados Ryke Meadows. Tudo bem?

Ryke hesita. Nós só passamos por um labirinto, mas foi divertido enquanto durou, e a luta de palhaços pode ficar na história. Mal posso esperar para mostrar o vídeo a Willow. Felizmente, isso não a fará sentir falta de casa ainda mais. Mas, talvez, ela fique feliz por eu estar aqui para gravar para ela.

Eu seguro isso.

Com um aceno de cabeça, Ryke concorda.

— Ok.

Vou passar a noite assistindo *Poltergeist* e comendo pizza com a família de Willow, e finalmente estou começando a não me sentir culpado por isso. Talvez seja porque eu quero ser feliz, mesmo que eu não mereça. *Apenas aproveite*. Acho que vou.

Só hoje.

17 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW MOORE
17 anos

Enfio minha blusa branca na minha saia azul marinho, o uniforme da Academia Dalton é tão desconfortável quanto eu. Verifico o relógio na minha mesa de madeira. *7:23*

Garrison disse que estaria do lado de fora do meu apartamento às 7:30 e, como não trocamos números, eu provavelmente deveria ir agora e esperar por ele.

Pego minha mochila esfarrapada, me perguntando se isso será violação de algum código de vestimenta. Eu nunca tinha frequentado uma escola particular antes, e eu teria frequentado uma escola pública, mas Lo recusou.

Ele disse: E*u pago por isso. Não se preocupe com isso. É uma das melhores escolas da cidade.*

Eu disse a Loren que o pagaria de volta. Cada centavo, e foi isso.

No elevador, atualizo o blog de ryumastersxx, restringindo um sorriso ao nome de usuário dele. Ken Masters é um dos personagens mais populares do *Street Fighter*, e seu rival e melhor amigo se chama Ryu. Toda vez que atualizei sua página, gifs e edições são o único conteúdo novo.

Desta vez, porém ... é diferente.

Regras: *Preencha o formulário respondendo a cada seção com sinceridade. Depois de terminar, marque outros usuários para concluir a tarefa. Comece procurando a pessoa que o marcou.*

Ele fez isso. — Ai, meu Deus. — Eu sussurro, tão pega de surpresa que esqueço de apertar o botão do lobby. Eu faço e então avidamente e ainda assim provisoriamente leio suas respostas.

Qual foi a sua…

Última bebida: *lightning bolt!* + *vodka*

De repente, estou com medo de ler o resto, mas, como um demônio ou viciado em drogas, simplesmente não consigo parar. Eu tenho que saber mais.

Última ligação: *não consigo lembrar. todo mundo apenas manda mensagens agora.*

Última mensagem de texto: "*Vai se foder*". *Enviada para o meu irmão do meio. Ele é um idiota.*

Você já…

Foi traído: *ainda não. dê tempo e tenho certeza que isso vai acontecer.*

Beijou alguém e se arrependeu: *não me arrependo de beijar*.

Bebeu álcool: *não. *sarcasmo**

Ficou bêbado e vomitou: *só quando bebi ponche batizado que tinha ponche pra caralho*.

Conheceu alguém que mudou você: *acho que uma pessoa. Ele é famoso - poucas pessoas acreditariam em mim se eu dissesse o nome dele. Ele meio que me deu uma mão quando ninguém mais fez isso*

Já se desapaixonou: *Eu já me desapaixonei por picles. Nojento pra caralho.*

Descobriu quem são seus verdadeiros amigos: *Acho que acabei de descobrir.*

Já perdeu os óculos: *Não os uso, mas eles ficam fofos nessa garota que acabei de conhecer.*

Toco minhas bochechas que doem por um sorriso que não vai embora, mas desaparece ao ver o próximo tópico.

Sexo no primeiro encontro: *eu realmente tenho que responder? [w, se isso a deixa nervosa, por favor pule isso]*

W. Respiro fundo, me perguntando se devo examinar suas palavras digitadas, mas se ele está me dizendo para ignorá-la, então talvez ele saiba que a resposta não ficará bem comigo. Ou, talvez, ele não queira se "apressar" - não é como se estivesse me atacando ou algo assim.

Este é apenas o começo de uma amizade, certo?

Eu decido olhar.

Já fiz. Também não era a primeira vez dela.

Isso significa que ele já fez sexo várias vezes também.

E eu nem fui beijada... mas não deveria importar. *Apenas o começo de uma amizade.*

Foi preso: *ainda não.*

Recusou alguém: *não sei o que isso implica. recusou alguém para dar uma volta? para fumar? O que é isso?*

Apaixonou por um(a) amigo(a): *mais ou menos*

Mais ou menos. Não sei no que *isso* se aplica!

Mais perguntas…

Você tem algum animal de estimação: *tartaruga chamada Abracadabra - costumava ser do meu irmão Mitchell antes de ele ir para a faculdade.*

O que você fez na sua última festa de aniversário: *fumei e assisti A Morte do Demônio com meus amigos - foi realmente horrível (eu fiquei tonto a noite toda e vomitei)*

Nomeie algo que você não pode esperar: *o final do último ano.*

O que o irrita: *quando me dizem o que fazer, o que vestir, como agir*

Apelido (s): *Abbey*

Status de relacionamento: *em hiatus.*

Programa de TV favorito: *Supernatural e American Horror Story*

Ensino Médio: *é uma merda*

Faculdade: *provavelmente é mais merda ainda*

Cor do cabelo + comprimento: *marrom, curto, mas não tão curto assim.*

Altura: *1,80 cm*

Sua paixão: *identidade desconhecida... não computável no momento*

Tatuagens: *2, uma na parte interna do meu cotovelo, a outra na minha omoplata direita (minha mãe começou a chorar quando viu a primeira "você destruiu seu corpo!!")*

Destro ou canhoto: *Destro*

Fez cirurgia: *quebrei muito o pulso e a perna uma vez. eu precisei colocar alguns pinos - eu tinha apenas sete e nove anos.*

Algum piercing: *não, eu não queria que ninguém tentasse puxar essa merda*

Esporte favorito: *lacrosse. todos os meus irmãos jogaram, e eu não sou o pior, mas provavelmente odeio mais*

Primeiras férias: *França. eu tinha nove meses e não me lembro de absolutamente nada*
Atualmente…
O que você está comendo: *fatia fria de pizza.*

O que você está bebendo: *energético + vodka.*

O que você está esperando: *o nome de usuário de um certo alguém.*

Você quer filhos: *eu já me sinto mal por essas crianças.*

Se casar: *se eu a amar o suficiente.*

Carreira: *quem diabos sabe pq eu não.*

Do que você gosta…
Abraços ou beijos: *definitivamente beijar, mas eu gosto dos dois*

Mais baixas ou mais altas: *meninas? eu realmente não tenho preferência*

Mais velha ou mais nova: *provavelmente mais nova ou mesma idade*
Não estou marcando mais ninguém, mas se você quiser fazer isso, vá em frente. Não é tão ruim quanto parece. E alguém por aí me deve um nome de

usuário - te vejo amanhã de manhã, se ainda não tiver visto você.

— Você está saindo?

— Hã? — Eu tiro minha atenção do meu celular. Uma estudante universitária com uma mochila está esperando no lobby.

Ela aponta para o elevador. — Você vai sair aqui?

— Ah, sim. — Eu rapidamente saio e verifico o tempo, ainda cinco minutos adiantada. Eu guardo meu celular, surpresa com a quantidade de informações que recebi e, em seguida, no mesmo fôlego, todos os enigmas que ele me apresentou também.

Gostaria de saber se meu questionário também será lido dessa maneira.

Assim que saio, com o ar frio de setembro, noto um Mustang preto estacionado no meio-fio. Garrison me espera, encostado no carro com as mãos nas calças azul marinho. A gravata está solta no pescoço, e o botão branco se encaixa perfeitamente nele.

No uniforme da Academia Dalton, ele se parece mais com um cara popular por excelência do que com um casaco de capuz preto alternativo que estou acostumado a ver. Ele se endireita quando me vê, e eu diminuo um pouco o ritmo.

Não há ovos na mão dele. Eu respiro mais fácil. Esta não é uma situação de quem *nunca foi beijada*. Ele está me examinando da cabeça aos pés, como eu fiz com ele.

— Oi — ele cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Você chegou cedo. — Paro a alguns centímetros dele.

— Você também. — Seus olhos azuis aquáticos pousam na minha saia e eles nunca se afastam.

— O que...? — Eu me pergunto se não passei o tecido o suficiente.

— Você não está usando isso direito.

Eu empalideci. — O que você quer dizer? — É apenas uma saia azul, um cinto preso com o mesmo tecido rígido de lona e forma um laço na frente.

— O laço está amarrado de forma diferente e não deve ser alinhado no meio do seu corpo. — Ele passa a mão pelos cabelos.

Eu tento consertá-lo, mas não sei exatamente como deve ser. Não é como se a Academia Dalton me desse um manual sobre como amarrar laços. Eu me atrapalho com isso, insegura e nervosa.

Garrison dá *dois* passos em minha direção, tão perto que sua testa quase roça na minha quando olho para cima. — Posso tocar em você? — Ele pergunta, suas mãos pairando pelos meus quadris.

Meu corpo inteiro esquenta, brilhando a partir de um momento no tempo. Eu mal sou capaz de concordar. E então ele pega o cós da minha saia e o desloca para a direita, o laço agora descansando no meu quadril e o zíper no outro. Não é loucura pensar que o zíper deveria estar na parte de trás, não é?

Ele aperta o arco, os nós dos dedos roçando minha cintura mais de uma vez.

— O uniforme importa muito? — Pergunto.

— Para a maioria dos professores, sim. Eles fariam você se levantar e arrumar o laço no meio da aula.

Imagino todos os olhos em mim e estremeço, feliz por ser salva disso. Quando ele termina o laço, ele enfia a ponta da minha blusa na minha saia, o canto perdido. — Eu acho que fico bom, — diz ele com alguns acenos. — Eu posso levar isso. — Ele gesticula para a minha mochila.

Balanço a cabeça. — Eu levo.

— Tudo bem. — Ele confere o relógio - uma cor de carvão que parece caro pelo tamanho da placa e pela pulseira. — Vamos chegar a tempo.

Cerca de um minuto depois, estamos no Mustang e dirigimos para a Academia Dalton, de volta aos bairros sofisticados e mais longe de Penn.

— Meu horário está no console do meio, se você quiser comparar — ele me diz.

Abro o console do meio, pego um pedaço de papel dobrado e recupero o amassado da mochila.

Percebo três semelhanças, o que é muito mais do que eu esperava.

— E? — Ele pergunta, olhando entre a estrada e eu.

— Estamos na mesma aula de matemática e cálculo britânica, e temos o mesmo período de almoço. — Eu avalio sua reação, mas ele nunca sorri muito, nem agora.

Ele pergunta: — Você é boa em literatura britânica?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos… — Ele me dá uma olhada. — O que isso significa exatamente? *Mais ou menos.* É mais um sim ou mais um não para você?

— Eu acho que... sim.

Ele concorda com a cabeça. — Bom, porque eu sou péssimo pra caralho em literatura.

— Eu sou ruim em cálculo.

Ele quase sorri dessa vez. — Eu te ajudo se você me ajudar.

Eu me inclino para trás. — Você é bom em matemática?

— Gosto mais de números do que de palavras — explica ele — Mas, não me importo em ler - mas não clássicos. Adormeço toda vez que folheio uma página. — Ele brinca com os limpadores de para-brisa quando uma chuva cai de repente do céu.

— Gosto principalmente de histórias em quadrinhos, mas pego livros regulares de vez em quando. — Coloco minha mochila mais perto, minha saia subindo um pouco. Eu tento puxar para baixo. — Eu deveria estar preocupada…?

Ele olha para mim novamente, como se preferisse se concentrar em mim do que na estrada, mas a chuva realmente rouba sua atenção. — Sobre o que?

— As pessoas em Dalton. Eu sei que Loren chamou a polícia por causa de seus... amigos, e eu só estou me perguntando se eles ainda são ruins com ele.

Garrison tenta esconder sua expressão, mas eu o vejo *encolher.*

— Ah, Deus. — Eu murmuro, percebendo que é algo ruim.

— Não é só isso. Alguns dos caras de lá tinham irmãos que estudavam com Loren e o odiavam. Esse ódio passou para os irmãos.

— Por que eles o odeiam?

Garrison encolhe os ombros. — Eu não sei. Provavelmente, é apenas uma merda estúpida, idas e vindas ao vandalismo. Meu irmão mais velho matou um cervo depois de caçar com os amigos, e ele colocou a cabeça na picape de um cara como uma *piada*. — Ele enfatiza a última palavra com mais repugnância.

Meu rosto se contorce. As pessoas realmente fazem isso? — E eles sabem que eu sou prima de Loren?

— Ei — diz ele — Se você está preocupada, posso apenas dizer a algumas pessoas que você está comigo.

Eu endureci.

— Não comigo, *comigo.*

— Então... você dirá a todos que você é meu amigo?

Ele balança a cabeça. — Não, eu tenho muitos amigos… — Ele para. — Ou eu *costumava* ter. Enfim, isso não significa muito para alguém. — Ele olha para mim novamente. — Eu posso apenas dizer a todos que você é minha garota, e eles provavelmente vão recuar.

— Sua garota? — Minhas sobrancelhas saltam.

Ele lambe os lábios e realmente ri em um pequeno sorriso. — É ambíguo. Não é uma namorada, mas não apenas uma amiga. Eu não "tenho" você nem nada. Apenas fica em algum lugar entre os dois.

Meus ombros relaxam um pouco enquanto eu contemplo isso. — Isso me lembra o filme. — Eu tenho que morder minha língua para não sorrir. *Minha garota.* Um filme sobre melhores amigos.

— Que filme? — Ele pergunta.

— *Minha garota*... você nunca viu?

Ele balança a cabeça e depois pergunta: — Você está bem com isso? Eu posso tentar pensar em outra coisa, se você não estiver.

Eu penso um pouco mais. — Então, se alguém lhe perguntar sobre mim, você dirá a eles ...?

— Ela é minha garota. — Ele diz isso com sinceridade e ameaça, como se *não mexam com ela.* Ele tira a mão do volante e pega meu olhar uma vez. — Tudo bem?

Meus braços esquentam, gostando mais de *minha garota do* que eu pensava. Talvez porque vem dele. — Sim — eu digo, lambendo meus lábios. Eu percebo que eles estão um pouco rachados. — Tem certeza de que eles recuarão se eu for ligada a você?

— Eles provavelmente só vão me zoar — diz ele com um sorriso seco. Eu não acho que ele está brincando.

— Garrison...

— Eu não dou a mínima para nenhuma das pessoas em Dalton e posso aceitar alguns comentários estúpidos e ameaças vazias. — Ele muda de faixa e de assunto. — Eu nunca perguntei de onde você é.

— Maine — eu digo sem pensar no meu disfarce. *Willow Hale.*

— E você deixou seus pais para estar aqui? — Ele franze a testa.

Eu pego um fio desgastado na minha mochila. — Sim.

— Por quê?

— Eu acho… — Eu começo, tentando entender por que eu fiz isso. Por que finalmente decidi plantar raízes aqui em vez de retornar para Caribou. — Decidi que faria o que fosse necessário para ser a pessoa que eu quero ser e não o que todo mundo quer que eu seja, mesmo que isso signifique machucar algumas pessoas que amo ao longo do caminho.

Ele olha para longe enquanto dirige. — Sim… — Ele solta um suspiro curto. — Eu acho que estou fazendo isso também.

Eu relaxo mais. — Willow bada boom trinta e três — digo a ele.

Ele inclina a cabeça para mim. — Seu nome de usuário?

— Sim.

— Eu gosto, Willow *bada boom*. — Ele diz isso na voz do *Quinto Elemento*. Meu peito incha.

Não é todo dia que você conhece alguém que entende as coisas que ama, mas de alguma forma eu cruzei o caminho com alguém que realmente entende.

18 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
17 anos

— Pronta? — Pergunto a Willow.

— Pronta.

Eu abro a porta.

Entramos na escola, corredores congestionados como a maioria das manhãs. Em vez de correr para as salas de aula, os amigos se amontoam em grupos nos armários ou andam por aí, procurando um rosto familiar.

Willow caminha em uma linha diagonal, quase colando em mim. Ela evita esbarrar em alguns alunos que passam.

— Qual é o número do seu armário? — Pergunto enquanto ela ajusta a alça da mochila.

Eu quase coloquei minha mão em seu ombro, mas em vez disso, apenas a deixei andar por perto. Assim que ela desenrola o papel de seu horário, ela o entrega para mim.

Está um pouco úmido, como se as mãos dela estivessem suando.

Eu não vou ser um idiota e mencionar isso.

Olho para o número do armário com o código escrito. — Você está aqui, um pouco para baixo.

Ela assente mecanicamente.

Eu entendo o tipo de nervosismo que te estripa completamente. Só que eu não os sinto no primeiro dia de aula, no segundo ou até no último. Eles me atingem quando ando de bicicleta perto da minha casa. Quando eu dirijo. Quando estou a poucos metros da caixa de correio e depois da porta da frente.

Quando eu entro. Sabendo que meus irmãos estão lá.

Eles foram embora. Eles estão na faculdade, eu tenho que continuar me lembrando.

Graças a Deus.

— Desculpe. — Willow pede desculpas em um sussurro. Penso em mim, mas percebo que alguém mal roçou o braço de Willow a caminho de um armário.

A garota lança um olhar estranho para Willow, provavelmente sem saber o que ela disse.

Seguimos em frente, fora da vista dela.

— Então, tem máquinas de venda automática no meio de cada salão, — digo a ela. — Podemos pegar algumas águas antes do

primeiro período. — Vejo-a no segundo período, Cálculo. Nossos primeiros períodos são diferentes.

Ela ficará bem.

Ela deixou o Maine sozinha, não foi? A bravura existe em algum lugar dentro dela. Ela só precisa se lembrar disso.

Dois caras batem no meu ombro direito com total desconsideração. Isso me faz esbarrar em Willow. Eu agarro sua cintura para que nós dois não caíamos no chão.

Merda.

Ela se enrijece, mas também se apega a mim. Uma vez que estamos estabilizados, tiro minhas mãos dela e tento encontrar os dois idiotas. Eu giro.

— Sério? — Eu solto, estendendo meus braços para eles, mas assim que eles se voltam para mim, meus braços caem imediatamente. Um dos caras - ele é um amigo de um amigo com quem eu briguei.

Ele me mostra o dedo do meio. — Cuidado, Abbey. — Pat Hayes retruca. Honestamente, eu esperava pior do que um empurrão no ombro e seu dedo do meio.

— Não, obrigado — eu refuto e depois ando para frente, longe deles. Willow mantém o meu ritmo. Eu olho para ela. *Você está bem?*

Ela parece um pouco abalada.

O universo está basicamente dizendo: *Garrison Abbey, você é o comitê de boas-vindas mais cagado. Vá para o banco de trás e deixe alguém que é realmente querido andar com essa doce garota por aí.*

Eu não quero machucá-la.

Ainda assim, o que sempre sou péssimo é deixar as pessoas quando devo. Acabo ficando muito tempo e acaba sendo tarde demais. Não vou deixar Willow em paz, agora não.

Talvez eu devesse pelo menos dizer a ela que sou amaldiçoado.

Ouço Pat bufar com raiva atrás de mim, ainda enfurecido. Ele é o capitão da nossa equipe, um adversário da equipe de lacrosse de Dalton. Nosso time de futebol é uma merda, então todos os esportes de clubes são colocados em pedestais. As equipes de Dalton, natação, tênis, equipe, lacrosse e hipismo são as melhores do estado.

Pat grita: — Você que me deu um empurrão, Abbey!

Mentira.

Eu digo em voz alta sem me virar: — Se é isso que você pensa, talvez não tenha uma conversa no meio do corredor.

Pat grita um "vai se foder" antes que um professor próximo o repreenda por sua linguagem. Estamos muito longe um do outro para continuar combatendo. Ainda bem.

Willow continua murmurando "desculpe" a cada cinco segundos e, quando chegamos ao armário dela, sinto-me aliviado por ela. Ela

limpa a testa com as costas do braço. Uma mecha de seu cabelo ainda está presa na bochecha úmida.

Eu aceno para o rosto dela. — Posso... você tem alguma coisa...?

Ela está confusa por um segundo e hesitantemente acena para mim.

Pego o fio e coloco atrás da orelha dela.

Ela engole uma vez e olha para os pés e depois para o armário.

— Você vai desmaiar aqui? — Eu pergunto com preocupação, já tentando descobrir a distância do armário dela até a enfermaria.

Eu acho que poderia levá-la até lá, sem problemas.

Willow balança a cabeça. — Eu não sou boa nisso... esqueci de avisá-lo. — Talvez ela queira dizer que ela não é boa em ser a nova garota em uma escola cheia de estranhos. Ou talvez ainda mais geral: estar cercada por muitas pessoas ao mesmo tempo.

— Você está bem.

Ela olha para a saia. — Como está o laço?

Meus lábios puxam uma fração. — Sem dúvida, você tem o melhor laço em todo o reino. Se eu fosse uma princesa, ficaria com ciúmes. — Eu devolvo seu horário e ela começa a sorrir. — Quinze, trinta e sete, vinte e sete.

Não pergunto se ela quer que eu abra. Eu acho que girar a fechadura será uma boa distração por um segundo.

Enquanto ela gira, eu estou prestes a perguntar sobre sua última escola. Suponho que era pública e menor que Dalton.

Assim que abro a boca, vejo alguém familiar no canto do meu olho. Carly Jefferson. Ela sussurra para um grupo de três garotas, a cerca de quinze armários do de Willow.

Eu gostaria de pensar que sou mais observador do que paranoico. Que isso não está tudo na minha cabeça. Mas, eu tenho esse sentimento. Você conhece o sentimento - aquele em que tudo fica parado ao seu redor. Apenas por um momento. Onde cada rachadura e falha que enquadra uma foto aumenta repentinamente dez *milhões de* vezes.

Está acontecendo. Agora mesmo.

O barulho do corredor está morto em minha mente. Deixando um silêncio excruciante. Seus olhares furtivos como facas afiadas. Seus sorrisos como rosnados. Carly ri e cutuca o lado da amiga. Alguns caras se juntam ao amontoado de garotas. Eles se encostam nos armários e sorriem. Tomando um assento na primeira fila para um show.

Errado.

Tudo está errado.

— Willow… — Eu começo e agarro seu braço para impedi-la de abrir o armário.

O mostrador já clicou e o metal azul se move para trás.

Deve estar vazio. Mas não está.

Centenas de absorventes caem, a maioria em suas embalagens. Um punhado foi rasgado e embebido no que eu espero que seja corante vermelho.

Ela congela.

Eu nem sei o que fazer. Fico quieto, tão quieto quanto ela.

E o corredor começa a rir.

Aqui está a verdade: eu nunca fui piada na escola. Eu nunca fui escolhido por ninguém além de meus irmãos. Eu costumava ser popular. Mesmo se eu me odiasse metade do tempo.

Eu quero dizer alguma coisa.

Fazer alguma coisa.

Qualquer coisa.

Para defender a pessoa mais quieta. Pela primeira vez na minha vida.

19 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW MOORE
17 anos

MEU instinto é correr, mas não tenho para onde ir. Eu já fugi de Caribou, Maine. Este é o lugar para onde eu corri.

Minhas costelas apertam meus pulmões com um pensamento histérico e meu novo acontecimento: *Willow Moore, aquela idiota que fugiu para ter seu armário cheio de absorventes e ser humilhada publicamente em uma nova escola.*

Não é verdade. Eu não posso deixar ser.

Fugi para construir um relacionamento com meu irmão.

Para me encontrar, sem desculpas. Sem essa de: "Sinto muito, pai, não sou tão bonita ou tão popular quanto você esperava que fosse."

Garrison faz o primeiro movimento. Ele chuta os absorventes para duas garotas e rapazes, a vários armários de distância. Quando ele balança a cabeça para mim, pedaços de cabelo caem sobre os cílios e ele diz: — Blaze.

Blaze.

De *Streets of Rage,* um videogame do início dos anos 90, ela é uma das personagens femininas mais fortes de uma série de homens. Enquanto eu não tenho suas habilidades de judô ou seu físico, é fácil fingir que sou ela quando alguém finge comigo. E, dizendo o nome dela, sei que Garrison está tentando reforçar minha confiança.

Em nossa jornada do estacionamento para a escola esta manhã, Garrison perguntou se eu já havia jogado *Streets of Rage.* Quando eu disse que sim, ele me disse: "*Então imagine que você é Blaze e eu sou Axel e esse corredor - aquele que vamos caminhar* - não *é* nada *que não possamos lidar*."

— Axel. — Eu sussurro e tiro os absorventes do meu armário.

Lembro-me do telefonema de Rose Calloway - depois que derramei absorventes acidentalmente na rua. Na frente do mundo.

Eu não vou ficar envergonhada. *Lembre-se do que Rose disse.* Respiro fundo algumas vezes, meu estômago revirando.

É mais difícil do que parece.

Garrison diz: — Agora eu gostaria de ter um pé de cabra. — É a arma *usada* em *Streets of Rage.*

Meus olhos se arregalam atrás dos meus óculos.

— Brincadeirinha. — Ele olha para o grupo de pessoas, agora apenas descendo do seu acesso de riso. — Mais ou menos.

Eu rapidamente enfio minha mochila no meu armário agora vazio, fechando-o com força. Assim que me viro, percebo que Garrison saiu do meu lado. Ele deu alguns passos longos em direção ao grupo, todas as risadas desapareceram.

Tento segurar minha alça da mochila, apenas para encontrar o ar.

Fico parada, mais no meio do corredor. Meu uniforme é tão desconfortável quanto eu. Verifico o estado do laço, como se um professor gritasse a qualquer momento sobre seu estado fora de controle.

Parece tudo bem.

O que não parece tão bom: a cena na minha frente.

— Isso não é legal. — Garrison diz à garota mais baixa com cabelos loiros sujos. Eu me pergunto se ela terá que tirar o piercing no nariz antes do primeiro período. Esse pensamento está tentando derrotar o mais ousado e maior que grita, *esses são seus amigos.*

Ele se aproxima deles como se os conhecesse. Como se ele falasse com eles frequentemente. Como se ele estivesse tão familiarizado com quem eles são.

A garota mais baixa empurra o peito e puxa os ombros para trás para ganhar altura. — Você sabe o que não é legal? Trair seus melhores amigos. — Os olhos dela ficam vermelhos e ela dá um passo mais furioso para frente. A outra garota aperta o ombro dela. — Você deveria estar lá com John! Você merece a prisão mais do que qualquer um deles, e você sabe disso!

A amiga dela diz: — Carly...

— Me deixe em paz. — Ela tira a mão do ombro e depois aponta para Garrison novamente. Não consigo ver as feições dele, apenas a parte de trás da cabeça. Ele está imóvel. Até seus dedos ficam frouxos, sem se fecharem em punho. — Você é um merda, Abbey. Você é um pedaço de merda – e você sabe disso.

Garrison se aproxima um pouco mais de Carly, e ela fica quieta com a proximidade dele. Ele abaixa a cabeça e sussurra algo para ela. Em segundos, ela cai e explode em lágrimas.

— Não é justo! — Ela chora, afundando no chão. Só posso supor que ela era próxima John, talvez até tinha um relacionamento com ele.

E espero que Garrison volte para mim.

Estou sendo presunçosa? Assumindo que ele voltaria?

Porque ele nunca faz.

Eu o vejo passar por seus velhos amigos. Longe de mim. Eu o vejo desaparecer sozinho em uma esquina. Eu o vejo desaparecer sem outra palavra. Sem um adeus.

O sinal toca e eu fico imóvel no meio do corredor. As pessoas passam por mim como se nada tivesse acontecido.

E eu tenho duas escolhas.

Eu posso ir para o primeiro período e esquecer Garrison. Eu posso agir como se essa introdução à aula nunca tivesse acontecido. Aja como todo mundo. *Esqueça dele, Willow Moore.*

Ou eu posso encontrá-lo. Eu posso superar meus sentimentos feridos. Os que dizem, *ele me deixou,* e apenas ver se ele está bem.

Ele enfrentou eles por mim. Para me defender.

Isso significa alguma coisa.

Eu tomo minha decisão.

Eu traço seus passos pelo corredor. Viro a esquina e espero outro corredor ou um conjunto de máquinas de venda automática. Em vez disso, acho dois banheiros. Feminino e Masculino.

— Ah, Deus — eu murmuro.

Estou encarando o símbolo do Masculino. Apenas entre. Esta será minha primeira incursão nesse grande desconhecido que é o banheiro dos meninos. Eu gostaria de não dar a mínima. Eu gostaria de poder entrar sem pensar duas vezes ou me importar.

É apenas o banheiro dos meninos.

É trivial, certo?

Apenas entre.

Eu o faço.

Empurro a porta azul royal com meu ombro. Eu me deparo com uma longa fila de pias, duas baias e três mictórios. Não é muito chocante.

Garrison está sentado no balcão da pia, com um cigarro aceso entre os dedos. Sua cabeça está pendurada, cabelos nos olhos, mas assim que entro, ele olha para cima. Seus ossos parecem cimentar, as articulações param. Congeladas.

Talvez não tenha sido uma ideia inteligente.

— Eu… — Faço um gesto para a porta de onde vim, como se isso explicasse tudo. Na verdade, não explica absolutamente nada.

A fumaça flutua em seu corpo e leva um segundo para mudar a mão que segura o cigarro. Ele fuma casualmente, quieto

Eu gosto do sossego

Estou familiarizada com o silêncio mais do que com barulho. Eu entro um pouco mais e descanso minhas costas em uma porta trancada e fora do lugar.

Ele sopra fumaça no respiradouro. Então seus olhos azul-marinho estudam seu cigarro, brasas comendo o papel. — Você ouviu o sinal? — Ele finalmente fala.

— Sim.

Ele assente algumas vezes, quase na realização, e depois dá outra tragada.

— Obrigada por tentar me ajudar — eu digo baixinho.

— Eu provavelmente piorei as coisas.

Cruzo os braços, me sentindo nua sem minha mochila. — Eles são seus amigos?

— Eram, — ele corrige. — Eles praticamente não querem nada comigo depois... da coisa. — *A coisa.* Ele dá uma tragada mais profunda no cigarro. Eu sei que ele deve estar falando sério quando seus amigos invadiram a casa de Loren com máscaras de gárgula.

— O que você disse para Carly?

Ele olha além de mim, seu olhar assombrado. — Eu disse a ela que ela estava certa.

— O quê? — Um peso pesa sobre mim. Junto com o recinto.

Ele apaga o cigarro na pia. — Eu sou um pedaço de merda. — Ele diz com tanta finalidade, como se tivesse aceitado por um longo tempo.

Abro a boca para dizer a ele que não é verdade – que ele é uma ótima pessoa. Eu paro.

Eu vacilo.

E eu penso. Quanto de Garrison Abbey eu realmente sei? Não muito.

Ainda não.

Eu lambo meus lábios secos e olho para o chão de azulejos. — Você é melhor que seus amigos, sabia?

Ele diz baixinho: — Que elogio. — Seus lindos olhos pousam em mim. — Você não precisa me animar. É uma causa perdida, para falar a verdade. — Ele solta uma respiração profunda e esfrega os olhos cansados com a palma da mão. — Você deveria ir para a aula, Willow.

— Você vai? — Eu me pergunto.

— Não. — Ele puxa uma caixa de cigarros da calça. Ele tira a gravata e abre alguns botões na gola. Como se o uniforme estivesse devagar, mas seguramente o sufocando.

Desabotoo alguns dos meus. Me sentindo melhor. Não dou uma olhada para ele, mas subo desajeitadamente no balcão da pia, bem ao lado de Garrison.

Minhas pernas são muito mais curtas, e eu empurro meus óculos para cima antes de espalhar minhas mãos sobre minhas coxas.

— Você fuma? — Ele me pergunta, olhando para as minhas feições. Nossos braços roçam, e uma sensação estrondosa bate dentro de mim, agarrando meus pulmões, alcançando e esticando meu coração.

— Não sou fumante — digo a ele.

Ele não me oferece um cigarro, e estou feliz por não haver pressão para me juntar a ele. Quando ele acende outro, ele sopra a fumaça para longe de mim.

Estamos totalmente em silêncio, mas é do tipo que começa a desacelerar meus batimentos cardíacos. Silêncio e tranquilidade,

vazios daquela dolorosa solidão.

Depois de talvez cinco minutos ou possivelmente dez ou vinte, a porta se abre e entra um estudante de um metro e oitenta, com cabelos castanhos curtos, mocassins caros e se choca ao me ver, uma garota.

Garrison sorri em sua próxima tragada. Ele faz um gesto do cara para mim. — Barry, esta é minha garota, Willow.

A minha garota.

Eu começo a sorrir.

No contexto, soa exatamente como Garrison descreveu - algum lugar entre bons amigos e namorado-namorada.

Barry assente em reconhecimento, pelo meu nome ou pelo título que Garrison atribuiu a ele, não tenho certeza. — Ahh… — Ele puxa a palavra e depois aponta para o cigarro. — O treinador diz que você precisa reduzir o condicionamento.

Garrison olha para mim. — O treinador de lacrosse tem essa ilusão de que eu posso correr um quilometro mais rápido que meu irmão mais velho. Deus não permita que eu fique atrás do legado de Hunter Reagan. — Ele gira o cigarro entre os dedos. — Local de nascimento: Monte. Olympus. Idade: Não identificável. O mais bonito filho da puta que existe. Não sei dizer se ele está sendo sarcástico ou apenas amargo.

Talvez ambos.

Antes que eu possa dizer algo, Barry acrescenta: — Cortar cigarros ajudaria.

Garrison dá a ele um olhar irritado. — Ou eu poderia simplesmente sair do lacrosse. Que tal isso?

Barry revira os olhos. — Não fale assim. Você sabe que precisamos de você para ganhar este ano.

Garrison apenas dá mais uma tragada no cigarro, mais agitado. Lembro-me de sua resposta ao questionário sobre o lacrosse ser seu esporte favorito, mas odiando o máximo de seus irmãos. Eu me pergunto o quão profundo esse ódio corre.

Barry olha brevemente para mim antes de desaparecer nas portas do banheiro.

Então Garrison pula do balcão e apaga o cigarro na torneira. — Cálculo em dez.

Dez minutos? Olho o relógio, percebendo que está quase na hora de partir. Coloco minha blusa e abotoo mais enquanto ele ajeita a gravata.

Eu o pego olhando para mim.

Ele me pega olhando para ele.

Os lábios dele se erguem. Eu sinto o meu puxar para cima também. E estou começando a perceber algo.

Eu realmente gosto de ter Garrison Abbey como companhia.

20 ANTES – SETEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
17 anos

Eu me escondo no estoque da Superheroes & Scones. Não estou no meu intervalo. Nem mesmo perto. A menos que este lugar dê pausas depois de apenas uma hora estocando quadrinhos.

Improvável.

Eu só precisava escapar por um segundo. Meus dedos instintivamente deslizam para dentro da minha jaqueta de couro por um cigarro, mas rapidamente abandono a tentativa. Não preciso estragar a coisa boa que tenho aqui, deixando cheiro de cigarro nas pelúcias do *Groot*.

Vejo meu outro bolso e pego meu telefone.

Um pôster em papelão do Thor cutuca minhas costas. Afastando-o, reajo e descubro um pedaço de parede de cimento para me apoiar. Não é como se houvesse muito. A porra do estoque está *repleta de* prateleiras de quadrinhos e mercadorias, metade das quais é embalada em caixas. É fácil se esconder aqui.

É bom para se perder.

Eu entro no Tumblr e procuro o novo nome de usuário de Willow que ela mudou de *willowbadaboom33* e me deu dez minutos atrás.

vegablaze33

Combina um pouco com o meu. Vega é um personagem de *Street Fighter*. Ela me disse que, geralmente, se veste de Vega para o Halloween, por isso tem um significado sentimental.

O terrível é que – o que me faz me odiar mais do que ela poderia entender, mais do que ela poderia saber – é que eu nem tenho certeza de que teria sido amiga dela se ela viesse para Philly no ano passado.

Meu grupo de amigos e eu estávamos firmes desde a escola primária. Teria sido muito difícil romper com essa segurança. É uma besteira.

Eu sou uma besteira.

Porque eu já gosto dela mais do que *qualquer* amigo de merda que eu já tive.

Ela se vestiu de Vega, pelo amor de Deus.

Eu rio e sorrio. Apenas tentando imaginá-la. Eu gostaria de ter estado lá. Bem ao lado dela, em todo Halloween que ela tenha tido coragem de usar essa fantasia. E não estou falando literalmente, mas Vega é um cara.

O que é pior: acho que voltaria aos meus amigos se fosse assim. Quando perdi alguns deles para o Centro De Detenção Para Menores, e quando o resto dos meus amigos me deu as costas, perdi *pessoas.*

Não a felicidade. Apenas pessoas. E é isso que dói mais.

Não estou acostumado a ficar sozinho. Ter pessoas próximas a mim, voltando ao que era, parece mais fácil e confortável. Mesmo se eu não estivesse realmente feliz.

Willow ainda é um mistério para mim. Ela é tímida, mas descarada o suficiente para entrar em uma festa em que não conhece absolutamente ninguém, tudo para encontrar seu primo. Eu não posso nem ficar sem pessoas que eu realmente não gosto e que realmente não gostam de mim, e ela poderia fazer isso.

E ela é cautelosa.

Mas, ela me deixou tocá-la.

Eu posso ser ruim para Willow. Já fui ruim para todo mundo em algum momento, mas, egoisticamente, preciso de algo que me mantenha andando por esse caminho. Estou com medo de que Superheroes & Scones não sejam suficientes ao longo do tempo e vou encontrar uma maneira de voltar.

Voltar às pessoas que conheci praticamente toda a minha vida. Para pessoas que nunca vão me fazer feliz.

Eu só estou apavorado. De todas as opções à minha frente. Das boas. Até as horríveis.

Para me distrair, eu mantenho o Tumblr. Algo que eu realmente gosto. Percorro o arquivo dela e encontro o questionário facilmente dessa vez.

Aqui vai.

Qual foi a sua…

Última bebida: *Fizz Life*

Última ligação: *humm, para a minha avó Ida. Ela queria me fazer um cachecol de crochê para o próximo inverno e precisava saber qual a cor dos fios eu queria. Eu disse a ela que era azul.*

Última mensagem de texto: "*Comprei! Eu comprei!" Para Maggie, em relação a Desvendando os Quadrinhos do Scott McCloud - tenho economizado dinheiro como babá para comprar a revista em quadrinhos. Eu leio QUALQUER coisa que Loren Hale recomenda (meu guru dos quadrinhos), e ele sugeriu esse há pouco tempo nas redes sociais.*

Eu não sabia que ela precisava economizar dinheiro apenas para uma história em quadrinhos. Imaginei que os pais dela eram ricos, já que ela é parente de Loren Hale.

Minhas sobrancelhas se franzem enquanto eu continuo.

Você já…

Foi traída: *nunca dei a ninguém a chance de fazer isso*

O que isso significa? Ela nunca namorou? Não sei por que isso me surpreende. Eu apenas pensei... Maine. Ela provavelmente conhecia um cara lá, certo?

Beijou alguém e se arrependeu: *nunca fui beijada (não julgue)*

Willow…

Reli essa parte cinco vezes, sem conseguir seguir em frente. Minha mão está congelada na minha boca por um segundo. Largo depois que o choque diminui. Eu não estou julgando. (Eu prometo.) Estou apenas confuso.

Por que nenhum cara a beijou antes?

Ela não queria que eles a beijassem?

Os caras não queriam beijá-la? Isso fica em mim porque é uma merda e ainda estou... confuso. Então, novamente, não é como se uma pessoa *tivesse* que ser beijada até uma certa idade, certo?

Bebeu álcool: *algumas vezes. não gostei do sabor.*

Vou me lembrar disso.

Ficou bêbada(o) e vomitou: *não*

Bom para você. Não é divertido.

Conheceu alguém que mudou você: *eu conheci Loren Hale uma vez (a única celebridade que conheci). Ele estava parado na minha porta da frente (longa história). Loren Hale ficou só uns cinco minutos - mas ele realmente falou comigo. Ele notou meu bottom de Mutante & Com Orgulho e mencionei gostar de X-Men Evolution (o desenho). Então ele fez um comentário sobre os quadrinhos e Lily Calloway. Ele a chamou de namorada, mas eles estavam e ainda estão noivos se o Celebrity Crush estiver certo. Isso me fez pensar que as meninas também podiam ler quadrinhos - e do jeito que ele falava, ele presumiu que eu já sabia. Eu nunca tentei lê-los até aquele momento, até que ele partiu e pensei que sim, também tenho permissão para lê-los.*

Comecei os Novos X-Men e me relacionei muito com a Feromona, uma garota que eu realmente precisava há um ano, quando meu pai se divorciou da minha mãe. E eu nunca teria lido histórias em quadrinhos e me apaixonado por eles se não conhecesse Loren Hale

É muito para digerir. Ela só conheceu Loren Hale uma vez antes de se mudar para Philly - o que faz muito mais sentido. As peças se encaixam. O porquê ela estava procurando por sua casa naquela noite na festa. O porquê ela não tinha como entrar em contato com

ele. O porquê ela não tem tanto dinheiro. Suas famílias devem ter sido afastadas.

Ela *realmente* ama quadrinhos então...

Feromona. Faço uma anotação para procurar esse personagem.

Os pais dela se divorciaram há um ano. Isso deve ser difícil pra caralho. A menos que fosse uma coisa boa. Um dos meus velhos amigos, Jesse - seus pais se separaram e sua mãe pareceu muito mais feliz depois. O divórcio nem sempre é o monstro grande e terrível que algumas pessoas acreditam que seja.

Mas, essa frase de *uma garota de que eu realmente precisava há um ano* faz parecer que pode não ter sido uma boa mudança.

Merda.

Devo parar de ler isso? Eu deslizo a próxima pergunta instintivamente.

Estou muito adentro para parar.

Se desapaixonou: *nunca me apaixonei em primeiro lugar*

Sim, bem, no ensino médio, o amor é para mentirosos.

Pelo menos é assim que me sinto.

Descobriu quem são seus verdadeiros amigos: *é por isso que mantenho meu círculo pequeno. Maggie é a amiga mais verdadeira que já existiu.*

Quão pequeno é *pequeno*? E Maggie deve ser a garota que ela marcou neste questionário.

Perdeu os óculos: *várias vezes. Minha irmãzinha às vezes os pega para ser engraçada.*

Isso não é engraçado.

Sexo no primeiro encontro: *… n sei, talvez eu faça? Pensar nisso me deixa nervosa…*

Os cabelos do meu pescoço estão arrepiados. Imaginei que ela era virgem se nunca fosse beijada, mas isso causa uma onda de pânico. Reli essa linha repetidamente *n sei, talvez eu faça?*

Me deixa nervoso que ela sequer pensou em fazer mesmo estando nervosa com isso.

Tipo, por quê?

E eu sei o porquê. Eu sei como são os caras. Eu conheço sexo.

Sei como é ser pressionado a fazer algo que você não quer. Quero dizer, nunca aconteceu comigo com sexo, mas sim... eu sei o que é pressão.

n sei, talvez eu faça? Pensar nisso me deixa nervosa...

Merda.

Foi preso: *em um pesadelo*

Na verdade, eu ri, meus lábios subindo.

Olho para a porta da sala de estoque para ver se alguém ouviu, mas estou sozinho aqui. Ainda não há passos pesados ou batidas.

Recusou alguém: *em quê? tipo em um encontro?*

Sim, eu também não entendi essa porra de pergunta.

Se apaixonou por um amigo: *não. Eu não gosto dos caras da minha escola assim (você também não gostaria se fosse eu)*

Que diabos isso significa? Eu mudo meu peso no chão, desconfortável de repente. E levo um momento para perceber que estou desconfortável por *ela*. Eles eram idiotas? Eles eram agressivos? Só estou imaginando idiotas correndo pela escola como gorilas não enjaulados.

Mais perguntas…

Você tem algum animal de estimação: *meu pai odeia animais de estimação, mas quando ele se mudou há um ano, minha mãe deixou Ellie pegar um hamster. Cheira muito mal*

Hamsters são nojentos.

O que você fez na sua última festa de aniversário: *comi no Noodle House com apenas minha mãe, irmã e Maggie. Eu não gosto de grandes festas, especialmente aquelas para mim*

Este me magoa um pouco. A última vez que fiz uma pequena festa - com apenas três pessoas presentes - foi, bem, nunca. Eu, geralmente, convidaria quase todo mundo na minha série. Mesmo quando eu tinha três, quatro e cinco anos, seria enorme. Eu não queria ficar sozinho naquele dia - embora eu sempre saísse cedo na metade da festa.

Cite algo que você não pode esperar: *UMA REFILMAGEM DOS NOVOS X-MEN (POR FAVOR ACONTEÇA!!! ACEITAREI QUALQUER COISA!!!) Além disso, que Maggie conheça a Feiticeira Escarlate (também conhecida como Elizabeth Olsen) um dia.*

Mais uma vez, ela *realmente* gosta de quadrinhos.

O que te irrita: *ser forçada a falar para grandes multidões*

Sim, isso não é divertido.

Apelido (s): *nenhum (eu não sou tão legal assim)*

Balanço a cabeça. Ela nem sabe o quão legal ela é.

Status de relacionamento: *solteira*

Estou sorrindo, um sorriso completo que não sinto há anos, honestamente. Balanço minha cabeça para mim mesmo. *Você está perdido, Abbey.*

Eu sei.

Programa de TV favorito: *empatado entre Gravity Falls e X-Men: Evolution. Adoro eles*

Nunca ouvi falar de nenhum deles. Na verdade, eu abro o bloco de notas no meu telefone e escrevo *Feromona, Gravity Falls, X-Men: Evolution,* para pesquisar depois e tudo isso fazer mais sentido.

Ensino Médio: *pronta para acabar*

Faculdade: *desejo poder ir. Eu estou trabalhando nisso*

Cor do cabelo + Comprimento: *castanho claro, reto e próximo ao peito?*

Altura: *1,65*

Sua paixão: *TOM HIDDLESTON!!! (aka Loki)*

Loki? Sério, com os longos cabelos negros? Eu toco minha testa. Meu cabelo é meio-alguma-coisa. Eu passo minha mão pelos fios enquanto continuo lendo.

Tatuagens: *meu pai não deixa*

Pai rigoroso? Por que ele a deixou se mudar para cá então? Ela ainda nem saiu do ensino médio.

Destro ou canhoto: *Destra*

Fez cirurgia: *nada tão sério*

Tem piercings: *piercing duplo no lóbulo das duas orelhas, apenas quatro pequenos brincos, dois morcegos e duas estrelas*

Sim, eu vi esses.

Esporte favorito: *esportes? *corre e se esconde**

Às vezes, também me sinto assim. Pelo menos com lacrosse.

Primeiras férias: *nunca deixei o Maine antes, mas quando eu era muito pequena, costumávamos ir para a costa, a cerca de 4 horas ou mais de Caribou, e navegamos uma vez. Eu realmente não consigo me lembrar, mas minha mãe tem fotos. Todo mundo parece feliz*

O que…

Meus joelhos caem e meu pé bate sobre um recorte de papelão do Gavião Arqueiro. Faço uma pausa por um segundo, mas nada mais se mexe, ninguém vem aqui. Olho de volta para o Tumblr.

Ela nunca havia deixado o Maine antes.

Sem nunca ter realmente viajado, ela se mudou para *cá.* Longe de seus pais e irmã.

Esses pensamentos simplesmente se chocam comigo, tentando processar. Tentando entender. Porque me vejo tentando fazer a mesma coisa, e não tenho certeza se teria coragem de dar um passo para fora da porta.

Eu olho para a parede, por cerca de três minutos no total. Apenas olhando e *imaginando* aquele salto gigante no desconhecido.

Não sei como... só consigo sentir medo.

Agora…

O que você está comendo: *bolo de aniversário de baunilha que eu fiz para a minha irmã. Eu desci escondida para pegar um pedaço & subi para o meu quarto*

Que porra é essa. Por que ela está se escondendo lá embaixo em sua própria casa? Eles a trancaram lá em cima? Quer saber, eu não gosto da família dela. É uma declaração que faço na minha cabeça com fatos limitados de um questionário do Tumblr. Entendi. Mas, eu não dou a mínima. Eu estou mantendo isso.

O que você está bebendo: *uma lada de Fizz Life*

Pelo que está esperando: *que essa festa de aniversário acabe*

Sério. O que aconteceu?

Você quer filhos: *n sei, não penso sobre isso*

Se casar: *Eu não me importo*

Careira: *cedo demais para decidir*

Do que você mais gosta…

Abraços ou beijos: *abraços por enquanto*

Alguém já a abraçou? É o meu único pensamento. Um que eu tenho certeza que estará me atormentando a noite toda.

Mais baixo ou mais alto: *mais alto que eu. Mesmo que seja apenas um pouco mais alto. Isso também serve.*

Mais velho ou mais novo: *mais velho, mas não muito velho - eu não poderia fazer o que Daisy Calloway faz com o namorado, que é sete ou oito anos mais velho (não me lembro).*

E isso conclui o questionário. Ela quis dizer isso quando disse que era pessoal. Eu puxo meus joelhos para cima e descanso meus cotovelos neles, olhando para o chão.

Merda.

Eu pensei que o objetivo da leitura era obter respostas, mas agora tenho mais mil perguntas. Meu coração bate mais forte, meu pulso rápido. Meu corpo respondeu como se eu tivesse disparado um raio!

A porta da sala de descanso se abre e eu, imediatamente, congelo, só agora percebendo que minhas pernas estão empurrando.

— Garrison? Você está aqui?

Lily Calloway.

Ótimo. Estou prestes a ser demitido. Esfrego minha têmpora e corro minhas mãos para o meu cabelo, puxando-o agressivamente por um segundo antes de respirar. E então, eu lentamente me levanto.

— Sim?

Ela mantém a porta aberta, não se aproximando mais de mim. — Os quadrinhos de *Vingadores vs. X-Men* precisam de reabastecimento e precisam de mais mãos atrás do balcão.

Ela não está me demitindo?

Eu a encaro inexpressivamente por um segundo antes de assentir. — Sim, tudo bem.

Ela aperta os olhos um pouco. — Você está bem?

— Tudo bem. — Eu aceno em direção à porta. — Você vai?

Ela abre a boca como se pudesse dizer alguma coisa, mas então alguém a chama da sala de descanso. Ela se vira para mim rapidamente. — Esqueça os quadrinhos. Apenas vá ajudar na frente. — Suas palavras flutuam quando ela sai correndo para cuidar de outra coisa.

Soltei um suspiro de alívio.

Eu ainda tenho esse trabalho.

E isso tem que contar para alguma coisa.

21 PRESENTE – DEZEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW HALE
20 anos

Assim que meu avião pousa na pista, uma mensagem de Garrison toca em meu telefone. Borboletas nervosas invadem minha barriga. Contagem regressiva para ver meu namorado: alguns *minutos.* De alguma forma, nem parece real.

Clico no meu celular, o avião parando e os outros passageiros pegando malas no alto.

Garrison: *Esperando na área de bagagem por você.*

Ele está me esperando. Eu respiro fundo, excitação atingindo os nervos.

E então meu telefone toca.

Mas, não é Garrison.

— Alô? — Eu respondo baixinho, amontoada em um assento na janela e abraçando minha mochila no meu colo.

— Você já pousou? — Ryke pergunta.

Ao fundo, ouço Lo responder: — Ela já pousou. Estou te dizendo que o rastreador de voo diz isso.

Ryke rosna de volta para ele: — Me deixa perguntar à porra da nossa irmã, Lo.

Nossa irmã.

Isso ainda soa através de mim como um martelo macio e acolchoado, mesmo depois de dois anos sabendo que Ryke também é meu irmão.

Eu posso sentir um sorriso nos meus lábios. Com a palma da mão suada, ajusto o aperto no telefone e olho para a pista. — Sim, eu cheguei.

Estou de volta.

— Estamos esperando no carro. — Ryke me diz.

Lo diz: — Os Paparazzi não vão persegui-la assim. Garrison deve estar na bagagem.

— Sim, ele já mandou uma mensagem.

— Ótimo, — diz Lo. — Mal posso esperar para te ver. — Ele murmura algo para Ryke sobre um imbecil buzinando nas proximidades, e depois de alguns *vejo você em breve*, desligamos.

Sou grata por ter menos caos quando chegar à área de retirada de bagagem. Lo e Ryke, definitivamente, trariam uma debandada de fãs adoradores.

Eles queriam que eu voasse no jato particular da família, mas eu escolhi o comercial, preso nas costas perto dos motores rosnando.

Ainda tenho dificuldade em aceitar as vantagens de ser uma Hale. Garrison diz que é porque eu só aprendi que Jonathan Hale é meu pai biológico há dois anos - quando eu tinha dezoito anos.

Isso significa que Lo é meu irmão completo. A mesma mãe e o mesmo pai. E Ryke é meu meio-irmão.

Mas, meu relacionamento com Jonathan Hale é novo. Fresco. E vem com uma carga de bagagem.

Ryke odeia Jonathan.

Lo ama Jonathan.

Eu estou presa no meio. Não sabendo como eu deveria me sentir sobre um homem que havia boatos de ter molestado Loren. Um boato falso e que causou uma recaída de Lo anos atrás. O que eu sei: Jonathan não é de todo bom, mesmo que esse boato esteja errado.

Mas, Jonathan é gentil comigo. Ele faz um esforço para me conhecer e aos meus interesses. Às vezes, conversamos por telefone sobre quadrinhos, e ele pergunta como está minha escola. Rob Moore, o homem que eu cresci pensando que era meu pai biológico, nunca fingiu se importar comigo. E ele estava certo o tempo todo - eu nunca fui filha dele.

Na verdade, não.

Então, talvez, ele tivesse o direito de odiar minha existência.

Seria tão fácil colocar todo o meu ódio em Rob, enquanto colocava todo o meu amor e confiança em Jonathan. Mas, Ryke diz que nosso pai é manipulador.

Ele diz para não confiar nele.

Para não amá-lo completamente.

Não sei o que pensar.

Estou pagando meu primeiro semestre de faculdade sozinha, mas também estou pegando parte do dinheiro de Jonathan pelo resto da aula. É tudo o que quero levar.

Então, eu não voo em privado. Eu tenho um orçamento. Não vou fingir que sou rica, porque não é o meu dinheiro, e não quero estar tão grata a ele que não consigo encontrar minha saída.

— Obrigada por voar conosco — diz uma comissária de bordo quando eu saio do avião. Afasto todos os pensamentos de meu pai, cada passo em direção à reivindicação de bagagem, lembrando-me do homem do outro lado.

Garrison.

Eu me lembro de como ele cheira? Gostaria de saber se ele trocou xampus enquanto eu estive fora. Se ele parecer mais cansado e abatido pessoalmente, ou se esse foi apenas o truque da tela do celular.

Talvez os círculos sob seus olhos não sejam tão escuros. Talvez ele esteja melhor... espero que sim.

Sigo as placas e desço duas escadas rolantes diferentes. Minhas mãos suam e meu coração bate, violentamente, a cada segundo que passa. Mas, então as esteiras de bagagem aparecem.

Virando minha cabeça, tento encontrá-lo na multidão.

E então eu congelo.

As pessoas se movem ao meu redor, passando para a esteira mais próxima, mas meus olhos estão *nele.*

Garrison está perto da esteira quatro, seu olhar já fixo em mim, um monte de orquídeas cor de rosa na mão. Mas, ele está tão congelado e enraizado no lugar. Imóvel.

Nós apenas nos encaramos como se estivéssemos processando o fato de estarmos aqui.

Na mesma sala.

Quase na distância da respiração.

— Oi — eu digo, mas ele está muito longe para me ouvir. Mas ele me vê.

Ele vê.

Oi, ele fala de volta. Eu li seus lábios.

Lágrimas picam meus olhos e eu ando.

Eu corro.

Eu corro.

Minha mochila quase desliza do meu ombro, mas eu a pego no meu cotovelo. Ele me encontra no meio do caminho. Nós praticamente colidimos um com o outro, mas é como reunir uma peça de quebra-cabeça que faltava. Braços se ajustando ao redor dos corpos. Cabeças inclinadas para o lado correto por instinto. Seu peito contra o meu corpo, o calor brilha através de mim - um abraço tão poderoso que eu tremo em seu toque.

Nossos lábios se encontram como se não suportassem ficar longe por um segundo a mais. E eu esqueço onde estou. Em público. Em um *aeroporto*. A única coisa que importa é ele.

Meus dedos deslizam pela parte de trás de seu pescoço, passando os cabelos macios. Sua mão segura minha bochecha com força, protetoramente. Minha cabeça é mais leve que o ar. Os impulsos pulsam através de mim, famintos por muito mais. Toque. Conversa. Eu quero tudo de uma vez.

Eu me separo dos seus lábios primeiro, tonta.

— Garrison — eu digo com uma leve descrença.

Ele está aqui. Estou aqui. *Nós estamos juntos*.

Ele me abraça novamente, desta vez mais apertado. Minha testa pressiona seu peito. Sua camisa cheira a amaciante para a roupa e orquídeas. Diferente, mas o mesmo.

Nossos peitos estão alinhados. Seus batimentos cardíacos batem e batem, o abraço como um reconfortante retorno para casa.

Ele parece mais magro do que eu me lembro, mas ainda maior que eu.

— Willow. — Garrison diz calma e ternamente, como se fossemos as únicas pessoas no aeroporto. Nós nos separamos um pouco, seus olhos voando ao meu redor como se ele não quisesse parar de olhar. — Você ainda parece ter vinte anos. — Ele inclina a cabeça, pedaços mais longos de cabelo caindo sobre as sobrancelhas. Ele empurra de volta. — Eu poderia jurar que cinquenta anos se passaram desde que você partiu.

Eu rio e limpo as lágrimas dos meus olhos. — Você não parece ter mais de vinte anos — eu digo.

Ele tem 21 anos agora, e eu não estava aqui no aniversário dele em novembro. A culpa tenta colidir contra mim.

Ele encolhe os ombros. — Como os vinte e um ficam em mim? Cabelo grisalho. Rugas. Eu sou praticamente Gandalf, certo? — Senti falta de ouvir sua inteligência seca em voz alta. Em pessoa.

Minhas bochechas doem de sorrir. — Gandalf tem dois mil anos. Você ainda tem alguns anos pela frente.

Ele sorri. — Ok, tudo bem. Dumbledore, então.

— Cento e cinquenta anos — eu digo.

— Olhe para isso. — Ele sorri. — Já tenho cem. Estou no meu melhor.

— Você é bonito demais para ser alguém que não seja você — murmuro.

Mas, as olheiras não eram um truque da tela. E o moletom parece mais largo no corpo. Ele já comeu? A preocupação se infiltra, mas nenhum de nós para de se tocar.

Minhas mãos ainda estão presas no pescoço dele. Ele ainda está na minha cintura. Como se nos separássemos completamente, alguma força mágica pode nos afastar novamente.

Garrison respira fundo.

— Você é mais bonita que eu — diz ele. — Mas, também… — Seus olhos varrem meu corpo. — Você anda comendo bem, Willow?

Eu quase rio, nós dois estamos preocupados um com o outro. Eu acho que tem sido assim desde que eu saí. — Eu poderia dizer o mesmo sobre você.

— Eu perguntei primeiro.

— Eu apenas estive ocupada e estressada com a escola. — *E estando longe.* Mas, não adiciono essa parte.

Ele abre a boca para responder, mas um homem com uma câmera Canon de qualidade profissional chega até nós.

— Willow! — Ele grita. — Onde estão seus irmãos?!

Garrison desliza sua mão na minha e ele troca um olhar comigo como *sim, nada mudou.* — Bem-vinda de volta a Philly. — O sarcasmo pinga de sua voz.

Não posso dizer que senti falta dessa parte.

Garrison enfia a mão no bolso do moletom e tira um boné de beisebol. Ele passa para mim junto com o pacote de orquídeas. Coloquei o boné com gratidão e protejo os olhos.

— Willow! — Paparazzi se aproxima quando começamos a caminhar em direção a esteira seis. — Olhe aqui!

Só quero ver uma pessoa.

Uma pessoa da qual não consigo tirar os olhos.

Garrison olha de volta para mim e depois aperta minha mão. Eu sinto. Palma contra palma. Essa pressão simples ilumina meu mundo. É estranho - como algo tão simples pode significar muito.

A mão dele na minha.

Eu nunca vou deixar de valorizar isto novamente.

22 PRESENTE – DEZEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
21 anos

Depois de uma longa viagem de carro, Willow e eu somos deixados no meu apartamento. Sozinhos de novo. Amanhã, estaremos de volta cercados pela família dela.

Estamos passando as férias na casa do lago nas montanhas, que serão preenchidas com muitos bebês berrantes e palhaçadas loucas. Mas, Deus, sendo honesto, estou ansioso por isso. Porque Willow está aqui.

Não vou mais ser a sétima roda do *core six* e não precisarei gravar mais nada. Podemos sussurrar um para o outro. Nós podemos rir juntos.

Willow leva sua mala para o meu apartamento enquanto eu acendo as luzes. Ela nunca viu isso pessoalmente. Eu me mudei depois que ela saiu, então ela está absorvendo os arredores.

— É estranho, — diz ela. — Sinto que já estive aqui antes, mesmo que… eu tenha. Obviamente.

Entendi. Eu nunca estive no dormitório dela em Londres. Mas, eu posso imaginar todos os móveis lá. Principalmente, porque eu assisti os vídeos que ela me enviou um milhão de vezes.

— Você está aqui agora — digo a ela. — Quer algo para beber? — Eu abro minha geladeira.

Tem só Lightning Bolt!, Fizz Life, uma garrafa de vodka e algumas cervejas nas prateleiras. Eu tenho uma lata de húmus.

Willow percebe o conteúdo - ou a falta dele. As sobrancelhas dela franzem. — O que você tem comido?

— A comida dos deuses. — Abro meu freezer, cheio de cinco pizzas congeladas.

Ela ri.

— A Cobalt Inc. também tem uma cafeteria incrível. Eles têm tudo: costela, sushi e mil opções veganas diferentes. — Eu aceno para a geladeira. — Escolha seu veneno.

— A vodka, definitivamente — diz ela, o que causa um calafrio em minha pele. Essa seria a *última* coisa que eu pensaria que ela escolheria. Quanto ela mudou em quatro meses?

Minha mão solidifica no topo da porta da geladeira.

Os lábios de Willow se erguem lentamente. — Garrison, isso foi uma piada. — Ela aponta para o refrigerante. — Eu quero a Fizz

Life... ou a cerveja. Qualquer um é bom. — Foi o que pensei que ela diria, mas...

— Você tem certeza? —Eu pergunto. Não quero que ela sinta que não pode mudar ou crescer. Como se eu estivesse sufocando ela. — Se você quer vodka...

Ela coloca as mãos no meu peito e a eletricidade praticamente dispara nas minhas veias. — Garrison. — Seus olhos enchem os meus, e o que ela ia dizer, apenas se perde do seu olhar para o meu.

O ar para.

Ela enrola os dedos sobre a cintura da minha calça jeans. Eu seguro sua bochecha e me inclino, nossos lábios se conectando. Eu a beijo fortemente, puxando-a para mais perto. Aquecendo meu sangue. Tropeçamos para fora da cozinha, nunca nos separando.

Willow mexe com o botão da minha calça, seu peito subindo e descendo em uma respiração acelerada. Eu corro minha mão por baixo da blusa dela. Pele nua quente sob o meu toque, mas ela ainda treme.

Como se fosse a primeira vez novamente.

— Willow — eu respiro.

Ela lentamente abre o zíper nas minhas calças, tão fodidamente devagar. Como se fosse uma metáfora de quão lento sempre estivemos *fisicamente* juntos. Quase me faz sorrir, mas eu aceno com a cabeça como se estivesse tudo bem.

Ela respira, tentando livrar a ansiedade, eu acho. Enquanto estamos de lábios trancados novamente, minhas mãos percorrendo sua blusa, as costas de suas panturrilhas atingem meu sofá. Eu a giro em direção a minha cama, ando para trás e encontro seus olhos.

— Você tem certeza que quer fazer isso hoje à noite? — Eu sussurro, segurando sua bochecha. — Você pode dizer *nã...*

— Eu *realmente* quero, — diz ela e depois para de me descompactar. — Você não? — O medo brota em seus olhos. Como se talvez eu não quisesse tocá-la.

Como se eu estivesse menos interessado.

Nunca. Impossível.

— Sem dúvida. Claro que sim. — Eu a beijo novamente, total e profundamente. Lembrando Willow de que ela é tudo que eu quero. Seus membros parecem afrouxar de alívio.

E eu apoio minha namorada no meu colchão. Ela cai na beirada no momento em que puxa minha calça para baixo, também devagar. Eu praticamente posso ouvir seus pensamentos: *isso é a coisa certa a fazer agora? Eu deveria tirar minha camisa primeiro ou...*

Eu a ajudo a puxar minhas calças, mostrando que não há um caminho certo ou errado. Existe apenas o nosso caminho.

Willow sorri para mim, mas assim que meus jeans descem, sua respiração fica em *choque.*

Ela olha para minha coxa e depois estica a mão para traçar a nova linha desenhada. — Quando você fez isso? — Ela pergunta suavemente.

Eu saio da minha calça jeans. — Dois meses atrás. — Eu não conseguia reunir coragem para contar a Willow sobre isso, então imaginei que ela veria a tatuagem pessoalmente. Seria melhor assim.

Willow parece prender a respiração. Sem pestanejar, ela olha para a tatuagem. Uma mão de esqueleto com tinta escova os dedos com uma mão menor, como se eles estivessem tentando segurar. Espere. Eu realmente não planejava fazer uma tatuagem, mas entrei em uma loja, sentei-me e resolvi fazer isso.

— Você não gostou — eu assumo.

Ela balança a cabeça. — É lindo, mas... também muito triste. — Seus olhos castanhos se erguem para os meus. — Você não está morto ainda, você sabe disso, certo?

Eu?

Quantos esqueletos tatuarei no meu corpo antes de concordar com ela? Não sei.

Eu seguro meu pulso para ela, palma para cima. Já fizemos isso o suficiente para que ela entenda. Ela coloca dois dedos no meu pulso.

Nossos olhos não quebram. — Garrison Abbey, você definitivamente está *vivo*

Somente ao seu redor.

— É um milagre, — digo em um sorriso maior. — Disparem os canhões. Acendam as tochas. Vamos comemorar. — Eu me inclino para beijar Willow.

Sua boca macia contra a minha.

Eu seguro seu rosto e gentilmente separo seus lábios, minha língua lentamente encontrando a dela enquanto nós dois rastejamos para a cama. Cuidadosamente, descanso o joelho entre as pernas dela e agarro a bainha da blusa, puxando o tecido da cabeça.

Seu cabelo castanho claro bagunçado em volta do rosto. Vermelho manchando suas bochechas.

Depois de tirar meu moletom com capuz e camiseta, mergulho minha cabeça para baixo. Voltando aos lábios. Willow está pendurada nos meus ombros e sinto seu coração acelerar contra o meu peito.

Eu sei que quanto mais assertivo eu sou, mais ela afunda no momento, e eu facilmente me encarrego e desabotoo seu jeans, tiro o sutiã - desejo e tesão cobrem seus olhos.

Arranco as calças dos tornozelos e jogo as roupas no chão. Lençóis cinza sob nossos corpos, nossas pernas enfiam novamente. Minha cintura se alinhou com seus quadris enquanto eu pairava sobre seu corpo.

— Garrison, — ela sussurra, *querendo.* Seus dedos deslizam pelos meus bíceps como se deslizassem na superfície de um lago. Seu toque leve que aniquila meus sentidos e segura meu pau.

Porra. Acaricio seu peito, mamilos duros sob o polegar.

Seus quadris instintivamente sobem em mim.

Um barulho gutural retumba nos meus pulmões. *Puta merda.* Meus joelhos afastam as pernas dela, então eu me encaixo entre elas e chupo seu pescoço, encontrando um ponto sensível que sacode seus membros.

Ela treme e solta um grito de excitação.

Bombas de sangue nas minhas veias. *Eu quero estar dentro dela.* Mais perto. Nós dois nos arranhamos para *mais perto.* As pontas dos dedos dela agarram minhas costelas e minha mão desce para a calcinha dela.

Eu seguro seu calor quente, o tecido já ensopado.

Ela treme. — *Garrison.*

Meu pau palpita.

A palma da mão viaja para baixo. Ela toca levemente o contorno da minha ereção que pressiona contra a minha cueca boxer preta.

Eu gemo contra seus lábios. — *Porra.*

Ela sorri, e com uma respiração pesada, eu sorrio de volta. Nós olhamos um para o outro por um segundo e, muito gentilmente, tiro os óculos embaçados.

Willow respira, me vendo chegar e colocá-los na mesa de cabeceira. Ela me segura e eu me inclino para trás e sussurro o que sinto em mim. — Eu amo você, Willow.

Lágrimas brotam em seus olhos.

— Eu também te amo.

Eu passo a mão nos cantos molhados de seus olhos, e então tiro minha cueca boxer. Sua mão volta para a minha ereção, e eu deslizo para o lado o tecido de algodão de sua calcinha. Não os removendo, apenas empurrando-os para fora do caminho.

Enquanto nos olhamos, deslizo dois dedos em seu calor apertado.

O sorriso dela desaparece para dar lugar a um O de prazer. Ela suspira, geme, como se não conseguisse descobrir como respirar.

Eu absorvo sua excitação, meus músculos se apertando. O suor já está crescendo. A mão dela ainda está no meu comprimento. Parada.

Isso me traz de volta ao passado. Para nós juntos - como as mãos dela sempre congelam no lugar - ainda é a mesma coisa. Isso não mudou. Ela se concentra mais em onde minhas mãos vagam, no prazer que a envolve, e ela esquece de se mover completamente.

É a coisa mais fofa, mas eu sei que é também o que a deixa nervosa. Pensando que ela não está me tirando o sono, mas sempre que ela se lembra de mudar as mãos, ela move as mãos em pequenos

incrementos. Tão leve e provocante começa-para-começa-para leva meu corpo ao ápice do caralho.

O melhor tipo.

Eu pulso meus dedos em Willow e esfrego seu clitóris. Minha outra mão deslizando pela perna dela até a bunda dela. Barulhos suaves ejetam entre seus lábios entreabertos, suor brilhando em seu corpo nu. Ela bebe na minha forma nua, do jeito que meus músculos flexionam acima dela - eu não vou afundar meu pau em Willow.

Ainda não.

Não tenho certeza se ela quer ir lá hoje à noite. Eu não quero assumir, mesmo se eu tivesse *amor,* nada mais do que a empurrar para dentro dela. Mas, só fiz sexo uma vez com Willow.

Um grito a quebra e ela vira a cabeça para o travesseiro. — Garrison. *Garrison*, Ai, meu Deus — ela choraminga quando eu chego a um ponto e pulso mais rápido. Suas pernas tremem e ela aperta meus dedos.

Deus.

Sua mão reanima, esfregando meu pau novamente. *Porraaaa.* Eu cerro os dentes, excitação girando minha cabeça. O sentimento alucinante e afirmador da alma monta prazer sobre prazer.

Eu me forço a não balançar contra o calor dela.

Ela vira a cabeça, com a mão em pausa novamente e seus olhos encontram os meus. — Podemos... você pode... você vai… — Sua respiração cambaleia como se ela estivesse em uma corrida de dez milhas. Timidamente, ela olha para minha ereção sólida como uma rocha.

Ela se contrai em volta dos meus dedos novamente. *Porra.*

Eu tenciono com o desejo. — Você me quer dentro de você?

Willow assente fortemente, as bochechas coradas. — Agora mesmo.

É preciso muita energia para remover minha mão e não colocá-la de novo. Mas também quero meu comprimento dentro dela. Eu quero tudo com minha namorada.

Alcanço a gaveta da mesa de cabeceira. Por uma camisinha, e ela estica o pescoço, sentindo meus movimentos.

— Você não precisa… — ela me diz.

Ela não está usando óculos, então não pode ver muito. — Estou pegando camisinha — explico.

— Nós não precisamos de uma. — Sua voz é tão suave que eu mergulho minha cabeça mais perto para ouvir suas próximas palavras. — Eu estou tomando anticoncepcional.

Eu franzir a testa. Ok, ela não estava tomando quando embarcou em um avião para Londres. Estou tentando não pensar em coisas idiotas. Por exemplo, por que ela tomaria anticoncepcional quando nos separássemos.

Muitas meninas tomam anticoncepcional por mais razões do que apenas para impedir a gravidez. Como acne e outras coisas, certo? Talvez para ajudar com cãibras, eu não sei.

Willow não pode ver minha completa confusão. Mas, talvez, ela possa sentir meu corpo tenso, porque ela corre para esclarecer: — Perguntei a Daisy se era uma boa ideia, já que você e eu fizemos sexo antes de sairmos e provavelmente isso aconteceria novamente, e ela disse *totalmente.* Então pensei... pensei que seria bom se preparar para a próxima vez.

Eu sou um idiota.

Eu soltei um suspiro. Facilitando muito mais. — Isso faz sentido. — Volto totalmente para Willow. — É bom. — Minha mão envolve sua bochecha. — Sem camisinha, então?

Ela assente.

Coloco outro beijo em seus lábios e abro suas pernas em volta da minha cintura. Minha pélvis alinhada com a dela.

Ela calça um pouco e agarra meu bíceps.

Eu a tenho ao meu alcance. — Diga-me se dói, — eu digo, minha voz baixa.

Esta é apenas a segunda vez que ela faz sexo.

A segunda vez que um homem esteve dentro dela.

Eu.

— Eu vou. — ela murmura, tocando instintivamente o nariz, empurrando óculos que não estão lá.

Eu tiro um pedaço de cabelo suado da testa dela, colocando o fio atrás da orelha. E, então, eu agarro meu eixo, e lentamente, pressiono a cabeça perto da entrada dela. Observando a reação dela.

Ela aperta meus braços com mais força.

Deslizo para dentro de Willow - *porra* ... ela é tão apertada e molhada, a pressão e o calor enviando uma corrida através de mim. Cabeça girando. Nervos disparando.

Willow estremece um pouco, mas ela se agarra a mim. Eu seguro seu quadril e afundo cada vez *mais fundo.*

Ela solta um gemido estrangulado, a cabeça inclinada para trás. — Deus, — ela chora baixinho.

Eu a preencho completamente e balanço entre suas pernas, lentamente a princípio. Movimentos longos, até o atrito queimar, e meu corpo empurra por mais. Voraz, faminta - pronta para extrair cada grama de prazer dela e levá-lo para dentro de mim. Meses separados. Meses sem um único toque.

Empurrei mais fundo, minha bunda flexionando. Suspiros escapam de seus lábios entreabertos que não podem fechar, lutando para respirar, e meus músculos contraem - *foda-se.*

Porra.

Eu fodo Willow. Veias inflamadas, músculos em chamas. Minhas mãos nos quadris dela, sento-me um pouco nos joelhos e bato nela - e as palmas das mãos caem dos meus ombros e encontram meus pulsos, me agarrando por apoio.

— *Garrison* — ela choraminga em um gemido agudo, suas pálpebras tremendo.

Eu agacho, nossas bocas se encontrando. Eu a beijo tão profundamente quanto eu balanço, e ela puxa meu cabelo. Eu levanto a perna dela mais alto na minha cintura.

Cada impulso é preenchido com uma corrente emocional que arrebata a nós dois. Como se estivéssemos dormindo e estamos recarregando lentamente, voltando à vida.

Minha testa pressiona a dela. — Eu amo você. — Eu expiro mais algumas vezes. Balançando, *balançando*, e seu amor nada dentro de seus olhos.

Eu perco tempo. Perco a noção de espaço. Somos apenas ela e eu. O mundo ao nosso redor se foi até que nós dois cavalgássemos em pura felicidade.

— Ahhh. — Ela geme no meu ombro, e eu a seguro enquanto os dedos dos pés se enrolam, as costas arqueadas. Um gemido passa por mim e eu ordeno um clímax que agarra meus tendões em um vício.

Nós nos beijamos e beijamos, meus lábios ardendo nos dela - vai levar o céu e a Terra para me afastar de Willow.

Eu só quero que isso dure. Mais longo.

Muito mais

Quanto tempo falta?



Sentada lado a lado na cama, nua, embrulhada nos lençóis e comendo pizza esquentada, acaricio sua cabeça enquanto ela pega os cogumelos e os coloca no meu prato.

— Eu poderia ter feito o queijo — digo a ela.

— Supremo é melhor. — Ela lambe o dedo. — Eu gosto das azeitonas.

Isso aqui parece normal. Pizza na cama, como o degenerado que sou. Não posso nem comer em uma mesa. Estar juntos à noite deve acontecer o tempo todo, não apenas uma vez a cada quatro meses.

Ok, talvez não *seja* normal, eu acho.

Isso aqui é raro. Eu odeio isso.

— Como você acha que estamos indo? — Ela me entrega o prato com os cogumelos. — Com essa coisa de longa distância?

Terrível.

Eu dou de ombros. — Sinto sua falta, mas acho que isso deveria acontecer. Certo?

Seus joelhos batem nos meus. — É para doer tanto assim? — Sua voz falha.

Eu beijo o topo da cabeça dela. — Eu não sei.

Ela encosta a bochecha no meu ombro. — Talvez eu deva... eu deveria... eu poderia me transferir para Pen...

— Não. — Eu a paro antes que ela diga *Penn.* — Você será assediada todos os dias por paparazzi.

— Então, na Universidade de Nova York, não é muito longe da Cobalt Inc. — ela murmura.

— Não — eu digo, meu peito pegando fogo. Eu adoraria concordar com ela. Para ter *certeza*. *Sim. Por favor, volte para casa, porra.* Mas, eu não poderia viver comigo mesmo. Eu não conseguia acordar com ela na minha cama, sabendo que ela sacrificou algo pela minha existência de merda.

Não pretendo ser totalmente feliz. Eu sabia disso desde pequeno e meus irmãos estavam me empurrando para o chão.

Eu estou amaldiçoado. É do jeito que é. Ela não precisa compartilhar dessa coisa maldita.

Willow empurra os óculos com o pulso.

— Wakefield é o seu sonho — eu digo. — Você tem amigos lá. Você tem uma vida. Não comece de novo por mim. Essa é a *última* coisa que quero, Willow.

— Tudo bem. — Ela respira pesadamente. — Mas, você estará lá no próximo semestre, como prometeu? Quero que você conheça meus amigos e veja meu dormitório e o campus.

— Eu prometi. Eu estarei lá.

Ela exala e dá uma pequena mordida em sua pizza. — Algo legal aconteceu.

— Perfeito, porque estou precisando de algo legal. Trabalhar na Cobalt Inc. é literalmente a antítese do legal. A maioria desses caras é idiota.

Os lábios dela se erguem. — Bem, provavelmente não é *tão* legal assim. Suas expectativas devem diminuir um pouco.

— Diminuídas. — Eu aceno para ela.

— Ok, então você sabe como os alunos do segundo ano costumam ficar *fora do* campus? — Willow senta um pouco mais para encontrar o meu olhar. — Eu nunca pensei que alguém iria me pedir para ser seu companheiro de quarto. Mas, Sheetal, Tess e Salvatore *perguntaram.* — Ela sorri, quase corando. — Eles estão pegando este

apartamento de quatro quartos na cidade e precisavam encontrar um quarto. Muito legal, certo?

A felicidade irradia dela. Ela tem amigos de verdade em Londres, e isso é grande para Willow. Eu quero ser o tipo de pessoa que está feliz por sua felicidade.

Mas, ouço o nome *Salvatore* e meu sangue se transforma em alcatrão. Ela vai morar com ele no próximo ano. O cara com o sotaque incrível e o nome adjacente de *Vampire Diaries* - e corte de cabelo à moda. Aquele que poderia ter invadido o armário dos meus irmãos.

Ele vai morar com minha namorada enquanto eu estiver a milhares de quilômetros de distância.

Ótimo.

Impressionante.

Tão feliz por isso.

Quero mencionar meus sentimentos, mas eles são insignificantes. Porque Salvatore é *apenas* seu amigo, e ela vai dizer isso para mim. E não vou estragar essa coisa boa e *feliz* da vida dela porque sou o filho da puta paranoico.

Então eu sorrio. — Isso parece incrível. Muita diversão.

Eu devo fazer um trabalho de merda, porque ela está balançando a cabeça como se pudesse ouvir o sarcasmo que eu seriamente não posso controlar.

— Eu não deveria ter trazido isso à tona. Sinto muito. — Ela coloca o prato no colo e estremece, a cabeça pendendo. — Eu não estava pensando. É tudo menos legal. Você está morando sozinho, e eu não quis dizer que estou...

Merda.

— Ei, — Eu levanto o queixo, para que ela olhe para mim. — Não estou chateado por você ter amigos e eu não. Fico feliz que você se sinta incluída em Londres e não esquecida ou o que seja.

— Você tem amigos — ela argumenta com lágrimas nos olhos.

Estou dizendo todas as coisas erradas.

— Você está certa. Eu tenho você — digo rapidamente. Ela é minha única amiga.

Minhas palavras não ajudam. Ela está balançando a cabeça.

Eu seguro sua bochecha na minha mão. — Você não pode se preocupar comigo. Você tem que viver sua vida em Londres, Willow. — Estou empurrando-a para longe? Eu não sei. Não sei o que diabos estou fazendo. Meu interior se torce, e falar está começando a doer.

Suas lágrimas derramam sobre meus dedos, mas eu não paro de segurá-la. Ela diz: — Você sabe o que aprendi nos quatro meses em que estivemos separados?

Um nó se forma na minha garganta.

— Eu sou incapaz de não me preocupar com você. — Diz ela em um suspiro apertado.

Algo está no meu peito. Pesado. Eu quero que isso saia. *Saia.* — Eu amo você, — eu digo. — Mas, você precisa, Willow. Porque você não ficará feliz se estiver constantemente preocupada por não estar me divertindo aqui em Philly. — Quero dizer que vou fazer amigos, mas não estou planejando entrar em contato com pessoas aleatórias e acidentalmente pegando um parasita que fere a sanguessuga.

Quero dizer que não preciso de amigos, mas não quero mentir. Odeio estar sozinho.

Inferno, eu também odeio ter amigos.

Como eu disse, sou amaldiçoado.

Ela cheira. — Lo me disse algo assim.

Claro que ele disse. — O que ele disse?

— Que eu tenho que deixar você se acostumar à longa distância. Que eu não posso fazer nada para fazer você se sentir melhor.

Loren Hale. *Jesus.* Eu me pergunto se ele sabe o quanto ele me entende. Como se ele tivesse feito uma viagem na minha cabeça e saído do outro lado. Eu não entendo isso

— Ele está certo — eu digo. — Você sacrificando tudo por mim não vai me fazer feliz ou me sentir melhor.

— Então o que vai fazer você feliz?

Eu não sei.

Eu deveria ter uma resposta melhor para essa pergunta. Mas há uma coisa que eu sei. Ela não pode suprimir sua felicidade porque se sente culpada. Não posso ser veneno na vida dela.

E então eu ouço a preocupação do irmão dela na minha cabeça. *Eu não sei o que você vai fazer.* Lo e Ryke pensaram que eu terminaria com ela. Agora eu entendo o porquê.

Mas, não vou.

Não vou.

Ainda acredito que somos bons um para o outro, mesmo a um continente de distância. Ela *é* a coisa que me faz feliz. Mas, é por minha conta - porque preciso encontrar outra coisa que possa me levar ao longo de um dia. Não alguém. Alguma *coisa*.

Preciso, desesperadamente, de algo para me levar pelos próximos três anos e meio.

23 PRESENTE – DEZEMBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
GARRISON ABBEY
21 anos

[ ] ue diabos eu estava pensando?

Eu devo estar louco. Observar Willow embarcar em um avião e voar de volta para Londres deve ter realmente fodido com a minha cabeça.

Porque não há outra explicação sobre o porquê aceitei o convite para voltar para casa.

Por um segundo. Por um minuto. Para passar um tempo com a família. A família da qual eu continuo me distanciando como o encrenqueiro que sou

Então, eu fui para casa.

E durante um jantar de presunto, ouvi histórias sobre a faculdade de Mitchell. Como Hunter está treinando lacrosse na Penn, e Davis colocou seu MBA em uso, conquistando uma promoção de seis dígitos na empresa de tecnologia carregada de nosso pai.

— Garrison. — Papai desvia a atenção para mim. Ele coloca a última porção de batatas no prato. — Como está indo a Cobalt Inc.?

Davis tem um olhar de surpresa.

— Você ainda não desistiu?

— Não. — Eu mordo de volta uma resposta mais dura.

Hunter ri.

— Eles não despediram você?

— Não. — Mas, ninguém fica mais surpreso com isso do que eu.

— Connor Cobalt não o demitiria, — acrescenta Davis. — Desde que ele esteja namorando Willow Hale, certo? — Ele acena para mim. — Mantenha isso em segredo, cara.

Eu não estou namorando Willow pelo meu trabalho. Minha pele se arrepia mesmo deixando esse pensamento passar pela minha mente. Sentar aqui vira meu estômago. Eu apunhalo um pedaço de presunto no meu prato, não planejando forçar a coisa.

Nossa mãe está de pé.

— Garrison, pare de brincar com sua comida. — Ela espera que eu abaixe meu garfo e lhe entregue o prato, para que ela possa limpar a mesa. Ela nem sempre lava a louça. Na maioria das vezes, temos *funcionários que as lavam*.

Eu mencionei que minha família é rica? Sim, acho que sim.

Minhas sobrancelhas apertam minha mãe.

— Já está morto — digo secamente.

Ela suspira como se eu estivesse sendo irracionalmente difícil.

— Por favor, Garrison.

Estou prestes a fazer o que foi dito, mas Hunter chuta minhas canelas por baixo da mesa. *Difícil.* Largo o garfo, o utensílio batendo na borda do prato.

Porra.

Plumas simples e opacas, e Hunter me dá uma aparência severa como se *não fosse uma merda.*

Minha mandíbula aperta, meu pulso começa a acelerar.

Mamãe coloca a mão no meu ombro.

— Está tudo bem, querido. — Sim, ela sabe que meu irmão me chutou, mas tudo o que ela faz é sorrir para Hunter com o balanço da cabeça.

Garotos serão garotos, ela costumava me dizer quando criança, soprando nas minhas rótulas depois de ser empurrada no asfalto. *Você tem que se levantar e revidar.*

Certo.

Ela recolhe os pratos sujos ao redor da mesa. Incluindo o meu.

Hunter estreita seus olhos idiotas em mim. Ele sacode a cabeça de mim para nossa mãe, tipo, *ajude-a.*

Eu encaro.

Ele tem dois pés.

Eu não entrei nesta casa por meses. Eles têm sorte de estar aqui agora.

— Garrison, — Davis fala alto. — Ajude a mãe.

Nossa mãe me acena.

— Não, vocês, rapazes, relaxem. Faz tanto tempo desde que vocês todos se viram.

Merda.

Meu coração dispara.

— Na verdade, eu vou sair, — eu digo. — Eu tenho que acordar cedo.

Nosso pai faz um barulho de desaprovação.

— Connor Cobalt, certamente, não está fazendo você trabalhar durante o feriado. — É verdade - eu estou de folga - mas isso não significa que eu realmente vou aceitar. Eu ainda planejava entrar no escritório. Porque eu amo o meu trabalho.

Porque está me fazendo continuar.

Hunter empurra para fora da cadeira e caminha até a minha.

— Vamos lá, Garrison.

Relaxe, digo a mim mesmo, e me levanto. Hunter passa um braço em volta do meu ombro e dá um tapinha no meu peito. Uma vez que ele começa a me puxar para a porta, ele aperta o braço em um maldito *mata-leão.*

— Pare, cara, — eu engasgo. Estou tropeçando para alcançar minha própria maldita cabeça e tento arrancar seu braço estúpido.

— Isso é tudo o que você tem? — Hunter incita.

Tento dar uma cotovelada nas costelas dele - ele bate com o punho no meu rim. Eu tusso.

Davis ri.

— Ainda não pode sair disso?

O ácido escorre pela minha garganta. Eu não sabia que deveria me tornar um maldito lutador.

Hunter ri com nosso irmão mais velho, depois olha para Mitchell, que está ocupado pegando o casaco Columbia do gancho. Agindo como se ele não visse nada.

Hunter mexe no meu cabelo com os nós dos dedos, cavando com força. Queimando meu couro cabeludo.

Davis pega seu casaco enquanto eu ainda estou lutando para remover o bíceps de Hunter da minha traqueia.

Eu não tenho tempo para alcançar o meu. Porque Hunter renuncia a sua própria jaqueta de inverno. Porta da frente aberta, ele sai na noite fria com um suéter formal e camisa de colarinho - me forçando a sair com ele.

Eu quase escorrego nos malditos degraus gelados, e ele *ainda* está esmagando minha traqueia. Então, quando Hunter me solta e me empurra para as duas polegadas de neve com apenas meu casaco fino, estou lívido.

Eu caio de joelhos e mão. Corpo tremendo, raiva mal me aquecendo no frio. Me levantando, meu peito sobe e desce pesadamente e minha respiração fuma o ar.

— Vamos lá, — Hunter diz como se eu fosse uma criança de três anos chorando por causa do leite derramado.

Eu não estou chorando.

— Vai se foder, — eu rosno.

Davis joga uma bola de futebol no ar.

— Ele está apenas brincando, Garrison. Anime-se. É feriado.

Eu engulo em seco. *Legal.*

— Eu estou pegando meu casaco...

Hunter me bloqueia, seu peito inchado contra o meu.

— Como você chama isso? — Ele segura o meu casaco.

Eu tiro a mão dele de mim.

— Não me toque. — Meu batimento cardíaco martela minha caixa torácica.

Ele ri.

— Vamos. — Quando ele vê que eu estou falando sério, ele balança a cabeça. — Não seja tão marica. Você não precisa de um maldito casaco.

Ele estende os braços para ilustrar que não está frio, e como ele também está sem uma jaqueta de inverno.

Meu pulso acelerado agora está na minha garganta. Tiro os olhos dele e levanto o olhar para Mitchell, que fecha sua jaqueta verde azulada Columbia - ele olha para longe de mim.

Não fazendo nada, como sempre. É difícil culpá-lo, mas é fácil odiá-lo.

Davis dá um tapinha nas minhas costas.

Eu tenso mais. Somos adultos, e ainda não consigo descobrir uma boa estratégia de saída do "tempo do irmão" com meus irmãos.

— Os limites são a borda da propriedade. — Davis aponta o futebol entre todos nós, seus irmãos mais novos. — Dois em dois. Mitch e Hunter contra Garrison e eu. Combater é um jogo justo. Você está bem com isso Garrison?

Hunter sorri.

— Ou você vai se masturbar como sempre faz?

Eu olho para os meus irmãos. Davis. Caçador. Mitchell. Agora todos com vinte e poucos anos. E eu não tenho mais dezessete anos.

Eu não sou uma criança.

Mas, eles ainda são maiores e mais altos que eu. Ainda me tratando como a corda em um jogo de cabo de guerra. Algo para puxar para alcançar o que diabos eles estão procurando.

Esfrego minhas mãos congeladas.

— Sem brigas.

Hunter revira os olhos.

— Sério?

— Sim, ele perguntou. — Eu aponto para Davis. — Eu estou dizendo para você *não* enfrentar porra.

Davis gesticula para mim com o futebol.

— Que tal combater a luz?

Realmente.

— Que tal nenhum?

— Aprenda a se comprometer, cara, — Davis me diz como se ele fosse o irmão mais velho e sábio daqui. — Isso resolverá muitos problemas para você na vida. — Ele aperta meu ombro. — O combate leve é um jogo justo.

Hunter pula para cima e para baixo e quebra os nós dos dedos.

A bile aumenta no meu esôfago. Estar aqui. Lado de fora. Sozinho com eles. Por que eu me coloquei nessa situação?

Está em mim.

Eles são minha família.

Ainda está em mim.

Não quero vê-los novamente... mas, eles são minha família.

Ainda está em mim.

Eu luto com meus pensamentos, incapaz de decidir onde colocar a culpa que não seja eu. É tudo o que consigo pensar, mesmo quando Davis joga futebol.

Corra, eu acho. Mova seus pés ou solte a bola - alguma coisa. Qualquer coisa. Mas, estou congelado, e Hunter corre em minha direção. Ele entra em campo.

Seu peso total bate no meu peito, seu cotovelo está dirigindo na minha caixa torácica e eu aterro com um *baque* violento na minha bunda. *Deus, filho da puta!*

Eu estremeço por entre os dentes, meu cóccix queimando, a neve não apoiando o impacto no chão duro. Lágrimas picam meus olhos -, mas eu me recuso a chorar na frente deles.

Hunter empurra o joelho no meu estômago a caminho de uma posição. Eu tusso roucamente, e ele pega a bola da minha embreagem frouxa. Muito facilmente para o seu gosto.

A raiva surge em seus olhos.

— Por que você tem que desistir? É uma *merda* brincar com você, cara. Você é pior do que uma garota do caralho.

Diga olá ao meu irmão misógino. Eu tento recuperar o fôlego e o encaro.

— Então não brinque comigo. — Eu tusso novamente. — Eu estou bem com isso.

Ele rosna de frustração e balança a cabeça para Davis.

Davis me dá uma olhada.

— Você é sensível demais. Pare de ser uma merda fraca. Levante-se. — Ele gesticula para eu me levantar.

Eu sou uma merda fraca. Eu sinto.

Sugando uma respiração dolorida, levanto-me do meu corpo estridente que grita para eu *fugir*. Fugir. Fugir.

Fugir.

Minhas mãos estão dormentes da neve. Meu estômago está com um nó. Como se eu pudesse vomitar em um segundo. Olho diretamente para Mitchell.

Meu irmão de 23 anos fica para trás. Atrás de Hunter e Davis, e eu acho, *você pode por favor...*

Ajude-me.

Mitchell enfia as mãos na jaqueta. E ele baixa o olhar para a neve.

Certo.

Esfrego o nariz que escorre do frio.

— Nós seremos da defesa. — Diz Hunter, jogando a bola para Davis.

De novo não.

— Olha, por mais divertido que isso tenha sido, — digo sarcasticamente, ainda tentando recuperar o fôlego, — Tenho trabalho amanhã...

— Não seja assim — diz Davis.

— Assim como? — Eu estalo, meu pulso acelerando novamente.

Ele balança a cabeça, irritado.

Hunter interrompe:

— Você é um mariquinha.

— Eu não estou fazendo nada!

— Exatamente! —Hunter grita. — Seja apenas um *homem*, seu filho da puta. Pare de fazer essas birras.

Soltei uma risada curta e amarga.

— Estou fazendo birra? Olhe no espelho.

Hunter esbraveja, seu queixo travando. Ele respira forte, literalmente, fumaça saindo do nariz, graças ao ar frio.

Eu olho para trás, contra um melhor julgamento.

Davis dá um tapinha na bola.

— Vamos apenas brincar. Garrison corre.

Eu não tenho escolha. Porque Hunter cobra por mim - já pensando em enfrentar e Davis ainda nem jogou a bola para eu pegar ainda.

Eu corro em direção à casa vizinha. Sentindo o peso do meu irmão nos calcanhares. Invadindo meu espaço. Mais perto e mais perto. Vindo para mim.

A bola voa pelo ar fresco da noite, e eu não me importo com isso. Eu não quero isso. No entanto, estou alcançando a merda estúpida.

Minha culpa.

Hunter me aborda por trás. Meu peito encontra um cobertor de neve dura, o vento batendo nos meus pulmões. Eu inspiro, mas não consigo expirar.

Ele ri, feliz por eu finalmente desistir.

— Um pouco melhor. — Ele bagunça meu cabelo.

Estou prestes a ficar de pé, e ele, divertidamente, empurra minha cabeça.

Afasto a mão dele enquanto ele tenta novamente.

— Pare, cara.

Ele empurra mais forte.

— Hunter...

Ele força meu rosto no chão. Me fazendo comer neve. O frio queima meus lábios e eu fecho meus olhos.

Davis ri.

Eu me afasto do aperto de Hunter, tentando arrancar sua mão da porra da minha cabeça.

Mitchell fica quieto. Apenas fica lá.

Eu consigo virar de costas, meu rosto ardendo. Hunter prende meus ombros e puxa meu braço direito em uma fechadura. Como se, de repente, passássemos do futebol para a luta livre.

— Vamos lá, saia da minha espera.

Davis está sobre nós.

— Você consegue isso, Garrison. Apenas tente.

Apenas tente. Por que eu não pensei nisso? Que gênio.

— Ele tem um milhão de quilos sobre mim.

— Não dê desculpas, — diz Davis. — Ou, então, você sempre estará de bunda no chão.

Hunter ri, apertando meu braço com mais força. *Filho da puta*- eu estremeço novamente, o ar frágil secando meus pulmões.

Eu me contorço com meu irmão. Tentando escapar. Ele é cimento. Estou sendo esmagado até a morte, a respiração fica mais curta.

— Saia — eu digo, em pânico.

Ele dá um tapa na minha cara.

— Lute comigo, cara. — Ele dá um tapa com mais força. — Vamos, cresça algumas bolas.

Minha bochecha queima. Eu empurro seu peito e grito entre os dentes para forçá-lo a sair.

Incapaz de movê-lo.

Eu não posso movê-lo.

Eu me imagino deslizando facilmente por baixo de Hunter. Eu me imagino montando nele. Eu imagino dois dos meus punhos batendo repetidamente em seu rosto. Até que meu irmão esteja sangrando embaixo de mim - mas minha resposta de luta ou fuga está gritando, *voe o inferno fora daqui.*

— Respire, — treina Davis. — Pense no seu próximo passo. Pare de se debater.

Hunter olha para Davis e eles riem como se tudo fosse divertido. Sempre às minhas custas.

— Chega — eu engasgo.

Hunter relaxa um pouco, o suficiente para eu ganhar o controle do meu braço esquerdo.

— Se mexa — diz Davis.

Eu, estupidamente, tento sentar e balançar.

Hunter aperta meu punho e me empurra para baixo. A parte de trás da minha cabeça bate na neve. Os nós dos dedos pousam no meu estômago. Nas minhas costelas, repetidamente. Eu respiro fundo e tento me enrolar em uma posição fetal.

Porra.

— Pare — eu suspiro, arranhando a neve para dar o fora.

Hunter me arrasta de volta, prestes a me colocar em outro porão, e eu chuto seu peito.

— Tira essa merda de mim! — Eu grito no ar amortecido. Em algum lugar na rua, acho que ouço música de Natal.

Eu não quero ouvir isso.

Eu não quero ouvir isso.

Por favor, não deixe esses bastardos arruinarem a música de Natal para mim. Por favor, deixe-me guardar alguma coisa. Eu me debato e devo me conectar com o pau de Hunter, porque ele recua um pouco, segurando sua virilha. Davis chuta neve na minha cara antes que eu possa me levantar.

Eu tusso e limpo dos meus olhos. Meu rosto inteiro queima dolorosamente. Minha garganta está áspera, mas não sei dizer se é por causa de gritos ou frio.

Cambaleando para os meus pés, levanto-me sem outro golpe. Mitchell pega a bola da neve e joga a coisa em um arco limpo para Davis. Ele pega a bola como se ainda estivéssemos jogando.

Enquanto eles estão distraídos, faço o que faço desde que era adolescente.

Eu tropeço em meus pés e corro.

— GARRISON! — Davis grita.

Não olho para trás, meus pés me carregando para o meu carro na garagem. Estou tremendo e mexo nas chaves antes de abrir a porta.

Deslizando para dentro do Mustang, ligo a ignição. O calor sopra quase imediatamente das aberturas de ventilação. Ótimo carro, obrigado. Gorgulhos de escapamento dos canos.

Minhas mãos ainda estão tremendo. Meus dentes estalam juntos, mas olho através do meu retrovisor e começo a recuar.

Eu quase acho que Hunter pode ficar no final do percurso apenas para foder comigo e me bloquear. Mas, os três não saem do quintal. E eu começo a entender.

Porque eles sempre me deixam ir...

Porque quando eu fujo, pareço uma criança petulante. Como o filho excessivamente sensível que não consegue lidar com brincadeiras com seus irmãos.

Foda-se isso.

Foda-se eles.

Eu saio de qualquer maneira.



Ela pode dizer que algo está errado.

Eu nunca disse a Willow que estava jantando na mansão dos meus pais. Mesmo agora, não conto a ela o que aconteceu com meus irmãos - como Hunter repetidamente me cravou nas costelas.

Parte de mim tem vergonha. A vergonha é forte, mesmo anos depois, quando eu sei que meus irmãos são uma merda completa e não pode ser tudo culpa minha. Certo?

Mas, ela pode sentir que algo está errado - apenas por telefone. Os elevadores do meu complexo de apartamentos estão fora de serviço, então eu subo as escadas. Lentamente, um dos meus braços pairando em volta das minhas costelas desgastadas.

Com a outra mão, pressiono meu celular no ouvido, minhas botas fazendo poças molhadas nos degraus de concreto.

— Garrison. — A preocupação cobre sua voz. — Você pode falar comigo, por favor?

— Eu estou falando. — Eu digo com força, dor em cada movimento.

— Não, você está *respirando*, — ela refuta. — Muito estranho.

— Então, eu não quero falar. — Dói respirar, e meus dedos coçam por um cigarro. O que não faz sentido - mal consigo respirar, mas quero fumar. Soa como eu.

Pego um pacote na minha jaqueta. Comecei a fumar novamente há algumas semanas. Apenas para ficar acordado durante as últimas horas no trabalho. Agora, acendo um cigarro, porque acalma meus nervos.

Meus dedos tremem enquanto coloco o cigarro entre os lábios. Paro na escada, meu ombro apoiando meu telefone no ouvido.

Willow para de falar, mas ouço o toque familiar de um teclado como se ela estivesse digitando em um computador. Ela está de volta ao seu dormitório em Londres. Ela voou para lá alguns dias atrás, para poder comemorar o Ano Novo com as amigas da escola. Ela me convidou.

Mas, recusei porque sinto que esse é o mundo dela.

Não é meu.

O meu está aqui.

Aparentemente sendo esfarrapado pelos meus irmãos. Ah, e recebi esse texto especial do meu pai há cinco minutos.

Pai: *seus irmãos estão apenas tentando fazer de você um homem. Você tem sorte de tê-los. Eu só tinha uma irmã. Se você apenas parasse e ouvisse, talvez aprendesse uma coisa ou duas.*

Obrigado pai.

Fumo meu cigarro e mais um nível subindo as escadas, chego ao meu andar. Empurrando lentamente a pesada porta e entrando no corredor.

— Você tem seu passaporte pronto? — Willow pergunta de repente.

Eu tusso com a fumaça.

— O que?

— Seu passaporte, — diz Willow.

— Eu te ouvi-

— Garrison! — Jared grita comigo, assim que as pesadas portas fecham atrás de mim. Ele está encostado na parede ao lado da minha porta. Ele está me esperando?

— Merda, — eu xinguei. Minha mão trava, cigarro queimando entre os dedos.

— Jared? — Willow adivinha.

— Posso te ligar de volta?

— Não, — ela diz. — Eu vou ficar na linha. Não desligue na minha cara.

Eu aperto o telefone, quase prestes a quebrar, porque *isso* me deixa por um segundo. Alguém se importa. Ela se importa. OK. *OK.*

Respiro fundo e ando em frente para confrontar meu idiota com um vizinho.

— Jared, — eu digo. — Não tenho tempo. — Coloquei o cigarro de volta entre os lábios e, com a mão livre, tiro minhas chaves do bolso. Tentando não tremer.

— Ei, cara, sim. — Jared assente e coça o pescoço. — Eu só queria convidar você para...

— Apenas vá se foder. — Eu rosno, minhas palavras murmuram através do meu cigarro.

— Olha, essa festa vai ser de matar. Talvez você possa convidar alguns de seus amigos também. Prometo, eles não vão querer perder isso.

Minha raiva surge como um gêiser. Minha porta clica, destrancada. Pego meu cigarro nos lábios e olho Jared. Como você não entende isso? Não quero ir à sua festa. Eu não quero você em pé ao lado da minha porta.

— Vamos. — Jared estende a mão para colocar a mão no meu ombro.

Eu puxo de volta.

— Não me toque.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Cara, eu só estou tentando ser um amigo.

Meu nariz queima.

— Nós não somos amigos. Leia meus lábios quando digo *que nunca seremos amigos de merda.* Nunca. Você sabe por que eu desconectei meu detector de fumaça? Então você não poderia oferecer sua vassoura estúpida novamente. Você quer se ajoelhar e me chupar, como sua namorada pediu?

Ele fica vermelho.

— Eu… — Ele coça a cabeça. — Ela estava brincando. — Jared lê minhas feições. — Você está realmente tão chateado? Vamos lá, cara. Você é famoso. Eu *mataria* para ter o que você tem. — Ele solta uma risada curta. — Você sabe o quão fácil você conseguiu?

Eu olho, sem piscar.

Raiva e ressentimento se infiltram em seus olhos. Ele pensa que me conhece, e me pergunto se essa amargura ciumenta por mim esteve lá o tempo todo, escondida de alguma forma.

— Fique longe de mim. — Fecho e tranco a porta com força.

Isso foi bom.

Isso não deveria ter sido tão bom. Eu dou uma tragada maior e sopro fumaça para cima. Minha mão treme.

— Garrison. — A voz de Willow vem da cela no meu outro punho. Eu pressiono de volta no meu ouvido.

— Desculpe, — eu murmuro, lágrimas involuntárias espremem dos meus olhos. *Porra.* Eu limpo meu rosto molhado com a palma da minha mão.

— Quando você pode chegar ao aeroporto? — Ela pergunta. — Porque eu posso colocá-lo no próximo voo para Londres.

Eu já estou indo para o meu armário. Agarrando uma mochila. — Reserve.

24 ANTES – OUTUBRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA
WILLOW MOORE
17 anos

— Você não vai se arrumar? — Pergunto a Garrison.

Sentado no meu tapete azul felpudo, ele joga *Street Fighter II* em um velho Sega Genesis que ele trouxe em setembro. Meu quarto do tamanho de um dormitório tem mais personalidade do que apenas a mesa embutida, a cômoda de madeira e a cama de solteiro curta desde a primeira vez que me mudei.

Daisy Calloway me ajudou a decorar. Ela disse que seria minha força de trabalho, e eu poderia direcioná-la para onde ir, mas gostei de ouvir o que ela pensava. Nós duas concordamos em luzes sobre o teto, preguei um cartaz amarelo que diz *Mutante & Com Orgulho* na parede, e organizei minha coleção de livros de banda desenhada na minha mesa.

Quando coloquei minha roupa de cama branca, ela jogou travesseiros azuis pálidos no colchão. O último foi um cupcake azul. Não foi algo que escolhemos juntas na loja. Ela disse que costurava no seu tempo livre - com a ajuda de Rose, que é "a melhor costureira" - mas é o meu travesseiro favorito. Porque Daisy fez isso só para mim.

Sentado na minha cama, vejo como Ryu (personagem de Garrison) ataca Blanka.

Ryu dá um soco, empurrando Blanka para trás alguns centímetros.

— Ainda não sei — diz Garrison. Seus dedos voam agilmente sobre os botões e, quando Blanka está deitado de costas, ele pausa o jogo e gira para me encarar.

Uma peruca loira já está apertada na minha cabeça. Torço o cabelo em uma única trança, os fios tão longos que a trança atinge minhas coxas. Neste Halloween, eu vou com minha fantasia básica, Vega do *Street Fighter.*

Garrison examina meu cabelo e então seus olhos caem nos meus.

— Você tem certeza que quer que eu vá?

Meu irmão (estou começando a me sentir normal chamando Loren Hale de irmão) está dando uma festa de Halloween para o bairro. Garrison já está tecnicamente convidado desde que ele mora no mesmo bairro, mas eu pedi para ele vir comigo de qualquer maneira.

O mês passado foi... difícil na Academia Dalton.

Ninguém mais me incomoda ou enche meu armário de coisas, mas também não fiz nenhum amigo. Os sussurros pelas minhas costas continuam.

Se alguém tenta falar comigo, só pergunta sobre Loren Hale. Eu sempre desligo no início dessas perguntas. Se eu ficar discutindo sobre Lo e Lily ou qualquer uma de suas irmãs, sinto que estou as traindo.

Mas, finalmente, tenho um apelido.

Willow Sem Palavras.

Aparentemente, não responder a alguém pinta um alvo em você. No entanto, todo o meu corpo estava praticamente pintado de vermelho antes mesmo de eu chegar em Dalton.

Não contei exatamente a Lo nada disso. Também não pretendo contar a ele hoje ou amanhã. Algumas coisas, eu tenho que lidar sozinha.

Meu plano atual: foco nos meus trabalhos de aula e não nas *pessoas* das minhas aulas. Eu só tenho um semestre depois que este terminar. Eu posso fazer isso.

— Quero você lá, — digo a Garrison. *Não conheço muitas pessoas além de Lo, Lily, suas irmãs e outras pessoas importantes.* — Mas, se você não quiser ir...

— Eu vou. — Ele gira um cigarro nos dedos. Ele não vai fumar no meu quarto. Eu nunca disse a ele, mas ele é a única razão pela qual a escola não é insuportável. Ele é o motivo pelo qual não há mais absorventes no meu armário - ou pior. Ele se certificou de que seus velhos amigos me deixassem em paz.

Eu preciso dele.

Se ele não estivesse aqui, não tenho certeza se teria forças para ficar.

Talvez, eu ache isso em outro lugar, mas ele me mantinha ansiosa. Ansiosa por um futuro melhor. Por um lugar melhor.

Em nosso silêncio, ouço a porta da frente do apartamento se abrindo, audível da porta do meu quarto. Vozes emanam do corredor, e tenho certeza que meu colega de quarto (a única outra pessoa com uma chave) entrou na sala de estar.

Segundos depois, minha porta se abre ainda mais, até Maya enfiar a cabeça dentro. Ela usa uma peruca rosa e uma armadura plástica. Sua fantasia: Lightning de *Final Fantasy.*

— Ei, — diz ela. — Estou saindo. Tem certeza de que não quer vir? Um sorriso surge em seus lábios. — Sua primeira festa da faculdade pode ser um Halloween de cosplay.

Aos dezessete anos, eu posso estar morando em um apartamento fora do campus, perto da Universidade da Pensilvânia, mas evitei

com sucesso as festas da faculdade até agora. Pensar neles traz toda uma nova onda de ansiedade que eu nem sabia que existia.

— É tentador, mas eu tenho que ir à festa de Loren. — *É Lo, Willow.* Certo. *Lo. Lo. Lo.*

— Sim, eu vi sobre isso no Yik-Yak.

Garrison bufa do meu tapete.

— Alguém publicou isso? — Ele volta ao videogame, com os olhos colados na tela enquanto joga.

Maya aperta um pouco mais o meu quarto, mas fica na porta.

— Eu acho que a publicação era algo como 'meu sonho é festejar com Loren Hale no aniversário dele' - nem um pouco detalhado — disse ele.

Como gerente da Superheroes & Scones, ela acha sua atitude *preocupante*. Ela estava preocupada que ele roubasse os quadrinhos e os vendesse online.

O fato de eu o ter trazido para o nosso apartamento - de que ele se aproximou de mim - a deixou um pouco mais protetora e apreensiva também. Eu acho que ela pensou que talvez tudo isso pudesse ser um truque. Aproxime-se da nerd por outros motivos.

Queime ela. Zombe dela. Humilhe ela.

Como filmes adolescentes clássicos. Ele tentava me mudar, para que eu me tornasse popular como ele. Ou ele faria alguma brincadeira cruel no final.

Nunca aconteceu.

Fora do lacrosse, ele passa quase todo o seu tempo livre comigo. Ele vai me mandar uma mensagem no Tumblr primeiro. (Ainda não trocamos números de telefone.) Às vezes, ele já está no estacionamento antes de perguntar se pode aparecer. Às vezes, me pergunto se uma árvore estava do lado de fora do meu complexo de apartamentos, se ele a escalava e batia na janela.

Eu acho que ele faria isso.

Garrison pode não estar atualizado em quadrinhos como os outros funcionários do Superhero & Scones, mas ele tem um lado nerd que é reprimido e escondido dos amigos.

Ele ama computadores.

Ele *adora* videogame. Coisas retro como Rei Leão na Sega e Pokémon. Passamos três dias jogando Mario Party na N64, e se ele perguntasse, eu perderia mais três semanas fazendo a mesma coisa com ele.

Não *parece* que alguém está me enganando.

E até agora, ele provou ser confiável na loja. Sem roubo. Sem vandalismo.

— Garrison, — diz Maya, chamando sua atenção do videogame. — Apenas um aviso, estarei lhe perguntando sobre a história de

Cable no seu próximo turno. Duas respostas erradas - ela levanta dois dedos - e você tem o dever de ir ao banheiro.

— Merda, — ele murmura e sussurra para mim — *quem é Cable?*

Eu tento conter um sorriso.

— Eu vou te ajudar. — Cable é do *X-Men* e tem uma história complexa, emaranhada com Scott Summers, então isso pode passar por cima de sua cabeça no começo, mas ele já pegou outros super-heróis antes.

Garrison balança a cabeça de volta para Maya.

— Devo tomar este *positivos com os dedos* como você parcialmente gostar de mim?

Maya tem uma ótima cara de pôquer e depois diz algo em coreano, sabendo que ele não consegue entender. Ela agarra a porta, prestes a sair.

— Um dia eu vou aprender coreano! — Garrison chama atrás dela. — E então o que você vai fazer sobre isso?

Ela coloca a cabeça de volta.

— Esse será o dia. — Ela sai rapidamente, tão rapidamente. Então ela aparece com a cabeça mais uma vez. — Lembrete amigável: devo informar Loren se alguma coisa com classificação inapropriada estiver acontecendo no quarto de Willow. Eu não gosto de ser uma espiã, então não me faça ser uma.

Eu fico rígida.

— Somos *apenas amigos*, — enfatizo provavelmente pela milionésima vez para Maya, Lily e até Lo.

Eu nem sequer abracei Garrison. Não quero estragar o que temos, transformando-o em algo mais. Não consigo imaginar... não consigo perder a amizade dele.

Garrison concorda com a cabeça.

— Ela é apenas minha garota.

Eu empalideço e depois começo a sorrir impulsivamente. Escondo-o ocupando-me com o meu cabelo.

Os olhos de Maya disparam entre nós novamente, mas eles pousam em mim.

— Certifique-se de trancar depois de sair. Muitos corpos estarão vagando pelos corredores hoje à noite.

— Eu vou.

Ela me dá a Saudação de Vulcano, e eu a devolvo antes que ela desapareça para sempre desta vez.

Garrison pousa o controle, interrompendo o jogo mais uma vez. Ele se levanta do tapete e eu coloco um espelho no meu colchão. Quando está resolvido, tiro meus óculos, pego meu delineador e rímel e enfio as pernas sob a bunda.

Não uso muita maquiagem, exceto quando estou fantasiada.

Garrison anda na frente da minha cama, passando os dedos pelos cabelos castanhos. Pelo menos é o que eu acho que ele está fazendo. Sem meus óculos, ele parece quase todo embaçado. Não consigo vê-lo tão bem, e estou debatendo sobre o uso de lentes de contato hoje à noite. Eu não gosto delas, mas meu personagem no Halloween não usa óculos como eu.

— Então… — Garrison chama a palavra. — Eu tenho uma pergunta e você não precisa responder se não quiser.

Eu congelo, o pincel de rímel apenas na metade do tubo.

— O que?

— Você sabe o questionário que você me fez responder há um mês? Quero dizer, você não *me* fez responder. Mas, você sabe... aquele?

Como eu poderia esquecer? Foi assim que começou nossa amizade. Quando ele me disse que leu o meu, ele apenas mencionou como ficou surpreso por eu não ter viajado. Ele nunca explicou seus outros sentimentos sobre ele ou se ele tinha algum.

E eu não perguntei.

Talvez, porque nunca o tenha investigado sobre seu próprio questionário.

Sobre o porquê seu status de relacionamento era *hiatus.*

Sobre a aparência de sua tatuagem, a misteriosa sobre a omoplata direita. Ele nunca tira a camisa na minha frente, então eu nunca a vi.

Ou o que significava quando ele respondeu se *apaixonou por um amigo* como "algo assim" - uma combinação de duas palavras que ele apontou que eu uso mais que ele.

Nós dois estávamos nessas coisas. Foi mais fácil viver sem os significados completos; embora eu perceba que nós dois estamos curiosos sobre eles. Estou tão interessada no raciocínio por trás da resposta quanto em Garrison.

Isso não significa que não tenho medo de descobrir.

— Sim? — Eu digo, insegura da direção que ele está prestes a nos levar.

— No seu questionário, você disse que não gostava de nenhum dos garotos da sua escola e que as pessoas também não se os conhecessem. — Ele me encara. — Por quê?

Eu franzo a testa.

— Você está pensando nisso há tanto tempo? — Eu largo meu rímel na minha cama.

Ele encolhe os ombros.

— Só as vezes, eu acho. — Ele vira a cabeça como se estivesse olhando para a parede. Aperto os olhos, mas não consigo entender mais nada. — Eu não queria perguntar naquela época. Eu não queria bisbilhotar ou algo assim. Estávamos apenas nos conhecendo. É diferente... agora.

Somos melhores amigos.

Eu bato na minha cama procurando por meus óculos. Posso aplicar rímel se colocar meu rosto bem perto do espelho, se você estiver se perguntando. Garrison de repente me cutuca, meus óculos em sua mão.

— Obrigada. — Assim que eu os coloquei, o mundo ficou dez mil vezes mais nítido.

Percebo também seus lábios virados para baixo e a preocupação vincando nos cantos dos olhos.

— Eles simplesmente não são os caras que você gostaria de namorar, — tento explicar. — Nada terrível. Apenas... não é o meu tipo.

Ele contempla isso e depois descansa as costas na minha cômoda.

— Qual é o seu tipo?

— Não babacas ou caras que tirariam sarro de mim... isso é certo.

As sobrancelhas dele saltam.

— Alguém tirou sarro de você?

Eu olho para minhas mãos.

— Eu era quase invisível. Eu nem acho que eles perceberam que eu saí.

—Eu notaria, — diz ele, cheio de convicção, o suficiente para eu acreditar nele.

— Está bem. Eu não queria que eles me notassem de qualquer maneira.

— Por que eles não são do seu tipo?

— Exatamente. — Faz sentido na minha cabeça. Eu já expliquei isso para Maggie antes, e ela entendeu. Talvez você tenha que estar lá. Naquela escola. Em torno dessas pessoas. No meu lugar. Para realmente sentir o que eu sinto. Soltei um suspiro tenso e perguntei:

— Qual é o seu tipo?

Ele balança a cabeça uma vez.

— Eu não tenho certeza. — Seus olhos voam por todo o meu quarto. Toda vez que ele está aqui, ele examina todos os itens, todas as *coisas.* Como as coisas penduradas na parte de trás da minha cômoda: uma cópia de *Desvendando os Quadrinhos*, uma cabeça de um boneco do Loki, bilhetes de ingressos para *Harry Potter e as Relíquias da Morte Parte 1 e 2.*

Eu me pergunto como é o quarto dele, mas ele diz que prefere estar aqui, longe de casa. Uma vez perguntei o porquê e ele disse: *"Meus irmãos são idiotas. E, às vezes, param em casa para nossa empregada lavar suas roupas."*

Não me intrometi mais e nunca pedi para ver a casa dele, mesmo que seja tentador perguntar. Ele aprende um pouco mais sobre mim quando entra aqui. Eu não vejo mais dele.

Garrison tira uma das minhas fotografias antigas da cômoda. É o meu décimo terceiro aniversário no shopping, a foto tirada logo depois que eu perfurei meus ouvidos pela primeira vez. Minha mãe está lá, segurando uma pequena Ellie.

Meu pai não conseguiu ir.

Coisas de trabalho, ele disse.

— Você também escreveu sobre a festa de aniversário da sua irmãzinha. — Garrison repousa o quadro de volta. — Por que você não pôde descer as escadas? — Ele define sua expressão grave em mim.

— Não é o que você pensa, — digo rapidamente, embora não tenha certeza do *que* ele está pensando. — É realmente meio engraçado.

— Espero que sim. — Ele caminha para a minha mesa e afunda na cadeira. Em todas as vezes que ele esteve no meu quarto, ele nunca se sentou na minha cama. Nem uma vez.

Eu ofereci algumas vezes. Só para ser legal. Não há muitos assentos confortáveis neste espaço apertado. Mas, ele sempre escolhe a cadeira da mesa ou o chão.

— Foi uma festa de princesa, — começo a explicar. As sobrancelhas dele se enrolam quanto mais eu falo. — E Ellie queria uma verdadeira princesa lá embaixo. Ela me vê como seu tipo de irmã mais velha nerd, então perguntou se eu poderia ficar lá em cima, e minha mãe contratou outra garota para ser a princesa mais velha.

Uma longa onda de silêncio passa.

— Então você não poderia descer as escadas? — Ele pergunta como se ainda estivesse confuso.

— Eu não era... uma princesa… — eu digo lentamente. — Faria mais sentido se você conhecesse minha irmã. — Eu empurro meus óculos e estendo minha mente para essa lembrança vívida. — Ela levou o tema de sua festa muito a sério.

— Parece que ela estava canalizando um personagem da Cinderela.

Eu sorrio fracamente.

— Ela tem seis anos. Ela não conhece nada melhor.

— E sua mãe? Ela conhece melhor?

Uma pontada aguda perfura meu coração. Devo usar uma expressão de dor, porque ele diz:

— Desculpe… — E balanço minha cabeça como *se* estivesse *tudo bem.*

Eu não conversei com minha mãe tanto quanto eu gostaria. Nossas conversas são tão empolgantes de qualquer maneira. Ela não se abre para mim. Ela apenas diz *que não é o seu lugar. Você é a criança.* É sobre *nós* - ela não percebe isso?

Eu gostaria de saber o porquê ela fica quieta toda vez que digo o nome de Lo. Não apenas fatos - eu tenho alguns deles - mas os sentimentos dela. Ele é filho dela. Por que ela não iria querer conhecê-lo? Só um pouco mais. E ela está triste por eu ter ido embora? Ela está feliz?

Mas, eu sou apenas a criança.

— Minha mãe, — digo casualmente. — Ficou do lado da aniversariante. O que foi justo, era o aniversário dela.

Garrison faz essa coisa em que ele geme sem abrir a boca, e eu posso ouvir o profundo estrondo em sua garganta.

— Você não concorda?

Ele balança a cabeça e pega um cigarro novamente.

— Parece meio fodido.

Eu tento ver a situação da posição dele, e acho que posso. Eu simplesmente não quero.

— Posso perguntar uma coisa agora? — Eu me pergunto.

Garrison assente.

Abro a boca, mas luto para abordar *o* questionário *dele*. Na verdade, empalideço novamente e meu pescoço esquenta.

— Hum... é sobre uma de suas respostas.

— Qual? — Ele não parece surpreso.

— Hiatus? — Eu digo rapidamente: — Não que eu me importe. Quero dizer, eu me importo com... a curiosidade, mas o status de seu relacionamento pode ser o que você quiser. — Quando olho para cima, os cantos dos lábios dele estão se levantando.

— Eu sei o que você quis dizer. — Ainda sentado, ele rola na cadeira. Até que ele esteja posicionado em frente a mim. — Eu ficava com essa garota em Dalton que não quer absolutamente nada comigo agora, então… — Ele encolhe os ombros como se fosse o que é. — Aqui está o meu hiatus.

— Você sente falta dela?

— Não como eu provavelmente deveria. E para deixar claro, na época, pensei que talvez se Frankie e meus amigos me perdoassem, pensaria em…

— Voltar para eles? — *Me deixando.*

Seria assim tão fácil para ele? Meu coração afunda mais, um buraco no meu estômago. É por isso que nunca perguntei.

Eu posso senti-lo me olhando, e me viro para o meu espelho, prestes a tirar meus óculos. Sua voz me para.

— Agora é diferente. Eu sou diferente.

Não consigo imaginar a pessoa que ele me descreveu. Aquele que bebia álcool em playgrounds e destruía propriedades públicas, apenas porque podia. Quem pichava casas e derrubava caixas de correio com tacos de beisebol.

Ele disse que sempre gostou de Sega, Pokémon, The Sims - e parte de mim acredita que ele sempre foi *essa pessoa* nesta cadeira, bem na minha frente. Ele apenas sentiu muita pressão para ser um cara diferente na frente de outras pessoas. Ele estava com muito medo de ser ele mesmo. Sem seus amigos, ele não tem nada a perder por ser o verdadeiro Garrison Abbey.

Então ele o libertou.

Tudo o que falo é:

— Que tipo de nome é Frankie?

Ele quase sorri, feliz por eu não estar brava com ele.

— Apelido para Francesca.

— Claro, ela tem um apelido legal, — murmuro. Não sei se ele ouve ou não, porque pergunto rapidamente: — E a sua tatuagem?

Ele tira o moletom, jogando-o na cadeira. Agora apenas em uma camiseta preta. Ele estica o braço, prestes a me mostrar a tatuagem em seu antebraço, mas eu já vi isso antes. É uma caveira com letras para uma música da Interpol. Eu tive que procurar no Google.

— A da sua omoplata, quero dizer.

Ele fica um pouco rígido e então seus braços caem para os lados.

— Essa é uma espécie de tatuagem intensa. — Ele faz uma pausa. — Minha mãe nem viu.

— Nem mesmo quando você foi nadar?

— Honestamente, não me lembro da última vez que fui nadar na minha piscina.

Mais silêncio se espalha em um longo momento. Nenhum de nós se mexe ou fala.

Nós olhamos um para o outro. Nós imaginamos. Seus cílios castanhos levantam, cada vez que ele espreita para mim. Fios de cabelo caem sobre a testa e ele repousa os antebraços nas coxas, pensando.

Eu espero, com a mesma calma. Inspecionando meu pincel de rímel. Olhando para ele.

Ele nunca me forçou, e eu não vou forçá-lo para fazer nada ou revelar mais.

Ele lambe os lábios rosados e depois acena para si mesmo uma ou duas vezes.

— Que tal… — Ele pega o telefone do bolso e vira o celular na mão algumas vezes. — Fazermos uma troca. Ainda não sei seu nome de usuário no Twitter. Você me fala, e eu te mostro minha tatuagem.

Enquanto processa sua própria declaração, seus olhos se voltam para a parede, o chão e a janela, mais do que algumas vezes - quase nervosamente. Suas articulações ainda endurecem mais do que o habitual.

— Você tem certeza? — Pergunto.

Ele levanta o olhar e assente.

— Sim. — Ele acrescenta: — Quero ver sobre o que Willow Hale tuita.

Willow Hale.

Ele ainda não faz ideia de que eu não sou prima de Lo. *Eu sou sua meia-irmã.* Willow Moore. E não tenho idéia de quando poderei confiar em Garrison o suficiente para dizer a verdade. Não é apenas o meu segredo para guardar. Envolve *todos.*

Eu sei que não posso contar isso, mesmo que ele seja meu amigo.

— Eles não são ótimos tweets, — eu o aviso. — Principalmente coisas de fãs. — Pego meu telefone na minha cama e paro antes de entrar no Twitter. — Eu estava pensando em mudar meu nome de usuário.

— Ah, não. — Ele aponta para mim. — Você é uma daquelas pessoas que muda seus nomes de usuário todos os dias, não é? — Ele está quase sorrindo enquanto diz isso e inclina a cabeça para mim. — Como é que eu vou encontrar minha garota se você estiver *willowkicksass* um dia e *vegalover* no outro?

— Ha ha. — Minhas bochechas doem do meu próprio sorriso. No espelho, noto um rubor real subindo. — E você me encontraria. Levaria apenas alguns segundos... talvez até menos.

Não porque ele seja bom em computadores. Mas, porque ele sabe do que eu gosto.

— Provavelmente. — Seu joelho roça no meu, por acidente. Nós dois ficamos paralisados. Minha respiração pesada é mais audível que a dele.

Então ele recua a cadeira, me dando mais espaço.

Eu limpo minha garganta, meu pescoço queimando novamente.

— O próximo nome de usuário que eu criar, quero ir a público e promover a Superheroes & Scones. Lily também continua me pedindo para que ela possa me tuitar. — Eu seguro meu telefone no meu colo. — Eu não mudo o tempo todo como os outros.

Ele vê a tela de login do Twitter.

— Você já escolheu?

— Sim, eu queria fazer algo como Lo. Ele tem seu nome combinado com seu mutante favorito. Seu nome de usuário: *lorenhellion.* — O problema é que *willowallflower* já está sendo usado.

Garrison não parece surpreso quando digo a palavra *wallflower* - *em vez* disso, ele apenas aponta para a tela do meu telefone.

— Faça os L's duplos em maiúsculas I e use a mesma letra no Twitter.

Eu digito as mudanças, e ele está certo. Os Is aparecem mais como Ls, e esse nome de usuário está disponível. Antes de aceitar o novo nome de usuário, pergunto:

— Você conhece Wallflower? — Ela não é uma mutante bem conhecida e não fica muito tempo nos quadrinhos.

— Você a mencionou no seu questionário.

Eu fiz?

— Eu a procurei, — explica ele, confuso, — imaginei que não doeria com Maya me interrogando cada turno. — Ele gira um pouco na cadeira, bastante casual. — Você gosta de Wallflower loira ou com cabelos castanhos? — Ele se inclina para trás.

Estou tentando tanto não sorrir como se ele colocasse as mãos nas minhas bochechas. Como se ele tivesse me beijado. Eu apenas - isso é surreal. Que ele está aqui, conversando comigo sobre meus mutantes favoritos. Ele não está rindo. Ele não está me chamando de garotinha. Ele não está me chamando de burra ou boba. Ele está respeitando as coisas que amo.

Ele olha para o teto, tentando se lembrar de algo.

— Eu lembro de procurar o nome deles. — Ele gira. — Merda. — Ele pensa mais um segundo. — Elixir... e Wither?

— Sim, são eles. Eles estão em um triângulo amoroso com Wallflower. — Não menciono como os romances deles não terminam muito bem, caso ele queira ler os quadrinhos. — Gosto dela com Wither, mesmo que estejam condenadas desde o início.

— Por que eles estão condenados?

Eu respiro fundo enquanto digo:

— Ele não pode tocá-la.

A cadeira de Garrison fica parada.

— O que quer ou quem ele toca decai em pó. — Ele também veste apenas preto, mas eu também não mencionei isso.

Garrison pisca algumas vezes, processando a superpotência de Wither. Acho que ele murmura algo sobre *ser amaldiçoado* e depois pergunta:

— E o Elixir?

— Ele pode curar pessoas. Ele é do nível Ômega, então seus poderes são até extraordinários entre os mutantes. — Faço uma pausa. — Ele também é mau.

Garrison começa a sorrir.

— Eu já o odeio se você acha que ele é mau. — De repente, ele coloca o telefone no peito e levanta as sobrancelhas para mim como se estivesse fazendo algo secreto.

Eu dedico um tempo para fazer login no meu novo nome de usuário e, dentro do segundo, recebo uma nova notificação.

@garrisonwither: *@willowaIlflower parece que era hora de eu mudar também *suspiro * estamos combinando*

Eu olho para ele, minha boca entreaberta. — É ... essa é a sua conta real? — Ele poderia ter feito uma falsa apenas para tuitar para mim.

Garrison assente, deslizando o telefone no bolso da calça jeans antes de se levantar.

— Sim. É a minha conta principal. Minha favorita. — Sua voz é tão honesta que confio nele.

Eu tenho uma conta no Twitter combinando.

Com um cara.

Maggie não acreditaria em mim, mesmo que eu contasse a ela.

— Então… — Garrison se eleva acima de mim, com as mãos na bainha da camisa preta. Ele parece além de hesitante.

Ele parece assustado.

— Você não precisa...

— Está bem. Só não se assuste com as contusões. Lacrosse fica difícil e... — ele para. — Eu tropecei em um cara durante o último treino.

Engulo em seco e apenas aceno com a cabeça, mas me pergunto se essa foi a razão pela qual ele não queria tirar a camisa. Ou o porquê ele não quer se vestir como Ryu ou mesmo Ken Masters no Halloween.

Quando ele tira o tecido da cabeça, meus olhos traçam as linhas de seus músculos magros e tonificados. Em uma inspiração aguda, suas costelas são aparentes, juntamente com seus abdominais tensos. A maioria dos hematomas parece desbotada, mas o vergão roxo *escuro* por sua caixa torácica direita parece novo.

Quando ele joga a camisa de lado, eu digo:

— Isso parece ruim.

Ele olha para o vergão.

— Não é nada.

— Garrison...

— Não! — Pânico apita sua voz, e ele levanta as mãos como se eu me levantasse da cama e tentasse tocar suas costelas. Eu nem me mexi.

Ele embaralha de volta, respirando pesadamente. Então ele congela e fica olhando por um segundo, tentando se acalmar.

Eu levanto minhas mãos para mostrar a ele que não irei me aproximar.

Ele murmura uma *desculpa,* mas fica parado.

Meu estômago revirou. Eu só estou com medo por ele, de quem fez isso com ele. Não tenho certeza se é apenas lacrosse.

— Você disse... você não gosta de seus irmãos, certo?

— Não é nada, — ele repete, mas faz uma pausa e acrescenta: — Eles jogam duro, mas são apenas coisas de irmão. Futebol. Luta livre. Eles não querem fazer isso.

— E se suas costelas estiverem quebradas?

— Elas não estão. — Eu não pergunto se ele foi a um médico, e posso dizer que ele quer abandonar o assunto. Especialmente quando ele vira as costas para mim. Para me mostrar a tatuagem no ombro direito.

É outro crânio gótico, apenas com a mandíbula aberta, gritando. Também está dentro da boca da cabeça de um lobo, que parece violenta, a saliva escorrendo dos dentes enquanto ruge também.

Você não pode ouvir tinta, e algo sobre um grito silencioso me excita.

Tudo sobre a tatuagem é assustador. Tudo sobre Garrison Abbey parece exatamente o mesmo. Como um garoto, você o encontraria deitado em uma lápide, fumando um cigarro, um maço de flores no peito. Não faz sentido, mas algo mais profundo, algo oculto, quer sair. Então eu continuo olhando. Eu continuo procurando.

Não tenho certeza do que devo encontrar. Não tenho certeza se vou realmente *ver o* que ele está expressando, mas não vou embora. Talvez mais tarde eu saiba. As peças vão se juntar e eu vou ver o que ele quer que eu veja.

Algumas coisas não podem ser forçadas a sair das pessoas. Eu não gostaria que ele forçasse as coisas para fora de mim.

Sem sequer girar de volta, ele pega sua camisa e a puxa. Ele não quer que eu veja o vergão novamente. Quando ele se senta na cadeira, ele encolhe os ombros com o capuz e nossos olhos se encontram.

— Você já foi abraçado por um cara? — Ele me pergunta, de repente.

Balanço a cabeça.

— Não.

— Você pode se levantar por um segundo? — Ele acrescenta: — Se você quiser.

Levanto-me lentamente, vestindo calças e uma blusa branca para minha fantasia de Vega. Então ele se levanta da cadeira, empurrando-a de volta para a cômoda, para longe de nós. Ele dá um passo mais perto de mim, até seu peito estar a uma polegada do meu.

Ele cheira principalmente a citros, hortelã e seu purificador de carro de pinho. Uma vez, perguntei o porquê ele mantém seu Mustang tão limpo. Ele nunca fuma por dentro, e o interior é sempre impecável, como um carro novo.

Não gosto do cheiro de fumaça o tempo todo, ele me disse. *E não consigo pensar direito se meu carro está sujo.*

Garrison, mais do que alguns centímetros mais alto que eu, olha para minhas feições. Eu olho para cima, meu pulso acelerando.

E ele pergunta:

— Posso te abraçar, Willow?

Eu respiro profundamente, levantando meus óculos.

— Eu não sou tão bom em abraçar.

— Você não precisa ser bom em abraçar. Eu ainda quero te abraçar.

— Por quê? — Eu sussurro.

Seus olhos azul-marinho percorrem minha bochecha, meu pescoço, descendo.

— Porque acho que você pode ser a melhor amiga que já tive, e já tive muitos e passei muito mais dias, meses e anos com eles do que o pouco tempo que passei com você. — A mão balança pelo meu quadril, mas ele não me toca. — Eu nunca quis sair da sua porta. Eu nunca quis te deixar. Isso é novo para mim. — Ele assente para si mesmo algumas vezes. — Então você é a melhor - e eu quero te abraçar, se você me deixar.

Meus lábios se separam, sem palavras. Por dentro, estou arrasada.

Por fora, estou congelada no lugar.

Quando meu cérebro funciona novamente, eu retrocesso e tudo o que posso imaginar é se esse *sentimento* de não querer sair do meu quarto - de não querer me deixar - o surpreendeu depois que ele revelou sua tatuagem. Depois que ele estava vulnerável na minha frente.

Sim, meu cérebro diz. *Provavelmente.*

Posso baixar minha guarda da mesma forma? Posso expressar mais emoção do que normalmente? Eu não acho que ele está me testando, mas talvez eu precise me testar.

Ele me observa, esperando por uma resposta vocal.

Abro a boca para dizer que *você pode me abraçar,* mas minha língua está seca e minha garganta fecha.

As sobrancelhas dele se contraem.

— Você está nervosa?

Eu concordo.

— Isso seria novo... para mim. — *Ele sabe disso, Willow.* Eu me encolho um pouco, mas tento limpá-lo com um sorriso fraco. — Eu não sou sensível ou algo assim.

Os olhos de Garrison amolecem como se ele estivesse tentando me entender.

— Seria ruim se eu te tocasse?

Eu mal posso olhar para ele, meu olhar caindo no chão.

— Hum… — Eu engulo. — Acho que não. Será apenas novo e, às vezes, coisas novas são assustadoras. — Meu coração bate tão forte e tão rápido.

— Willow — ele murmura.

Eu olho para cima, nossos olhos travam, e ele coloca as mãos nos meus ombros. Eu suspiro. As palmas das mãos dele - elas deslizam *lentamente* para o meu bíceps, a pele dele aquece a minha e depois

deslizam ao meu redor, para as minhas costas. Ele me atrai ternamente ao peito.

Meus pés mal cooperam e se aproximam.

Garrison inclina a cabeça para baixo, sua mandíbula roçando minha bochecha, seus braços em volta de mim e os meus pendurados incertos.

Ele me ajuda. Ele levanta uma das minhas mãos e a coloca na cintura. Eu sigo com o outro. Meu toque é leve, mas ele não parece se importar.

Garrison me puxa com mais força, seu corpo quente e reconfortante. Em comparação, o meu é estranho e rígido. Ele segura a parte de trás da minha cabeça e sua respiração formiga meu ouvido enquanto ele sussurra:

— Está tudo bem?

— Sim, — eu respiro, tão suavemente.

— Você está tremendo. — Ele puxa a cabeça para trás, apenas uma fração, e eu percebo que meus braços e pernas estão tremendo, de ansiedade.

— É muito... não é ruim. — Gostaria de poder expressar meus sentimentos melhor, mas talvez esse seja o problema. Tanta coisa me derramou de repente, tantos sentimentos estrangeiros, que meu sistema está basicamente sobrecarregado.

Willow Moore com aproximadamente 115% da capacidade. Exclua ou reinicie.

Não quero apagar nada com ele.

Antes que ele fale, pergunto:

— Estou machucando você? — Minhas mãos estão pressionando suas costelas, mas eu só quero ter certeza.

— Não. — Ele faz uma pausa. — Estou machucando você?

— Não.

Ele assente algumas vezes novamente. Então, ele me deixa ir, seus braços caindo - e os meus também, mas ele nunca dá um passo para trás. Eu me preocupo com o segundo abraço, agora que o primeiro terminou. Eu me pergunto se vou me acostumar com esse abraço a tempo.

— Você vai me avisar? — Eu pergunto a ele. — Da próxima vez que você me abraçar de novo?

— De avião e fumaça no céu.

— Eu não acho que vou olhar para cima.

Ele quase sorri, mas finge surpresa.

— Você perderia um anúncio aéreo? De jeito nenhum.

Seu sarcasmo não é do tipo mau. Isso puxa meus lábios mais alto.

Garrison nunca tira os olhos de mim.

— Willow, — ele diz em um momento quieto e calmo. — Posso te abraçar de novo?

Meu peito incha.

— Sim.

Garrison passa os braços em volta de mim mais uma vez, e meus braços quase param de tremer. Seus lábios no meu ouvido, ele sussurra:

— Como foi esse alerta?

— Perfeito. — Eu tento relaxar um pouco mais.

Ele esfrega minhas costas, sua mão suave enquanto viaja em uma curta onda para cima e para baixo. E ele diz:

— Obrigado por me convidar.

Eu olho para ele.

— Você já foi convidado para a festa.

— Não por você.

Este é o dia, o exato momento em que percebo o quanto Garrison Abbey está feliz por estar na minha companhia. Minha.

Willow Moore, do Maine.

Talvez, você não seja tão boba assim.

25 PRESENTE – DEZEMBRO

LONDRES, INGLATERRA
WILLOW HALE
20 anos

Hazen quase 24 horas desde que reservei o voo de Garrison para Londres. Um atraso de uma tempestade de neve segurou o avião em Philly a noite toda, e ele não saiu do aeroporto até o meio dia de hoje. O sol já se pôs e meus nervos passaram da preocupação para níveis catastróficos.

Graças a Deus pelo aplicativo rastreador de voo. Observo obsessivamente o avião atravessar o oceano e agora está a apenas alguns minutos do pouso.

Sentada nos degraus do Bishop Hall, o vento aumenta e uiva. A música soa dos alto-falantes no nevado alojamento. Uma festa começa a ganhar força, as pessoas dançando e passando latas de cerveja barata. A maioria das festas aqui foi em casas ou bares, mas aparentemente Wakefield sempre tem uma festa temática na quadra no final de cada ano.

Hoje à noite, o tema é "celestial" e todo mundo está vestido de branco, mas estou de paletó verde e jeans. Eu nem me importo de me destacar como um sinal de néon. Meu estômago dá um nó, incapaz de participar das festividades.

Não sei o que aconteceu ontem à noite, mas Garrison não parece tão chateado, a menos que algo esteja acontecendo com sua família ou os paparazzi ou talvez seus ex-amigos do ensino médio lhe tenham visitado. Minha mente está correndo pelas possibilidades horríveis.

Fiquei até tentada a mandar uma mensagem para Connor sobre o trabalho de Garrison para garantir que ele não fosse demitido. Mas, a menos que seja em um grupo, eu realmente não tenho uma amizade de mensagens de texto com Connor Cobalt. De qualquer forma, prefiro entender o que está acontecendo com Garrison, não correr atrás dele para obter informações.

Então, eu estou esperando.

— Willow! — Tess desce na escada ao meu lado, cerveja na mão. Ela usa este casaco de pele branca e fofa que contrasta com sua rica pele marrom. Glitter pontilha suas bochechas. Ela está linda, realmente se encaixando no tema celestial. Tess franze a testa quando vê minha jaqueta verde. — Você não tem nada branco para vestir? Podemos ir ao meu armário.

Enfio uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Obrigada, mas não vou a festa hoje à noite. Na verdade, estou esperando Garrison chegar aqui.

O sorriso de Tess ilumina seu rosto.

— Espere, vamos encontrar o namorado hoje à noite! — Seus joelhos saltam de emoção e ela bate palmas, mesmo com uma cerveja em uma.

— Quero dizer... talvez. — Eu digo.

Neste ponto, não tenho certeza do que vai acontecer. Garrison poderia chegar a Londres e depois pegar um avião de volta para Philly. Ele não queria que eu fosse ao aeroporto buscá-lo. Suas palavras: *eu já estou incomodando você o suficiente. Por favor, deixe-me pegar um táxi, Willow.*

Normalmente, eu teria discutido com ele, mas sua voz estava tão... quebrada. Eu não queria pressioná-lo.

Tess bebe uma cerveja.

— Bem, eu ficarei animada em vê-lo mesmo à distância. Posso dizer que você o ama muito, e posso estar sendo tendenciosa, mas acho que você tem um ótimo gosto nas pessoas.

Eu igualo o sorriso dela.

Sheetal passam por botas peludas e um elegante macacão branco.

— Do que vocês duas estão sorrindo?

— Tess estava apenas dizendo que tenho um ótimo gosto nas pessoas. — Digo.

Sheetal estreita os olhos para a namorada.

— Adoro como você encontra uma maneira adequada de se elogiar dentro de um elogio a outra pessoa. Brilhante demais.

Tess sorri mais.

— Diga isso de novo, mas… — Ela coloca Sheetal no colo. — Agora.

Os olhos de Sheetal caem nos de Tess.

— Você é brilhante. — Seus lábios se encontram em um beijo terno, e eu olho para longe enquanto a música muda para uma música eletrônica que reconheço. É uma das favoritas de Lo.

Soltei um suspiro tenso.

Sheetal solta Tess e franze a testa.

— O que há de errado, Willow?

— Nada, sério — murmuro.

As duas trocam olhares preocupados e, em seguida, Sheetal diz:

— Você deveria estar comemorando como a campeã que você é. Todos nós fizemos as notas mais altas em nosso projeto. E o segundo semestre será ainda melhor. Nenhum lugar para ir, exceto para cima.

Fizemos *muito* bem em nosso projeto de marketing. Foi uma coincidência estranha que escolhemos um guarda-chuva para o nosso projeto de marketing e, um mês depois, a Netflix lançou o trailer do novo programa *The Umbrella Academy*. Eu já tinha lido os

quadrinhos em que o programa se baseava, e parecia uma ótima oportunidade para aproveitar o tempo.

Então, empatamos um pouco do nosso marketing em torno do show - e colocamos um orçamento do que custaria promover com o estúdio e os atores. Claro, era tudo um cenário teórico. Mas, pude usar minhas antigas habilidades adolescentes na edição de vídeos de fãs, unindo o trailer em um anúncio. Foi divertido.

E funcionou. O professor ficou impressionado ao pensar em nossa demografia: a geração obcecada por super-heróis.

Garrison e eu já comemoramos no Natal. Lemos os quadrinhos juntos lado a lado enquanto tomamos champanhe direto da garrafa.

O frio bate em minhas bochechas expostas, e fecho mais minha jaqueta, tentando bloquear o vento. Balanço a cabeça.

— Estou empolgada com a faculdade — digo a Sheetal. — Estou apenas preocupada com o meu namorado.

Tess envolve um braço em torno de Sheetal e explica:

— Garrison está chegando hoje à noite.

— Hoje à noite? — As sobrancelhas de Sheetal se levantam.

Eu dou de ombros.

— Foi uma coisa espontânea.

— Eu vou dizer. — Sheetal sorri, sua emoção tão palpável quanto a da namorada. — Finalmente, conheceremos *o* namorado.

Tess assente.

— Foi o que eu disse.

— Grandes mentes… — Sheetal não consegue expressar o resto das palavras, porque Tess a beija novamente.

Meu telefone toca com um texto. Meu estômago está com borboletas, bêbada de preocupação. Batendo na minha barriga com um ritmo lento e embriagado.

Garrison: *Acabei de entrar no táxi. Estarei aí em vinte.*

Eu só preciso que ele fique bem. *Por favor,* fique bem.

É tudo o que posso esperar.

26 PRESENTE – DEZEMBRO

LONDRES, INGLATERRA
GARRISON ABBEY
21 anos

Depois de um atraso insuportável, um voo de oito horas e uma corrida de táxi de vinte minutos depois, finalmente cheguei a Wakefield. O pátio coberto de neve em frente ao Bishop Hall está cheio de castelos infláveis que as crianças têm para festas de aniversário. A música bate no caminho de paralelepípedos.

Willow me avisou que, como essa é a única festa no pátio, é um pouco extravagante, mas parece mais um carnaval estranho. Pessoas vestidas de branco, algumas têm asas de anjo nas costas.

A faculdade é estranha, cara.

Eu coloco a borda de uma pequena garrafa de vodka na minha boca. O licor desliza, facilmente, pela minha garganta. Na primeira classe, eles estavam me entregando essas quase toda hora.

Ok, eu pedi por eles.

Tem sido um dia de merda. Um ano de merda.

Uma vida de merda.

Cada passo em direção ao prédio de tijolos é pesado. Algumas pessoas me lançam olhares estranhos, olhando minhas roupas. Camisa vermelha. Casaco com capuz preto. Calça escura. Se eu vim aqui para me misturar, estou falhando em níveis críticos.

Minha pequena mochila está pendurada no meu ombro. O vento frio morde meu rosto e pressiono meu telefone no ouvido. Sem luvas. Esqueci elas na minha pressa de ir para o aeroporto. Meus dedos queimam do frio.

Willow atende no primeiro toque.

— Você está aqui? — Ela pergunta, urgência em suas palavras.

— Sim, presente. — Eu giro, tentando encontrá-la. Mas, tudo de repente fica fora de foco. Minha cabeça gira. Bile sobe na minha garganta. Merda.

— Estou esperando em frente ao prédio, — diz ela. — Você não pode *não* me ver. Estou de verde.

Ela não se vestiu para esta festa. Ela está me esperando. Não sei porque isso me faz sentir pior.

Eu esfrego meus olhos. Um anjo passa por mim, rindo estridente com as amigas. Eu pisco com força. *Jesus.* Onde estou? Bebo o resto da vodka e jogo a garrafinha para o lado. Ele pousa em um pedaço mais profundo de neve.

— Garrison, — diz Willow, ainda na linha. — Eu acho que te vejo. Vire à sua esquerda.

Eu me viro em círculo novamente.

— Sua esquerda, — repete Willow.

Paro, fecho os olhos, respiro fundo. Abro-os, mas, quando sigo as instruções dela, ela diz:

— Estou indo até você. Não se mexa.

Finalmente, eu a vejo. Casaco de inverno verde. Óculos pousados no nariz. Cabelo ao vento. Ela está embolsando seu celular para poder andar mais rápido.

As pessoas acenam para ela como se a conhecessem. E eu percebo... ela é popular aqui. Tem um monte de amigos. É amada e querida. Ela os reconhece com um sorriso superficial, seu foco em mim.

Que porra eu estou fazendo aqui?

Que porra eu estou fazendo com ela?

Meu peito arde de dor. Eu tropeço para trás, quase caindo na minha bunda, mas alguém me pega pelo braço.

Eu me sacudo, o toque me levando ao pânico, e empurro a pessoa por instinto.

— Uou! — O cara recua, os olhos confusos e com raiva. — Só estou tentando ajudar, cara.

A voz dele. Seu sotaque é tão familiar. E, então, eu realmente olho para ele. Cabelo varrido pelo vento e mandíbula larga. Casaco branco, calça branca e asas de anjo nas costas. *Você só pode estar brincando comigo.*

— Salvatore. — Willow corre até nós, sem fôlego enquanto ela para ao lado de seu amigo. Ela acena para mim. — Esse é...

— O namorado dela, — eu digo. Mas, não sai bem. Eu me sinto um idiota.

Salvatore olha entre nós e ele assente lentamente, conectando os pontos. Eu não sei o que ela disse a ele sobre mim, mas a maneira como ele está me avaliando como se eu fosse *exatamente o* que ele imaginou me deixa tenso.

— O que você está olhando? — Eu estalo para ele.

— Garrison, — Willow diz e pega minha mão, mas eu me afasto. Meu foco está em Salvatore. Toda a minha raiva se acumulando nessa coisa maldita.

Salvatore estreita os olhos para mim.

— Você está bêbado?

Eu aceno meus braços.

— Olhe em volta, *Salvatore*. Estamos em uma festa da faculdade. Todo mundo está bêbado. — Eu odeio o nome dele. É mais legal que o meu. Ainda me lembra aquele programa de TV de vampiros que

Willow e eu costumávamos assistir juntos. Enviamos gifs deles um ao outro.

É como se o universo estivesse zombando de mim.

Aqui está ele.

Na porra de asas de anjo.

Quero dizer, qual é.

— Garrison, — diz Willow, mas ela não tenta me alcançar novamente. — Vamos apenas entrar. — Ela abraça os braços no peito.

Salvatore balança a cabeça e em voz baixa, mas alto o suficiente para eu ouvir, ele diz:

— Eu não acho que você deva ficar sozinha com ele, Willow.

— Vai se foder, cara, — eu rosno. — Eu sou o namorado dela. Quem é você de novo? — Minha voz, acidentalmente, fica mais alta, e as pessoas por perto param suas conversas para nos assistir. Willow dá um passo para trás como se pudesse evitar fisicamente a atenção.

Todo o meu corpo fica tenso como se meu irmão tivesse acabado de bater com o punho na minha barriga novamente.

O mundo ao meu redor gira. Toco no meu bolso, esperando encontrar cigarro, mas acho que acabei deixando no táxi.

— Eu sou amigo dela, — refuta Salvatore.

— Salvatore, você não entende, — Willow diz rapidamente, me defendendo.

— Entendo que ele está bêbado e obviamente irritado e você não deveria ficar perto dele agora, — diz ele. Isso realmente me irrita. Ele ditando com quem ela pode falar. Eu não me importo se está falando isso porque está preocupado. Willow e eu passamos por mais coisas juntos do que ele jamais saberá.

— Ei, ela pode tomar suas próprias decisões, — eu estalo e ando em direção a minha garota. Ela solta um suspiro de alívio.

Mas, então, Salvatore diz alguma coisa. Eu acho que *calma aí.* Ele coloca as mãos nos meus ombros para me impedir de caminhar até Willow. É um toque leve, mas parece que alguém colocou cinquenta toneladas sobre mim. E eu apenas ataco.

Meu punho se conecta com a bochecha de Salvatore. Forte o suficiente para que ele caia no chão.

Outro cara de cabelo preto está me empurrando para trás como se eu fosse dar um chute no estômago dele. Eu não iria. Eu não... não sei o porquê o soquei.

Minha cabeça lateja agora.

Minhas juntas queimam.

— Garrison! — Willow grita, mas eu não consigo vê-la.

— Cai fora! — Eu digo para o cara tentando me empurrar para trás. — Cai fora, porra! — Eu levanto minhas mãos, mostrando a ele

que não vou atacar Salvatore.

Ele dá um passo atrás.

As pessoas começam a abrir um caminho, e noto Salvatore se levantar, as asas de anjo dobradas por causa da queda. Willow fica por perto, mas seus olhos voam ao redor da multidão, procurando por mim. Duas garotas estão ao seu lado e sussurram para ela. Seus lábios se movem apressadamente. Eu as reconheço instantaneamente: Sheetal e Tess.

As mãos de Sheetal gesticulam com raiva e ela as acena em minha direção.

Eu posso imaginar o que elas estão dizendo para Willow. *Não vá com Garrison. Ele é ciumento, perigoso.*

O olhar de Willow, finalmente, encontra o meu. Seus olhos castanhos afundam com pura preocupação. Ela não está assustada, magoada ou brava comigo.

Ela deveria estar.

Eu não sou um cara legal.

Essa noite não provou isso?

Dou um passo para trás e olho para a rua. Talvez, eu possa pegar um táxi...

— Garrison. — A voz de Willow me atrai; ela já está se movendo em minha direção, apesar dos protestos de suas amigas. Ela chega ao meu lado e quase tenta tocar minha mão novamente, mas ela se interrompe. Em um sussurro, ela diz: — Posso segurar sua mão?

— Não. — Minha resposta é rápida e cáustica.

Isso a atinge. Mas, ela pisca e assente.

— Ok. — Ela cruza os braços sobre o peito como se estivesse com frio.

— Eu estou indo, — digo a ela.

Ela balança a cabeça com firmeza. Dor e confusão franzindo suas sobrancelhas.

— Não. Você não está indo embora.

Eu posso sentir os celulares sendo levantados, nos gravando. Eu nem sei se percebem quem somos, ou se estão apenas fazendo isso para postar na internet. As pessoas são cruéis assim.

Uma das piores noites da minha vida estará lá fora para consumo público. Para o entretenimento deles. Inferno, eu costumava ser um deles. Alimentando a Internet canibal e gulosa às custas de outra pessoa.

Não sei dizer se está frio, mas fica mais difícil respirar de repente. O vento apunhala meus pulmões.

Eu me inclino para mais perto dela.

A música aumenta perto da festa.

— Willow, — eu sussurro. — Eu acho que deveríamos… — *Terminar*. Não consigo nem forçar essas palavras a saírem sem que

meus olhos fiquem avermelhados. Dor queimando. É egoísta da minha parte não acabar com isso.

Eu sei.

Ela estreita os olhos para mim enquanto lágrimas correm por sua bochecha.

— Não se atreva. Eu *amo* você, Garrison.

— Eu também te amo. — Eu sempre a amarei. Enfio minhas mãos geladas e queimadas nos bolsos. — É por isso que tenho que ir.

Estamos no meio do campus da faculdade. Celulares apontados para nós. E sinto que peguei uma pá e enterrei nós dois embaixo.

— Você não está terminando comigo, — diz Willow em desafio. Como se isso não pudesse ser feito. — Eu não vou deixar.

Eu não a mereço. *Eu não a mereço.* Deus eu não a mereço. Mas, eu estou arruinando ela. Meus olhos ardem, frio picando a água que ameaça derramar.

— Willow...

— Você quer ir, — diz ela. — Eu te ouvi. Então, vamos pegar um táxi e vamos até o aeroporto e você vai voar para casa. Mas, eu vou com você para o aeroporto. Você não precisa conversar comigo. Nós podemos apenas ficar lá *sentados.* E então, quando voltar a Philly e estiver sóbrio, você me ligará. Você vai me dizer o que há de errado.

Não sei se vou.

Mas, eu concordo com a cabeça.

— Eu amo você, — ela diz novamente. Envolvendo seus braços em volta de si mesma, porque eu não vou deixá-la me tocar. Se ela me tocar, saberá que eu machuquei... ou quebrei minhas costelas. Ou melhor, meu irmão quebrou.

Talvez, ela já saiba. Provavelmente, está na lista de possibilidades dela. Ainda não consigo mencionar o que aconteceu. Não é desculpa para eu ter dado um soco no amigo dela. Não é desculpa para como eu arruinei esta noite.

Sim, eu deveria deixá-la ir. Rejeitar a oferta dela. Mas, eu me sinto como o esqueleto pintado em mim, os dedos escorregando da única coisa que ainda está viva na sua mão.

E eu seguro.

Eu estou segurando.

Mas, não sei para onde vamos daqui.

